

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUDANÇA SOCIAL E PARTICIPAÇÃO  
POLÍTICA

BRUNA TIBOLLA

**Círculos virtuais: as experiências de profissionais atuantes na Zona Leste da cidade de  
São Paulo, durante a pandemia da COVID-19**

São Paulo

2022

BRUNA TIBOLLA

**Círculos virtuais: as experiências de profissionais atuantes na Zona Leste da cidade de São Paulo, durante a pandemia da COVID-19**

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo como etapa de avaliação do Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política.

Área de Concentração: Educação, Gênero e Saúde.

Orientadora: Prof. Dra. Juliana Pedreschi Rodrigues.

São Paulo  
2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades,  
com os dados inseridos pelo(a) autor(a)  
Brenda Fontes Malheiros de Castro CRB 8-7012; Sandra Tokarevicz CRB 8-4936

Tibolla, Bruna

Círculos virtuais: as experiências de profissionais atuantes na Zona Leste da cidade de São Paulo, durante a pandemia da COVID-19 / Bruna Tibolla; orientadora, Juliana Pedreschi Rodrigues. -- São Paulo, 2022.  
160 p: il.

Dissertacao (Mestrado em Ciencias) - Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2022.  
Versão corrigida

1. Círculos Virtuais. 2. Construcionismo Social. 3. Práticas Restaurativas. 4. Saúde Mental. 5. Educação Social. I. Rodrigues, Juliana Pedreschi, orient. II. Título.

**TIBOLLA, Bruna. Círculos virtuais: as experiências de profissionais atuantes na Zona Leste da cidade de São Paulo, durante a pandemia da COVID-19.**

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política. Área de

Área de Concentração: Educação, Gênero e Saúde.

Aprovado em:

**Banca Examinadora:**

Profa. Dr<sup>a</sup>. Juliana Pedreschi Rodrigues (orientadora) Universidade de São Paulo / Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH-USP)

Presidente: Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dr<sup>a</sup>. Laura Vilela e Souza - Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP-RP)

Julgamento: Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. PhD. Nirson de Medeiros da Silva Neto – Universidade Federal do Oeste do Pará

Julgamento: Assinatura: \_\_\_\_\_

*Dedico esta dissertação ao meu pai, Valmor Tibolla, e à minha mãe, Inês Fátima Tibolla, pelo amor, apoio e cuidado incondicionais e que sempre recebi ao longo das minhas escolhas e trajetórias pessoais e profissionais. Nada seria possível sem vocês.*

## AGRADECIMENTOS

À Celia Bernardes pelo presente de conviver e circular a vida com você. Por me apresentar os círculos e práticas restaurativas e continuar a construir sentidos junto a mim.

Ao Lucas De Francesco que além de gestor que me possibilitou estudar sobre a temática, foi apoiador incondicional do primeiro projeto em que pude vivenciar e aplicar os círculos, encontrando assim, sentido de vida.

À Susana Pereira que mergulhou comigo em 2017 nessa aposta circular, dialógica e coletiva. Juntas para o transformar.

Às educadoras, aos educadores, crianças, adolescentes, gestores e todas as comunidades educativas que dividiram e dividem comigo a esperança de um mundo mais dialogal e de construção em comunidade.

À professora Juliana Pedreschi Rodrigues pela orientação cuidadosa e afetuosa, pelas preciosas dicas, pela generosidade de compartilhar seus saberes e experiências comigo, pela motivação e acolhimento. Por me permitir seguir sem medo. A educação é mais potente por ter você.

À professora Laura Vilela e Souza e ao professor Nirson Neto pelas imprescindíveis considerações na qualificação e que me proporcionaram saberes pujantes à construção de um trabalho imbricado de sentido.

Ao meu irmão Fábio por não me deixar desistir nem nos momentos mais difíceis. Às minhas irmãs Elisandra e Francielli por serem inspirações na luta por uma educação acolhedora. Aos meus dois amados sobrinhos Carlos e Luiz. À minha avó Adelise pela sempre inspiração em educar e amar. Aos amigos e às amigas que me ouviram genuinamente, com cuidado, amor e acolhimento: Angela, Patricia, Simone, Lucas, Susana, Solange, Nena e tantas outras e outros que moram em meu coração. Ao Emerson que me incentivou e encorajou a seguir meu sonho de mestrado.

Ao meu companheiro de vida, Roberto Lucas, pela paciência, admiração e sonhos compartilhados.

Ao Sesc São Paulo pelo incentivo ao desenvolvimento profissional e pessoal.

À Cecilia Camargo Maman Pasteur pela gestão humana e incentivadora que possibilitou momentos imprescindíveis para a boa conclusão deste trabalho.

À Elaine Cristina Marques pela disposição em contribuir com o olhar desta gestão que apoia, acolhe e incentiva.

À Ana Paula Martins Vicentin pelo apoio, inspiração, pelas dicas preciosas e pela forma humana de ser gestora. Agradeço o sempre incentivo aos estudos e aperfeiçoamento.

Aos colegas do Sesc São Paulo pelos bons desejos de que tudo corresse bem.

Aos participantes desta pesquisa que permitiram que suas circularidades estivessem nestes escritos. Agradeço a generosidade de estarem comigo neste momento de construção que é sempre coletivo.

Por fim, agradeço a Deus por ser a força que guiou meus caminhos.

*“O círculo não acaba. O círculo possui começo, meio e começo. O círculo não tem fim.”*  
*(Antônio Bispo dos Santos, Nêgo Bispo, durante o Seminário Brasis – Territórios dissonantes, 2022).*



## RESUMO

TIBOLLA, Bruna. **Círculos virtuais: as experiências de profissionais atuantes na Zona Leste da cidade de São Paulo, durante a pandemia da COVID-19**. 2022. 160 f. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política). Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Este estudo objetiva investigar de que forma os pressupostos metodológicos dos processos circulares e práticas restaurativas, considerados essencialmente práticos e conduzidos coletivamente, foram e estão sendo disseminados na Zona Leste da cidade de São Paulo, considerando o contexto da COVID-19 e as necessidades de intervenções tecnológicas para criação de espaços de trocas. A investigação teórica fundamentou-se em revisão bibliográfica sobre processos circulares presenciais e virtuais, práticas restaurativas, redes de cuidado em saúde mental e, por fim, ambientes virtuais e as TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação. A produção de dados pautou-se nas premissas do construcionismo social e da investigação apreciativa contemplando conversas informais cotidianas entre a pesquisadora e profissionais atuantes com a temática, bem como com grupo focal online realizado com 7 profissionais atuantes em espaços educativos e de gestão da Zona Leste da cidade de São Paulo (assistente social, educadores, gestores e pedagogos). Os principais resultados identificaram uma diversidade de fazeres, atuações e novas possibilidades que consideram as realidades em que os profissionais atuam, bem como as interseccionalidades do fazer circular e das desigualdades digitais. Além disso, identificou-se que a aplicação de círculos em ambientes virtuais contribuiu para o fortalecimento de vínculos, redes de cuidado, espaços preventivos em saúde mental, rede de denúncias de violências, acolhimento e diálogo. Em se tratando do futuro da aplicação, apresentou-se a necessidade de sistematização de práticas virtuais, adaptações metodológicas e, sobretudo, a crença nos processos dialógicos respeitosos e seguros. Por fim, compreendeu-se que, em se tratando da filosofia da justiça restaurativa, esta deve estar alinhada à justiça social e suas amplas nuances.

Palavras-chaves: Construcionismo Social; Círculos Virtuais; Práticas Restaurativas; Saúde Mental; Educação Social

## RESUMEN

TIBOLLA, Bruna. **Círculos virtuales: las experiencias de profesionales que actuaron en la Zona Este de la ciudad de São Paulo, durante la pandemia de COVID-19.** 2022. 160 ss. Disertación (Maestría en Cambio Social y Participación Política). Facultad de Artes, Ciencias y Humanidades, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2022.

Este estudio tiene como objetivo investigar cómo las propuestas metodológicas de los procesos circulares y las prácticas restaurativas, considerados esencialmente prácticos y realizados colectivamente, fueron y están siendo difundidos en la Zona Este de la ciudad de São Paulo, considerando el contexto de COVID-19 y las necesidades de intervenciones tecnológicas para generar espacios de intercambio. La investigación teórica se basó en una revisión bibliográfica sobre procesos circulares presenciales y virtuales, prácticas restaurativas, redes de atención en salud mental y, finalmente, entornos virtuales y TICs - Tecnologías de Información y Comunicación. La producción de datos se basó en las premisas del construccionismo social y la investigación apreciativa, contemplando conversaciones informales diarias entre el investigador y los profesionales que trabajan con el tema, así como un grupo de enfoque en línea realizado con 7 profesionales que actúan en espacios educativos y de gestión en el Zona Este de la ciudad de São Paulo (trabajador social, educadores, gestores y pedagogos). Los principales resultados identificaron una diversidad de trabajos, acciones y nuevas posibilidades que consideran las realidades en las que actúan los profesionales, así como las interseccionalidades de las desigualdades circulantes y digitales. Además, se identificó que la aplicación de círculos en entornos virtuales contribuyó al fortalecimiento de vínculos, redes de atención, espacios preventivos en salud mental, red de denuncias de violencia, acogida y diálogo. En cuanto al futuro de la aplicación, existía la necesidad de sistematizar prácticas virtuales, adaptaciones metodológicas y, sobre todo, la creencia en procesos dialógicos respetuosos y seguros. Finalmente, se entendió que, cuando se trata de la filosofía de la justicia restaurativa, esta debe estar alineada con la justicia social y sus amplios matices.

Palabras clave: Construccionismo Social; círculos virtuales; Prácticas Restaurativas; Salud mental; Educación Social

## ABSTRACT

TIBOLLA, Bruna. **Virtual circles: the experiences of professionals working in the East Zone of the city of São Paulo, during the COVID-19 pandemic.** 2022. 160 f. Dissertation (Master in Social Change and Political Participation). School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

This study aims to investigate how the methodological assumptions of circular processes and restorative practices, considered essentially practical and collectively conducted, were and are being disseminated in the East Zone of the city of São Paulo, considering the context of COVID-19 and the needs for technological interventions to create spaces for exchanges. The theoretical investigation was based on a literature review on face-to-face and virtual circular processes, restorative practices, mental health care networks, and, finally, virtual environments and ICTs - Information and Communication Technologies. The production of data was based on the premises of social constructionism and appreciative investigation, contemplating daily informal conversations between the researcher and professionals working with the theme, as well as an online focus group carried out with 7 professionals working in educational and management spaces in the East Zone. from the city of São Paulo (social workers, educators, managers, and pedagogues). The main results identified a diversity of practices, actions, and new possibilities that consider the realities in which professionals work, as well as the intersectionalities of circular practices and digital inequalities. In addition, it was identified that the application of circles in virtual environments contributed to the strengthening of bonds, care networks, preventive spaces in mental health, and the network of complaints of violence, reception, and dialogue. In terms of the future of the application, there was a need to systematize virtual practices, methodological adaptations, and, above all, the belief in respectful and safe dialogic processes. Finally, it was understood that, when it comes to the philosophy of restorative justice, it must be aligned with social justice and its broad nuances.

Keywords: Social Constructionism; Virtual Circles; Restorative Practices; Mental health; Social Education

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Mapa temático das transcrições	94
Figura 2 - Eixos analíticos	95
Figura 3 - Nuvem de palavras “Sobre intencionalidades”	106
Figura 4 - Nuvem de palavras "Sobre Aplicabilidade"	114
Figura 5 - Nuvem de palavras “Sobre (Im)Possibilidades”	121
Figura 6 - “O que fica para esta pesquisadora?”	124

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Abordagem punitiva e abordagem restaurativa	66
--	----

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: Motiv(AÇÕES), trajetória acadêmica e percursos metodológicos	13
1.1 MOTIV(AÇÕES) DA PESQUISA	13
1.2 TRAJETÓRIA ACADÊMICA	16
1.3 CONTEXTO DA PESQUISA	20
1.4 PERCURSOS METODOLÓGICOS	23
1.4.2 A produção de dados	23
1.4.2.1 As conversas informais	23
1.4.3 A seleção dos participantes	31
1.4.4 A análise dos dados	33
2. CIRCULANDO RELAÇÕES DURANTE A PANDEMIA: o contexto, os processos circulares e as práticas restaurativas	38
2.1 BRASIL, 2020	39
2.2 PROCESSOS CIRCULARES – circulando a palavra e a vida	43
2.2.1 Os Círculos na prática	52
2.2.2 Círculos Virtuais	55
2.3 PRÁTICAS RESTAURATIVAS: um convite ao diálogo	58
2.3.1 Práticas restaurativas em ambientes educacionais e de gestão	65
2.3.2 Sobre os temas restaurativos	68
2.3.3 As perguntas restaurativas	69
3. A SAÚDE MENTAL EM DIÁLOGOS E COLETIVIDADES: afetos, afetações e práticas de afirmação da vida	73
3.1 O CUIDADO EM COMUNIDADE	76
3.2 A IMPORTÂNCIA DAS REDES COLABORATIVAS DE CUIDADO PARA A SAÚDE MENTAL – resgates históricos	82
3.3 IDEIAS DO HOJE PARA O DEPOIS: práticas para a afirmação da vida	85
4. AMBIENTES VIRTUAIS: sobre o uso das Tics como ferramenta de aproximação, conexão, cuidados e de desigualdades em espaços digitais	88
5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	95
5.1 SOBRE INTENCIONALIDADE	98
5.2 SOBRE APLICABILIDADE	110
5.3 SOBRE (IM)POSSIBILIDADES	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS	128
APÊNDICE A: Roteiro de perguntas para o grupo focal, a partir de uma investigação apreciativa	142
APÊNDICE B: Transcrição de respostas obtidas a partir da realização do grupo focal online	143

# **1 INTRODUÇÃO: Motiv(AÇÕES), trajetória acadêmica e percursos metodológicos.**

## **1.1 MOTIV(AÇÕES) DA PESQUISA**

Por que estudar sobre a aplicabilidade de processos circulares e práticas restaurativas em ambientes virtuais?

Ao iniciar este caminho, peço licença aos que me leem para contar sobre as **ações** – ou histórias significativas – que são hoje motivadoras desta pesquisa. Início com este pedido porque a intencionalidade destes escritos provém da prática desta pesquisadora e das redes construídas nos últimos 5 anos, então, permitam-me explicar.

Em maio de 2017 fui convidada pelo meu gestor direto e diretor da escola em que eu atuava para participar de um curso de formação de facilitadores em práticas restaurativas, ministrado pelo Instituto Internacional de Práticas Restaurativas nas dependências da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR. Neste contexto, em mais uma daquelas semanas frias em Curitiba, comecei a construir minha trajetória pelos caminhos da psicologia social, entrando em contato pela primeira vez, com as práticas restaurativas e com os processos circulares.

Lembro-me exatamente do momento em que eu vi um tanto de janelas e possibilidades se abrirem diante de mim: foi quando a peça de fala chegou até a minha mão e eu precisei expressar o meu sentimento sobre aquela semana inteira de curso, construção de relações e profundas conexões. Naquele momento, o objeto escolhido como peça de fala<sup>1</sup> era uma esfera de *Hoberman*<sup>2</sup> que a cada passar de mão aumentava de tamanho criando assim um grande círculo. Não por acaso, era assim que eu me sentia: dando as mãos para pessoas diversas e crentes de que nossa atuação em educação social faria a diferença na vida de crianças e adolescentes. Era ali que eu, uma menina de uma cidade do interior, estava entrando em contato com muitas primeiras vezes: estudar feminismo, educação social, com a cidade grande, com uma universidade renomada e com um mundo de outras tantas possibilidades.

---

<sup>1</sup> Objeto que passa de mão em mão, de modo que a organizar o momento de fala dos participantes de um círculo. A oportunidade de fala está com quem o segura. (PRANIS, 2010).

<sup>2</sup> “Esferas plásticas expansíveis chamadas de Esferas de Hoberman, em homenagem ao engenheiro Chuck Hoberman. (LISZEWSKI, A. Observar esses brinquedos se expandiram ritmicamente é extremamente relaxante. (2016) Disponível em: [https://gizmodo.uol.com.br/brinquedos-esferas-hoberman/.](https://gizmodo.uol.com.br/brinquedos-esferas-hoberman/))

A partir desta experiência formativa, começamos a desenvolver práticas relacionadas à temática na escola social em que eu trabalhava como psicóloga social. Os eixos de atuação contemplavam a gestão de projetos cujo escopo versava sobre práticas restaurativas e processos circulares<sup>3</sup> compreendendo como público destas ações toda a comunidade educativa de uma escola localizada no interior do Paraná, em Itapejara D'Oeste. Lá em Itapejara – como é resumidamente chamada a cidade por seus moradores – são muitas as belezas naturais e formas de viver a vida em contato com a natureza e proximamente às pessoas que amamos.

No entanto, a forma punitiva com que escolas municipais e estaduais concebiam educação<sup>4</sup> com forte influência do patriarcado, com vistas à ‘defesa’ do trabalho infantil, à perpetuação da violência na fala, na agressão física, nas situações vexatórias em que crianças e adolescentes eram cotidianamente expostas, me fizeram ver nas práticas restaurativas e nos processos circulares uma oportunidade de cooperar para a construção de possibilidades dialogadas que, em seus pressupostos de atuação, apresentassem valores como a conexão, a escuta e o respeito.

A partir deste contexto vivencial, os 3 anos subsequentes foram de um intenso e gratificante trabalho à luz destas novas possibilidades colaborativa-dialógicas, bem como para o manejo de conflitos de forma não violenta. Neste trajeto, as relações construídas transpuseram os muros da escola para a comunidade educativa, para as escolas parceiras, para as universidades da região e para a rede socioassistencial. O impacto desta atuação ganhou reconhecimento a nível nacional<sup>5</sup> e os frutos deste trabalho estiveram refletidos em cada estratégia de manejo que possibilitou o diálogo respeitoso, corresponsável e seguro.

Portanto, todo este percurso contado em primeira pessoa, objetivou comunicar que a origem dessa pesquisa se deu a partir de experiências que possibilitaram verificar a importância

---

<sup>3</sup> A atuação em questão esteve respaldada por referências teóricas que apresentam estratégias para a tratativa do tema em questão, destacando-se os materiais de Belinda Hopkins e suas obras *Just Schools – Approach to Restorative Justice* (2004) e *Práticas Restaurativas em Sala de Aula* (2011). Além disso, as contribuições de Kay Pranis em *Processos Circulares* (2010), Kay Pranis e Caroline Boyes-Watson em *No Coração da Esperança – Guia de Práticas Circulares* (2011), Kay Pranis e Caroline Boyes-Watson em *Círculos em Movimento* (2018). Tais referenciais serão apresentados no próximo capítulo.

<sup>4</sup> Em minha atuação como psicóloga social atendi inúmeras famílias, encaminhei casos, estive atuante na rede socioassistencial do município e, por inúmeras vezes, ouvi frases incitando a educação punitiva e corretiva, tais como: “trabalho não mata crianças”, “vai apanhar quando chegar em casa para aprender a respeitar o professor”, “fecha a boca senão eu te arrebento”, “eu apanhei e não morri”.

<sup>5</sup> O projeto intitulado “Cesmar Restaurativo” obteve o selo SESI ODS (2019), este presente no Prêmio GIFE de Inovação Social (2019), sendo aceito pelo Instituto Internacional de Práticas Restaurativas - IIPR como boa prática a ser apresentada no Congresso Internacional da IIPR América Latina em (2019).

de tal prática para toda uma comunidade e seus respectivos impactos gerados na vivência cotidiana.<sup>6</sup>

Passado este tempo, considerando o contexto dos últimos 3 anos e o contexto da pandemia do *Coronavírus*, alguns profissionais atuantes nos estados do Paraná e de São Paulo conectados por suas afinidades e experiências práticas com práticas restaurativas, processos circulares e/ou comunicação não-violenta<sup>7</sup> começaram a se reunir quinzenalmente para trocar experiências de como estavam continuando a disseminar tais práticas em ambientes virtuais, sendo que, dentre estes profissionais eu me encontrava.

As trocas foram potentes, inspiradoras e, apesar do cenário difícil, contribuíram com ideias de adaptação, apoio e janelas de possibilidades. Além disso, a motivação grupal criou reflexões que buscaram entender essa nova conjuntura de aplicação e sua possível ampliação das dimensões pedagógicas resguardando a essência prática e do encontro.

Dito isso, em linhas brevíssimas sobre essa história cheia de sentidos, foi a partir da experiência desses encontros que se deu a origem do objeto desta pesquisa: círculos virtuais, desta vez, priorizando a Zona Leste da cidade de São Paulo, considerando as atuações em espaços educacionais e de gestão de pessoas.

Além disso, considerando os atuais tempos vividos, esta pesquisa buscou refletir como a construção de espaços dialógicos em momentos de tanto retrocesso, discurso de ódio, polarização e negacionismo podem se apresentar como ato de resistência e contínua afirmação da democracia.

Portanto, esta pesquisa versa sobre as muitas vozes que passaram pela minha vida. Estas vozes são coletivas, construtivas, apreciativas e crentes no diálogo como ferramenta de transformação. Aqui estão crianças, adolescentes, educadores, comunidades educativas e territórios impactados por ações potentes, pontes e que nos últimos 6 anos construíram as

---

<sup>6</sup> Lembro-me de um momento com uma das estudantes da escola. Naquela semana o educador da turma estava trabalhando com as perguntas restaurativas – que serão apresentadas no decorrer desta construção – cuja proposta resguarda a escuta de todos os envolvidos e o manejo de conflitos de forma não violenta. A estudante em questão me contou que a mãe “apanhava do pai” (sic) e que ela tentaria usar estas perguntas restaurativas para ‘resolver’ o conflito em sua casa.

<sup>7</sup> Cada um destes movimentos será aprofundado no próximo capítulo. No entanto, cabe ressaltar que, apesar de suas comumente associações – como é possível perceber a partir da experiência de trocas vivenciadas pelo grupo de profissionais supramencionado - justiça restaurativa, comunicação não-violenta (CNV) e processos circulares possuem filosofias e metodologias próprias, embora se assemelham pelo uso de ferramentas dialógicas para o manejo de conflitos – em caso da existência de uma ação danosa - e/ou trocas de experiências – como é o caso dos círculos de diálogos, apoio, compreensão, etc. (PRANIS, 2010, p. 29-31). No Brasil, a aproximação entre os temas da justiça restaurativa e da CNV, compreende o período de implantação dos programas restaurativos inaugurais no contexto do Poder Judiciário, no início do século XX. Nesse momento de busca de aparato teóricos nacionais, destacam-se os experimentos com comunicação não-violenta (CNV) já vinham sendo realizados nas favelas do Rio de Janeiro, desde a década de 1990, pelo sociólogo inglês Dominic Barter,



**AÇÕES** – porque elas merecem caixa alta e destaque - que compõem as motiv(AÇÕES) desta pesquisadora cotidianamente.

## 1.2 TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Prosseguindo com a introdução desta pesquisa, apresento a minha trajetória acadêmica, exigida pelo programa como parte constitutiva da dissertação. Este caminho remonta às construções como aluna especial ainda no segundo semestre do ano de 2020, do programa de Estudos Culturais da Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH/USP, com a disciplina de **Lazer, Cultura e Identidade** e suas profundas reflexões sobre a diversidade e a potência dos coletivos. Destaco, para tanto, os escritos de Brandão (1986, p. 08) em sua obra *Identidade e Etnia* ao afirmar que o “diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade”. As discussões sobre diversidade cultural e sua importância na construção de uma sociedade mais equânime fortaleceram o desejo de pensar a minha pesquisa a partir da pluralidade e das coletividades. Apesar de, naquele momento, ainda estar desenhando um projeto de pesquisa, as linhas intencionais foram fortalecidas pelos aprendizados da disciplina, sendo esta, aceita como aproveitamento para o trajeto acadêmico do mestrado.

Já no primeiro e segundo semestre do ano de 2021, durante a construção desta pesquisa de mestrado, foram cursadas duas disciplinas que contribuíram imensamente para a criação de sentidos, possibilidades e aplicações teórico-práticas do estudo. A primeira delas, **Filosofia da Ciência**, cujo objetivo foi: 1. discutir os fundamentos que correspondem à natureza do conhecimento científico; 2. Compreender e caracterizar os diversos horizontes epistemológicos que promoveram e moldaram o desenvolvimento das ciências; 3. Fornecer subsídios teóricos para a compreensão das relações sujeito-objeto que norteiam as perspectivas das ciências contemporâneas; 4. Enumerar e comparar as possibilidades de construção e abordagem da Filosofia da Ciência e caracterizar as interfaces da filosofia, da história e da sociologia da ciência. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - SISTEMA JANUS, 2021).

Esta disciplina possibilitou a aproximação com a educação inspirada em outras fontes teóricas, dentre elas, os saberes povos originários e suas discussões sobre a solidariedade, a cooperação, o respeito e a escuta. Estas concepções também podem ser meio de construção de

repertório crítico de se pensar e fazer ciência, discutindo as falsas liberdades e falácias de cuidado introduzidas pelo sistema neoliberal<sup>8</sup> sempre em busca do progresso.

Além disso, a contribuição da disciplina a partir de autores como Macas (2005, p. 35) e a urgência epistêmica para que as produções científicas evidenciem as contribuições dos povos indígenas para a atualidade no que tange à compreensão política, aos movimentos sociais, à diversidade e as formas de viver em comunidade. Vê-se aqui uma importante reflexão política sobre o lugar ocupado pela epistemologia indígena – inclusive no que tange ao aprendizado dos círculos que será apresentado no capítulo 2:

*“Queríamos reflexionar sobre algunos elementos; como indígenas, y como latinoamericanos, deberíamos hacerlo. Si bien es cierto que los pueblos indígenas creemos que estamos haciendo aportes importantes en varios niveles – políticos, en los movimientos sociales, e incluso académicos– al mismo tiempo nos preguntamos si es posible hoy en día hablar de la diversidad de culturas, de pueblos, de la diversidad histórica, especialmente de los pueblos indígenas en nuestra región. ¿Es posible plantear la emergencia de otros pensamientos? ¿Es posible ser diferentes?” (MACAS, 2005, p. 35)<sup>9</sup>*

Continuando o percurso, a disciplina cursada **“Pensamento Social em Saúde: Desafios Contemporâneos da Saúde Coletiva no Brasil”** teve por objetivo introduzir os alunos à dimensão social do pensamento contemporâneo em Saúde, em especial da área da Saúde Coletiva. Este é um campo multifacetado e repleto de embates entre práticas, conceitos e políticas marcado por tensões entre diferentes campos de conhecimento: ciências sociais e humanas em saúde; política, planejamento e gestão em saúde; e epidemiologia que se desdobram em subcampos de conhecimento e temáticas diversas. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - SISTEMA JANUS, 2021).

Sendo assim, a pesquisa em questão apresenta aplicações dos processos circulares e de estratégias advindas das práticas restaurativas que foram e estão sendo utilizadas em espaços educacionais e instituições sociais como ferramenta de conexão, acolhimento, diálogo, resolução de conflitos e pertencimento durante o período de pandemia. O fio condutor desta pesquisa está alicerçado nos processos circulares e as formas como profissionais atuantes na

---

<sup>8</sup> Para Dardot e Laval (2016) o neoliberalismo é entendido como uma nova razão do mundo. “O neoliberalismo é a razão do capitalismo contemporâneo, de um capitalismo desimpedido de suas referências arcaizantes e plenamente assumido como construção histórica e norma geral de vida. O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência.” (p.15)

<sup>9</sup> [...] Se é verdade que nós, povos indígenas, acreditamos que estamos dando contribuições importantes em vários níveis – políticos, movimentos sociais e até acadêmicos – ao mesmo tempo nos perguntamos se é possível hoje falar sobre a diversidade de culturas, povos, a diversidade histórica, especialmente dos povos indígenas de nossa região. É possível propor o surgimento de outros pensamentos? É possível ser diferente? (Tradução minha).

Zona Leste da cidade de São Paulo utilizaram estes recursos em seu cotidiano considerando o advento pandêmico. No entanto, considerando as motivações desta pesquisa e as trocas recorrentes entre esta pesquisadora e os profissionais que também atuam com práticas restaurativas em seu dia a dia, serão apresentados aqui também alguns recortes desta abordagem em escolas.

Sobre isso, cumpre ressaltar que o desejo inicial desta pesquisadora era investigar sobre a aplicabilidade das práticas restaurativas em ambientes virtuais. No entanto, ao refletir sobre a centralidade de condução desta pesquisa, uma vez que as práticas restaurativas consideram ações danosas, traumas e a construção de um espaço para a responsabilização ativa, voltei-me ao campo para considerar as experiências dos profissionais que participaram desta pesquisa e observei que, muito embora considere fundamental a reflexão que será apresentada em Brasil, 2020, do quão lesivo foi o período da pandemia em nossos contextos e que a filosofia da justiça restaurativa pode considerar a centralidade desta calamidade que nos assolou e ainda assola, o fio condutor da pesquisa foram os círculos virtuais.

Ademais, a análise de dados contará com trocas de experiência durante a pandemia, em conversas informais que possibilitaram a construção desta pesquisa no cotidiano e não somente sobre ele, como salienta Spink (2007). Então, por considerar que a relação da cotidianidade e de trocas desta pesquisadora com outros profissionais que trabalham com as práticas restaurativas, está diretamente ligada ao tema desta pesquisa, permanecerão as construções teóricas e vivências sobre as práticas restaurativas.

Importa ressaltar que, tanto processos circulares quanto as práticas restaurativas – que podem ser trabalhadas em formato circular ou não<sup>10</sup> se aproximam, metodologicamente falando, pelo acolhimento de perspectivas considerando a construção de espaços dialógicos. Dessa forma, em tempos em que diálogo e acolhimento se fazem tão necessários, ambas as compreensões se apresentam como importantes ferramentas para construção de estratégias voltadas ao fortalecimento de vínculos e na promoção de saúde mental e emocional.

Voltando à trajetória acadêmica, além das disciplinas cursadas, outros cursos e atuações contribuíram com o desenvolvimento desta pesquisa. A participação no **Fórum qualidade de vida nas organizações** com o tema humanização em tempos de pandemia, promovido virtualmente pelo Sesc Pompeia, e com carga horária de 6 horas em março de 2021: nomes da Psicologia como o professor Sigmar Malvezzi, docente do Instituto de Psicologia da

---

<sup>10</sup> Ao apresentar, no capítulo 2, as contribuições de Belinda Hopkins para o contexto educacional, explicitarei outros formatos utilizados dentro de suas concepções para a construção de uma comunidade educativa em que os princípios restaurativos estejam presentes.

USP, estiveram entre os convidados enaltecendo a importância da inteligência coletiva e comunitária para a construção de redes.

A **construção de espaços formativos com educadores** para o debate sobre práticas restaurativas, círculos e saúde mental coletiva – julho de 2021, janeiro e novembro de 2022 – bem como o retorno das atividades considerando a vivência restaurativa e a dimensão das escolas relacionais foi extremamente importante para a transposição da teoria para a prática e necessidades reais. Além disso, atuar diretamente com suporte e apoio a educadores que desejam se aprofundar sobre o tema e pensar novas possibilidades de aplicação das práticas restaurativas sempre me ensina outras possibilidades e conhecimentos.

O curso **Jornadas para pensar o Bem Viver**: costurando saberes para enfrentar a pandemia – Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo – setembro de 2021 – carga horária 6 horas: contribuições dialogadas sobre a importância da teia de relações de saberes, de diversidade de diálogos e de compreensão da necessidade do resgate da sabedoria ancestral para a construção de estratégias coletivas de enfrentamento e resistência ao sistema de acúmulo de capital às custas de vidas.

A **elaboração de artigo para o livro: Escolas Restaurativas com Enfoque em Direitos Humanos**, a partir da experiência de gestão de um projeto de implantação dos processos restaurativos em uma comunidade educativa situada no município de Itapejara D'Oeste, em 2019, e que esteve sob a gestão desta pesquisadora.

**Apresentação de um breve recorte da pesquisa** de mestrado no 10º Congresso Interdisciplinar em Sociais e Humanidades - CONINTER, intitulado “Práticas Restaurativas: um convite ao diálogo em tempos pandêmicos”, em novembro de 2021, trouxe para a minha pesquisa um novo panorama da importância da discussão da temática em fóruns interdisciplinares para tratar as possibilidades aplicativas das práticas restaurativas em espaços de educação não formal, informal e outras instituições.

Por fim, a **atuação desta pesquisadora em seu ambiente de trabalho** tem sido pautada pela promoção e construção de espaços circulares de maneira virtual, com o objetivo de dialogar sobre várias temáticas: saúde mental, autocuidado, diversidade, trocas de experiências durante o período da quarentena, histórias da infância, dentre outros. Esta atuação tem sido extremamente importante e reverberada na confirmação da importância de construirmos espaços dialogados em qualquer organização que preze pelo desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e seguros. Além disso, foram criados espaços formativos para desenvolver a temática com o público interno fortalecido pela demanda de instrumentalização sobre aplicabilidade de estratégias colaborativo-dialógicas em equipes.

Dito isso, o ano de 2022 está sendo imprescindível para esta pesquisadora continuar aprofundando a temática por meio de círculos, diálogos formativos, experiências que tratem sobre o desenvolvimento de redes coletivas de cuidado, de estratégias de aplicação dos pressupostos metodológicos das práticas restaurativas, bem como a finalização desta pesquisa vislumbrando sua defesa e disseminação para comunidades sobre a potência de processos circulares e práticas restaurativas como ferramenta de atuação.

### **1.3 CONTEXTO DA PESQUISA**

De início, traz-se a dialogia, instrumento base das práticas restaurativas e dos processos circulares, pautada nos saberes do educador Paulo Freire, datado de muito antes do contexto pandêmico e que afirmava ser o diálogo indispensável para a humanização das relações de todos os envolvidos, respeitando as singularidades, ou seja, “este encontro amoroso não pode ser, por isto mesmo, um encontro de inconciliáveis.” (FREIRE, 1983, p. 28).

Em consonância, a humanização tão presente nos escritos de Freire também esteve presente nas orientações da ciência no período da pandemia. As recomendações gerais perpassaram o reconhecimento de acolhimento dos medos, incertezas e colocaram o diálogo, as conversas, redes de apoio, autocuidado e gerenciamento das emoções como ferramentas e possibilidades de cuidado. Com isso, as redes socioafetivas e as possibilidades de fortalecimento emocional, em ambiente virtual, ganharam destaque em processos educativos naquele momento, cujo pedido foi “evite o isolamento junto a sua rede socioafetiva, mantendo contato, mesmo que virtual” (BRASIL, 2020, p. 04).

Além disso, também nesse contexto, as recomendações e discussões acerca dos cuidados com a saúde mental se configuram imprescindíveis promovendo intensos debates em todo o mundo. Dessa maneira, percorrido este caminho, fez-se necessário destacar que, sim, estes cuidados dizem respeito aos atendimentos especializados, mas também se dão nas construções e ajudas humanitárias que ocorrem no cotidiano das relações, quer quando consideramos a vivência de uma pandemia, ou não. Isso significa que as necessidades psicossociais podem ser manejadas por pessoas não especializadas, de modo que, esse fortalecimento emocional construa, reconstrua e ressignifique o senso de pertencimento das comunidades e ampare os sofrimentos de forma genuína. (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2009).

Nessa perspectiva, os círculos, as práticas restaurativas e tantos outros espaços dialogados, possibilitaram o olhar para a convivência em seus mais diversos lugares de fala<sup>11</sup>, como por exemplo, para os conflitos que emergem das relações intra/interpessoais. Desse modo, em um mundo imensamente assolado pela pandemia, com redes socioafetivas e de encontros intensamente prejudicados, falar, cuidar e olhar, mesmo que virtualmente, se assegurou como uma possibilidade de grande esperança e acolhimento em meio ao caos. Portanto, é por este caminho que esta pesquisa se alicerça, pela proposição de diálogos por meio do que se denomina por práticas restaurativas.

À luz do objeto de pesquisa, há que se ressaltar que existem inúmeras formas de se propor espaços de trocas e diálogos baseados em perguntas e postura restaurativa. Nesse sentido, pensar estratégias de acolhimento e de redes de apoio pode também contribuir significativamente na promoção de espaços preventivos em saúde mental.

Dito isso, em tempos tão intensos em mudanças oriundas do período pandêmico e que reverberam atualmente, as estratégias de aproximação de fortalecimento dos vínculos, bem como de promoção de trocas, diálogo e saúde mental, se apresentam em crescimento exponencial nos ambientes digitais. Nesse sentido, a utilização de ferramentas que subsidiem a criação de um espaço seguro e responsável para as trocas se faz totalmente necessário. Sendo assim, círculos e/ou práticas restaurativas se apresentam como potencial ferramenta de aplicação e de construção em busca destas comunidades seguras.

Considerando ainda este destaque para a promoção de ambientes que suscitam a constituição de relacionamentos saudáveis, pensar a prevenção e a promoção de saúde mental requer a presença de formatos cuja finalidade esteja vinculada à afirmação das vidas e coletividades. Diante disso, a potência de pensar práticas colaborativas e dialógicas nesse momento se estruturam e convergem com o objetivo de promoção de saúde, bem como de criação de espaços preventivos e cuidadores.

No entanto, como já mencionado, a pandemia modificou inúmeros cenários, e com as práticas restaurativas e os processos circulares, não foi diferente. O coletivo, o encontro e o diálogo necessitaram de adequação e reconstrução de outras fontes democráticas para o seguimento das trocas. À luz desta necessidade é que nasce o **problema desta pesquisa**: como a aplicação dos círculos e práticas restaurativas foram e estão sendo disseminadas em espaços virtuais, considerando o contexto da COVID-19 e a essencialidade prática da metodologia?

---

<sup>11</sup> Lugar de fala, de acordo com a perspectiva da filósofa e ativista Djamilia Ribeiro (2017) remete ao local de fala do enunciador, qual a sua realidade social, financeira e pessoal ao proferir um discurso sobre determinado tema.

Isto posto, em busca de compreender melhor o problema de pesquisa o **objetivo geral** que se apresenta é: investigar a ocorrência do desenvolvimento de círculos, de forma virtual, em grupos atuantes em espaços educativos e de gestão na Zona Leste da cidade de São Paulo, durante a pandemia. Mais especificamente e concentradamente, **os objetivos específicos** buscam: Levantar aparato teórico-prático pautado nos processos circulares, práticas restaurativas, saúde mental e o fortalecimento de redes e coletividades; Sistematizar estratégias de aplicação dos processos circulares e/ou práticas restaurativas desenvolvidas em ambientes virtuais observados; Analisar os impactos dos espaços de escuta para a saúde mental e o fortalecimento de redes em tempos de pandemia entre os grupos observados (assistente social, educadores, gestores e pedagogos).

Nesse sentido, a partir então do problema de pesquisa acima mencionado, que alimenta inúmeras possibilidades e formas de compreensões, duas **hipóteses** foram consideradas, permitindo no decorrer desta pesquisa que estas sejam confirmadas ou refutadas. No que tange aos processos circulares – que utilizam estratégias das práticas restaurativas ou não<sup>12</sup> - supõe-se que: 1) As possibilidades de aplicação, considerando os espaços virtuais, apresentaram uma nova forma de conceber os encontros e trocas; 2) Os processos circulares e o uso de ferramentas conversacionais se apresentam como potencial estratégia para a criação de redes de apoio e cuidado.

Em seguida serão apresentados os percursos metodológicos que foram construídos considerando os objetivos da pesquisa. Destaca-se neste processo de construção de conhecimento, a importância do trabalho de Vidotto (2018) para a compreensão das possibilidades metodológicas que se aproximam em intencionalidade, crença e respeito aos princípios dos pressupostos metodológicos das práticas restaurativas e dos processos circulares.

## 1.4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

### 1.4.1 A investigação qualitativa

A partir desses olhares dialógicos e coletivos, os percursos metodológicos foram pensados como forma de potencializar a construção da pesquisa. Em se tratando do tipo de

---

<sup>12</sup> De acordo com o desembargador Leoberto Brancher – creditado como um dos pioneiros do movimento da Justiça Restaurativa no Brasil (vide [https://www.tjrs.jus.br/institu/mostra\\_curriculo.php?codigo=694](https://www.tjrs.jus.br/institu/mostra_curriculo.php?codigo=694)) – em sua escrita para a apresentação da tradução da obra Guia do Facilitador de Kay Pranis (2010) os processos circulares em diferentes contextos ajudaram a compreender que “processos circulares não se confundem com processos restaurativos, embora possam - e devam - conviver sinergicamente.” No capítulo 2, trataremos mais sobre esta contribuição.

investigação empregada, trata-se de uma apresentação de cunho qualitativo baseada nos saberes grupais, como por exemplo, os círculos de diálogos utilizados para a condução de momentos e trocas sobre um determinado tema escolhido pelo grupo. Esta escolha esteve desde o início relacionada à perspectiva e premissa de atuação em comunidade, considerando as contribuições dos círculos, das práticas restaurativas e da promoção do cuidado em comunidade.

Buscando relacionar a pesquisa qualitativa relacionada aos processos circulares refere-se a atuações em contextos sociais, que segundo Minayo (2002), trata-se de um objeto essencialmente qualitativo. Dessa forma, para a autora a construção da pesquisa que pensa realidade social, considera o “próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante.” (p. 15).

Além disso, a pesquisa qualitativa busca responder a questões com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Isso significa que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de sentidos, motivações, valores e atitudes alcançando um processo mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos tão somente à operação de variáveis. (MINAYO, 2002).

## **1.4.2 A produção de dados**

### **1.4.2.1 As conversas informais**

Neste processo de construção da pesquisa a professora Laura Vilela e Souza, do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP-RP), componente da banca avaliadora, apresentou reflexões e contribuições, a partir de seu conhecimento sobre o construcionismo social e a pesquisa como construção de realidades, que versaram sobre a minha experiência com processos circulares e práticas restaurativas e a importância da mesma estar contida nesses escritos, uma vez que, trata-se da motivação que possibilitou a construção desta pesquisa.

Nesse sentido, provocada a refletir como minha prática e diálogos cotidianos poderiam fazer parte destes escritos, debrucei-me em buscar referenciais que pudessem atender a essa necessidade, cujo apontamento fez muito sentido. Dessa forma, encontrei o trabalho da pesquisadora Lia Vainer Schucman (2012;2020, p. 46), que trata de estudos sobre branquitude, e enquanto a construção metodológica buscou “um método mais livre e que levasse em conta encontros espontâneos e conversas diárias”.

Partindo então deste trabalho conheci a perspectiva de Peter Spink (2003) e o texto “Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista”, cuja



construção propõem aos pesquisadores de psicologia social, a organicidade e horizontalidade do tema a ser investigado “privilegiando o cotidiano, os micros lugares e o dia a dia”. (SCHUCMAN, 2020, p. 33). Nesse sentido, a proposição de Spink (2003), diz respeito à nomeação de um campo-tema, ou seja, “o campo não é mais um lugar específico, mas se refere à processualidade de temas situados”. (SPINK, 2003, p. 18).

Spink (2008, p.72-73) disserta sobre o pesquisador conversador no cotidiano:

“Ser um pesquisador no cotidiano se caracteriza frequentemente por conversas espontâneas em encontros situados. [...] São os pequenos momentos do fluxo diário, abertos às possibilidades da convivência cotidiana; são fragmentos, às vezes de conversas, às vezes de acontecimentos, às vezes de pedaços de materialidade, às vezes de documentos que nos chegam às mãos e às vezes de relatos na mídia. [...].

Corroborando com as contribuições construcionistas e pós-construcionistas de Spink (2003; 2008, p. 70) de que “o cotidiano é tudo o que temos” e das noções de Batista, Bernardes e Menegon (2014, p. 98) em que “as conversas são protagonistas relevantes e ativas na produção de conhecimento” é que este estudo entende como fundamental o lugar a cotidianidade e informalidade como constitutivas do fazer da ciência.

Isso significa que o campo escolhido para desenvolvimento da pesquisa não foi e nem será alheio às vivências e experiências de quem pesquisa. Do contrário, ele será escolhido considerando as diversas aproximações com a temática em diversas etapas cotidianas, e, portanto, o campo aparece quando o pesquisador se vincula à temática que pesquisará e o que vem depois é uma trajetória fortalecida por esta opção inicial. Por isso, entendo como importante resgatar brevemente como eu, enquanto pesquisadora, me vinculei academicamente ao tema.

Durante a introdução deste trabalho contei um pouco sobre minha atuação enquanto psicóloga de uma escola social e a importância das descobertas de ferramentas dialógicas para lidar com os comportamentos associados à punição e que, infelizmente, assolam nossos espaços educativos. No entanto, gostaria de esmiuçar um pouco mais – do que já foi apresentado na introdução deste trabalho - sobre os grupos de trocas de saberes a respeito de processos circulares e práticas restaurativas que começamos a desenvolver no início da pandemia.

Era início do contexto pandêmico. Casada, mudei-me para São Paulo em 2020. Longe de casa, com poucos amigos e medo constante, profissionalmente comecei em uma realidade totalmente desconhecida. Tudo junto e misturado. No meio de tudo isso, aquelas trocas quinzenais soavam como um respirar profundo para os medos e que acabou por construir uma rede de afetos que permitia ser.

Sob a perspectiva e respaldo das conversas informais, destaco aqui a história de uma das colegas participantes deste grupo e que foram importantes para o delineamento temático desta pesquisa. Em nosso roteiro para estas trocas, o combinado inicial era falar sobre como estávamos nos sentindo, um *check-in*. Nesta construção, ao chegar o momento de fala de uma de nossas participantes, assistente social de uma instituição de educação, lembro-me que a única coisa que pôde dizer foi o quanto estava tudo muito difícil e que, naquele momento, a única coisa que ela precisava era de um banho. A facilitadora então desejou bom banho e um suave “cuide-se”. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela acenou com um tchau, saindo da sala virtual. Eu conhecia o potencial daquela assistente social, a ética e os ensinamentos de seu trabalho. Ela sempre me ensinou muito. Naquele dia ela ensinou que cuidado é um ato político. Eu nunca mais esqueci deste momento e lembro até hoje do quanto ela precisava só de uma acolhida, sem cobrança de nada.

Antes de finalizar a apresentação da produção de dados, gostaria de explicar um pouco mais sobre expressões que serão recorrentes em minha pesquisa, como “ato político” acima mencionado, além de resistência política, empoderamento, autonomia e emancipação. A intencionalidade destas expressões é inteiramente inspirada nas construções de Paulo Freire (1979, 1984, 1986, 1991), compreendendo que a “educação é um ato político e não há prática educativa indiferente a valores.” (1991, p.20).

Portanto, será apresentado o caráter da politicidade freireana resguardando a potência emancipadora, de empoderamento e necessidade da promoção de práticas dialógicas alinhadas a um “projeto político, o perfil político da sociedade, o “sonho” político.” (1986, p. 36). Empoderar para o diálogo significa situar a “política da pedagogia – como uma atividade social que escolhe em favor da liberdade e contra a dominação, como ação cultural” (p. 64), ou seja, resistindo politicamente às práticas opressivas quaisquer sejam elas. Por isso, falaremos de conjuntura política em seu mais amplo aspecto.

Além disso, justificada a existência de uma destas histórias que me vincularam significativamente ao campo-tema pesquisado, informo que esta pesquisa foi realizada em momentos e lugares distintos e que minhas experiências pessoais foram inseridas em suas construções e análises, sejam por notas de rodapé acrescidas de vivências, no transcorrer da escrita do texto ou durante a análise dos dados fortalecendo outras perspectivas àquelas trazidas pelos participantes do grupo focal.

#### **1.4.2.2 O grupo focal à luz do construcionismo social e da investigação apreciativa**

A construção deste estudo se alicerça na abordagem qualitativa, nas conversas informais anteriormente mencionadas e em grupo focal com 7 profissionais que atuam com processos circulares e práticas restaurativas em espaços educativos e de gestão na Zona Leste da cidade de São Paulo.

Em se tratando do grupo focal, os dados foram produzidos em 18 de dezembro de 2021 das 09h às 11h00, de modo virtual, via plataforma Google Meet, conforme roteiro de perguntas que consta no APÊNDICE A. Cumpre ressaltar que, de acordo com Brigagão et al. (2014), para este estudo, a escolha da realização de apenas um encontro cumpriu o seu objetivo inicial, não havendo necessidade de condução de outros momentos, em razão do atendimento da intencionalidade de estar com os participantes ainda em contexto pandêmico, permitindo o relato de experiências de modo que o ambiente virtual se mostrasse como realidade premente, mesmo com as possibilidades advindas com o afrouxamento dos distanciamentos e o avanço da vacinação.

A confecção do roteiro de entrevista versou sobre o interesse da investigação apreciativa inspirada em Vidotto (2018), Ferraz et al. (2019), Rodrigues et al. (2019) e voltada aos objetivos do estudo em compreender como se deu o processo da aplicação das metodologias dos processos circulares e/ou práticas restaurativas no ambiente virtual. Além disso, buscou-se apresentar as (im)potencialidades destas aplicabilidades, objetivando a disseminação destas práticas para outros contextos e territórios, como veremos na descrição dos percursos metodológicos relacionados à análise dos dados.

A escolha de um método que privilegia, sobremaneira, escolhas dialógicas e grupais, bem como a corresponsabilização da produção de sentidos e pertencimentos, não se mostra aleatória e, tampouco apenas uma necessidade, no entender desta pesquisa. Nesse sentido, esta construção priorizou os encontros, redes e garantia de espaços de fala, por se tratar de uma escolha metodológica que se aproxima das metodologias pesquisadas, cuja premissa ocorre pelo respeito à fala, escuta e que pensa atuação e que promove diálogos.

Dessa forma, a partir de uma escolha de sentidos, os percursos metodológicos que construíram este trabalho se baseiam na perspectiva construcionista (GERGEN, 1985; GERGEN e GERGEN, 2010; SPINK, 2003, 2008; SPINK et. al, 2014). De acordo com Costa (2012, p. 158), os pesquisadores que se alicerçam na perspectiva construcionista “veem o que está acontecendo em grupos focais como um processo social dinâmico, em que os participantes estão engajados na construção coletiva de uma narrativa sobre um tópico”. Dessa forma,

constrói-se como premissa básica do movimento a afirmação de que a construção social do mundo a partir dos acordos e coordenações de ações entre pessoas em relação social. (GERGEN e GERGEN, 2010).

Não obstante, o grupo focal, como técnica, busca ocupar uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Assim, “pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos.” (VEIGA e GONDIM, 2001, p. 151 apud VEIGA, 2003). Diante disso, cumpre ressaltar que a pesquisa construcionista não se interessa pela procura de uma verdade que deve ser descoberta e sequer existe a pretensão de esgotar todos os aspectos do tema estudado. (CARDONA, CORDEIRO e BRASILINO, 2014. p. 135).

Dessa forma, adotar um percurso metodológico sob o viés construcionista social significa entender a pesquisa como uma prática social e que “no processo de produzir conhecimento, o pesquisador está envolvido em uma rede complexa de negociações de sentidos e práticas, presentes ou presentificados.” (RASERA, GUANAES-LORENZI e CORRADI-WEBSTER, 2016, p. 326).

Portanto, a pesquisa grupal na postura construcionista, não se trata da construção de uma pesquisa a partir de um método específico, mas sim da clareza em relação à escolha dos percursos metodológicos, uma vez que métodos de investigação diferentes constroem conhecimento de diferentes formas. Cumpre então, deixar claro ao leitor qual foi o objetivo da pesquisa e quais os caminhos e escolhas percorridos, também diz respeito à coprodução de sentidos, imprescindível à pesquisa sob o viés do construcionismo social. (MCNAMEE, 2010).

Os olhares para a construção de conhecimento da pesquisa social construcionista, ressaltam que esta produção é resultado dos intensos e diversos processos sociais que ocorrem entre as pessoas em suas comunidades, isto é, “a compreensão do mundo emerge dentro dos contextos históricos, culturais e linguísticos dos quais fazemos parte.” (SCHNITMAN, 2003; GERGEN, 2015 apud VIDOTTO, 2018, p. 39). Indo mais longe, o diálogo se torna uma das premissas da construção da pesquisa construcionista social, a partir de seu olhar para os textos científicos como uma forma de relação dentro de uma comunidade, ou seja, cada forma de apresentação e de construção diversa e coletiva, oferece possibilidades para a construção de mundo onde as relações se estabelecem dentro e fora das comunidades produtoras de conhecimento. (GERGEN E GERGEN, 2010).

Portanto, as propostas construcionistas sociais reconhecem que a forma com que a experiência do mundo é considerada por determinados sujeitos não determina os termos pelos

quais o mundo é compreendido, uma vez que os termos usados para a compreensão de mundo fazem parte de artefatos sociais que resultam das interações entre as pessoas, considerando o seu recorte histórico. Além disso, em se tratando da concepção de conhecimento não parte de uma validação empírica, mas sim dos processos sociais que o legitimam, descrevem e explicam as trocas sociais constituintes. (GERGEN, 1985).

Por este mesmo ângulo, a busca por um método de pesquisa relevante e que fizesse sentido para essa pesquisa alicerçou seus pilares na potência da igualdade de fala, tão presente nos processos circulares, nas práticas restaurativas, no cuidado em comunidade e nas compreensões construcionista, ou seja:

(...) o construcionista pergunta: “Por que não permitir que as pessoas falem por si próprias? Será que os sujeitos de nossos estudos nos autorizam a falar por eles? Acaso sabemos se concordam com as nossas conclusões?” Ao invés de escrever a respeito delas, por que não permitimos que elas mesmas retratem suas próprias vidas? (GERGEN E GERGEN, 2010, p. 88).

Dessa maneira, é importante destacar que a realização de pesquisa pelo viés construcionista permite a construção de uma visão de mundo que não é imposta. Portanto, “se o conhecimento é construído nas interações, isso inclui nossas interações no contexto de pesquisa e, deste modo, a pesquisa é um processo que transforma tanto participante como pesquisador.” (VIDOTTO, 2018, p. 39).

A partir então desse olhar que possibilita a multiplicidade de visões e construções de mundo, esta pesquisa buscou se alicerçar na construção de possibilidades de conhecimento das histórias e narrativas vivenciadas por sujeitos que se aproximam pelo tema da aplicação de círculos, práticas restaurativas, de fortalecimento de vínculo, em tempos pandêmicos em virtuais. Dessa maneira, necessária se fez a escolha dos participantes a partir de um tema de interesse comum objetivando o debate aberto e a construção de possibilidades dialogadas. (TRAD, 2009). Isso significa que:

A introdução das ideias construcionistas nas comunidades de pesquisa promove a autorreflexão, o entusiasmo e a inovação. Atualmente, as ciências sociais encontram-se num estado de extraordinária transformação e o futuro está longe de estar decidido. As ideias construcionistas favorecem o pluralismo, ou seja, múltiplas vozes, métodos e valores [...] com o pluralismo fluindo livremente, também preparamos a cena para associações e colisões criativas. Com sorte, as transformações irão continuar. (GERGEN E GERGEN, 2010, p. 88).

Nesse mesmo *continuum* de intencionalidade e aproximação das ideias construcionistas aos objetivos das práticas restaurativas, observou-se que o construcionismo social possibilita a utilização dos recursos dialógicos e conversacionais da pesquisa com processos circulares e/ou práticas restaurativas, justamente por proporcionar a valorização

positiva e criativa das novas trocas humanas e as possibilidades suscitadas nestes encontros. (VIDOTTO, 2018).

Então, o enfoque do construcionismo para um diálogo em que todos são responsáveis pela produção de sentidos, coincidiu com o objetivo desta pesquisa de pensar possibilidades de aplicação, de cuidado e de construção em comunidade. Há, portanto, uma intencionalidade efusiva no construcionismo, de produzir novos mundos a partir das práticas colaborativas. O pressuposto que alicerça o construcionismo parte da ressignificação do paradigma da crítica em consonância com a consolidação da colaboração, uma vez que a troca total e recíproca permite “encontrar, juntos, meios para a cocriação de alternativas à aniquilação mútua.” (GERGEN e GERGEN, 2010, p. 102).

Por conseguinte, a construção de entendimentos e possibilidades de ação permitem que as relações de poder possam ser distribuídas de modo a “entender a mudança social como um trabalho em conjunto com vários e diferentes grupos”. (GERGEN e GERGEN, 2010, p. 107). Não por acaso, o construcionismo promove o questionamento aberto e intencional do “*status quo*” e busca a legitimação de pontos de vista que, de outra forma, estariam marginalizados.” (p. 108). Assim, o objetivo construcionista na sociedade exemplifica-se pela seguinte afirmação:

(...) Se não quisermos que as pessoas nos imponham suas visões com relação ao bem, ou não quisermos que **os conflitos terminem em genocídio, devemos em conjunto dar início a novas investigações. Precisamos nos unir para considerar outros meios práticos de lidar com os conflitos de valor. Devemos localizar ou criar práticas eficazes para amenizar as diferenças, cruzando fronteiras e estabelecendo novas relações.** (GERGEN e GERGEN, 2010, p. 110, grifo meu).

Portanto, a compreensão da aplicabilidade de processos circulares e práticas restaurativas nos ambientes virtuais e suas implicações na promoção de espaços de acolhimento e cuidado, foram explorados por meio das falas e informações trazidas pelos participantes da pesquisa durante a realização do grupo focal. Para tanto, o recorte das atividades deve ser compreendido a partir do interesse dos pesquisados sobre os sentidos a serem construídos. (SPINK, 2010). Além disso, há que se ressaltar que a partir do viés construcionista “a linguagem em uso não representa a realidade, mas constrói a realidade”. (SOUZA, MCNAMEE e SANTOS, 2010, p. 598).

Logo, o interesse da pesquisa em compreender como as aplicações das práticas restaurativas e dos processos circulares foram e estão sendo disseminados em espaços virtuais, considerando o contexto da COVID-19 e a essencialidade prática da metodologia, permitiram a construção de produção de dados a partir da investigação apreciativa em que a intencionalidade posta é de permitir uma organização do que obteve relevância, utilidade e

funcionalidade para o grupo, buscando a valorização intencional destas ações. (SOUZA, MCNAMEE e SANTOS, 2010).

Nesse sentido, a construção de um roteiro baseado na metodologia da investigação apreciativa, permitiu alcançar falas e compreensões únicas que consideraram a elaboração da “pergunta positiva incondicional”, ou seja, a formulação de perguntas que buscaram fortalecer o potencial positivo das práticas que foram investigadas. (FERRAZ et al., 2019, p. 150).

Diante disso, a construção desta pesquisa a partir de objetivos pautados na investigação da ocorrência de processos circulares e práticas restaurativas em espaços virtuais, bem como a sistematização de estratégias de aplicação destas práticas desenvolvidas, sua análise dos impactos dos espaços de escuta para a saúde mental e o fortalecimento de redes em tempos de pandemia entre os grupos observados, se aproximam do objetivo construcionista de “descobrir formas por meio das quais as pessoas possam continuar juntas”. (WITTGENSTEIN, 1953 apud SOUZA, MCNAMEE e SANTOS, 2010, p. 599). Por conseguinte, esta escolha intencional não trata de negar a existência de problemas tampouco minimizá-los, e sim perceber que eles também são produzidos a partir da linguagem e do engajamento. (SOUZA, MCNAMEE e SANTOS, 2010).

Assim sendo, este estudo buscou ressaltar as experiências de sucesso e potencializadoras das coletividades e dos espaços dialógicos, bem como o fomento de possibilidades de aplicação para além do contexto pandêmico. No entanto, ressalta-se que os problemas e necessidades de melhoramento processual, mais tarde denominados de aplicabilidades e suas (im)possibilidades, também serão apresentados, mas a partir do viés apreciativo, que permeia toda discussão dos resultados. (COOPERRIDER e WHITNEY, 2005; SOUZA, MCNAMEE e SANTOS, 2010; FERRAZ et al., 2019; RODRIGUES et al., 2019).

Importante ressaltar também que, a coleta de dados do grupo focal se deu de forma síncrona e virtual, priorizando o cuidado evitando possíveis aglomerações, considerando o momento vivenciado. Nesse sentido, destacam-se brevemente as potencialidades e limitações da realização de um grupo focal *on-line*, considerando que desde a chegada da sociedade da informação<sup>13</sup>, muitos autores têm buscado ferramentas de coletas de dados a partir das ferramentas eletrônicas. Com o grupo focal não é diferente.

Nesse sentido, a redução de custos, a possibilidade de participantes espalhados geograficamente, além de ser uma forma confortável de apresentar suas trocas evitando

---

<sup>13</sup> Para Castells (1999), a sociedade da informação é compreendida como um **período histórico caracterizado por uma revolução tecnológica, movida pelas tecnologias digitais de informação e de comunicação**. Maiores detalhamentos serão apresentados no capítulo 4.

deslocamentos, trânsitos, dificuldades de agenda etc. No que se refere às limitações, a própria internet se apresenta com um dificultador, ou seja, somente participam sujeitos com acesso à dispositivos com rede de internet, bem como a impossibilidade de captar algumas reações não-verbais que possam contribuir com a análise dos dados. (DUARTE, 2007).

### **1.4.3 A seleção dos participantes**

Nesta pesquisa a produção de dados sobre círculos e/ou aplicação das práticas restaurativas em ambientes virtuais se deu por meio de um grupo focal, organizado de maneira virtual, ou seja, *on-line*. Dessa maneira, e como já mencionado em momentos oportunos desta construção, a escolha pelo processo grupal e dialógico comunga e se aproxima das premissas circulares e restaurativas, como também, “facilitam a expressão de ideias e de afetos.” (BRIGAGÃO et al., 2014, p. 74).

Dessa forma, a utilização do construcionismo social em pesquisas com grupos se estabelece a partir do objetivo que se espera alcançar com ele, além de não haver uma receita pronta para essa construção. Por este motivo, o construcionismo possibilita que grupos que já se conhecem e fazem parte de outro grupo possam estar em um mesmo espaço refletindo sobre suas experiências intencionalmente. (BRIGAGÃO et. al, 2014). Portanto, a perspectiva dialógica e social sustenta esta seleção de participantes considerando a vivência com o tema em seus grupos já organizados por aproximações e atuações, como é o caso de três participantes atuantes em uma mesma escola social e outros dois participantes que também atuam em outra escola social.

Para esta pesquisa, os participantes foram selecionados a partir de suas experiências e aproximações teórico-práticas com o tema das práticas restaurativas, dos processos circulares, bem como pelo recorte de atuação na Zona Leste da cidade de São Paulo, considerando a representação de grupos sociais que atuam em espaços educativos sociais, de lazer e cultura.

De acordo ainda com as referências que compõem a pesquisa social com grupos, considerando o viés do construcionismo social, o número de participantes do grupo também pode variar considerando fatores diversos, como por exemplo, o número de pessoas envolvidas em um determinado problema que a pesquisa busca investigar, de modo que, a literatura apresenta a variação entre 06 e 15 participantes. (TRAD, 2009). Ainda, grupos grandes podem comprometer a coordenação e o espaço igualitário de fala para cada um. (BRIGAGÃO et al., 2014).



Nesta pesquisa decidiu-se pela seleção de participantes representantes de grupos sociais que trabalham com educação formal e não-formal na Zona Leste de São Paulo, descritos a seguir. Os nomes dos participantes serão resguardados, assim como o local em que desenvolvem estas práticas, em razão do pedido explícito dos mesmos pela não divulgação. Tal decisão reitera a construção pautada na ética necessária para o desenvolvimento de pesquisas. Além disso, por considerarmos estas pessoas corresponsáveis na produção de dados, sentidos e caminhos desta pesquisa, os chamaremos de “participantes”.

Cada um destes participantes possui uma história de aplicação e vivência com processos circulares e/ou práticas restaurativas com grupos distintos. Brevemente, e resguardando os pedidos éticos, conheceremos um pouco mais destas experiências.

**Participante 1:** Homem, 34 anos, coordenador pedagógico de uma escola social que atende aos segmentos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio e está localizada na Vila Progresso. Trabalhou como educador social por 9 anos, assumindo a coordenação de uma escola e nos últimos 3 anos tem se dedicado às metodologias circulares e de gestão de conflitos desde 2018;

**Participante 2:** Mulher, 36 anos, coordenadora pedagógica de um projeto socioeducativo em uma escola social que atende ao segmento da educação infantil e oferece um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos no território de São Miguel Paulista. Trabalha na área social há 14 anos e nos últimos 4 anos tem se dedicado à aplicação de processos circulares e gestão de conflitos;

**Participante 3:** Homem, 33 anos, assistente social em uma escola social que atende aos segmentos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio e está localizada na Vila Progresso. Como assistente social, atua com rede socioassistencial desde 2011 e faz uso das práticas restaurativas e processos circulares desde 2018;

**Participante 4:** Homem, 29 anos, educador social desde 2018 de um Serviço Convivência e Fortalecimento de Vínculos localizado no território de São Miguel Paulista. Atua com práticas restaurativas e processos circulares desde 2018;

**Participante 5:** Mulher, 45 anos, diretora de uma escola social que atende aos segmentos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio e está localizada na Vila Progresso. Atua na educação social há 15 anos e há 10 anos vem desenvolvendo círculos e práticas restaurativas no cotidiano;

**Participante 6:** Mulher, 42 anos, coordenadora de um programa de qualidade de vida em uma instituição de educação permanente, lazer, cultura e saúde, com sede regional localizada no bairro Belenzinho. Há 15 anos se dedica à educação permanente e nos três últimos

anos incluiu em sua atuação como gestora os círculos, especialmente, com o durante a pandemia da Covid-19;

**Participante 7:** Homem, 37 anos, professor de ciências de uma escola social que atende aos segmentos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio e está localizada na Vila Progresso. Trabalha como educador há 8 anos e na pandemia da Covid-19 tem se dedicado a explorar em sua atuação a gestão de conflitos e os processos circulares.

Recordemos que este grupo de participantes foi escolhido intencionalmente por trabalharem com processos circulares e práticas restaurativas em seu cotidiano na Zona Leste de São Paulo. Estes participantes foram convidados para a pesquisa em razão do conhecimento de suas atuações pela pesquisadora, bem como de trocas cotidianas e informais sobre estes temas, o que leva a possibilidade, para além do grupo focal, da apresentação de outras narrativas e compartilhamentos que aconteceram em outros contextos que não a aplicação focalizada.

As conversas informais que aconteceram com diversas pessoas em diversos espaços (formações, trocas virtuais em plataformas de conversas como o *Whatsapp*, *Google Meeting*, *Microsoft Teams*, e-mails, palestras etc.) os participantes não serão apresentados de acordo com a descrição acima, uma vez que encontram-se em localizações geográficas diferentes da Zona Leste da cidade de São Paulo, bem como o foco deste resgate é a atuação do pesquisador como colaborador da produção de sentidos, sendo este o principal motivo das conversas informais estarem presente nesta construção.

#### 1.4.4 A análise dos dados

À vista das construções aqui já mencionadas, o objetivo desta pesquisa perpassou a utilização de grupo focal como ferramenta de pesquisa em uma perspectiva de análise que privilegia a dialogia. Para esta pesquisa privilegiou-se analisar grupos de pessoas que atuam com as práticas restaurativas, processos circulares, dialógicos e colaborativos em seu cotidiano, uma vez que, a troca grupal e alicerçada no diálogo e nas conversas cotidianas possibilitou um espaço de trocas produtor de sentidos, bem como, a diversidade de posicionamentos e vozes em estreita relação. (BATISTA, BERNARDES e MENEGON, 2014; BRIGAGÃO et al., 2014).

Nesse sentido, para a análise dos dados foram utilizadas as compreensões de Braun e Clarke (2006) e o método análise temática que permite ao pesquisador fazer escolhas ativas, flexíveis e alinhadas às contribuições construcionistas sociais. A análise temática possibilita que a determinação de temas seja proposta de diferentes formas, considerando o interesse da pesquisa, a construção teórica e categorias estabelecidas pela relação do pesquisador com o

campo-tema e as possibilidades apresentadas durante a produção dos dados. (BRAUN e CLARKE, 2006).

Cumpramos ressaltar que a análise temática possui características bastante semelhantes a procedimentos conhecidos e adotados tradicionalmente em análises qualitativas. Dessa forma, pela sua praticidade e ampla aplicabilidade pode ser aplicada em análises de dados qualitativas considerando dois tipos de abordagem: “indutiva e baseada nos dados - ou seja, que não pretende partir de uma grade pronta de categorias ou temas para analisar os dados, bem como dedutiva ou teórica - a qual parte de um conjunto preestabelecido de categorias ou temas bem definidos.” (SOUZA, 2019, p. 53). Dessa maneira, análise temática embasada em Braun e Clarke (2006), apresenta, independentemente da abordagem teórica, ferramentas analíticas “úteis que mostram de forma detalhada as experiências, os sentidos e a realidade das pessoas, sem perder sua complexidade” (VIDOTTO e SOUZA, 2020, p. 193).

Nesta pesquisa, a análise contou com a abordagem dedutiva/teórica, sendo o *corpus* de análise constituído pelas transcrições integrais das falas dos 7 participantes do grupo focal. Posteriormente, foi realizada a análise temática do material a partir de categorias que se aproximavam tanto das construções teóricas e textuais, como da experiência desta pesquisadora com a temática pesquisada. (BRAUN E CLARKE, 2006).

Tal escolha fundamentou-se na postura socioconstrucionista que “[...] preocupa-se, sobretudo, com a explicação dos processos por meio dos quais as pessoas descrevem, explicam ou dão conta do mundo em que vivem, incluindo a si mesmas” (GERGEN, 1985, p. 266). Dessa forma, para analisar os dados desta pesquisa foram consideradas as seguintes etapas: 1) transcrição integral do *corpus* dos dados do grupo focal; 2) leitura e seleção de extratos de dados que corroboraram com as construções apresentadas na construção teórica do estudo; 3) apresentação das discussões cumulando falas dos participantes, revisão teórica e conversas informais consideradas relevantes para a pesquisa e que foram incorporadas nos eixos analíticos conforme acordo com as discussões que estavam sendo levantadas.

Considerando o *corpus* integral das transcrições, foram considerados extratos dos textos que capturassem o objetivo da pesquisa vinculados à criação de categorias analíticas durante o processo de escrita teórica alinhados às experiências e vivências desta pesquisadora. Dessa forma, num primeiro movimento foi realizada a releitura integral das transcrições como forma de aprofundamento de análise. (BRAUN e CLARKE, 2006).

A análise então, conforme Braun e Clarke (2006), compreende o pesquisador com postura ativa na construção de análise, considerando sua visão de mundo, sua construção prévia de experiências e seu processo de aprendizagem. Portanto, foram destacados em cores diversas

nas transcrições de cada participantes os temas alinhados ao posicionamento da pesquisadora no que tange aos processos circulares e às práticas restaurativas.

Como já mencionado, o viés construcionista de pensar que a pesquisa também se faz a partir do cotidiano das experiências da pesquisadora, destacado por Spink (2003) acerca da declaração de que fazemos parte do campo pesquisado:

Declarar-se parte de um campo-tema é demonstrar a convicção ética e política de que, como psicólogos sociais, pensamos que podemos contribuir e que estamos dispostos a discutir a relevância de nossa contribuição com qualquer um, horizontalmente e não verticalmente. Horizontalmente, porque não há nenhuma grande verdade mantendo quentes as nossas costas; nenhum instrumento de inquisição que podemos mostrar para garantir obediência às nossas ideias. Só podemos arguir e discutir, tal como os demais. Temos algo a contribuir porque temos um mínimo de disciplina que inclui a vontade de discutir entre nós a validade daquilo que fazemos – como também fazem entre si os especialistas em transplantes de coração, os cozinheiros, os jardineiros, os pedreiros e os presidentes. Somos somente uma parte de uma ecologia de saberes, cada uma das quais partindo de um ponto distinto e pensando que tem algo a contribuir. [...]

Corroborando deste olhar e utilizando a frase da professora Laura, estes temas “foram apostas” (sic) da pesquisadora e partiram de um lugar de experiência prévia, construindo assim referenciais teóricos a partir de “a cabeça pensa onde os pés pisam”, como nos ensinou Frei Betto (2002). Dessa forma, cada um destes extratos foi separado em diferentes arquivos de word por temas e subtemas, sendo que, em cada arquivo estavam contidos os trechos destacados em cada uma das transcrições. Dessa maneira, a categorização temática sinalizou em cores diversas no *corpus* das transcrições sobre:

- 1) Experiências com círculos virtuais. Este tema abarcou as falas dos seguintes subtemas: espaços de acolhimento, espaço de diálogo, espaço de fortalecimento de vínculos, espaços preventivos em saúde mental, espaços potenciais para construção de redes e espaços de resistência política<sup>14</sup>;
- 2) Estratégias utilizadas. Para este tema selecionamos as falas relacionadas aos subtemas: ferramentas conversacionais utilizadas, necessidades tecnológicas, necessidades operacionais, desafios identificados;
- 3) (Im)Possibilidades da aplicação de círculos virtuais e dos processos de práticas restaurativas: Este tema concentrou as falas relacionadas aos subtemas: sugestões de manutenção, mudanças e futuro da aplicação, adaptações metodológicas, organização/manutenção das aplicações pós pandemia.

---

<sup>14</sup> De acordo com Aspis (2011, p.170) “inerente à noção de poder está a de resistência; é sob a ação do poder de algo que a qualidade de resistir é ativada. O poder é intrínseco às relações; resistir, portanto, não é algo que está fora das relações humanas, mas que faz parte delas.” Aqui, resistir politicamente significa dialogar em busca de relações comunitárias, suprimindo as forças que preconizam o ódio, a violência, a competição e a subalternização da vida.

Para este processo de seleção dos extratos consideramos falas dos participantes que apresentaram certo padrão de resposta entre o grupo entrevistado (convergências) ou que sinalizaram para a singularidade de opiniões (exceções), bem como para a diversidade de opiniões. (BRAUN e CLARKE, 2006; VIDOTTO e SOUZA, 2020). Nesse momento da análise conseguimos visualizar todos os temas contidos em cada uma das transcrições, bem como os extratos de todas elas em cada um dos temas. O mapa temático final (Figura 1) será apresentado no capítulo 5 “Apresentação e análise dos resultados”.

A partir daí, para a análise e discussão dos dados, verifiquei a necessidade de explicar um pouco melhor sobre o objetivo da pesquisa e resguardar os ensinamentos de Braun e Clarke, fortalecidos pela professora Laura, de que a análise temática não se configura como um resumo do *corpus* das transcrições ou do roteiro de entrevistas. Além disso, neste processo de análise dos dados, consideramos também as conversas informais e o papel ativo da pesquisadora neste processo de construção de conhecimento. Portanto, por se tratar de uma pesquisa construcionista a intenção da análise dos dados foi apresentar sobre *o que, quem, onde e como* queremos que estas informações/conhecimentos sejam úteis. (MCNAMEE, 2010).

Por isso, os temas acima mencionados foram organizados em três eixos analíticos estabelecidos a partir das experiências prévias, dos referenciais teóricos construcionista social, da investigação apreciativa, das práticas restaurativas, processos circulares e dos diálogos em saúde mental, buscando responder ao objeto, problema e objetivos desta pesquisa, sendo eles: **Sobre Intencionalidade** – retratando quais foram as experiências e objetivos dos participantes quanto ao uso das metodologias em ambientes virtuais; **Sobre Aplicabilidade** – vislumbrando compreender de que forma estas estratégias foram exercitadas, divulgadas e disseminadas; **Sobre (Im)Possibilidades:** eixo este cujo objetivo alinhou-se à investigação apreciativa de modo a se pensar a aplicação e uso destas estratégias em outros espaços e comunidades como fonte inspiradora para criação/manutenção de redes e espaços preventivos em saúde mental.

Importante destacar que além desta introdução que contém as motivações e contexto desta pesquisa, a trajetória acadêmica da pesquisadora e os percursos metodológicos, de modo a assinalar as intencionalidades e construções trazidas no decorrer da construção, a estrutura geral da dissertação está dividida em:

A **revisão teórica** se inicia no capítulo 2 com a provocativa do contexto pandêmico “Abraços impossíveis, acolhimentos imprescindíveis” com o objetivo primeiro de contextualizar o ano de 2020 e a necessidade de se pensar espaços de trocas, relacionais, pautados no diálogo e democráticos, como sinônimo de resistência. Para tanto, apresentou-se a filosofia dos processos circulares, da justiça restaurativa como um convite ao diálogo e sua

importância em espaços educativos e de gestão, bem como a utilização dos temas restaurativos, das perguntas restaurativas e dos círculos na prática presencial e virtual. O capítulo concentrou autores com pioneirismo em todas as áreas mencionadas, destacando-se Kay Pranis (2010), Howard Zehr (2018;2020), Caroline Boyes-Watson e Kay Pranis, (2011;2018), Belinda Hopkins (2011), Lima, Lima e Lima (2020).

Em seguida, o capítulo 3 disserta sobre o pensamento da saúde mental em diálogos e coletividades, pensando a potência da organização comunitária para a construção de práticas de afirmação da vida. Nesse sentido, o capítulo se estrutura a partir da construção teórica sobre o cuidado em comunidade, sob os olhares de Ailton Krenak (2020a/2020b), Achille Mbembe (2020), organizações de saúde tais como o Ministério da Saúde (2020) e a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2009). Já num segundo momento, apresentou-se um resgate histórico das redes colaborativas para o cuidado em saúde mental e as construções em tempos de pandemia que podem ser utilizadas de modo apreciativo e disseminador da cultura do diálogo independente do tempo histórico. Tais construções teóricas se deram a partir dos olhares do professor Ricardo Teixeira (2005), José Ayres (2004), Andres Antúnez (2021), Reforma Psiquiátrica e Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde mental: 15 anos depois de Caracas (2005).

Isto posto, o percurso construído para o capítulo 4 diz respeito aos ambientes virtuais e sobre o uso das TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação) como ferramenta de aproximação, conexão, cuidado e de desigualdades em espaços digitais, apresentando um paralelo entre a potência dos espaços remotos para o fortalecimento de vínculos em tempos de distanciamento, bem como a necessidade de pensar as comunidades a partir da desigualdade dos espaços digitais. Para tanto, destacaram-se nesta construção autores como Gumucio-Dragon (2004), Margarita Martínez (2014), Reinaldo Maeneja e Ana Maria Abreu (2020), Laura Quadros, Claudia Cunha e Anna Uziel (2020).

O capítulo 5 concentra a apresentação e análise dos dados conforme referenciais teóricos mencionados na sessão de percursos metodológicos. Nas considerações finais, busquei apresentar quais os resultados desta investigação e o que fica deste processo. Além disso, a intencionalidade deste momento final da escrita buscará apresentar de que forma as redes de cuidado construídas sobre as premissas do diálogo e da coletividade podem fortalecer ou não comunidades comprometidas, cumulando estas discussões às projeções futuras da aplicação destas conduções em outros espaços-tempo.

## 2. CIRCULANDO RELAÇÕES DURANTE A PANDEMIA: o contexto, os processos circulares e as práticas restaurativas

[...] E se pudermos dar atenção a alguma visão que escape a essa cegueira que estamos vivendo no mundo todo, talvez ela possa abrir a nossa mente para alguma cooperação entre os povos, não para salvar os outros, mas para salvar a nós mesmos. (AILTON KRENAK, 2020a, p. 44).

### 2.1 BRASIL, 2020

O ano é 2020. Janeiro se vai, entra fevereiro com algumas notícias das intempéries relacionadas ao Novo Coronavírus<sup>15</sup> que afeta a China. Na última semana do segundo mês do ano, um país um tanto quanto mais amedrontado, recebe a notícia do primeiro caso confirmado do Brasil da infecção do Coronavírus. Era 26 de fevereiro. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Não demorou muito para os casos se multiplicarem, a rotina ser modificada, os olhares se distanciarem, o medo impossibilitar o abraço e as trocas virtuais viraram a forma de tocar o outro.

Para Santos (2020, p. 10) as reflexões sobre o momento afirmavam que “(...) a pandemia é uma alegoria. O sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causadas por um inimigo invisível.” Nesse sentido, a pandemia chegou ao Brasil repercutindo em contextos epidemiológicos, bem como impactando consideravelmente as vivências sociais, econômicas, políticas, culturais e históricas do país. (MINAYO e FREIRE, 2020).

Em consonância aos altos índices de morte cada vez mais alarmantes e a contaminação em massa impactou o sistema de saúde, expondo ainda mais as desigualdades que assolam as populações e grupos mais vulneráveis. Além disso, o sistema econômico e financeiro, a crise de saúde mental desencadeada pelo isolamento e o prejuízo de acesso à alimentação, transporte,

---

<sup>15</sup> ANAHP, 27 de janeiro de 2020: Veja o que se sabe até agora sobre o coronavírus chinês. No dia 31 de dezembro de 2019, a OMS (Organização Mundial da Saúde) foi alertada sobre vários casos de pneumonia em Wuhan, na província de Hubei, na China. O vírus não parecia ser conhecido. Uma semana depois, em 7 de janeiro, as autoridades confirmaram a identificação de um novo vírus que está sendo chamado temporariamente de 2019-nCoV. A OMS está trabalhando com as autoridades chinesas e especialistas do mundo todo para saber mais sobre esse vírus, como ele afeta as pessoas, como deve ser o tratamento e o que os países podem fazer para responder a essa crise. Até domingo (26), 80 pessoas morreram e cerca de 2.000 tiveram confirmação da infecção. Centenas de milhões de pessoas devem se deslocar pelo país nesta semana para celebrar o Ano-Novo chinês. China, Taiwan, Hong Kong, Tailândia, Japão, Coreia do Sul, Vietnã, Singapura, EUA, França, Nepal, Austrália, Malásia e França já registraram casos do vírus. Não há casos no Brasil. Notícia completa em: <https://www.anahp.com.br/noticias/noticias-do-mercado/veja-o-que-se-sabe-ate-agora-sobre-o-coronavirus-chines/>

entre outros, foram amplamente discutidos considerando os âmbitos relacionais, ético e de direitos humanos. (BRASIL, 2020).

As palavras de Silva, Santos e Soares (2020) caracterizaram o momento vivido pela rápida substituição – e sem qualquer processo adaptativo - de relações presenciais, por afetos em telas ou janelas. Foi preciso reinventar, adaptar hábitos e preencher o tempo com uma outra vida. Dessa forma, o momento de isolamento e agravamento das crises não olhadas dificultou ainda mais os entraves desiguais e violentos do país.

A pandemia não afetou somente a saúde de milhões e milhões de pessoas, mas provocou intensas mudanças e reflexões ambientais, políticas e de luta e resistência por políticas públicas e governos comprometidos. Nesse sentido, a pandemia exigiu dos representantes de governo estratégias comprometidas com o evitamento do crescimento da curva e do contágio, bem como de suporte e apoio às comunidades e populações, considerando as especificidades culturais, políticas e de desenvolvimento econômico prezando pela vida. (GUIMARÃES e PINHEIROS, 2021).

As discrepâncias e desigualdades foram retratadas nos escritos de Boaventura de Sousa Santos (2020, p. 15) ao afirmar que:

Qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros é impossível para um vasto grupo de cuidadores, cuja missão é tornar possível a quarentena ao conjunto da população. (...) analiso outros grupos para os quais a quarentena é particularmente difícil. São os grupos que têm em comum padecerem de uma especial vulnerabilidade que precede a quarentena e se agrava com ela. Tais grupos compõem aquilo a que chamo de Sul. Na minha concepção, o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual.

No entanto, no Brasil, outros fatores relacionados às condutas adotadas pelo Governo Federal, do Presidente Jair Bolsonaro, enfatizaram desde o começo da pandemia, forte apelo ao negacionismo científico<sup>16</sup> e ações inábeis na condução da crise sanitária, com vistas ao fortalecimento do processo de acumulação capitalista, importando, prioritariamente, a

---

<sup>16</sup> De acordo com Morel (2021, p.3) “o termo negacionismo tal como o entendemos hoje começou a ser utilizado pelo historiador francês Henry Rousso (1990) ao se referir àqueles que negavam o holocausto promovido pela Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial. Era preciso distinguir o trabalho corriqueiro do historiador – o questionamento permanente das interpretações históricas – da negação de fatos estabelecidos, partindo de métodos escusos como a falsificação, o ataque, o descrédito do testemunho de sobreviventes etc. O negacionismo não poderia ser chamado, então, de ‘revisão histórica’, como reivindicavam aqueles empenhados em negar crimes hediondos contra minorias, pois não se tratava de revisar e debater em razão de controvérsias, mas sim produzir confusão intencional e silenciamento.” [...] No Brasil, na pandemia alguns dos argumentos diziam que caixões funerários estavam sendo enterrados vazios, ou que o número de casos divulgados pelas secretarias estaduais de saúde estava fraudado, pois os hospitais estariam vazios e as entidades de saúde fariam laudos falsos sobre os óbitos por Covid-19.”



manutenção dos lucros. Nesta mesma perspectiva Guimarães e Pinheiros (2021) ressaltam que as crises e desigualdades intensificadas pelo advento da Covid-19 indicaram a incompetência do governo federal na escolha de estratégias de contenção e isolamento, bem como, na indicação de tratamentos sem qualquer eficácia à população.

Neste caminho, Carrion (2020) apresenta que o perfil do Presidente Bolsonaro que, emergiu na gestão da pandemia do Coronavírus, revelou a presença de cumulativos atributos inerentes à prática política do fascismo. A autora completa (p. 253) declarando que:

O Presidente Bolsonaro tem se comportado na gestão da pandemia da Covid-19, como o ressentido que luta contra tudo e todos que "ousam" não se submeter a sua vontade. Em sua conduta destaca-se a ausência de pudor em refutar os princípios da ciência, em ferir o decoro e, em **faltar com o respeito ao direito à diversidade, princípio este básico à manutenção da ordem democrática**. Sua conduta lembra a do ressentido que faz uso do ressentimento e da vulnerabilidade do povo para obter mais e mais poder. (grifo meu)

Ainda, sob a perspectiva de Guimarães e Pinheiros (2021), o autoritarismo e a inexistência de diálogos com outras bases pensantes que discordaram do posicionamento do governo, desencadearam uma série de crises dialógicas, para além da sanitária, culminando em instabilidades e intensificação das inseguranças e incertezas em tempos tão prejudicados. Para Alves e Cunha (2021), a democracia representativa nacional enfrenta uma terrível crise política, social e econômica que comprometeu significativamente as bases do Estado Democrático de Direito.

Há, portanto, a necessidade de compreender o contexto do golpe de Estado de 2016, que usurpou, inconstitucionalmente, o mandato da então Presidente Dilma Rousseff e outorgou-o ao Vice, Michel Temer, para que possamos entender como Jair Bolsonaro, implantou no Brasil um governo “autoritário e antipopular com graves agressões aos direitos e liberdades públicas previstas na Constituição Federal, em especial, os **direitos de expressão e manifestação do pensamento**, reunião, protesto, crítica, assim como liberdade jornalística, científica e artística.” (ALVES e CUNHA, 2021, p. 2021, grifo meu).

De acordo com Ribeiro (2020), o Bolsonarismo e sua ênfase na mobilização da linguagem da violência, do ódio e da morte como ativos políticos consolidou uma economia política cada vez mais excludente e a reprodução da morte tornou-se a regra do jogo, o que significa que “cada um pensa, fala e age como quer. Isto se opõe frontalmente às noções de democracia, direitos humanos e esfera pública.” (p. 483).

Toda esta construção histórica afetou o campo popular, os diálogos e as tomadas de decisões da população. Sendo assim, é fato que, no atual governo, foram restringidas ou eliminadas por meios de reformas constitucionais e legislativas, conquistas sociais obtidas na

Constituição sem qualquer diálogo ou negociação com os principais interessados e atingidos – os cidadãos brasileiros. Por isso, espaços em que o exercício da construção de consenso, do diálogo e do respeito aos múltiplos pontos de vista estejam sendo fortalecidos, se apresentam como resistência política aos retrocessos recém-apresentados. (ALVES e CUNHA, 2021).

E, neste contexto, considerando a intensa negligência à vida, diversidade humana e aos diálogos plurais que construíram muitos avanços de nossa sociedade, começou-se a ser construídas bibliografias, estudos e atuações práticas referenciadas por instituições comprometidas com a promoção de saúde da comunidade<sup>17</sup>, apresentaram a grande influência da pandemia sob os comportamentos e suas relações às redes de apoio psicossociais e à saúde mental.

Nesse sentido, a estimativa dos estudos citados por Brasil (2020), confirmavam que pelo menos um terço ou metade da população exposta a uma epidemia pode apresentar alguma manifestação psicopatológica, se desconsiderarmos a promoção de espaços de cuidado, escuta, relaxamento e acolhimento como ferramentas de expressão das dores do momento. Além disso, muitos são os fatores os impactos psicossociais que se relacionam diretamente com o grau de vulnerabilidade e exposição dos sujeitos. Isso significa que, quanto maior o desamparo social e a violação de direitos, maior será a probabilidade de impacto e reações diante desta crise sanitária.

Mas, apesar de todos os percalços enfrentados nesse caminho de sofrimento, morte e desconsideração da vida alheia por um número significativo de pessoas, a pandemia também fez despertar a solidariedade e o senso de cooperação em várias comunidades. Nesse sentido,

---

<sup>17</sup> Destaca-se a relevância da ciência brasileira, fortalecendo pesquisas como a COVIDpsiq (2020) – pesquisa científica que mapeia a evolução de sintomas emocionais durante a pandemia, bem como, Monitoramento da evolução da sintomatologia pós-traumática, depressão e ansiedade durante a pandemia de covid-19 em brasileiros. A equipe é formada por médicos psiquiatras, psicólogos, professores, residentes e alunos de graduação e pós-graduação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Os resultados da primeira fase da pesquisa estão disponíveis em: <https://www.covidpsiq.org/resultados>. O Relatório sobre tristeza / depressão, nervosismo / ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19 produzido por Barros et al. (2020), também aborda o assunto analisando a frequência de tristeza, nervosismo e alterações do sono durante a pandemia de COVID-19 no Brasil, identificando os segmentos demográficos mais afetados. A pesquisa completa está disponível em: [10.1590 / s1679-49742020000400018](https://doi.org/10.1590/s1679-49742020000400018). A pesquisa, conduzida por De Boni et al. (2020), Depressão, ansiedade e estilo de vida entre trabalhadores essenciais: uma pesquisa na web do Brasil e da Espanha durante a pandemia do COVID-19, analisa o impacto da pandemia na saúde mental de trabalhadores essenciais. Maiores informações em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33038075/>. A ConVid Pesquisa de Comportamentos (2020) realizada pela Fundação Oswaldo Cruz em parceria com a Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG indica que cerca de 40% dos brasileiros se sentiram tristes ou depressivos em algum momento da pandemia. A pesquisa na íntegra pode ser acessada em: <https://convid.fiocruz.br/>.

construções comunitárias, coletivas, de escuta e empatia foram e estão amenizando e criando redes de apoio a quem mais precisa nesse momento. (SILVA, SANTOS e SOARES, 2020).

Tais ações comunitárias reiteram construções teóricas sobre a importância da esperança, mesmo em tempos nebulosos. Nesse sentido, imprescindível se faz sempre resgatar o olhar de Paulo Freire (1992) e a esperança aliada à ação crítica e construtora de pontes, tão necessária nestes tempos atuais. Por isso, há que se ter esperança do verbo esperar, que se levanta, que não desiste e que permite “juntar-se com outros para fazer de outro modo” (p. 111).

Nesta construção, as possibilidades de esperança do momento pandêmico, puderam resgatar os saberes freirianos acumulados às indicações de promoção de acolhimento pautadas no diálogo, na escuta ativa e nas redes de apoio. A ação humanizadora das composições dialógicas justifica que “sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos “seres para si”. (FREIRE, 1983, p. 28). Sendo assim, vê-se no diálogo preponderância para a humanização das relações de todos os envolvidos, respeitando as singularidades, ou seja, “este encontro amoroso não pode ser, por isto mesmo, um encontro de inconciliáveis.” (FREIRE, 1983, p. 28).

Assim sendo, a humanização tão presente nos escritos de Freire, também esteve presente nas orientações da ciência neste momento de pandemia. As recomendações gerais perpassaram o reconhecimento de acolhimento dos medos, incertezas e colocaram o diálogo, as conversas, redes de apoio, autocuidado e gerenciamento das emoções como fundamentais e possibilidades de cuidado. Com isso, as redes socioafetivas e as possibilidades de fortalecimento emocional, em ambiente virtual, ganharam destaque em processos educativos em pedidos explícitos, como por exemplo, “evite o isolamento junto a sua rede socioafetiva, mantendo contato, mesmo que virtual”. (BRASIL, 2020, p. 04).

Nesse contexto, as recomendações e discussões acerca dos cuidados em saúde mental se configuraram imprescindíveis e promoveram intensos debates em todo o planeta. E percorrendo este caminho, faz-se necessário destacar que, sim, estes cuidados dizem respeito aos atendimentos especializados, mas também se dão nas construções e ajudas humanitárias que ocorrem no cotidiano das relações. Isso significa que as necessidades psicossociais podem ser manejadas por pessoas não especializadas, de modo que esse fortalecimento emocional construa, reconstrua e ressignifique o senso de pertencimento das comunidades e ampare os sofrimentos de forma genuína. (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2009).

Desse modo, em uma sociedade imensamente assolada pela pandemia, com redes socioafetivas e de encontros intensamente prejudicados, falar, cuidar e olhar, mesmo que

virtualmente, se assegurou como uma possibilidade de grande esperança e acolhimento em meio ao caos. É por este caminho que esta pesquisa caminhou, ou seja, pela proposição de diálogos por meio do que se denomina processos circulares, práticas restaurativas e conversacionais. A seguir, conduziremos a construção teórica do objeto de pesquisa deste trabalho: os círculos.

## 2.2 PROCESSOS CIRCULARES – circulando a palavra e a vida

O recorte teórico sobre processos circulares e o uso das práticas restaurativas em ambientes educacionais, bem como na estratégia de gestão constroem a teia central de sentidos de construção deste objeto de pesquisa por três motivos: 1) por se tratar da vivência desta pesquisadora enquanto psicóloga de uma escola social; 2) pelo desejo de aperfeiçoamento e aprofundamento enquanto profissional que atua diretamente com a temática em diversos espaços; e 3) por considerar a atuação com estes temas premissa fundamental de atuação dos convidados à participação no grupo focal da pesquisa em questão, reafirmando assim o objetivo de construção de redes de saberes que possam ser utilizados *a posteriori*.

Então, as questões aqui colocadas, à luz do construcionismo social que preconiza que a realidade se dá por meio da dinâmica relacional, os referenciais iniciais deste percurso concernem a minha vivência enquanto facilitadora. Foi nesta teia vivencial que conheci as práticas restaurativas por meio de referências como Belinda Hopkins<sup>18</sup> e suas obras *Just Schools – Approach to Restorative Justice* (2004) e *Práticas Restaurativas em Sala de Aula* (2011).

Além disso, as contribuições de Kay Pranis<sup>19</sup> em *Processos Circulares* (2010), Kay Pranis e Caroline Boyes-Watson em *No Coração da Esperança – Guia de Práticas Circulares* (2011), Kay Pranis e Caroline Boyes-Watson em *Círculos em Movimento* (2018), foram essenciais para o caminho trilhado até aqui, por também se tratarem da minha vivência prática, formativa, além de me aproximarem dos participantes deste estudo por inúmeros motivos: participação em cursos de formação, pós-graduação, introdução ao tema na atuação de gestão, formações e trocas virtuais durante a pandemia, dentre outros.

---

<sup>18</sup> Belinda Hopkins é diretora do *Transforming Conflict* e pioneira na aplicação de princípios restaurativos no contexto escolar, no Reino Unido. No Brasil, sua contribuição tem sido amplamente divulgada pela equipe do Justiça em Círculo mais adiante apresentada.

<sup>19</sup> Kay Pranis é instrutora e facilitadora de Processos Circulares no mundo todo. De 1994 a 2003 desempenhou, no Departamento Correccional de Minnesota, as funções de Planejadora de Justiça Restaurativa. Trabalhou com as lideranças de normas correccionais, da Polícia, dos Tribunais, de associações de bairro, comunidades religiosas e escolas desenvolvendo uma resposta ao crime e ao conflito, com base na Justiça Restaurativa. Atua no desenvolvimento de Processos Circulares para o sistema judiciário, escolas, vizinhanças, famílias e empresas. Saiba mais em: <https://www.palathena.org.br/kay-pranis/>.

Por conseguinte, e brevemente apresentando, muitas destas atuações foram apreendidas a partir das contribuições da equipe Justiça em Círculo<sup>20</sup> e suas produções teórico-práticas que possuem um vasto campo de atuação no Brasil. Desde 2006, a equipe vem implantando projetos de Justiça Restaurativa desenvolvidos em diferentes pontos do país, isto é, “no estado de São Paulo, participamos dos projetos de Heliópolis, Diretoria Estadual de Educação de São Paulo Centro-Sul, Guarulhos, São Caetano do Sul - SCS, Campinas, São José dos Campos e Barueri” (PEDROSO e BURG, 2014, p. 185). Foi em 2009 que a equipe do Justiça em Círculo conheceu se aproximou do trabalho de Belinda junto às Escolas no Reino Unido. (PEDROSO e BURG, 2014).

Este breve histórico se torna importante para esta pesquisa justamente por conter em suas linhas o caminho percorrido para que estejam devidamente contextualizadas as fontes teóricas que respaldam a atuação desta pesquisadora. Considerando então a abordagem e aplicabilidade destas teorias em contexto educacional, por meio de Celia Bernardes<sup>21</sup>, conheci o repertório teórico de Belinda Hopkins e Kay Pranis e, dessa forma, a construção que segue este capítulo trata de um recorte e um ponto de vista, como afirma Leonardo Boff (2006, p. 02):

Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação.

Dito isso, as concepções aqui apresentadas sobre processos circulares baseiam-se na experiência datada do início da década 1990, em Yukon, Canadá – “região subártica onde habitam diferentes etnias indígenas, em área fronteira com o Alasca e a província de Colúmbia Britânica.” (PRANIS, 2010; SILVA NETO, 2021, p. 46). Esta experiência diz respeito aos *peacemaking circles*<sup>22</sup> que em tradução literal significam círculos de pacificação. Pacificação<sup>23</sup>,

<sup>20</sup>A missão e história da equipe Justiça em Círculo estão disponíveis em: <https://mediativa.org.br/equipe-justica-em-circulo/>.

<sup>21</sup>Para saber mais sobre Celia Bernardes acesse: <https://mediativa.org.br/quem-somos/mediadores/celia-bernardes/>

<sup>22</sup> Em tradução literal os *peacemaking circles* significam círculos de pacificação, sendo traduzidos para a língua portuguesa como círculos de construção de paz. As incoerências terminológicas relacionadas à construção de paz serão apresentadas neste capítulo que tratará da experiência relatada na obra *Peacemaking Circles – From Crime to Community* de autoria da ativista comunitária Kay Pranis, do juiz Canadense Barry Stuart e de Mark Wedge, “membro da Primeira Nação Carcross/Tagish, localizada no território de Yukon, que atua como mediador, facilitador e instrutor de processos circulares no sistema de justiça e em comunidades de seu país, dos Estados Unidos e internacionalmente” - onde o juiz Barry Stuart conheceu a aplicação da cerimônia dos círculos. (SILVA NETO, 2021, p. 52).

<sup>23</sup> Não aprofundaremos, nesta discussão, as incoerências da pacificação no Brasil, mas reconhecemos que este campo é contraditório e complexo. É possível saber mais em Oliveira (2016).

segundo Oliveira (2016), compreende as formas de “civilizar”, “incluir” e “intervir” em contextos sociais marginalizados e portadores do status de territórios violentos. Dessa forma, a tradução literal para a língua portuguesa de *peacemaking circles* para círculos de pacificação acabou por desencadear questões terminológicas referenciadas, inclusive, pelos processos histórico-sociais<sup>24</sup> da compreensão do termo pacificação no Brasil.

Por esta razão, as traduções de obras já bastante difundidas em território brasileiro, como é o caso de *Processos Circulares de Construção de Paz* de Kay Pranis (2010), acabaram por utilizar uma adaptação desta livre tradução considerando então o uso do **termo processos circulares de construção de paz** como uma forma ‘aproximada’ do objetivo dos *peacemaking circles*, desencadeando assim, além das incoerências terminológicas, desdobramentos acerca da utilização da expressão ‘construção da paz’ associada aos processos circulares.

Nesse sentido, nas obras originais de Kay Pranis que foram traduzidas para a língua portuguesa não são identificados os sentidos de construção de paz que foram (e ainda são) difundidos em contexto brasileiro<sup>25</sup>. Dito isso, e por razões fundamentadas, esta pesquisa se utiliza apenas da expressão processos circulares e/ou círculos virtuais objetivando resguardar o mais próximo possível da tradução, sem incoerências terminológicas, os *peacemaking circles*.

No entanto, embora não seja o objetivo desta pesquisa esmiuçar os imbróglis advindos das incoerências terminológicas supramencionadas convém apresentar a correlação dos processos circulares com o campo da construção de paz (*peacebuilding*), justamente por considerarmos a ampla divulgação de ‘processos circulares de construção de paz’ junto à comunidade que aplica a metodologia. De acordo com Schirch (2019, p. 09), construção de paz significa a coordenação estratégica de ações que buscam "prevenir, reduzir, transformar e ajudar as pessoas a se recuperarem de todas as formas de violência". Nesse mesmo sentido, construção de paz se trata de um campo abrangente e aprofundado (2019, p. 11), como nos lembra a professora:

Construção de paz não é sinônimo de **transformação de conflitos, mitigação, gestão, resolução e transformação de conflitos, utilizam conjuntos semelhantes de habilidades e processos criados para desenvolver relações** e abordar as raízes do conflito por meio de diálogo, mediação e negociação. No entanto, o campo da **construção de paz inclui uma variedade muito maior de processos.** (Grifo meu).

<sup>24</sup> “Na história do Brasil, o emprego do termo “pacificação” tem sido recorrente, embora diversificado no tempo e no espaço. Os primeiros alvos dos processos de pacificação foram os povos nativos, desde o início do período colonial (1500-1822). De forma geral, esse processo de “conquista” era executado por missionários (especialmente jesuítas) e combinava, em diferentes graus, a repressão explícita (envolvendo a escravização, o batismo forçado ou a efetiva execução) [...]” (RODRIGUES E MACIEL, 2019, p. 13).

<sup>25</sup> Fato este trazido pelo professor Nirson Medeiros da Silva Neto durante o exame de qualificação desta pesquisa. Nirson possui mais de 10 anos de estudos e vivências práticas com o tema e esteve com Kay Pranis quando do aprendizado desta informação.

Para o professor Zehr (2020, p. 107) a “visão do campo da construção de paz se assemelha a um grande guarda-chuva.” Nesse sentido, a definição de construção de paz “é que ela trata de construir e manter relacionamentos saudáveis e de restabelecer aqueles que foram danificados” e, dentro dessa perspectiva, a Justiça Restaurativa pode ser vista **como uma metodologia** com contribuições específicas, sendo elas (2020, pp. 107-108, grifo meu):

1. Reconhecimento de que o conflito envolve injustiças que devem ser enfrentadas;
2. Uma compreensão relacional da ofensa, que focaliza o impacto sobre as pessoas e os relacionamentos, ao invés de se fixar nas regras que definem a ofensa;
3. Um conjunto de princípios que nos guiam quando um dano ou ofensa acontece;
4. Um grupo de práticas específicas que, embora utilizem certas habilidades semelhantes àquelas empregadas na resolução de conflitos, permite aos participantes nomear e tratar dos danos sofridos e das obrigações que resultam deles.
5. Fundamentação explícita em valores e princípios centrais que guiam o processo e são fundamentais para a saúde dos relacionamentos.

Dito isso, é possível afirmar que os processos circulares estabelecidos para a resolução de conflitos por meio de ferramentas dialógicas – assim como as práticas restaurativas apresentadas mais adiante - podem ser incluídas como estratégias utilizadas para construção de paz. No entanto, o campo do *peacebuilding* é composto por uma ampla gama de processos, e, nem sempre é possível vincular sentido e intencionalidade às ações com círculos virtuais ou práticas restaurativas. Tal afirmação poderá, inclusive, ser mais bem observada na transcrição do grupo focal desta pesquisa (APÊNDICE A), uma vez que, muitos dos círculos que utilizaram a abordagem acima mencionada estiveram ligados ao acolhimento, apoio e troca sem necessariamente vislumbrar intervenções relacionadas à construção de paz.

Voltando então aos processos circulares ou *peacemaking circles*, aqui consideraremos os estudos e a vivência do juiz canadense Barry Stuart com lideranças de grupos ameríndios, na década de 1990, bem como as experiências destes povos a partir de suas profundas e atuais lutas contra os processos de colonização, como apresenta Silva Neto (2021, p. 46):

“[...] a inconformidade dos povos originários, as chamadas Primeiras Nações, que então reivindicavam adequações no modo como seus membros eram tratados pelo sistema burocrático-legal introduzido pelo colonizador, que distava das tradições ancestrais por eles compartilhadas. Da relação estabelecida pelo juiz com membros dos povos originários que vivem naquele território, resultou a utilização em procedimentos judiciais de resolução de conflitos dos *peacemaking circles*, abordagem inspirada em práticas ameríndias de reunião, celebração e tratamento de conflitualidades e atos danosos ocorridos na comunidade.

De acordo ainda com Silva Neto (2021), sobre a relação com o juiz Barry Stuart, a liderança Tlingit da Primeira Nação Carcross/Tagish Harold Gatensby<sup>26</sup> (2022) conta como ocorreu esta aproximação. Harold e seu irmão Phil Gatensby utilizam a cerimônia dos círculos

---

<sup>26</sup> Saiba mais sobre Harold e Philip Gatensby em <https://www.restorecircles.love/people>.

desde a década de 1980 para tratativas de conflitos, tanto sob a lente preventiva, quanto de enfrentamento considerando o *locus* intracomunitário. Considerando esta experiência, em dado momento, Barry Stuart contatou Harold:

O sistema de justiça criminal e de punição da Rainha da Inglaterra, no Canadá, não é o nosso caminho ancestral. Nossos ancestrais deixaram a punição para ao Grande Mistério, que era a lei Tlingit. A lei de nossos ancestrais era para a paz e uma comunidade forte. No Norte tínhamos que nos dar bem e trabalhar juntos ou nunca sobreviveríamos ao inverno. Nos dias de nossos ancestrais, a comunidade vinha antes do indivíduo. O bem-estar da comunidade era primordial. A lei Tlingit é a lei matriarcal, a lei Tlingit é a lei comunitária. Se você não pudesse viver pelas leis comunitárias da matriarca, então você não poderia ficar na comunidade. A lei matriarcal Tlingit, a partir de minha própria experiência é muito melhor do que o sistema de justiça da Rainha. O sistema de justiça da rainha me colocou na prisão, prisão de adultos, quando eu tinha 15 anos, me mandou 1500 milhas de distância de casa para me punir, e eles me puniram. A punição me deixou com raiva, amargo e ressentido da autoridade e eu carreguei isso comigo uma boa parte da minha vida adulta. [...]

Um dia, há muitos anos, um juiz chamado Barry Stuart se aproximou de mim em um dia de tribunal itinerante [uma vez a cada dois meses] em Carcross e perguntou se eu sabia de alguma coisa que pudesse ajudar a fazer a diferença. Ele estava cansado de ver as mesmas pessoas na frente dele no tribunal várias vezes, e ele me perguntou se eu sabia de algo que pudesse ajudar. Eu respondi sem hesitar que sabia. O juiz então começou a fazer um plano de treinamento para preparar as pessoas para participar. Ele disse que faríamos um treinamento e começaríamos em 6 meses. Minha resposta ao juiz foi que precisávamos começar hoje. Era a cerimônia do círculo que queríamos apresentar aos tribunais, já sabíamos que teria um impacto positivo. Relutantemente, o juiz concordou. Saímos na comunidade e convidamos as pessoas a virem participar do nosso tribunal comunitário do círculo. Cerca de 25 pessoas de nossa comunidade de cerca de 300 compareceram no tribunal e começamos nosso processo de círculo de sentenciamento. A comunidade recebeu voz na instituição de Justiça, e fez uma diferença positiva para todos os participantes. Nossa comunidade sentenciou os primeiros participantes do Tribunal do Círculo, e nós sentenciamos dois homens a dar algo de volta à nossa comunidade por suas ofensas. Nós, como comunidade, também percebemos que esses homens e outros precisavam de apoio, então criamos um grupo de trabalho do círculo comunitário para apoiar uma comunidade mais saudável. Nosso grupo de apoio ao círculo começou a se reunir em bases semanais e fez um trabalho incrível para um futuro mais saudável para todos nós. Todo o trabalho que a comunidade fez foi voluntário, e trabalhamos duro. Trabalhamos com a polícia, trabalhamos com agentes penitenciários, trabalhamos com os promotores, trabalhamos com as vítimas e criminosos, trabalhamos com as famílias, e todos foram bem-vindos a participar. Nossa comunidade construiu uma relação de trabalho com as pessoas das instituições. Nosso grupo de trabalho comunitário olhou para trás depois de 4 anos trabalhando juntos e percebeu que tínhamos reduzido a reincidência em cerca de 85% e nenhum jovem infrator nos tribunais por 4 anos, algo que todos devemos nos orgulhar como uma comunidade. (Tradução de SILVA NETO, 2021, pp.47-48).

Posteriormente a estes movimentos de conhecimento, possibilidades e aprendizado, tal fazer associou-se à justiça restaurativa constituindo os então chamados círculos de construção de paz ou processos circulares, “disseminando-se por diversos outros lugares, inclusive no Brasil, em função das publicações e ativismo de Kay Pranis, assim como, de outros militantes do movimento restaurativo.” (SILVA NETO, 2021, p. 47).



O círculo é o que Kay Pranis (2010), apresenta a partir das experiências supramencionadas, como as tecnologias da convivência que se baseiam na geometria circular, ou simplesmente, processos circulares. Como já apresentado, estes processos são utilizados por povos originários considerando a forma como estas comunidades se reúnem para resolver seus problemas, se apoiar e estabelecer vínculos. Segundo a autora “reunir-se numa roda para discutir questões comunitárias importantes é algo que faz parte das raízes tribais da maioria dos povos”. (2010, p. 19).

Nesse sentido, os processos circulares têm por inspiração concepções e práticas indígenas, com profundas relações com o mundo natural. (SILVA NETO, 2021). Na obra *Peacemaking Circles – From Crime to Community* (2003, p. 60-61) Mark Wedge, membro da Primeira Nação Carcross/Tagish, localizada no território de Yukon, apresenta esta correlação a partir do Círculo da Vida:

Os Círculos são modelados a partir dos ciclos naturais do universo. As comunidades sempre usaram alguma forma de Círculos, e muitas ainda usam Círculos em suas vidas diárias. Quando criança, lembro da minha mãe falando da relação que todas as pessoas têm com a Terra. Ela falou sobre como nos movemos com a Terra e a criação, e que todas as coisas se movem em círculos. Ela falou sobre as rodas da vida e como nos movemos com os animais. Passamos a primavera perto dos rios com peixes e castores, depois nos mudamos para os lagos e pântanos para acessarmos frutinhas e peixes dos lagos, e depois para as montanhas para caçar os animais maiores e conseguir comida para o inverno, depois para os vales a fim de encontrar animais de pele. Ela se referia às rodas da vida, a como todas as pessoas fazem as voltas da vida. Nossa vida vai da entrada neste mundo, vindos do mundo espiritual, até voltarmos ao mundo espiritual. Isto é conhecido como o Círculo da Vida. Em nossa mitologia da criação, nossas histórias refletem como a vida é iniciada por padrões circulares, como o sol, a lua e o universo são círculos; a fogueira na neve estabelece um círculo; quando soltamos uma pedra na água, as ondulações fazem círculos. [...] (PRANIS, STUART e WEDGE, 2003, pp. 60-62 traduzido por SILVA NETO, 2021).

E, nesse contexto de ciclos naturais do universo como não lembrar das danças, músicas, oralidades, rituais, coletividade e presença que também fazem parte deste constructo de vivências dos povos originários.<sup>27</sup> Nesta mesma perspectiva de referências, Ailton Krenak (2020a), alicerça que narrativas dos povos originários são cheias de conhecimentos e sabedorias necessárias à construção de um mundo colaborativo, comunitário e imprescindível aos tempos atuais.

---

<sup>27</sup> Apesar de estarmos falando a partir de outras referências, lembrei-me aqui do Kuarup. No início da pandemia, ouvindo o psicanalista Ricardo Hirata falar sobre a importância dos rituais circulares para a promoção de saúde mental, consegui fazer esta associação que também se tornou objetivo específico desta pesquisa. Por isso, lembrei-me do Kuarup que é uma cerimônia anual que congrega grupos de 16 etnias e convidados na Terra Indígena do Xingu, no Mato Grosso, cujo objetivo se dá pela despedida dos mortos e encerramento do período de luto.” Confira mais em <https://amazoniareal.com.br/em-tempos-de-pandemia-rituais-funerarios-como-o-kuarup-requerem-dialogo/>.

No entanto, de acordo com Krenak (2020a), estes conhecimentos não entusiasmam e progridem no contexto da sociedade, bem como são cotidianamente apagadas em favor de um discurso dominante e globalizante que conta a mesma história para todo mundo. Portanto, estes questionamentos também foram importantes para a compreensão desta pesquisa sobre de que forma estes conhecimentos podem ser associados ao mundo contemporâneo, uma vez que são produzidos nesta realidade e atualidade que exige de nós olhar crítico e integral.

Como anteriormente mencionado, o método circular possui em suas raízes o objetivo de congregar as pessoas e buscar entendimento mútuo. O poder desta tradição foi sendo adaptado, difundido e aplicado a outros contextos, a partir de uma aproximação de outros conceitos também contemporâneos de democracia, da busca por uma sociedade inclusiva e das respostas relacionadas à complexidade da vida social. (PRANIS, 2010).

Os fundamentos teóricos de Ailton Krenak (2020b) apontam a utilização de ferramentas conversacionais e de circularidade, pautadas em valores tão fundamentais para o momento pandêmico, como escuta e respeito, se consolidam em tempos em que o distanciamento da humanidade dos valores de solidariedade e construção em equilíbrio permitiram e permitem que as grandes corporações se apropriem da Terra sem compromisso algum com a preservação da vida e seu equilíbrio.

Nesse sentido, as soluções artificiais e farmacológicas engolem a vida esteja ela em que lugar estiver, em prol de um modelo de progresso imposto como sinônimo de bem-estar no mundo. O resultado disso tudo é um país reproduzindo contextos sem qualquer aprendizagem criativa. (KRENAK, 2020b). Também por isso, se faz tão necessário o poder que emana do círculo e dos processos circulares e que reside, segundo Kay Pranis (2010), no contar histórias e na maneira como cada história singular oferece uma lição. As histórias aproximam, conectam e possibilitam partilhas significativas e potentes nos espaços dialógicos em que a escuta com o coração é possibilitada.

A partir desta concepção integral e de interconexão, o círculo se apresenta como uma ferramenta potente para trocas diversas que envolvam o diálogo, o respeito e a criação de um espaço seguro para conexões profundas, como apresentam Pranis, Stuart e Wedge (2003, p. 58).

É necessário que as pessoas deixem sua espiritualidade fora do Círculo ou se caem sobre isso como em outros processos públicos? Novamente, sendo de natureza holística, os **Círculos convidam todas as dimensões de quem somos para o diálogo**, não apenas nos Círculos que lidam com o crime, **mas em todos os Círculos**. Envolver nossa totalidade nos abre para um senso espiritual um do outro. **À medida que compartilhamos o que está dentro de nós, trabalhamos juntos a dor, o desespero, o medo, a alegria e a esperança**. Nós nos conectamos com lugares mais profundos em nós mesmos e nos outros, contamos as histórias de nossa alma e, assim,

desbloqueamos capacidades profundas para entender, curar, mudar e amar.<sup>28</sup>  
(Tradução minha, grifo meu).

Esta concepção de interconexão também se apresenta nos escritos críticos de Krenak (2020a) quando estabelece que a cidadania e alteridade não são aspectos imprescindíveis de uma sociedade do consumo, assim como não é a diversidade. O autor declara que:

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (KRENAK, 2020a, p. 26).

Nesse sentido, para que haja recomposição do tecido social e a construção de novas aproximações em detrimento das ausências criadas nestes tempos, a corresponsabilização, a coletividade e a diversidade são valores necessários e importantes na construção de um lugar seguro de fala, escuta e mudança de cultura. (WACHTEL, 2013). Conforme, as concepções pautadas em Pranis (2010), a possibilidade de sentimento de pertença será muito maior se as histórias dos sujeitos forem verdadeiramente ouvidas. Portanto, o cerne de um círculo é o reconhecimento de que todos precisam de ajuda e que, quando ajudamos os outros, estamos ajudando a nós mesmos. Existe então, uma nova concepção do problema e novas possibilidades de se pensar em resolução.

Um paralelo importante, já que muito desta pesquisa foi desenvolvida no ambiente educacional formal, não-formal e informal, foi perceber que a abordagem dos processos circulares, em muito se assemelha com os círculos de cultura propostos pelo método Paulo Freire<sup>29</sup>(1987), em que todos os participantes, em círculo e, a partir da colaboração, reelaboram, reconstroem percepções em um mesmo mundo comum, a partir das trocas recíprocas e conscientes de si e do outro.

---

<sup>28</sup> Em língua inglesa, conforme texto original, *“Is it necessary for people to leave their spirituality outside of the Circle or be silent about it as in other public processes? Again, being holistic in nature, Circles invite all dimensions of who we are into the dialogue, not only in Circles dealing with crime but in all Circles. Engaging our wholeness opens us to a spiritual sense of each other. As we share what’s inside us, we work through pain, despair, fear, joy, and hope together. We connect with deeper places in ourselves and others, tell our soul’s stories, and thereby unlock capacities to understand, heal, change, and love that are profound.”*

<sup>29</sup> Alfabetização a partir de círculos de cultura, diálogo e conexão educador-educando. Lavradores do Nordeste foram os primeiros homens a viverem a experiência nova do “círculo de cultura”. Foram os primeiros a serem alfabetizados de dentro para fora, através de seu próprio trabalho. “Os resultados obtidos — 300 trabalhadores alfabetizados em 45 dias — impressionaram profundamente a opinião pública. Saiba mais em: [http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4219/2/FPF\\_PTPF\\_12\\_102.pdf](http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4219/2/FPF_PTPF_12_102.pdf)

Nesse sentido, unindo a sabedoria comunitária com os valores da sociedade contemporânea que implicam na necessidade de respeito, de diversidade e de apoio, algumas características são fundamentais para serem destacadas nos processos circulares. Conforme Pranis (2010, p. 19) são elas: “Respeito a presença e dignidade de cada participantes; Valoriza as contribuições de todos os participantes; Salienta a conexão entre todas as coisas; Oferece apoio para a expressão emocional e espiritual; Dá voz igual para todos.”

Sendo assim, os círculos consideram a presença de duas ou mais pessoas que necessitem tomar decisões conjuntamente, considerando a existência – ou não - de discordâncias e divergências de opiniões. Desse modo, os processos circulares podem ser utilizados em diversos momentos como o caso de resolução de situações que causaram danos a alguma pessoa ou a algo, em momentos de celebração, de apoio na partilha de dificuldades, de reinserção social, de diálogo e construção de pertencimento ou ainda de aprendizado com os outros. (PRANIS, 2010).

Há que se ressaltar que, dentro de um processo circular, quando a coesão e a construção de um espaço seguro de compartilhamento estão solidificadas, é possível a expressão de raiva, de contraposições, de alegria, é possível ficar em silêncio, se emocionar, contar com o apoio mesmo em situações conflitantes. Portanto, círculos podem e devem ser utilizados em espaços onde práticas dialógicas respeitadas queiram ser construídas. (PRANIS, 2010). Destaca-se também, a força da comunidade em pensar maneiras de congregar seus saberes em prol de mudanças em busca de um bem comum, considerando a voluntariedade da construção de espaços como esses.

Mas... e como os círculos funcionam na prática?

### **2.2.1 Os Círculos na prática**

Os círculos possuem uma essencialidade prática que se concentra em criar espaços de liberdade para que cada participante possa expressar suas crenças, reconhecer erros e se conectar com a sua verdade sem qualquer defesa. O formato da geometria circular simboliza que ali, naquele espaço presente não existem hierarquias a serem sobrepostas, pelo contrário, a liderança deve ser A liderança deve ser partilhada de forma igualitária, conexa e inclusiva. Sendo assim, a responsabilidade pelo andamento do processo grupal é codividida entre todos os participantes. (PRANIS, 2010).

Pranis, Stuart e Wedge (2003, p. 15), destacam a potência do compartilhamento que os círculos apresentam:

Os círculos nos reúnem para compartilhar quem somos além de nossas aparências. São lugares de escuta de como é ser outra pessoa. Eles também são lugares para ser ouvido - para expressar o que está em nossas mentes e corações e fazer com que os outros o recebam profundamente. Contar nossas histórias no espaço seguro dos Círculos abre janelas para a vida uns dos outros, dando-nos momentos em que podemos conhecer o caminho que outro percorreu, bem como sentir que os outros apreciam o nosso próprio caminho. As histórias de vida compartilhadas são naturalmente transformadoras. Oradores e ouvintes são tocados e mudados; assim são seus relacionamentos. Os círculos não "fazem" isso acontecer; em vez disso, eles fornecem um fórum imbuído de uma filosofia e formato que reflete isso, onde mudanças profundas são altamente prováveis de acontecer.<sup>30</sup> (Tradução minha).

Para a sua concretização, os círculos apresentam condução simples, mas que possibilita intensidade e profundidade quando o objetivo é pensar estratégias de criação relacionamentos significativos e saudáveis. Para isso, é fundamental que exista interconectividade, apoio, reconhecimento e unicidade. Nesse sentido, a geometria circular se faz imprescindível para que todos se comprometam uns com os outros sem criar sensação de haver “lados”. (BOYES-WATSON e PRANIS, 2011).

Boyes-Watson e Pranis (2011, p. 16) complementam ressaltando que:

(...) O círculo de construção de paz é, acima de tudo, um lugar para criar relacionamentos. É um espaço em que os participantes podem se conectar uns com os outros. [...] O círculo de construção de paz é um lugar para se adquirir habilidades e hábitos para formar relacionamentos saudáveis, não só dentro do círculo, mas também fora dele.

Nesse sentido, para que o processo se consolide alguns elementos estruturais intencionais são necessários, sendo eles: cerimônia (*ceremonies*), bastão de fala (*talking piece*), facilitador ou coordenador do grupo (*keepers*), orientações (*guidelines*) e processo decisório consensual (*consensus decision-making*). (PRANIS, STUART e WEDGE, 2003; PRANIS, 2010).

Esmiuçando cada um destes elementos, durante as experiências tanto práticas como de consolidação teórica, as cerimônias de abertura e de encerramento do momento buscam marcar o círculo como um espaço sagrado e que se distingue pela qualidade e cuidado, do contrário dos acontecimentos cotidianos. Nesse sentido, é muito importante que estas diretrizes sejam

---

<sup>30</sup> Em inglês de acordo com a obra original: “*Circles bring us together to share who we are beyond our appearances. They’re places of listening—of hearing what it’s like to be someone else. They’re also places for being heard—for expressing what’s on our minds and hearts and having others receive it deeply. Telling our stories in the safe space of Circles opens windows on each other’s lives, giving us moments when we can the path another has walked as well as feel that others appreciate our own path. The life stories shared are naturally transforming. Speakers and listeners are touched and changed; so are their relationships. Circles don’t “make” this happen; rather they provide a forum—imbued with a philosophy and format that reflects it—where profound change is highly likely to happen.*”

tratadas na abertura a partir da consensualidade e até que todos se sintam atendidos. (PRANIS, STUART e WEDGE, 2003; PRANIS 2010).

O bastão de fala (*talking piece*) promove uma regulação do diálogo a partir da fala e da escuta, permitindo que pessoas que possuem dificuldades para se expressarem se sintam valorizadas e empoderadas<sup>31</sup>. Ele pode ser escolhido pela própria comunidade participante do círculo ou ainda pelo facilitador. (PRANIS, STUART e WEDGE, 2003; PRANIS 2010).

O facilitador do processo, por sua vez, contribui com o grupo para criar e manter um espaço seguro e respeitoso para que todos os participantes possam se expressar integralmente. As orientações objetivam a construção de um espaço em que a segurança esteja presente em combinados estabelecidos ao início, de modo que, este espaço viabilize diálogos necessários, bem como complicados. Por fim, o processo decisório consensual contribui para que todos do grupo apoiem as decisões tomadas em benefício do convívio grupal, ainda que individualmente, não seja este o profundo desejo de quem participa. (PRANIS, STUART e WEDGE, 2003; PRANIS, 2010).

Nesse mesmo sentido, Pranis, Stuart e Wedge (2003) apresentam que a preparação do círculo e sua logística são imprescindíveis, assim como pensar as fases necessárias para a concretização dos círculos que devem ser seguidas, prioritariamente em círculos que lidam com conflitos. Segundo os autores são cinco as fases: “Fase 1. Abertura: criação da base para o diálogo; Fase 2. Expressando necessidades e interesses; Fase 3. Explorando opções; Fase 4. Construindo consenso ou um senso de unidade; Fase 5. Encerramento: honrando o bem alcançado”.<sup>32</sup> (p. 106, tradução minha).

De maneira geral, os círculos quando são novidades podem criar ambientes de constrangimento para a expressão verdadeira de sentimentos e necessidades. Entretanto, quando a pergunta e a geometria circular se apresentarem como rotina, a tendência é que o grupo se sinta à vontade para expressar suas verdadeiras necessidades no espaço em que estes são propostos. É sempre importante para a conexão dos sujeitos que conversem, se expressem e criem vinculações. (COSTELLO, WACHTEL e WACHTEL, 2012).

A partir da aplicação dos círculos, diversas situações e terminologia foram surgindo, cumprindo objetivos e funções específicas. Cumpre ressaltar que, tais nomenclaturas não são universais, mas possibilitam a percepção do grande potencial dos processos circulares. A

---

<sup>31</sup> De acordo com Freire e Shor (1986, p. 10) *empowerment*, significa A) dar poder a, B) ativar a potencialidade criativa, C) desenvolver a potencialidade criativa do sujeito, D) dinamizar a potencialidade do sujeito.

<sup>32</sup> Em inglês, conforme texto original: “Phase 1. Opening: creating the foundation for dialogue; Phase 2. Expressing needs and interests; Phase 3. Exploring options Phase 4. Building consensus or a sense of unity Phase 5. Closing: honoring the good achieved.”

diversidade dos círculos se concentra em atender diversas intencionalidades, tais como, “Círculos de Diálogo, de Compreensão, de Restabelecimento, Sentenciamento, Apoio, Construção do Senso Comunitário, Resolução de Conflitos, Reintegração, Celebração.” (PRANIS, 2010, p. 28).

Para exemplificar a prática de um círculo de diálogo imaginemos a seguinte situação: será criado um momento circular para trocas e expressão de sentimentos sobre projeto de vida. O facilitador do círculo começa então a pensar um roteiro contendo número de participantes, perguntas, horário, preparação do espaço, escolha do objeto de fala. O espaço já contendo um elemento central que pode ser um tecido, uma planta e cadeiras em formato circular, recebe os participantes. A partir daí o facilitador inicia o círculo com uma abertura, seguindo para um *check-in* para que cada um se expresse brevemente quando a peça de fala chegar. Depois, já na atividade principal, algumas perguntas são trazidas pelo facilitador e o diálogo permanece até a finalização com um *checkout* e uma cerimônia de encerramento. Neste processo, o facilitador pode ecoar as trocas, em caso de círculos de resolução de conflitos, redigir acordos, dentre outras tantas possibilidades.

Sobre a abordagem circular, Assumpção (2014, p. 276) complementa:

[...] Círculos não são, portanto, a primeira nem a última técnica de dinâmica de grupo, mas uma personificação ou a união da antiga e a moderna sabedoria de como manter o relacionamento vivo, dinâmico, aberto, colaborativo e construtivo, especial para [...] capacitações que tem como ponto de partida “estar em círculo” para a prática restaurativa de conflito.

Vimos até aqui as inúmeras possibilidades de aplicação dos processos circulares. No entanto, em um momento de pandemia e distanciamento social necessário, a essencialidade prática da abordagem se viu comprometida. Entretanto, as respostas e soluções pensadas em espaços comunitários possibilitaram intervenções em meio virtual, construções teóricas, que, embora ainda escassas, começam a revelar a aplicabilidade de processos circulares e práticas restaurativas considerando a interface dos encontros virtuais. A seguir, apresentaremos um pouco mais sobre os círculos virtuais.

### **2.2.2 Círculos Virtuais**

Com a chegada da pandemia as possibilidades a aplicações das práticas circulares precisaram ser reorganizadas para os espaços virtuais. Entretanto, estas construções não são únicas e exclusivas deste momento, uma vez que, tais proposições sobre o tema já haviam sido iniciadas, contando com boas práticas em consolidação. Aqui, apresentaremos algumas destas

discussões, ainda escassas e com poucos referenciais teóricos disponíveis, considerando a grande disseminação de materiais para a aplicação presencial.

Nesse sentido, virtualmente é possível não somente experimentar a abordagem circular, mas também fazer uso de um novo espaço e formato que retrata os tempos atuais e amplia as diversas formas de conexões para além do toque. A tela virtual tanto pelas redes sociais quanto pelo desenvolvimento de tecnologia tornou-se um fato. (ASSUMPCÃO, 2014).

Dessa forma, os espaços circulares virtuais possibilitam a utilização dos procedimentos metodológicos utilizados em espaços presenciais, com algumas etapas importantes, tais como: “Composição de um grupo via e-mail/convite; uma cerimônia de abertura para apresentação da dinâmica e organização do espaço de fala virtual; Combinados e regras iniciais; Tema do círculo, rodadas de conversa e sumarização das trocas.” (ASSUMPCÃO, 2014).

A partir das ferramentas de construção coletiva, da horizontalidade do espaço de fala que permite que todos os participantes se expressem, o círculo virtual mantém as premissas e características de acolhimento advindos da geometria circular presencial e se apresenta como uma possibilidade de aplicação rica e singular, considerando a impossibilidade de encontros presentes, alcançando mais vozes, em diversos lugares. (ASSUMPCÃO, 2014).

Na perspectiva de Assumpção (2019, p. 09), independente do espaço em que um círculo está sendo realizado, “o círculo é um convite e não uma ordem. É um espaço de encontro. Muito importante é cuidarmos da voluntariedade, podendo decidir por não fazer, como fazer, conquanto que isso não nos distancie do grupo.”

Embora estas construções já tenham sido possibilitadas anteriormente, com o pandemia, estudiosos e facilitadores de processos circulares promoveram a construção de importantes relatos e reflexões a partir de suas práticas em ambientes virtuais, agora com o peso do distanciamento. Sendo assim, estas boas práticas, considerando este recorte de tempo e espaço pandêmico ainda estão sendo construídas, e justamente por esse motivo, as bases teóricas também são pioneiras.

Um dos primeiros exemplos deste trabalho pioneiro durante a pandemia é o da equipe do Instituto Moinho de Paz<sup>33</sup>, liderado pela professora Isabel Lima, e a construção de uma publicação virtual intitulada “Dimensão Pedagógica da Justiça Restaurativa e os Círculos Virtuais de Construção de Paz”, cujo objetivo foi o desenvolvimento de estratégias de aproximação virtual contínua e a disseminação de alinhamentos e possibilidades pensadas para

---

<sup>33</sup> Para saber mais sobre o trabalho desenvolvido pelo Instituto Moinho de Paz acesse <https://www.moinhodepaz.com.br/>.



trocas presenciais, agora olhando para esta possibilidade de sob outra ótica. Dessa forma, a escolha intencional de pensar um material com dimensões pedagógicas significa que “alfabetizamo-nos, mais que nunca, com a linguagem virtual para afirmar valores e virtudes de cada pessoa, com foco no futuro.” (LIMA, LIMA e LIMA, 2020, p. 16).

Em vista disso, ao longo deste trabalho de formação de facilitadores e aplicação de círculos virtuais, algumas possibilidades foram sendo vislumbradas, como salientam as autoras: “Identificamos que a distância física, antes um limite objetivo, agora se constituía como uma oportunidade para a aproximação mediante as diversas plataformas virtuais de reunião.” (LIMA, LIMA e LIMA, 2020, p. 21). Dessa forma, a busca por adaptações, facilitadores com maior compreensão do uso de ferramentas tecnológicas, requer “flexibilidade e criatividade - constituem uma força motriz dos processos circulares” (p. 23), foram valores e diretrizes elencadas como essenciais para esta forma de conduzir os círculos.

Além disso, as autoras seguem apresentando diretrizes importantes para a promoção de círculos em espaços virtuais, sendo elas: presença de no máximo 12 pessoas no círculo e a presença virtual de 2 facilitadores/as e até 10 participantes, em um tempo de até 2 horas, enfatizando o especial cuidado com o tempo, especial cuidado com a explicitação das diretrizes operacionais no início do círculo. Portanto, “[...] trabalhemos com. Trabalhar com é mais confortável e mais seguro, pois constitui uma nova dinâmica para integrar habilidades de forma virtual”. (LIMA, LIMA e LIMA, 2020, p. 31).

Outro ponto importante a ser destacado, diz respeito às conexões genuínas, em estando presente a construção hierárquica de uma instituição. Embora o círculo proponha um espaço democrático de fala, essa demanda requer um olhar para a diversidade de espaços a serem criados de modo que chefias estejam presentes em espaços virtuais diferenciados, possibilitando novas conexões. Já sobre o uso da peça de fala e a criação de um elemento central Lima, Lima e Lima (2020, pp. 35-36) sugerem abusar da criatividade humana:

Quando estamos no ambiente virtual todos/todas são convidados a fazer uma ciranda completamente diferente. Não nos damos as mãos. Não nos tocamos. Sequer tocamos no objeto da palavra para passar o momento especial do bastão que organiza a fala. Diante da singularidade do círculo virtual, identificamos uma extraordinária oportunidade: a de convidarmos para a relação com a imaginação, com a criatividade, com as emoções, com a imagética. Estamos diante do novo que nos convoca para o abstrato, para “a pedra do seu anel que brilha mais do que o sol”. Temos usado continuamente alguns símbolos, convidando os participantes a imaginar que no centro existe.....uma fogueira, um chafariz, uma porta aberta para o jardim, uma janela aberta para fora, um pássaro na árvore, uma árvore ao vento, dentre outras imagens que se integram tanto ao tipo de Círculo de Construção de Paz, quanto ao seu objetivo. Optamos pela estética da leveza, daquilo que propõe o movimento e que aguça os sentidos de conexão com a natureza. Ora, diante do convite para que imaginemos uma determinada imagem no centro estamos promovendo algo que também nos conecta e nos impulsiona para o espaço da orientação, do movimento, da cor, do som, da forma,

da luz, dentre outros elementos de interconexão. [...] Sobre o objeto da palavra podemos trazer elementos simbólicos de evocação do tema a ser compartilhado. Ou usarmos algo objetivo, mas igualmente conectado com a natureza: o copo de água que cada um tem consigo durante o círculo.

Dessa forma, considerando a virtualidade do momento, se as construções propostas forem alicerçadas nos pilares e valores dos processos circulares, as conexões produzidas a partir das narrativas dos participantes de um círculo virtual, provavelmente, estarão mantidas. Um trabalho complexo, corajoso e cuidadoso para a adaptação e a continuação de criação de espaços em que narrativas, encontros e conexões sejam tratados como prioridade. (LIMA, LIMA e LIMA, 2020).

Considerando a promoção de círculos virtuais para a resolução e prevenção de conflitos, ressalta-se também o trabalho desenvolvido pelo Instituto Federal Farroupilha - IFFar<sup>34</sup>, que promoveu estes espaços virtuais em 2020, baseando-se na metodologia das práticas restaurativas – a partir da proposição de círculos restaurativos, e possibilitou algumas reflexões importantes na construção desse novo referencial teórico que acolhe as desconstruções, tendo em vista as compreensões evidenciadas em sua produção teórica, como por exemplo, “sabemos que este processo que vivenciamos é um desafio, mas também, ainda é uma oportunidade de acolhida, diálogo, reflexão e de valorização da vida e das relações.” (ADAMS et al., 2020, p. 36).

À vista disso, o objetivo do espaço virtual e mediado pelas tecnologias se aproxima da realização daqueles concedidos aos espaços presenciais, ou seja, permitir o diálogo, expressão dos sentimentos e dos pensamentos de todos os participantes. No entanto, a diferença é que para o encontro virtual, o facilitador que conduz o momento de modo a torná-lo organizado, ao preparar o encontro, necessita se aproximar de algumas reflexões importantes, as quais também são salientadas por ADAMS et al. (2020, p.37). Para os autores:

Essa temática pode ser tratada de forma virtual? Se for utilizar os roteiros já existentes, consigo adaptar para um encontro online? As pessoas estão dispostas a participar de forma voluntária? Quem serão os participantes? Os participantes possuem câmera em seu equipamento e conseguem deixá-la ligada? Possuem microfone em seu equipamento para se expressar?

Nesse sentido, embora as características da voluntariedade, do encontro e da troca estejam mantidas, os espaços dialógicos mediados pela tecnologia exigem alguns outros procedimentos e organizações com a finalidade de adequação, visto que não é possível neste momento, seguir aos processos e etapas dos processos circulares supramencionados.

---

<sup>34</sup> A atuação do Instituto Federal Farroupilha – IFFar, para além da aplicação das práticas restaurativas, está disponível em <https://www.iffarroupilha.edu.br/>.

As atividades mediadas pela tecnologia exigem de seus participantes, disporem de um equipamento (computador ou celular com capacidade de conexão) e de rede de acesso à internet, objetivando a manutenção da conexão entre as pessoas que compõem o espaço de diálogo oferecido. (ADAMS et al., 2020).

Imaginemos então o exemplo de círculo mencionado na sessão anterior. No ambiente virtual, a aplicação do círculo não terá um elemento central, a geometria das cadeiras circularmente dispostas, tampouco um objeto que passa de mão em mão para possibilitar o espaço de fala. Será possível conduzir, mantendo os valores e premissas da abordagem circular, a câmera aberta para a criação de conexão, a ato de ligar o microfone como forma de organizar a fala e o facilitador conduzindo o momento a partir da lista de participantes.

Em sendo possível cumprir com todas estas necessidades as chances para o desenvolvimento de conexões genuínas aumenta consideravelmente. Por fim, cumpre ressaltar que, embora o uso de espaços mediados ainda não seja uma realidade de toda a população, prover estes espaços também significa olhar, de alguma forma, para quem está desassistido por tais ferramentas, buscando soluções para um acesso mais igualitário e emancipatório.

### **2.3 PRÁTICAS RESTAURATIVAS: um convite ao diálogo**

Ao conceituar e apresentar o objetivo das práticas restaurativas se torna imprescindível a compreensão e o alinhamento à apreensão dos processos de Justiça Restaurativa, congregando dessa forma, a vastidão dos espaços relacionados ao judiciário, num primeiro momento, mas que apresentaram potencial transformador para os mais diversos campos e comunidades.

A filosofia da justiça restaurativa é concebida a partir de uma forma de imaginar, praticar e viver a justiça. Como destaca o professor Howard Zehr<sup>35</sup>, referência neste campo, a “Justiça Restaurativa ressalta as dimensões pessoais e interpessoais do crime.” (2018, p. 25). Dessa forma, Justiça Restaurativa não se trata apenas de processos de mediação, não tem como foco principal perdão ou reconciliação, não tem por objetivo principal reduzir a reincidência ou as ofensas em série, não se limita a ofensas ‘menores’ ou primárias. Para tanto, destacam-se em seu histórico inúmeras narrativas, atuações e contribuições se inter cruzam estabelecendo algumas diretrizes importantes como destaca Zehr (2018 pp. 24-25):

A Justiça Restaurativa não é algo novo nem se originou nos Estados Unidos. O moderno campo da Justiça Restaurativa de fato desenvolveu-se nos anos 1970 a partir

---

<sup>35</sup> Para saber mais sobre o trabalho do professor Howard Zehr e o Instituto Zehr (2022) que defende a justiça restaurativa como um movimento social e é um organizador de espaços onde o conhecimento sobre práticas e programas de justiça restaurativa pode ser compartilhado acesse <https://zehr-institute.org/about/>. (Tradução minha).

de projetos-piloto em várias comunidades norte-americanas. Buscando aplicar sua fé e visão de paz ao campo implacável da justiça criminal, os menonitas e outros profissionais de Ontário, Canadá, e depois de Indiana, Estados Unidos, experimentaram encontros entre ofensor e vítima dando origem a programas, nessas comunidades, que depois serviram de modelo para projetos em outras partes do mundo. A teoria da Justiça Restaurativa desenvolveu-se inicialmente desses empenhos. Contudo, a Justiça Restaurativa não surgiu do nada; o movimento deve muito a esforços anteriores e a várias tradições culturais e religiosas. Muitas tradições indígenas tiveram e têm ainda elementos restaurativos importantes. Beneficiou-se enormemente do legado dos povos nativos da América do Norte e Nova Zelândia, e outras tradições continuam oferecendo inspiração. Portanto, suas raízes e precedentes são bem mais amplos que a iniciativa dos anos 1970. Na verdade, essas raízes são tão antigas quanto a história da humanidade.

Partilhando deste mesmo olhar sobre a vasta gama de aplicabilidade da justiça restaurativa, Silva Neto (2021 p. 39) reflete e apresenta aproximações importantes com a temática desta pesquisa, especialmente no que tange aos aspectos na inclusão, colaboração e participação ativa dos sujeitos:

“[...] a justiça restaurativa não pode ser vista como simplesmente uma tecnologia social de administração de conflitos voltada para o tratamento de situações que envolvem relacionamentos intersubjetivos. Bem além disto, precisa ser entendida como uma abordagem que integra um conjunto de estratégias de curto, médio e longo prazos, o que lhe aproxima do que tem sido chamado de campo do *peacebuilding*. [...] a justiça restaurativa possui o papel de proporcionar uma experiência de justiça inclusiva, colaborativa e participativa, pautada na identificação de obrigações e no compartilhamento de responsabilidades tocantes ao tratamento de conflitos, prevenção e enfrentamento de violências e reparação de danos. [...]

Considerando o contexto brasileiro, “a justiça restaurativa passou a ser adotada há cerca de duas décadas tendo o Poder Judiciário como principal protagonista e centro irradiador.” (SILVA NETO, 2021, p. 37). No entanto, há que se considerar a importância de não estabelecer um marco temporal fixo e rígido, uma vez que, a introdução do modelo restaurativo no Brasil apresenta lacunas que impossibilitam conceber mais sobre experiências desenvolvidas em diferentes espaços institucionais, não institucionais e comunitários.

Nesse sentido, convém ressaltar as experiências pautadas em construções comunitárias com importante relevância no contexto da justiça restaurativa brasileira, como apresentou o professor Nirson Neto em fala realizada, no evento “1º Encontro Aberto à Comunidade Acadêmica, com Nirson Medeiros da Silva Neto e Maike Kumuruara”, promovido pelo Núcleo de Justiça Restaurativa da USP (Nujures USP), sendo imprescindível considerar as experiências de Comunicação Não Violenta desenvolvidas em favelas do Rio de Janeiro por Dominic Barter.

A construção deste percurso histórico compreende a década de 1990, bem como a utilização de nomenclaturas e práticas que se fundiram e “os Círculos Restaurativos foi o nome referenciado por Dominic Barter à prática coletiva desenvolvida nos morros do Rio de Janeiro

com a comunidade, oportunidade em que juntou o formato circular com outras técnicas, dentre elas, a comunicação não violenta.” (GRAF, 2019, p. 111).

Então, a partir dos Círculos Restaurativos, se deu a construção de “uma metodologia de justiça restaurativa que podemos dizer ter sido gestada em solo brasileiro, a saber os chamados círculos restaurativos (estilo CNV) que inspiraram diversos programas nacionais até a introdução posterior de outras metodologias”. (SILVA NETO, 2021, p. 43). Além disso, há que se ressaltar neste resgate histórico demais experiências conforme enumera Silva Neto (2021, p. 37):

[...] encontram-se aquelas relacionadas à mediação penal (ou mediação vítima-ofensor), desenvolvidas por diversas unidades jurisdicionais no país, alguns trabalhos com justiça juvenil que já adotavam enfoques não punitivistas, as iniciativas de Pedro Scuro Neto e sua equipe no estado de São Paulo em finais dos anos 1990. [...]

Em se tratando da experiência de Scuro Neto, o mesmo (2008, p. 05) afirma que “A saga restaurativa começou no Brasil em 1998, de início não no Judiciário, mas em escolas públicas, como programa de pesquisa sobre prevenção de desordem, violência e criminalidade [...]”.

No que tange a esta pesquisa, observa-se como uma importante reflexão a conexão entre diversos saberes e experiências para a construção de práticas coletivas e comunitárias. No entanto, não é nosso foco explicitar as convergências e divergências históricas destes processos considerando o contexto brasileiro, muito embora consideremos imprescindível nomear justamente experiências prévias e compreender os múltiplos olhares que convergiram para a consolidação em solo brasileiro.

Convergindo com esta aplicabilidade já bastante difundida e aplicada no país, o Conselho Nacional de Justiça, define a Justiça Restaurativa, por meio da Resolução 225, de 31 de maio de 2016, como sendo:

Um conjunto ordenado e sistêmico de princípios, métodos, técnicas e atividades próprias, que visa à conscientização sobre os fatores relacionais, institucionais e sociais motivadores de conflitos e violência, e por meio do qual os conflitos geram dano, concreto ou abstrato, são solucionados de modo estruturado na seguinte forma: I – é necessária a participação do ofensor, e, quando houver, da vítima, bem como, das suas famílias e dos demais envolvidos no fato danoso com a presença dos representantes da comunidade direta ou indiretamente atingida pelo fato e de um ou mais facilitadores restaurativos; II – as práticas restaurativas são coordenadas por facilitadores restaurativos capacitados em técnicas autocompositivas e consensuais de soluções de conflitos próprias da Justiça Restaurativa, podem ser servidor do tribunal, agente público, voluntário ou indicado por entidades parceiras; III – as práticas restaurativas terão com foco a satisfação das necessidades de todos os envolvidos, a responsabilização ativa daqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a ocorrência do fato danoso e o empoderamento da comunidade, destacando a necessidade da reparação do dano e da recomposição do tecido social rompido pelo conflito e as suas implicações para o futuro. (BRASIL, 2016, p. 3-4).

Dessa forma, considerando as relações humanas em seu amplo espectro de atuação, a justiça restaurativa apresenta diversas práticas considerando diversos contextos como apresenta o professor Zehr (2022, s/n):

A justiça restaurativa inclui programas de encontro para vítimas e ofensores; hoje existem milhares desses programas em todo o mundo. Mas a justiça restaurativa é mais do que um encontro, e seu escopo vai muito além do sistema de justiça criminal. Cada vez mais as escolas estão implementando processos disciplinares restaurativos, os corpos religiosos estão usando abordagens restaurativas para lidar com transgressões – incluindo abuso sexual do clero – e sociedades inteiras estão considerando abordagens restaurativas para lidar com erros cometidos em grande escala. De crescente popularidade são as conferências restaurativas ou processos de círculo que reúnem grupos de pessoas para compartilhar perspectivas e preocupações e encontrar soluções colaborativas para os problemas enfrentados por suas famílias e comunidades.<sup>36</sup> (Tradução minha).

Além disso, as contribuições do professor Howard Zehr (2018), apresentam que as práticas restaurativas são “[...] um convite ao diálogo, para que possamos apoiar um ao outro e aprender uns com os outros. É um lembrete de que estamos todos de fato inseridos em uma rede de relacionamentos.” (2018, p. 89).

Portanto, o trabalho com as práticas restaurativas exige olhares e perspectivas para as dimensões holísticas e relacionais do ser humano, bem como formas de pensar o seu desenvolvimento social e consciência emocional. (BOYES-WATSON e PRANIS, 2011). Sendo assim, nos mais diversos espaços as práticas restaurativas se apresentam como uma ferramenta possível para garantir o desenvolvimento integral dos sujeitos e coibir tendências autoritárias, ousando-se construir uma proposta de responsabilização e reparação das consequências vivenciadas. Para tanto, devem ser consideradas as dimensões simbólicas, psicológicas e materiais após uma infração ou ato de violência cometido. (JACCOUD, 2005).

Considerando os objetivos e intencionalidades desta pesquisa que segue buscando evidenciar a conexão humana e desenvolvimento de vínculos, torna-se imprescindível explicitar que processos circulares e práticas restaurativas, são compreendidos como duas metodologias que podem ser aplicadas em uma vasta gama de contextos. Sendo assim, tais concepções metodológicas em alguns casos podem ser utilizadas sob o viés filosófico da justiça restaurativa, de modo que práticas restaurativas podem ou não utilizar o círculo como estratégia. Ademais,

---

<sup>36</sup> Em inglês, conforme texto original: “Restorative justice does include encounter programs for victims and offenders; today there are thousands of such programs all over the world. But restorative justice is more than an encounter, and its scope reaches far beyond the criminal justice system. Increasingly schools are implementing restorative disciplinary processes, religious bodies are using restorative approaches to deal with wrongdoing – including clergy sexual abuse – and whole societies are considering restorative approaches to address wrongs done on a mass scale. Of growing popularity are restorative conferences or circle processes that bring groups of people together to share perspectives and concerns and collaboratively find solutions to the problems facing their families and communities.”

adentraremos nas especificidades das práticas restaurativas na seção práticas restaurativas em espaços educativos e de gestão.

Contudo, importante salientar as contribuições do desembargador Leoberto Brancher, já anteriormente mencionado, a partir de sua escrita para a apresentação da tradução da obra de Pranis (2011) o ‘Guia do Facilitador’ sobre os distanciamentos e aproximações metodológicas das práticas restaurativas e dos processos circulares.

Além da funcionalidade, os Círculos de Construção de Paz trouxeram importante contribuição ao ajudarem a **compreender que processos circulares não se confundem com processos restaurativos, embora possam - e devam - conviver sinergicamente com eles. Ou seja, nem toda prática circular, ainda que inspirada em valores restaurativos, deve ser considerada uma prática restaurativa: melhor reservar o conceito para a abordagem de situações conflitivas.** Essa clareza ajudou a iluminar uma indeterminação conceitual que tendia a se alastrar perigosamente, levando à vulgarização e depreciação da novidade restaurativa. Ao distinguir de forma não excludente os distintos campos de aplicação das práticas circulares e das práticas restaurativas, a concepção reforça a conexão estratégica entre ambos, possibilitando difundir mais amplamente as práticas circulares aplicadas a situações não conflitivas, e ao mesmo tempo abrindo caminho para introduzir as práticas propriamente restaurativas. (p.06, grifo meu)

Como mencionado ainda na introdução deste trabalho, as referências de Belinda Hopkins e sua construção baseada na filosofia da justiça restaurativa em ambientes educacionais foram alicerce para a construção de minha atuação, bem como para a construção desta pesquisa, uma vez que, a rede de relações de profissionais que utilizam desta abordagem em seu cotidiano também possibilitou a escolha intencional de alguns participantes deste estudo.

Além disso, esta mesma explicação se dá para os materiais de Boyes-Watson e Pranis (2011; 2012; 2018) e a estruturação de processos circulares. Então, é possível compreender que as intencionalidades envoltas no uso desta filosofia, considerando contexto e espaço-tempo, coincidem com o entendimento de sua dimensão pedagógica que segundo a equipe do Instituto Moinho de Paz (2020, p. 05):

Consiste no potencial de integração e de conexão de cada pessoa, enquanto um outro, diante da inconclusão do ser humano. Este potencial se concretiza mediante os canais de relações promovidas nas mais diversas formas, para que cada participante das práticas restaurativas veja a si e ao outro, reconhecendo o seu melhor e o melhor daquele a quem vê e a quem escuta.

Destacando este potencial de ver a si e ao outro, o equilíbrio entre o objetivo de proporcionar um espaço para que as responsabilidades sejam assumidas, bem como permitir o aprendizado e a construção de relacionamentos saudáveis reside seu interesse também na desmotivação significativa à punição enquanto resposta para comportamentos agressivos ou em desacordo com os acordos sociais. (COSTELLO, WACHTEL e WACHTEL, 2012).

Prosseguindo, a compreensão da corresponsabilização em detrimento da punição reside em uma das premissas básicas das práticas restaurativas de que comportamentos que se apresentam como inapropriados são o reflexo das dissociações que concernem às relações humanas. Desse modo, quando estimulamos a inclusão, a vida em comunidade, a responsabilização, apoio, acolhimento e cooperação, estamos influenciando diretamente a qualidade das relações na vida em sociedade e a mudança social. Pensa-se então, em novas possibilidades que favorecem o desenvolvimento e o gosto por vivenciar o ser, estar e poder modificar a forma de se relacionar. (COSTELLO, WACHTEL e WACHTEL, 2012).

Com isso, pode-se perceber que a essencialidade prática do convite ao diálogo e à conexão, que sustentam espaços construídos considerando as práticas restaurativas, necessitou de um olhar atento e importante em um mundo em pandemia que suscitou intensamente demandas de escuta, conversa, afeto e rede de apoio. Nesse contexto, muitos foram os movimentos legítimos de promoção de espaços de escuta em espaços virtuais, trocas seguras e de acesso a celebração de luto, movimentos sociais e de formação.

Belinda Hopkins participou virtualmente de uma conversa, atendendo o convite da equipe Justiça em Círculo (2021), suscitando reflexões sobre as práticas restaurativas em tempos de pandemia e partilhando sua experiência com colaboradores da equipe Justiça em Círculo (2021), que é composta multidisciplinarmente por capacitadores de Justiça Restaurativa no Brasil, fomentando reflexões sobre as práticas restaurativas em tempos de pandemia e contando a sua experiência com colaboradores na construção de novas propositivas para as comunidades em tempos de retomada.

Desta feita, Belinda compartilhou as experiências e trocas entre seus colaboradores que criaram, em formato de acróstico<sup>37</sup>, e utilizando a palavra ‘*restore*’ – em tradução livre restaurar - alguns sentidos e reflexões indispensáveis para a aplicação das práticas restaurativas como ferramenta relacional em tempos de pandemia. Os grifos de destaque se concentram nas palavras componentes do acróstico, bem como sob seu sentido.

O primeiro passo mencionado por Hopkins, se concentra no **(R)econhecimento** do que aconteceu e de como estas experiências foram vividas singularmente por cada um, ou seja, as práticas restaurativas se concentram em possibilitar a todos, que contem suas experiências e histórias nesse momento. Além disso, pensar as práticas restaurativas em um mundo em pandemia implica olhar para a necessidade de “como responder com **(E)mpatia**, compaixão e autocuidado” a diversidade e emoções. Nesse sentido, também caminha o restabelecimento da

---

<sup>37</sup> De acordo com o Matos (s/d) acróstico é uma forma de versificação na qual há uma combinação de letras, na vertical, que formam uma palavra ou até uma frase.



sensação de **(S)egurança** para que se possa seguir adiante, bem como, o vislumbre dos auxílios necessários àqueles que se sentem inseguros frente às retomadas necessárias. (JUSTIÇA EM CÍRCULO, 2021).

A autora ainda propõe espaços e comunidades que olhem para os **(T)raumas** e “como apoiamos pessoas que vivenciaram traumas durante o isolamento ou que estão enfrentando um futuro ainda mais incerto?”. Nesse mesmo sentido, caminham as práticas restaurativas como **(O)portunidade** de mudar o que precisa ser mudado, visto que, com a pandemia foi possível questionar até aspectos invariáveis do mundo. (JUSTIÇA EM CÍRCULO, 2021).

Além disso, Belinda Hopkins salienta que os **(R)elacionamentos** foram e são imprescindíveis para a construção de espaços relacionais responsivos e inclusivos, a fim de reconectar e construir as relações. Além disso, os encontros virtuais e presenciais em tempos de pandemia necessitam de **(E)ngajamento** pela saúde, bem-estar possibilitando às comunidades o exercício de corresponsabilidade frente a esses temas. (JUSTIÇA EM CÍRCULO, 2021).

Nesta perspectiva, importa ressaltar que os diálogos, baseados em preceitos relacionais promovem importantes reorganizações para quem deseja manter acesa a chama do restaurar relações, por meio remoto, semipresencial ou ainda em espaços de retomadas seguras.

Por fim, como visto, as práticas restaurativas podem ser utilizadas em qualquer espaço e sua trajetória para além dos espaços do judiciário já possuem uma jornada significativa. Nesse momento, fortalecidos pelo objeto de pesquisa deste estudo, importa pensar as práticas restaurativas em espaços educativos e de gestão, com recortes intencionais de intervenções que fortalecem a abertura ao diálogo por meio de temas restaurativos e das perguntas restaurativas, apresentadas a seguir.

### **2.3.1 Práticas restaurativas em ambientes educacionais e de gestão**

A lógica da punição e do controle que assola a sociedade também é observada nos espaços educativos em que, educadores e comunidade educativa acreditam ser importante o combate à indisciplina e violência de forma contundente e com punições bastante duras. Dessa maneira, as opções que parecem bastante efetivas se pautam em promover afastamento daqueles que apresentam comportamentos desafiadores dos demais membros da comunidade para que seus exemplos não sejam perpetuados. (MELO, EDNIR e YAZBEK, 2008).

No entanto, de acordo com Costello, Wachtel e Wachtel (2012) em razão da ineficiência do paradigma punitivo como ferramenta de gestão de conflitos, o interesse nas práticas restaurativas por parte dos espaços educativos tem crescido muito, uma vez que, a

necessidade de olhar para os comportamentos, não como um problema, mas com empatia e consideração se faz presente e cumula com o desejo de buscar soluções efetivas para o manejo de conflitos de forma não violenta.

Em se tratando das adaptações da filosofia da Justiça Restaurativa tanto para o ambiente escolar, quanto para espaços relacionais de trabalho, o professor Zehr (2020, p. 59) reconhece que:

As escolas têm se tornado um local importante de aplicação das práticas restaurativas. Apesar de terem muitas semelhanças com os programas de Justiça Restaurativa no âmbito criminal, as abordagens utilizadas no contexto pedagógico devem necessariamente se moldar aos contornos do ambiente escolar. Abordagens restaurativas também estão sendo adaptadas para utilização no local de trabalho e em questões e processos comunitários mais amplos.

Assim sendo, a aplicabilidade das práticas restaurativas é alicerçada em estratégias que ajudam a lidar com violência, traumas e demais necessidades que ocorrem no meio escolar, uma vez que, as respostas suportadas pela disciplina punitiva tradicional não conseguem obter mudanças positivas no comportamento de estudantes e de toda a comunidade educativa. Além disso, o uso das metodologias das práticas restaurativas no contexto escolar possibilita a redução da necessidade de intervenção legal e do sistema judiciário, uma vez que, alguns conflitos podem ser resolvidos antes que prossigam para o âmbito jurídico. (MELO, EDNIR e YAZBEK, 2008; COSTELLO, WACHTEL e WACHTEL, 2012).

Dessa forma, quando se apresenta as práticas restaurativas como estratégia de manejo de conflito de forma não violenta, o espaço escolar obtém novas possibilidades e soluções para lidar com desafios cotidianos considerando o respeito e a empatia a todos os seres humanos pertencentes à rede. (COSTELLO, WACHTEL e WACHTEL, 2012).

Mas, vale destacar, que a proposta de iniciativa metodológica restaurativa não se faz só. É preciso que a corresponsabilização e inserção de todos os membros de uma comunidade seja pautada e experienciada como necessária para a construção de uma sociedade mais justa, equânime e dialogal, em detrimento de resoluções que punam, façam sofrer e não pensem reparação do dano e processos de responsabilidade mútua. Nesse sentido, a comunidade educativa aparece como extremamente necessária para a construção de um ambiente escolar restaurativo. (MELO, EDNIR e YAZBEK, 2008).

Uma escola que pensa de forma restaurativa concebe o processo pedagógico em sua inteireza a partir de valores do respeito, construção coletiva e decisões democráticas. Por exemplo, um conselho de classe, não necessariamente, precisa fazer uso da geometria circular ou das perguntas restaurativas que veremos mais adiante. No entanto, se estiverem resguardados

os valores destas práticas como princípio fundamental, é bem possível que uma escola saudável e segura esteja sendo construída para discutir diversos e complexos assuntos.

Ademais, a concepção das práticas restaurativas dentro dos espaços educativos propõe pensar a educação a partir do comprometimento coletivo como ferramenta para a construção de uma sociedade em que os sujeitos exercitam a sua plena participação e busquem uma vida com sentido. É possível afirmar então que a educação restaurativa acredita que escolas devem ser espaços de comunidade, continuidade e cuidado diário. (BOYES-WATSON e PRANIS, 2018; HOPKINS, 2011;2021).

Paralelamente, sabe-se que, em geral, a instituição escolar vem sendo duramente criticada por suas falhas quando o assunto é atenção às necessidades de crianças, adolescentes e suas famílias. Na escola, cada vez mais, evidencia-se a pressão pela construção de um caminho pautado na competição e no produtivismo, estimulando um ambiente gerador de sofrimento e adoecimento em detrimento de relações de cooperação. (BOYES-WATSON e PRANIS, 2018; HOPKINS, 2011;2021).

Além disso, existe, também no espaço escolar, assim como em todos os relacionamentos humanos, uma necessidade profunda de pertencer, de apoio e orientação de adultos. Dito isso, "não é de se surpreender que os professores e direções das escolas se sintam sobrecarregados pelas tarefas que lhes são designadas." (BOYES-WATSON e PRANIS, 2018, p. 04).

As práticas restaurativas fazem uma distinção crucial entre punição e responsabilização do ofensor de modo a reparar o dano causado. Assim sendo, não se trata de uma punição objetiva que, de alguma forma, expiará o ocorrido por meio de sofrimento em alguém que tenha agido de forma não correta, pretendendo mudar os seus comportamentos. Do contrário, a partir do reconhecimento das necessidades e envolvimento de toda a comunidade é que se dará a construção coletiva e restaurativa. (COSTELLO, WACHTEL e WACHTEL, 2012).

Nesse sentido, as práticas restaurativas buscam acertar as coisas (*put things right*) por meio da responsabilização ativa do autor ou autores da ação danosa (*accountability*), a reparação ou cura para quem sofre o dano (*healing*). (ZEHR, 2015;2018). Isso significa que, "Em resumo, um esforço para acertar as coisas é o centro ou núcleo da justiça restaurativa.

Acertar tem duas dimensões: 1) abordar os danos que foram causados, e 2) abordar as causas desses danos, incluindo os danos que contribuem.”<sup>38</sup> (ZEHR, 2015, p. 44, tradução minha).

A tabela a seguir apresenta esta diferenciação no que tange ao uso de uma abordagem punitiva e de uma abordagem restaurativa. A partir desta construção é possível observar que a abordagem restaurativa não se trata de deixar a situação como está ou “passar a mão na cabeça”<sup>39</sup> dos envolvidos no conflito. Do contrário, se trata de uma abordagem complexa, social e relacional, ou seja, “a justiça restaurativa prefere processos inclusivos, colaborativos e resultados consensuais.”<sup>40</sup> (ZEHR, 2015, p. 38, tradução minha).

**Tabela 1 - Abordagem punitiva e abordagem restaurativa**

<b>ABORDAGEM PUNITIVA</b>	<b>ABORDAGEM RESTAURATIVA</b>
Definir culpados é central	Conflitos como parte das relações e o dano como um dano a todos
Foco no passado	Foco no futuro
Necessidades são secundárias	Necessidades são primárias
Enfatiza diferenças	Procura pelo comum
Imposição de exigências: o que o ofensor merece?	Reparação de danos e responsabilização do ofensor
Foco no ofensor, vítima ignorada	Necessidades da vítima são centrais
Instituição responsável pela resposta ao conflito	Reconhecidos os papéis da vítima, do ofensor e da comunidade e a importância da corresponsabilização

Fonte: Adaptado de Zehr (2015;2018).

Neste mesmo capítulo, trouxemos à luz a filosofia da justiça restaurativa. No entanto, os parágrafos anteriormente mencionaram novamente pilares e olhares sobre a importância da abordagem. Não por acaso, estas linhas estão dispostas neste momento do texto, uma vez que são de suma importância para a aplicação das práticas restaurativas em outros contextos.

Em se tratando do recorte intencional desta pesquisa de considerar a atuação em espaços educativos e de gestão, há que se ressaltar o trabalho de Belinda Hopkins (2003; 2011) e as adaptações para o contexto educacional que considera temas e perguntas restaurativas como elemento central para a contribuição em uma comunidade educativa.

<sup>38</sup> De acordo com a obra original: “*In summary, an effort to put right the wrongs is the hub or core of restorative justice. Putting right has two dimensions: 1) addressing the harms that have been done, and 2) addressing the causes of those harms, including the contributing harms.*”

<sup>39</sup> Nas mediações com famílias, rede socioassistencial e trocas cotidianas sobre o tema ouvi muitas expressões como esta.

<sup>40</sup> Em inglês, de acordo com o texto original: “*Restorative justice prefers inclusive, collaborative processes and consensual outcomes.*”

### 2.3.2 Sobre os temas restaurativos

Como visto anteriormente, a ampliação das práticas restaurativas para diversos contextos permitiu a criação de novas estratégias metodológicas, com vistas à construção de uma comunidade segura e que se responsabilize por uma convivência pautada em valores como a igualdade, segurança, justiça, corresponsabilização, inclusão, valorização e disseminação de senso de pertencimento. (PEDROSO e BURG, 2014).

Também, como mencionado no início deste capítulo, as contribuições teóricas aqui apresentadas tratam de uma das inúmeras adaptações metodológicas das práticas restaurativas. Diante disso, importa retomar a importância de resguardarmos esta possibilidade como apenas um ponto de vista e intervenção que vem apresentando impacto nos ambientes em que está sendo disseminada.

Dito isso, a saber, sobre a cronologia destas adaptações, os percursos destas construções e percepções foram iniciados, ainda em 2004, por Belinda Hopkins que se propôs a desenvolver uma abordagem baseada e adaptada aos valores das práticas restaurativas, na qual a utilização de perguntas, diálogos, processos circulares e espaços lúdicos de intervenção compunham as estratégias pedagógicas de criação de espaços de conexão entre as pessoas. (PEDROSO e BURG, 2014).

Para tanto, o modelo de práticas restaurativas chamado “Transformando Conflitos” foi composto por cinco temas ou ideias principais que são considerados fundamentais nas construções cotidianas, ressaltando-se também, a sua aplicabilidade para toda a comunidade educativa, ou seja, além muros e em qualquer outro espaço que deseje conectar histórias. (HOPKINS, 2011). De acordo ainda com a autora (2011. p. 26):

O modelo “Transformando Conflitos” de engajamento restaurativo é baseado na ideia que é mais útil primeiramente identificar as necessidades de todos, e depois discutir juntos as estratégias que atenderão estas necessidades. O trabalho de Marshall Rosenberg e seu modelo de Comunicação Não Violenta (CNV) muito inspirou este modelo. Nós o agradecemos.

Dessa forma, a partir de estratégias de abordagens restaurativas e transformação de conflitos associadas aos 5 temas, é possível garantir a promoção de interações diárias “em qualquer instituição ou organização que adotaram esta maneira de trabalhar” (HOPKINS, 2011, p.08). Esta adaptação de Belinda, inspirada na filosofia da justiça restaurativa e no trabalho de Marshall Rosenberg (2006; 2020) e sua atuação com a Comunicação Não-Violenta resultaram nos temas restaurativos a seguir:

**Tema 1 – Perspectivas pessoais e igualmente valorizadas.** Todos têm suas próprias perspectivas sobre uma situação ou acontecimento, e necessitam de uma oportunidade de se expressar para se sentirem respeitados, valorizados e ouvidos.

**Tema 2 – Os pensamentos influenciam emoções, e emoções influenciam ações subsequentes.** O que as pessoas pensam em um determinado momento influencia o que sentem naquele momento, e estes sentimentos informam o comportamento. Os pensamentos e sentimentos estão ‘abaixo da superfície’, mas ainda é muito importante entendê-los.

**Tema 3 – Empatia e consideração pelo outro.** Conflitos ou desentendimentos podem resultar em danos – em termos de emoções negativas como raiva, mágoa, medo, frustração e confusão, e em termos de relacionamentos e conexões danificados entre pessoas. Para viverem juntas em harmonia, as pessoas necessitam de empatia e consideração, para entender quem é afetado por suas decisões em dada situação e como.

**Tema 4 – A identificação das necessidades vem antes da identificação das estratégias para atender estas necessidades.** É provável que tanto as pessoas que causam danos, quanto aqueles que são diretamente afetados têm necessidades similares. Até que estas necessidades sejam atendidas, o dano pode não ser reparado e os relacionamentos podem permanecer danificados. [...]

**Tema 5 – Responsabilidade coletiva pelas escolhas feitas e por seus resultados.** As pessoas afetadas pela situação ou acontecimento são quem melhor podem identificar o que deve acontecer, para que todos sigam com suas vidas e para que o dano seja reparado. Esta ‘apropriação’ da tomada de decisão e resolução do problema, demonstra respeito e confiança, desenvolve habilidades e convicção pró-sociais e fortalece as conexões. (HOPKINS, 2011, P. 8-9, **grifo nosso**).

Desse modo, a utilização dos temas restaurativos pelas comunidades, seja onde for, ultrapassa a ideia apenas de conversas e diálogos com escuta atenta. É possível envolver proposições objetivando o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, da autoestima, encorajamento da cooperação e aprimoramento das habilidades comunicativas. (HOPKINS, 2011).

### 2.3.3 As perguntas restaurativas

Pensar no conversar restaurativo implica em, primeiramente, escutar. Pedroso e Burg (2014) quando da apresentação das compreensões de Belinda Hopkins (2003;2011), destacam que para que se promova uma escola restaurativa é necessário, prioritariamente, ser uma escola ouvinte. Usar da escuta empática e do processo de questionamento restaurativo dá vida à construção de um ambiente que preconize a cultura da paz.

O ouvir com qualidade possibilita efeitos imediatos nas relações pessoais e profissionais onde todos podem expressar aquilo que está lhes incomodando. Não se trata de um simples diálogo, mas sim de um diálogo qualificado que promove a compreensão. Então, para atender as necessidades do perguntar restaurativo, as perguntas possibilitam pensar uma abordagem disruptiva em relação à mudança de cultura da punição e culpabilização, permitindo a existência de processos dialógicos genuínos. (PEDROSO e BURG, 2014).

Tais perguntas, inspiradas na filosofia da justiça restaurativa, mais precisamente, nas conferências vítimas-ofensor propõem a substituição de questionamentos como “O que aconteceu?”, “Quem praticou o ato?” e “Que punição ele/ela merece por ter feito isto?”, pelos questionamentos: Quem sofreu o dano? Quais são suas necessidades? Como se podem acertar as coisas? Quem é responsável por atender as necessidades e obrigações decorrentes do dano? Quais foram as causas do ato danoso? Quem tem interesse na questão e pode ser envolvido na reparação e/ou no encaminhamento dos fatores que levaram ao ato danoso? (AMSTUTZ, 2015; ZEHR, 2008;2017).

Sendo assim, as possibilidades de utilização de perguntas restaurativas para tratar de temas conflitantes se apresentam em algumas construções teóricas, com sentidos bastante semelhantes, mas que se adaptam de acordo com o contexto vivenciado e a metodologia proposta. Nesse sentido, Belinda Hopkins, sugere para espaços educacionais (2004 apud PEDROSO e BURG, 2014, pp. 188-190), perguntas restaurativas básicas para a construção de um ambiente corresponsável:

- ✓ O que aconteceu? O que está acontecendo?
- ✓ Em que você estava pensando no momento? O que estava sentindo?
- ✓ Quem foi afetado/prejudicado pelo que aconteceu? Como foram afetados?
- ✓ O que você precisa para se sentir melhor em relação a isso?
- ✓ O que você pode fazer para que as coisas fiquem em ordem?

No mesmo sentido, Costello, Wachtel e Wachtel (2012, p. 18) sugerem, a partir da filosofia da justiça restaurativa e suas adaptações ao longo do tempo, algumas perguntas básicas para ajudar alguém que foi prejudicado pelas ações de outra pessoa visando a construção de uma cultura comunitária nas escolas:

- ✓ Em que você pensou ao perceber o que havia acontecido?
- ✓ Que impacto o incidente causou em você e nos outros?
- ✓ Para você, qual foi a coisa mais difícil?
- ✓ Em sua opinião, o que é preciso fazer para consertar as coisas?

Cumpramos ressaltar que, tais perguntas, sempre procuram trazer à tona a história dos atos e dos eventos, bem como os pensamentos e sentimentos associados a tais atos e eventos e soluções para resolver as coisas. As perguntas criam um circuito de feedback para que as pessoas possam ouvir como seus atos afetam as pessoas e possibilitar um empoderamento e encorajamento dos envolvidos à responsabilização. (COSTELLO, WACHTEL e WACHTEL, 2012).

Percebe-se com estas construções que, o uso de ferramentas conversacionais pautadas nas premissas restaurativas enaltece habilidades que não requerem, num primeiro momento, grandes mudanças organizacionais e seus efeitos imediatos são percebidos nas relações pessoais e profissionais. Além disso, por meio de uma postura de escuta e diálogo é possível compreender “o que o outro pensa, sente e precisa, em coerência com o princípio fundamental desta metodologia: que todos possam expressar aquilo que está incomodando.” (PEDROSO e BURG, 2014, p. 188).

Outro aspecto importante a ser ressaltado é que, o perguntar restaurativo possibilita tratar do que aconteceu, responsabilizar as pessoas pelos atos além de acolher e apoiar para que resolvam seus problemas de forma não violenta. (COSTELLO, WACHTEL e WACHTEL, 2012). Além disso, para Belinda Hopkins (2003; 2011) o uso das ferramentas conversacionais ultrapassa a utilização apenas quando da existência de um conflito, ou seja, podem ser utilizadas em círculos, conselhos de classe com abordagem não punitiva, mas corresponsável, comitês de famílias, na concepção e atuação de uma gestão participativa, formação de educadores, além de toda e qualquer necessidade de aplicação em espaços educacionais.

Dessa forma, ferramentas como perguntar restaurativo, conversar restaurativo, círculos de classe, encontros restaurativos e a hora do círculo foram sendo adaptadas para que todas as situações que acontecem no ambiente relacional – conflituosas ou não – possam ser solucionadas a partir do engajamento e envolvimento de toda a comunidade. Em suma, conforme Pedroso e Burg (2014. pp. 191-197) tais ferramentas se apresentam da seguinte maneira:

**O Perguntar Restaurativo** acontece sem a presença de um facilitador. Dá-se entre um interlocutor e uma pessoa que viveu um incômodo ou conflito e tem como objetivo auxiliar que a pessoa entenda o que pensava e sentia no momento, para identificar suas necessidades e ações necessárias para seguir em frente. [...] **O Conversar Restaurativo** acontece entre duas pessoas em conflito, sem a presença de um facilitador. O princípio fundamental deste procedimento é de que ambos os lados possam expressar aquilo que está incomodando (pensamento, sentimento e necessidade) e assegurar que o outro lado entendeu. [...] **O Círculo de Classe, consiste** em uma metodologia praticada através de um formato conversacional circular entre os membros de uma comunidade. No ambiente escolar pode acontecer com todos os alunos da classe, na presença de um facilitador. Este formato pode ser utilizado para conversar e/ou tomar decisões sobre um tema de interesse de todos, seja este um conflito ou não. O Círculo é valioso para desenvolver habilidades sociais e emocionais, promover integração e criar senso de pertencimento no grupo-classe, incorporar os princípios temas e linguagem restaurativos, encorajar os alunos a desenvolverem uma ética de cuidado e responsabilidade em relação ao outro, garantindo um bom contexto para o ensino e aprendizagem. [...] **O Encontro Restaurativo** consiste em um processo no qual todos os envolvidos em uma situação de conflito se reúnem com a presença de um facilitador para que, através do diálogo, busquem melhor entendimento mútuo do impacto causado pelo incidente, das razões que levaram ao mesmo e dos encaminhamentos. A proposta é reparar os danos decorrentes do fato através da construção de um plano de ação factível. [...] (**grifo meu**).



Nesse sentido, cabe ressaltar que o exercício de compreensão não se trata de um simples diálogo. Do contrário, a utilização de temas e perguntas restaurativas buscam a composição de um processo cuidadoso que permita dar a todos os envolvidos, “oportunidade de explicar como eles veem a situação, de dar voz a seus sentimentos e de reconhecer suas necessidades, para em seguida, entrar em uma negociação como a melhor forma de garantir que elas sejam atendidas.” (HOPKINS, 2004 apud PEDROSO e BURG, 2014, p. 188).

Portanto, considerando uma postura e questionamentos restaurativos, observa-se que as intencionalidades advindas destes processos, em qualquer o contexto em que sejam experimentados, orientam-se a partir da corresponsabilização relacional e não uma culpabilização individual. A mudança do paradigma retributivo para um paradigma restaurativo exige capacitação, escuta e processos coerentes. (VIDOTTO, 2018).

Como visto, existem inúmeras formas de se propor espaços de trocas e diálogos baseados em perguntas e postura restaurativa. Como apresentado nesta construção teórica, a importância de pensar estratégias de acolhimento e de redes de apoio possui atuação social significativa na promoção de espaços de saúde mental. Uma das possibilidades que se destaca nesse contexto são os processos circulares e estratégias advindas das práticas restaurativas.

### **3. A SAÚDE MENTAL EM DIÁLOGOS E COLETIVIDADES: afetos, afetações e práticas de afirmação da vida**

“O que melhora o atendimento é o contato afetivo de uma pessoa com outra. O que cura é a alegria, o que cura é a falta de preconceito.” (Nise da Silveira, s/d).

A construção de encontros pautados em trocas, escuta ativa e diálogo como estratégia de aproximação possui um caráter potencial de promoção de espaços preventivos em saúde mental, por meio da conexão humana. Diante destas correlações, esta pesquisa propôs pensar como estes espaços foram difundidos durante o período pandêmico, bem como analisar os impactos de movimentos de escuta, de fortalecimento de vínculos e práticas dialógicas para a saúde mental, pensando como se deu o fortalecimento de redes durante a pandemia, entre os grupos observados.

Sendo assim, importou construir sob estas bases, um olhar sistêmico no que concerne à construção de coletividades como potencialidade aos espaços de cuidado, cumulando este percurso às premissas restaurativas e de processos circulares, que, como já mencionado anteriormente, baseiam-se em construções dimensionadas pela interconexão e no fato de que toda a pessoa e necessidade importam. (BOYES-WATSON e PRANIS, 2011).

Considerando este contexto, tornou-se imprescindível pensar a vida, bem como ações afirmativas para promovê-la a partir de uma construção que encontre respiro, acolhimento e equilíbrio para as interconexões que conjugam o viver em sociedade. Em tempos como estes, respirar nunca foi tão difícil. Primeiro foram as máscaras, depois as desigualdades, as mortes e agora a polarização violenta. No entanto, é imperativo destacar que, a impossibilidade de oxigenar e respirar a vida não está se perdendo somente com o advento da pandemia. (QUADROS, CUNHA e UZIEL, 2020).

Pelo contrário, há que se ressaltar que a vida em sociedade e o direito universal à respiração estão sendo utilizados em função da utilidade de um sistema para gerar e garantir lucros. Nesse sentido, o filósofo Achille Mbembe, questiona como pautas tão viscerais para a convivência são deixadas de lado, tornando a necessidade individual e neoliberal as únicas saídas. Este é o caso do desmatamento, por exemplo, da destruição causada pelos incêndios aos ecossistemas, da poluição da biodiversidade em nome do progresso, e completa questionando que:

(...) a propósito, já que o confinamento passou a fazer parte de nossa condição atual, como esquecer as multidões que povoam as prisões do mundo, e aqueles outros cujas vidas foram despedaçadas face aos muros e outras técnicas de fronteirização, como os inúmeros postos de controle que pontilham territórios, mares, oceanos, desertos e todo o resto? (MBEMBE, 2020, p. 04).

A partir do mesmo olhar, Krenak (2020b), ressalta que “é incrível que esse vírus que está aí agora esteja atingindo só as pessoas. Para o autor, a presente situação foi uma manobra fantástica do organismo da Terra tirar a teta da nossa boca e dizer: "Respirem agora, quero ver". (KRENAK, 2020b, p. 10). Infelizmente, a análise profunda da realidade reflete o atual retrato do mundo e toda a sua vulnerabilidade no combate de um vírus que ameaça a humanidade, desnaturalizando todo o poder de controle que se imaginava ter. Portanto, hoje continuamente, se discute sobre a efemeridade da vida.

Por este olhar destaca-se, apesar da fragilidade de todas as vidas, que a pandemia não é igual para todas e todos, mas que é importante olhar para aqueles que assistem o mundo morrer um pouco mais a cada dia e pensar na experimentação de uma certa igualdade de risco, para romper com a ilusão de que os humanos continuarão a existir a partir de suas invenções para se projetarem em matéria para além os corpos. (KRENAK, 2020b).

Para se pensar em respiro e promoção de vida, se faz necessário olhar para a estupidez que sucede a contínua destruição do planeta e que desperta para a necessidade de parar de colocar a culpa num governo ou numa corporação, iniciando um processo reflexivo para a corresponsabilização, seja nas florestas, no apartamento, na comunidade, no trabalho ou em qualquer micropolítica que possa dar lugar a essa macropolítica de destruição. Nesse contexto, os agentes da micropolítica podem ser pessoas com ações transformativas, seja lá onde for ou com o que for, como uma horta no quintal de casa ou uma calçada se abrindo para o espaço do brotar. (KRENAK, 2020).

Os olhares de Mbembe (2020) e Krenak (2020b) convergem para a mesma necessidade de se pensar uma ruptura no pensamento neoliberal. Dessa maneira, práticas para afirmação de vida precisam começar pelo social, ou seja, pelas dimensões relacionais, de encontro e de diálogo aproximando-se de visões críticas também no que tange à sociedade digital. Os autores entendem como falsa liberdade àqueles que se apropriam da tecnologia, mas sem o toque da vida e da biosfera.

Desse modo, as afetações e as necessidades de sobrevivência alinham-se à construção de vida alinhada à “sujeição digital” que “conduz diretamente ao empobrecimento do mundo e à dessecação de grande parte do planeta.” (MBEMBE, 2020, p. 8). Diante destas problemáticas, um questionamento se aproxima: é possível prever uma utopia de respiração e de esperança, promovendo a transformação do concreto e do digital em relacional? Em caso positivo, como? Aos olhares de Krenak (2020b, p. 24) deve-se fortalecer o interior decrescendo a supervalorização do exterior. Isso significa que “temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver.”

Dessa maneira, promover respiração para além de seus aspectos puramente biológicos reside nas construções de possibilidades para engajar valores de senso de comunidade, ou seja, direcionamento àquilo que é comum e deve ser garantia universal a todos. Mas, sabe-se que essa construção e modo de viver em comunidade não é passível de quantificação, nem pode e deve ser propriedade de sujeitos. Dessa forma, é direito viver, à existência sem qualquer hierarquia ou jogo de poder e trata-se de um direito de habitar, existir e relacionar-se próprio da comunidade universal. (MBEMBE, 2020). O autor afirma ainda que:

Se a COVID-19 é, de fato, a expressão espetacular do impasse planetário em que a humanidade se encontra, então não se trata simplesmente de recompor uma Terra habitável, para que ela ofereça a todos a possibilidade de uma vida respirável. Trata-se, na realidade, de recuperar as fontes do nosso mundo, a fim de forjar novas terras. A humanidade e a biosfera estão ligadas. Uma não tem futuro algum sem a outra. Seremos capazes de redescobrir nosso pertencimento à própria espécie e nosso vínculo inquebrável com o conjunto do vivente? Esta talvez seja a pergunta derradeira, antes que a porta se feche de uma vez por todas. (MBEMBE, 2020, p. 11).

Esta imensa via de recuperação das fontes do mundo de vínculos e pertencimento, as quais Mbembe (2020) se refere, são compreendidas pelos processos circulares, como destacado no capítulo anterior, pela construção de espaços em que as relações humanas importam, são o centro e podem evoluir a partir de construções saudáveis. (PRANIS, 2011). À vista disso, pensar a humanização das relações, a partir das concepções regidas pelos conhecimentos dos povos originários, implica em propositivas voltadas a associações de corpos, ideias e equipes em detrimento de sustentações individuais e competitivas. (KRENAK, 2020a).

Tais construções convergem ainda com o pensamento de mundo onde a coletividade seja vivência sólida, de modo que tal configuração olhe para a sobrevivência em um mundo que necessita de outros corpos, outros afetos, outros sonhos para a transformação da crise vivenciada em uma “esperança fantástica, promissora.” (KRENAK, 2020b, p. 47).

Além disso, o caos que gera diversas crises também pode ser visto como potencial criador de vida, de relações e de solidariedade que promove um respiro importante na construção política da resistência e afirmação da vida. Pensar o acolhimento em tempos de pandemia não tem a ver com práticas clínicas extensas e pautadas em diagnósticos, mas sim no agir coletivamente que pense estratégias que considerem as singularidades dos públicos atendidos. (QUADROS, CUNHA e UZIEL, 2020).

Em consonância com este olhar que afirma a vida, cabe aqui ressaltar a potência criadora das tradições de povos originários que compartilham de um poder natural em que todos fazem parte e se corresponsabilizam pela criação de estratégias que são alicerce criativo das práticas restaurativas e dos processos circulares. Sabe-se que o momento atual, pede pela imprescindibilidade de ajuste de foco sob as dimensões relacionais, uma vez que, o relacionar

apesar de inebriada pelas incríveis tecnologias atuais criadas, não dará conta da destruição e do caos. Por isso, é preciso recriar formas para que se alcance a respiração e a humanização. (KRENAK, 2020b).

Nesse sentido, diante da propositiva de ajustes de foco e da importância de criar espaços de cuidado, alguns questionamentos surgem, à margem das reorganizações necessárias ao momento, nos fazendo refletir se:

(...) ao recriar a forma, outro questionamento se interpõe: e se o acolhimento for o próprio contato, o olhar de que tanto se precisa, um instante de atenção, uma palavra genuína não explicativa, um efêmero intenso? E se for um despertar, uma luz sobre a própria vida, um lembrar-se de si junto com o outro? (QUADROS, CUNHA e UZIEL, 2020, p. 06).

Para bem recriar, destaca-se que as possibilidades de respiração e de ação em tempos de pandemia, reverberam necessidades anteriores e atuais que concernem à escuta, ao diálogo e encontros significativos na construção de ambientes saudáveis que impactam diretamente a construção de saúde mental e a capacidade de enfrentamento de situações emergentes. Desse modo, as condutas práticas ressaltam a necessidade de ações conjuntas e comunitárias para a construção de espaços seguros e que permitam conferir um status de afetação, em se tratando esta de afetividade e construção coletiva. (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2020).

Pensando então sobre coletividade, fez-se necessário pensar como a saúde mental se apresenta no plano coletivo para que as atuações com práticas restaurativas e processos circulares sejam investigadas como uma possível - ou não - abordagem estratégica e preventiva desta construção.

### **3.1 O CUIDADO EM COMUNIDADE**

Como observamos, a crise social da pandemia tem trazido intensas afetações. Afetos estes que não extinguem as necessidades de esforços diversos e que também se apresentam ao cuidado com a saúde mental e suas respectivas proposições de acesso à população, notando-se que, nestes tempos, foi considerada em uma vasta gama de estratégias e nos mais variados espaços. (FARO et al., 2020).

Nesse sentido, em se tratando da atenção a este tema e suas manifestações na população, diferentes organizações se manifestaram quanto à premência dos cuidados em saúde mental na pandemia da COVID-19, ressaltando-se, para tanto, o Ministério da Saúde brasileiro – muito embora precarizado pelo negacionismo científico - enfatizou a relevância dessa questão no país. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Diante deste contexto, a compreensão do processo de cuidado coletivo em saúde mental alicerçou-se ao desenvolvimento de sentidos e processos que agregam escuta ativa e responsável, cuidado paciente e respeitoso, considerando a população em afetação como um todo, e é claro, resguardando os agravamentos concernentes às vulnerabilidades já anteriormente mencionadas por Santos (2020), no capítulo anterior. Além disso, o olhar para as interações apresentadas precisa ser feito a partir do viés dos diferentes campos de cuidado, sem o objetivo de tornar crônica e medicamentosa a reação dos sujeitos, bem como reforçar a perspectiva de que a coletividade e as redes socioafetivas são imprescindíveis no momento. (BRASIL, 2020a).

Por conseguinte, e reiterando as palavras de Krenak (2020b), a pandemia também apresentou à saúde mental uma “oportunidade” de pensar a importância das relações, encontros e coletividade em detrimento de espaços individuais de cuidado. Dessa forma, uma possibilidade encontrada para compor esta janela de oportunidade, são as práticas restaurativas e os processos circulares que alicerçam seus constructos sob a coletividade quando o assunto é transformação da realidade. (PRANIS, 2011).

No entanto, é preciso cuidado e minúcia em relação aos possíveis benefícios que a quarentena em massa potencializa em detrimento aos possíveis custos psicológicos da diminuição das relações socioafetivas. Dessa maneira, é necessário que se utilizem estratégias de enfrentamento à pandemia cumulada a ações que também minimizem os efeitos negativos dela. (BROOKS, et al., 2020).

Para compor esta construção, é possível fazer um resgate dos escritos da Organização Pan-Americana de Saúde, ainda em 2009, que destacaram reflexões importantes sobre o impacto em saúde mental, em casos de epidemia:

Do ponto de vista da saúde mental, uma epidemia com grandes proporções, como é o caso da atual, deve considerar, inclusive, “que toda a população sofre tensões e angústias em maior ou menor grau.” Essencialmente, estima-se um aumento da incidência de transtornos psíquicos (entre um terço e metade da população exposta pode vir a sofrer alguma manifestação psicopatológica, de acordo com a magnitude do evento e o grau de vulnerabilidade). Embora se deva destacar que nem todos os problemas psicológicos e sociais apresentados poderão ser qualificados como doenças, a maioria será reações normais diante de uma situação anormal. Os efeitos para a saúde mental em geral são mais marcados nas populações que vivem em condições precárias, possuem recursos escassos e têm acesso limitado aos serviços sociais e de saúde. (OPAS, 2009, p. 09)

Para Brooks et al. (2020) os efeitos negativos, em se tratando do campo da saúde mental, em uma pandemia são observados de forma muito mais intensa que o número de mortes. Alguns destes efeitos intensos observados são refletidos pelos sistemas em colapso, profissionais em exaustão, jornadas de trabalho excessivas e o distanciamento que busca do

controle da doença pela não transmissão e que acaba impactando de forma substancial a comunidade de maneira geral.

Ampliando essa perspectiva as construções de caminhos e revisões teóricas do cuidado em saúde mental para os tempos pandêmicos reiteram que:

O atual cenário de potencial catástrofe em saúde mental (...) só será devidamente conhecido após passado o período de pandemia. Portanto, esforços imediatos devem ser empregados, em todos os níveis e pelas mais diversas áreas de conhecimento, a fim de minimizar resultados ainda mais negativos na saúde mental da população. Cabe, enfim, investir em adequada assistência à saúde e, sobretudo, na ciência em geral, para que esse período seja abreviado e que os profissionais de saúde estejam capacitados para os desafios do cuidado. (FARO et al., 2020, p. 11).

A construção de uma propositiva da saúde mental sob o viés coletivo reside no conjunto das transformações tanto da sociedade quanto das categorias clínicas, considerando a dinamicidade dos sistemas e valores sociais que são exteriores à clínica e à ciência psicológica, mas que resguardam impacto direto na concepção da gestão do sofrimento psíquico. Diante disso, Safatle, Junior e Dunker (2020, p. 10) afirmam que “o sofrimento psíquico é não apenas produzido, mas também gerido pelo neoliberalismo”. Por isso, cabe compreender o neoliberalismo como uma forma de vida nos campos do trabalho, da linguagem e do desejo.”

Para Safatle, Junior e Dunker (2020), a Psicologia<sup>41</sup>, uma profissão tão marcada por práticas individualizantes, mercadológicas e farmacológicas, apresenta, no momento da pandemia, uma situação de exceção e de possibilidade que parece ter convocado a categoria, e as atuações de cuidado em saúde mental, a uma dimensão política e coletiva das produções de subjetividade. Dessa forma, é possível perceber como necessidade uma preocupação com a comunidade de maneira mais ampla, respaldada pelo desejo de fazer parte da luta contra a pandemia. (QUADROS, CUNHA e UZIEL, 2020).

Além disso, a busca por formas de intervenções com maior amplitude de impacto, bem como sob o viés comunitário também se respalda nas ações equivocadas do governo atual do presidente Jair Bolsonaro e do governo do ex-presidente Michel Temer<sup>42</sup> “que são inspirações talvez inéditas que provocam ocupação de novos lugares que talvez tragam enlevo, mesmo com o desconforto inicial da urgência da criação de uma resposta “rápida” e “eficaz” para o sofrimento coletivo.” (QUADROS, CUNHA e UZIEL, 2020, p. 09).

---

<sup>41</sup> Para Canguilhem (1956), etimologicamente, Psicologia significa a ciência da alma.

<sup>42</sup> Segundo Silva e Silva (2020, p. 110), em ambos os governos, medidas tomadas configuraram um “redirecionamento da política ferindo fortemente os princípios da Reforma Psiquiátrica que preveem a substituição do modelo asilar, de internação e exclusão social e criação de uma rede de serviços territoriais de atenção psicossocial, visa atender interesses puramente mercadológicos da “indústria da loucura”, quando resolve favorecer ainda mais a iniciativa privada, transformando a saúde mental em um negócio.”

Dessa maneira, as buscas e construções em torno da gestão do sofrimento psíquico e da promoção de saúde mental, em tempos como esse, apresentam um olhar sob o acolhimento que resgata, de acordo com Quadros, Cunha e Uziel (2020), possibilidades de contato e de cuidado para além daqueles costumeiros e rotineiros e que agora precisaram se reinventar, existindo, portanto, certo ineditismo nas experiências de cuidado tanto para quem acolhe quanto para quem é acolhido.

À vista disso, em pesquisa realizada durante a pandemia sobre o impacto psicológico da quarentena, Brooks et al. (2020), ressaltaram a importância da construção de afetações e trocas impactando diretamente a promoção de cuidado e redução dos efeitos psicológicos negativos refletidos pela pandemia e pelo distanciamento. Nesse sentido, sentir-se conectado a outras pessoas e promover a troca de experiências, reconhecendo nos sujeitos, situações parecidas e que validem as suas, pode desempenhar a função de construção de apoio e pertencimento que as pessoas não estão recebendo em outros espaços em que seus sentimentos não estão sendo validados.

No entanto, a história do cuidado coletivo não começa agora. A importância da construção de espaços de promoção de saúde subsidiados por estratégias voltadas à escuta das histórias de vida, resgatam o que Ayres (2004, p.19) apresentava como a fusão dos saberes técnicos e os saberes que cada pessoa acumulou ao longo de sua trajetória permitindo a abertura para que “da troca e do diálogo entre esses saberes, surjam boas escolhas sobre como agir nas diversas situações de cuidado. Esse é um processo que emerge de um espaço relacional e não se concentra nem no indivíduo, nem na hierarquia.”

Considerando então, a imprescindibilidade da dimensão relacional, em um mundo tomado por intensas transformações, que foram fortalecidas pelos tempos pandêmicos, é preciso pensar os sentidos do cuidado de forma ampliada. Para além de formulações normativas ou prescrições medicamentosas, devem-se buscar ações para a afirmação da vida, mesmo com a morte andando lado a lado. Isso significa tornar o afeto e os espaços de acolhimento como uma prática política que transcende a produção de relações saudáveis momentâneas e amplia as possibilidades de construções preventivas e ativas de cuidado. (QUADROS, CUNHA e UZIEL, 2020).

Além disso, é preciso compreender o acolhimento nos processos de humanização da promoção de saúde. Nesse sentido, recorre-se à produção do Ministério da Saúde (2010) que vislumbra a acolhida como uma estratégia de aproximação relacional que preconiza a construção com os sujeitos envolvidos, ou seja, construir e estar a partir de atitudes inclusivas.



Considerando este mesmo olhar, as estratégias que envolvem o respeito à necessidade de acolher e construir espaços de apoio alicerçam a palavra e seu viés dialógico como possibilidade de ressignificar e de construir caminhanças de fala e de disposição à escuta. A construção é sempre “uma fala que, apesar de singular, não é solitária, tampouco isolada, característica que nos descreve fisicamente, neste momento.” (QUADROS, CUNHA e UZIEL, 2020, p. 09).

Para isso, é interessante retomar alguns vieses históricos das políticas de cuidado no Brasil, como o caso dos escritos da Política Nacional de Humanização (2010). Nota-se a convergência desta, com a necessidade das construções coletivas, empáticas e voltadas à humanização da promoção da saúde, que foi amplamente discutida em decorrência da pandemia. Dessa forma, as propositivas resgatam importantes construções, como por exemplo:

(...) os processos de “anestesia” de nossa escuta e de produção de indiferença diante do outro, em relação às suas necessidades e diferenças, têm-nos produzido a enganosa sensação de salvaguarda, de proteção do sofrimento. Entretanto, esses processos nos mergulham no isolamento, entorpecem nossa sensibilidade e enfraquecem os laços coletivos mediante os quais se nutrem as forças de invenção e de resistência que constroem nossa própria humanidade. Pois a vida não é o que se passa apenas em cada um dos sujeitos, mas principalmente o que se passa entre os sujeitos, nos vínculos que constroem e que os constroem como potência de afetar e ser afetado. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010, p. 08).

Nessa sequência, fundamenta-se a eminência da atenção aos sofrimentos inerentes à pandemia e que tem provocado sensação de insegurança que é fortalecida pela ideia de que, dificilmente, as coisas voltarão a ser como antes. Nesse sentido, mais do que apenas uma inferência, a dificuldade de assentamento das sensações e emoções já é sentida por pessoas que se viram impedidas de enterrar familiares e amigos próximos, precisando identificar possibilidades ritualísticas para amenizar o sofrimento decorrente da perda. (BRASIL, 2020b).

Para tanto, é necessário lembrar que a impossibilidade que sustenta a incerteza do momento também é respaldada pela imaterialidade dos processos e afetos que constituem o ser humano. Diante disso, torna-se importante pensar o amparo nas relações cotidianas com gestos, palavras e possibilidades que recriem as dimensões relacionais e construam engajamento necessário para pensar a realidade, mesmo que virtualmente. Há que se ressaltar, portanto, que na incerteza, a busca por experiências conhecidas, que tornem as vivências menos sofríveis, reforça a construção de espaços de promoção de trocas e diálogos. (QUADROS, CUNHA e UZIEL, 2020).

Neste seguimento, o caminho que se abriu para condução do momento, diz respeito à consideração do cenário de mudanças, ansiedade e incertezas provocadas pela pandemia do novo *Coronavírus*. Dessa maneira, e como mencionado anteriormente, os processos circulares

se apresentam como uma estratégia que possibilita a promoção de reflexões e discussões sobre os impactos e necessidades advindos pelas circunstâncias do presente, bem como a propositiva de trocas baseadas em processos dialógicos e colaborativos sobre diversos temas, que permitem a construção de um espaço voltado a valores como a amorosidade, empatia, escuta, fortalecimento e pertencimento em relacionamentos saudáveis. (SILVA et al., 2021).

Portanto, espaços coletivos de construção relacional, tal qual orienta a premissa metodológica das práticas restaurativas, segundo Silva (2021) se apresentam como uma potente ferramenta porque:

A utilização das práticas restaurativas são uma excelente estratégia para a promoção de espaços dialógicos seguros, que proporcionem aos(as) participantes um ambiente real ou virtual, para compartilhamento de experiências e sentimentos que podem favorecer a melhoria das relações [...] interpessoais, para além de situações extremas, como a evidenciada pela pandemia. É uma ferramenta que pode e deve ser utilizada não só para resolução de conflitos, mas também para a prevenção e promoção da saúde mental [...]. (SILVA et al., 2021, p. 1689).

Assim sendo, humanizar processos, restaurar e reafirmar relações em tempos tão prejudicados pelo distanciamento se apresenta como uma possibilidade evidenciada a partir de diversos recortes teóricos. Cabe ressaltar que a utilização de processos coletivos de construção de relações, que já estavam sendo utilizados anteriormente ao advento da pandemia, agora possibilita pensar estratégias de presente e de futuro, para intervenções em um mundo cheio de medos e novas necessidades.

### **3.2 A IMPORTÂNCIA DAS REDES COLABORATIVAS DE CUIDADO PARA A SAÚDE MENTAL – resgates históricos**

Para continuar pensando a promoção da saúde mental a partir da dimensão das relações em colaboração, entender a linha do tempo histórica que perpassa a dimensão da produção do cuidado em saúde mental no Brasil, se faz necessário. Nesse sentido, foi importante para a construção desta pesquisa, retomar pontos importantes sobre reforma psiquiátrica brasileira e seu surgimento na década de 1970, cujo objetivo estava alinhado a diversos movimentos mundiais de denúncia em torno de práticas opressoras e coniventes com violações dos direitos humanos dos usuários de serviços de saúde mental. (BRASIL, 2005).

Dessa forma, voltando ao passado, compreende-se a importância do movimento da reforma psiquiátrica no Brasil, bem como a resignificação (ou tentativa de), dos processos no que concerne ao modelo de cuidado em saúde mental para todos os usuários, famílias, gestores e territórios em que serviços de atendimentos estavam e estão inseridos. (BRASIL 2005). Nesse

sentido, a compreensão de cuidado de acordo com Ferreira et al. (2017, p. 374) passa “a ter como premissa a defesa da vida e a percepção dos usuários como cidadãos pertencentes à comunidade. Para tanto, é necessário considerar as conexões relacionais que envolvem o sujeito que é cuidado e entendê-las como produtoras de vida.”

Não muito distante, na década de 1950, a doutora Nise da Silveira, médica psiquiatra, conhecida internacionalmente pela forma como trabalhava com seus pacientes, buscava apresentar o trabalho em saúde mental a partir de um ambiente acolhedor, acrescentando o vínculo afetivo como premissa básica de um trabalho que parte do princípio da relação entre espaço cotidiano e espaço imaginário, entre mundo externo e mundo interno. (SILVEIRA, 1981 apud OLIVEIRA, JÚNIOR e VIEIRA-SILVA, 2017).

Nesse contexto, a afetividade apresenta-se como um dos pilares do pensamento de Nise da Silveira, em estreita compreensão de como os modos, o ambiente e as relações afetam a construção das subjetividades. Ampliando estes horizontes, a partir das construções de Nise foi possível concluir que:

O intenso sofrimento é compensado por ambiente acolhedor e por relações afetivas que ativam, de maneira criativa, conteúdos psíquicos opostos que, tensionados, conferem sentido às vivências dos cidadãos em sofrimento psíquico. O sofrimento adquire, portanto, significado e pode ser superado a partir da afetividade. (OLIVEIRA, JÚNIOR e VIEIRA-SILVA, 2017, p. 27).

À vista destas construções e influências, a dimensão relacional, que considera a realidade em que os sujeitos estão inseridos, passa então a desenvolver importante resposta no que tange à promoção de espaços comunitários multidimensionais e complexos para o cuidado. Além disso, a manutenção da vida em comunidade se confirma a partir da possibilidade de produção de manutenção de vínculos com sujeitos e com territórios. (FERREIRA et al., 2017).

Nesse sentido, durante esta pesquisa, o ajuste das lentes se deu sob a ótica de um processo de educação permanente em saúde, fortalecido por Merhy, Feuerwerker e Ceccim (2006), ao afirmarem que o cuidado só pode ser promovido em uma construção de afirmação das vidas envolvidas, ou seja, quando o valor dos sujeitos presentes está imbricado na prática cotidiana. A partir dessa proposta, é possível compreender que produção de espaços de cuidado também é produção de vida que não deve ser institucionalizada, pelo contrário, deve produzir redes de cuidado nos espaços em que se encontra.

Assim sendo, pensar a dimensão colaborativa de promoção de saúde mental significa trabalhar com os saberes e forças provindas da própria comunidade em questão. É ali que se pensam soluções, que as demandas são trazidas a partir da realidade e que também é possível construir um processo a partir de objetivos comuns. Dessa forma, este resgate das

potencialidades e dos recursos permitem sujeitos “construindo coletivamente as soluções, a multiplicidade de trocas entre as pessoas e os cuidados em saúde mental.” (BRASIL, 2005, p. 26).

Em consonância a este olhar, e ampliando o debate para a virtualidade, Quadros, Cunha e Uziel (2020) reforçam que dispositivos e propositivos de acolhimento, em tempos que a aproximação está mediada por aparelhos eletrônicos, necessitam de um olhar para os afetos e suas respectivas afetações a partir das singularidades do contexto, permitindo que a construção de espaços colaborativos se torne também interventivo no que concerne à promoção de saúde mental.

Nesta mesma linha de compreensão, as pesquisas realizadas nestes tempos, destacam a ativação de redes sociais, relacionais, de trocas e de colaboração como uma estratégia e ferramenta de cuidado exponencial. No entanto, quando do contrário deste rol interventivo, a incapacidade de promover estes espaços, pode estar associada a processos de ansiedade e de produção de sofrimento em longo prazo. (BROOKS et al., 2020).

Nesse sentido, a proposição de práticas que fortaleçam o bem-estar social e emocional, impactando a dimensão das relações dos sujeitos, pode se apresentar com uma potente estratégia de promoção da saúde mental coletiva. De acordo com Sawaia (2015, p. 39), para se pensar os olhares comunitários, faz-se necessário compreender que “ali existem valores específicos que permitem o amadurecimento e desenvolvimento das potencialidades humanas nos espaços particulares do cotidiano, portanto, não antagônico à individualidade.”

Dessa forma, o olhar comunitário quando em consonância com a realidade singular de cada sujeito, permite um movimento de recriação e ressignificação permanente da existência coletiva. Neste encontro, é possível fluir de experiências sociais vividas como realidade do eu, bem como partilhá-las de maneira intersubjetiva, alcançando assim formas coletivas de libertação, construção e equidade. (SAWAIA, 2015).

Do mesmo modo, a perspectiva em comunidade considera a potência de todos os sujeitos envolvidos na construção de um espaço colaborativo, como destacado pela Psicologia Social Comunitária, em escritos de Bader Sawaia (2015, p. 40) que declaram:

(...) se comunidade contém individualidade, não pode ser trabalhada como unidade consensual, sujeito único. Só a ação conjunta não a caracteriza, ao contrário, a homogeneização pode negá-la, pois ela deve oferecer um espaço total de atitudes particulares. Isso não significa abrir mão de ideias comuns, mas do consenso fechado e conseguido à custa da ditadura das necessidades (Heller 1992 apud Sawaia 2015), incentivando o exercício da comunicação livre, onde todos participam com igual poder e competência argumentativa no processo de ressignificação da vida social.

Além disso, a construção a partir de uma perspectiva relacional comunitária destaca também a legitimidade da fala e da escuta, na construção de consensos democráticos que aproximem as necessidades de cada um, sem que haja desrespeito pela necessidade do outro. Dessa maneira, a capacidade argumentativa de construção de diálogo em comunidade deve permitir “através da linguagem, lidar com a realidade do desejo próprio e do outro, construindo um nós. Portanto, é exercício de sensação e de reflexão, para que o sujeito se sinta legitimado, enquanto membro do processo dialógico-democrático.” (SAWAIA, 2015, p. 40).

Em construção cumulada à temática, a importância das propositivas relacionais provém destaque também nos escritos de Ayres (2004) sobre a questão do cuidado associada aos “coletivos humanos” (p. 26), uma vez que, torna-se imprescindível pensar as dimensões sociais dos processos adoecimento, bem como das respostas a estes. Nesse sentido, quando se pensa nas possibilidades de promoção de saúde e de redes, pautado na humanização, “fica evidente a inseparabilidade deste plano individual do plano social e coletivo.” (p. 27).

Dessa forma, o autor ressalta ainda (2004, p. 27) a importância da construção de respostas coletivas ao sofrimento como estratégia de promoção de saúde considerando-as em primeiro lugar, ou seja:

(...) porque a ideia mesma de valor só se concebe na perspectiva de um horizonte ético, que só faz sentido no convívio com outro, no interesse em compatibilizar finalidades e meios de uma vida que só se pode viver em comum. **Em segundo lugar, porque a própria construção das identidades individuais, as quais plasmam os projetos de felicidade em cujas singularidades se deve transitar na perspectiva do Cuidar, se faz, como já apontado acima, na interação com o outro, nas inúmeras relações nas quais qualquer indivíduo está imerso, já antes mesmo de nascer.** Em terceiro lugar, e o que interessa especialmente destacar nessas últimas linhas, é que não apenas os horizontes normativos que orientam os conceitos de saúde e doença são construídos socialmente, mas os obstáculos à felicidade que estes horizontes permitem identificar são também fruto da vida em comum, e só coletivamente se consegue efetivamente construir respostas para superá-los. (grifo meu).

Estes conceitos, se cruzam e destacam as trocas produzidas em espaços coletivos e colaborativos, cujo objetivo seja a promoção de conhecimento sobre as necessidades de si e dos outros, de modo a se caracterizarem como dispositivo educativo, uma vez que, as trocas e compreensões de si e do outros, permitem profícua possibilidade de construção e reconstrução de humanidade. (TEIXEIRA, 2005).

Nesse sentido e considerando ainda a fundamentação de Teixeira (2004), proposições de acolhimento dialogado se apresentam como importante possibilidade de conversação ao se tornar apoio ao processo de conhecimento das necessidades. Dessa forma, este processo implica em compreender que “todo mundo sabe alguma coisa, ninguém sabe tudo e a arte da conversa

não é homogeneizar os sentidos fazendo desaparecer as divergências, mas fazer emergir o sentido no ponto de convergência das diversidades.” (p. 05).

Portanto, o percurso histórico que resgata o cuidado de forma coletiva, apesar de muitos destes escritos não terem sido redigidos para o contexto pandêmico, reforçam premissas e oportunidades que aliam as práticas restaurativas, dialógicas, circulares, horizontais e de fortalecimento de vínculo, bem como das construções teóricas e práticas em saúde mental, considerando os espaços coletivos e afetivos. Desse modo, esta pesquisa se propôs a aliar estes objetivos, como forma de responder à urgência das mudanças e estratégias, sem perder em si o valor dos vínculos e relações interpessoais para a mudança atual.

### **3.3 IDEIAS DO HOJE PARA O DEPOIS: práticas para a afirmação da vida**

Embora envoltos em sentimentos recorrentes de luto e medo, ressignificar e produzir, pensar o hoje, considerando as vivências e aprendizados do passado, sem esquecer-se do futuro, é bastante importante que se trata da construção de práticas para afirmação da vida. Não obstante, o presente se apresenta cheio de desafios, de modo que estas posturas afirmativas por meio de estratégias de fortalecimento de vínculo e diálogo devem estar aliados ao entendimento de que o laço social é fator preponderante na promoção da qualidade das relações cotidianas. (ANTÚNEZ e CARNIZELO, 2021).

Nesse sentido, a acentuação das preocupações, como já mencionado em outro momento desta construção, a manutenção das atividades em ambiente remoto e as relações presenciais bastante prejudicadas, se somam às tensões com taxas de contaminação e cuidados pessoais. Todos estes fatores impactam diretamente a procura por atendimento de saúde mental. Dessa maneira, foi possível constatar que, tanto no serviço público, quanto no privado, no segundo ano da pandemia de COVID-19, as buscas aumentaram significativamente, e os principais sintomas associados à procura se apresentam como ansiedade e depressão. (ANTÚNEZ e CARNIZELO, 2021).

Os dados apresentados pelo guia que olha para o risco de suicídio na pandemia, sob os escritos de Liang e Nestadt (2020), ressalta que, apesar de não haver mudanças significativas nos números gerais, necessário se faz a manutenção da vigilância e atuação em atividades preventivas em saúde mental, uma vez que a pandemia pode apresentar efeitos também de longo prazo, em caso de descartadas suas reverberações imediatas.

Dessa maneira, e como apontado no guia apresentado acima, foi e é “particularmente importante apoiar populações em risco, como idosos, jovens, minorias raciais, desempregados

e trabalhadores da linha de frente, como médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, dentre outros. Os métodos incluem a garantia de acesso equitativo aos cuidados de saúde mental, promovendo o apoio da comunidade digital e proporcionando alívio econômico”, afirma o documento. (LIANG e NESTADT, 2020).

Importante ressaltar que, durante a pandemia, muitas outras barreiras, além das já mencionadas no decorrer deste texto, se apresentaram intensificando buscas por apoio e tratamento. É o caso, por exemplo, das restrições em unidades de saúde, de circulação, de tecnologia adequada para apoio digital, dentre outras. A preocupação é que certos grupos podem ser mais vulneráveis aos efeitos da pandemia e apresentar taxas de suicídio aumentadas. (ANTÚNEZ e CARNIZELO, 2021).

Dessa maneira, os documentos que concernem à promoção de saúde mental em tempos pandêmicos ou após eles, destacam a importância da promoção de espaços em comunidade. (LIANG e NESTADT, 2020). Destaca-se para tanto, que a comunidade se torna uma possibilidade eficaz quando o movimento de acolhida promove a muitos dos participantes a sensação de segurança e pertencimento. (QUADROS, CUNHA e UZIEL, 2020).

De tal maneira, muitas respostas afirmativas à questão da vida incluem a aproximação uns dos outros, sempre que possível e considerando as necessidades do momento. Além disso, o acolhimento à dor, angústia e necessidades em lugares de trocas, reafirma o imperativo de que “os laços sociais e interpessoais ocuparão sempre lugares privilegiados de recuperação das questões da vida.” (ANTÚNEZ e CARNIZELO, 2021). Em consonância aos olhares supramencionados, o processo de continuidade de cuidado e do fortalecimento de vínculos, também se apresenta interseccional à política e resistência, ou seja:

Tal afirmação, a nosso ver, ratifica o **caráter político dessa parceria acolher-cuidar, no caso aqui discutido, uma política de afirmação da vida. A vida em seus muitos possíveis, sem o imperativo da felicidade, sem assepsia de mal-estares, sem a negação dos acontecimentos.** Diante de uma pandemia, onde vida e morte andam literalmente lado a lado, caminhamos no fio da navalha e, nesse cenário de ameaças e incertezas, o cuidado torna-se um ato revolucionário que habita o nosso cotidiano. (QUADROS, CUNHA e UZIEL, 2020, p. 10, grifo meu).

Portanto, a valorização das potências dos encontros como possibilidade de criação de outros espaço-tempos, também necessitam romper com perspectivas normativas e engessadas no que concerne à promoção de saúde. É preciso lidar com a diferença e com os marcadores sociais como possibilidade de encontro a partir de um olhar sempre crítico e aguçado aliado ao ato de acolher. (QUADROS, CUNHA e UZIEL, 2020).

Por fim, considerando as contribuições de Maeneja e Abreu (2020) compreende-se como necessário, olhar para as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como

possibilidade para a condução de ações que permitam a aproximação, sem deixar de pensar seu uso sustentável e cuidadoso, para que estas possam salvaguardar as relações interpessoais, tão prejudicadas em tempos de isolamento. Por isso, é preciso que as TICs sejam vistas de forma crítica e que auxiliem na mitigação de problemas em saúde mental.



#### **4. AMBIENTES VIRTUAIS: sobre o uso das Tics como ferramenta de aproximação, conexão, cuidados e de desigualdades em espaços digitais**

[...] O avanço da ciência e da tecnologia não é tarefa de demônios, mas sim a expressão da criatividade humana [...] para mim, a questão que se coloca é: a serviço de quem as máquinas e a tecnologia avançada estão? [...] Para mim os computadores são um negócio extraordinário. O problema é saber a serviço de quem eles entram na escola. Será que vai se continuar dizendo aos educandos que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil? Que a revolução de 64 salvou o país? Salvou de que, contra que, contra quem? Estas coisas é que acho que são fundamentais. (Paulo Freire, 1984, p. 06).

Em razão do intenso processo de globalização, muitas mudanças foram e estão sendo construídas nos mais diversos contextos, objetivando a consolidação de interconexões em favor do desenvolvimento, sem esquecer-se das necessidades políticas alicerçadas ao tema. Dessa forma, as TICs considerando o espaço-tempo atual, comportam aplicações advindas da microeletrônica, da informática, telecomunicações, biotecnologia, nanotecnologia, dentre outras tantas que “que vêm sendo usadas eficientemente na sociedade contemporânea para estender as relações sociais e superar os obstáculos que o mundo globalizado traz consigo.” (MARTÍNEZ, 2014, p. 59).

Destaca-se para tanto, sob a crença desenvolvimentista mediada pelas TICs, que na América Latina, por exemplo, as estratégias tecnológicas e suas respectivas ferramentas vêm sendo utilizados como alternativa de ampliação de promoção do desenvolvimento, em detrimento das condições de subdesenvolvimento. (MARTÍNEZ, 2014). Em contrapartida, é preciso assinalar que as TICs são apresentadas como estratégia de solução para a pobreza e o desenvolvimento, podem ser erroneamente tomadas por tal status. (GUMUCIO-DRAGON, 2004).

Dessa forma, essa construção desenvolvimentista, reitera objetivos fomentados “para que o pobre saia de sua pobreza, o rico estabeleceu que, para ser como ele, o pobre deve agora pagar para imitá-lo, comprar até seu conhecimento, marginalizando suas próprias sabedorias e práticas ancestrais.” (ACOSTA, 2016, p. 58).

Em paralelo ao grande destaque supramencionado, e apesar de as TICs atualmente possuírem um aval para a construção de um novo paradigma de economia, de política e de sociedade, sobre a atual revolução tecnológica, é sabido que:

(...) é um processo que implica grandes transformações sociais baseadas na interconexão da qual as TICs são a infraestrutura básica. Porém, os indivíduos não deixam de ser fundamentais na medida em que se apropriam destas ferramentas, disponibilizam informações cada vez mais dinâmicas e colocam novos desafios e objetivos em diferentes áreas sociais. (MARTÍNEZ, 2014, p. 62).

Estas grandes transformações recém-mencionadas, também refletem as intensas novas tecnologias produzidas para responder às demandas que tem crescido de maneira exponencial e que acabam por estruturar as relações sociais na contemporaneidade. Nesse sentido, conforme aponta Martínez (2014, p. 62) “a internet é a protagonista que desafiou e revolucionou a organização no tempo, espaço e as relações sociais, já que se constituiu como uma extensão da mídia existente, modificando gradativamente o seu papel na sociedade.”

Para tanto, exige-se, no transcorrer desse novo contexto, a necessidade de manter redes de conexão e comunicação, facilitada em diversos contextos pelo advento da rede mundial de computadores, como um terreno promissor e fecundo para o desenvolvimento de formas de participação e interações democráticas. (MARTÍNEZ, 2014).

Importante destacar que os espaços remotos e as TICs, possuem uma característica importante, quando associada à internet, de facilitar o contato online, especialmente entre pessoas que estão geograficamente distantes. Nesse contexto, a construção dessas possibilidades de aproximação tem suscitado a imaginação das populações, bem como vem despertando interesse das pesquisas e da ciência no que tange à formação de relações e relacionamento online. (MESCH, 2019).

No entanto, estas discussões recentes que apresentam os impactos das TICs também se confirmam nos argumentos de Castells (1999), que afirma que o uso das TICs transformou o contexto social e constituíram aquilo que denominou de sociedade em rede, modificando acentuadamente os constructos sociais, bem como os lugares da experiência, do poder e da cultura. É nessa reorganização de redes e de indivíduos interconectados que ocorrem novos processos de socialização.

Dito isso, e considerando estes intensos processos de socialização, a utilização de plataformas, mídias sociais, internet e trocas digitais podem funcionar como apoio das relações sociais, incluindo também possibilidades de melhorias que, antes da transformação não estavam disponíveis considerando os aparatos locais ou ainda não forneciam as possibilidades de diversificação das relações, tal como é evidenciada com o aprimoramento das TICs. (MESCH e TALMUD, 2010).

Desse modo, algumas discussões avançam no que tange aos olhares à diversidade destas relações que imprimem também uma necessidade de reconhecimento de que os relacionamentos que acontecem de maneira online ou offline não se apresentam como excludentes ou ainda opostos. Do contrário, as interações que acontecem no mundo virtual e no mundo presencial se sustentam de maneira integral, de modo que toda a gama de relações

offline também pode estar presente em ambiente online, migrando para trocas face a face. (MESH, 2019). Ou seja:

A percepção popular de relacionamentos online como relacionamentos que podem ser contrastados com aqueles no 'mundo real' - habitado por relacionamentos offline reais ou "mais autênticos" - parece, portanto, simplista e enganosa. Isso corresponde a uma crítica anterior ao conceito de 'virtual', um termo proeminente durante os primeiros anos de uso da Internet. No entanto, é essencial para nós, como pesquisadores, reconhecer essas reservas e reconhecer que o contraste entre online offline continua sendo um modo primário pelo qual as pessoas ao redor do mundo entendem e experimentam a mídia digital. (MESH, 2019).

Não obstante, e apesar das convergências e crescimento dos relacionamentos interpessoais em meio digital, especialmente durante o período pandêmico, estudos mostram que cada vez mais o uso das TICs tem aumentado a exposição de indivíduos a estas ferramentas comunicacionais. É preciso, no entanto, pensar alternativas para corresponsabilizar o uso, a partir da construção do entendimento de que "os benefícios das TIC só são potencializados no caso da existência de uma capacidade para controlar as TIC, seguindo regras estruturadas." (MAENEJA e ABREU 2020, p. 578).

Dessa forma, a partir do uso consciente, responsável e sustentável das tecnologias da informação constroem junto do papel da comunicação online um espaço alternativo e complementar no que concerne à formação de relacionamentos. (MESH, 2019).

Como visto também, as TICs têm ocupado um lugar de destaque nas construções de redes e socialização no mundo. Entretanto, para que tais ferramentas possam estar à disposição da promoção de aproximação, conexão e fortalecimento de vínculos entre os sujeitos, um caminho em direção à construção de espaços digitais equânimes precisa ser seguido.

E nesta perspectiva, a potência das TICs vistas no transcorrer destes escritos, também suscita outra discussão proposta em Silva (2020): "Dá para imaginar que todos vão migrar para o digital em condições de igualdade, incluindo a população mais vulnerável à pobreza?". Ou ainda, será que todas as pessoas têm suficiente alfabetização digital e condições financeiras que possibilitem o acesso e uso de ferramentas digitais com a qualidade necessária?

Dessa forma, as respostas tangíveis a tais questionamentos se concentram em uma lógica que não difere das demais desigualdades sociais. Isso significa que a desigualdade digital é um problema que existia antes mesmo da pandemia, e torna-se imprescindível o pensamento em pesquisa, que se concentre neste lócus de atuação, a partir de concepções críticas. (SILVA, 2020).

Portanto, essa criticidade reside em ampliar e compreender que as dificuldades que rodeiam a desigualdade digital vão desde a impossibilidade de conseguir comprar um

computador, até a impossibilidade financeira de arcar com os custos de um serviço de conexão. Por sua vez, esses usuários, fazem o uso de internet a partir de todas essas limitações, e com acesso de dados limitado, podendo ter tal acessos somente em lugares públicos, levando essa população ser denominada como “usuários de segunda classe”. (SILVA, 2020).

Para fortalecer este debate, imprescindível se faz a compreensão dos dados recentes que retratam as discrepâncias e desigualdades. A pesquisa TIC Domicílios (2019), objetiva medir em todo o território nacional o uso e apropriação das tecnologias da informação e da comunicação nos domicílios brasileiros, bem como, o acesso individual a computadores e à internet, atividades que são desenvolvidas em rede etc.<sup>43</sup> (CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO - CETIC, 2020).

Os dados relacionados à pesquisa realizada em 23.490 domicílios brasileiros, no período de outubro de 2019 a março de 2020, e publicada em maio de 2020, apontam que 20 milhões de domicílios (28%) não possuem conexão à internet, realidade que afeta especialmente famílias com renda de até um salário-mínimo (45%). Ainda, 35 milhões de pessoas em áreas urbanas (23%) e 12 milhões em áreas rurais (47%) seguem desconectadas, sem internet. Além disso, 14% dos domicílios das classes “D” e “E” têm a presença de computadores, sendo que 44% dos domicílios da classe “C” possuem algum tipo de computador, enquanto estão presentes em 95% dos domicílios da classe “A”. (CETIC, 2020).

Os indicadores acima refletem como a desigualdade digital aponta o caminho relacionado ao perfil socioeconômico do país e suas respectivas estratificações sociais. De acordo com Gumucio-Dragon (2004), existe uma crença de que as TICs se apresentam como a solução, que é esperada há muito tempo, para irradiar pobreza e as vulnerabilidades do mundo. Diante disso, algumas organizações dissonantes dos dados reais, ou ainda, demasiadamente otimistas, veem as TICs como uma oportunidade única de salto ao futuro, rompendo décadas estanques e deterioradas às vistas do progresso.

O autor completa afirmando que, “El argumento es que las TICs pueden fácilmente transmitir a los marginados, a los pobres y los subdesarrollados, la verdad sobre el desarrollo y la información que les iluminará para tomar, por sí mismos, los pasos necesarios para mejorar sus condiciones de vida.”<sup>44</sup> (GUMUCIO-DRAGON, 2004. p. 24, tradução minha).

---

<sup>43</sup> Outros indicadores estão disponíveis na página do Centro Regional e Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC) em: <https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2019/domicilios/>.

<sup>44</sup> “O argumento é que as TICs podem transmitir facilmente aos marginalizados, pobres e subdesenvolvidos a verdade sobre o desenvolvimento e a informação que os iluminará a tomar, por conta própria, as medidas necessárias para melhorar suas condições de vida.” (Tradução minha).

No entanto, é preciso lembrar que tal visão se aproxima muito das tentativas de difusão de inovação da década de 1960, especialmente na agricultura.<sup>45</sup> Além disso, os dados das pesquisas recentes não respaldam o desejo de que as tecnologias sejam a chave para o progresso. (GUMUCIO-DRAGON, 2004).

A partir desta perspectiva, Ailton Krenak (2020b, p.63) acentua críticas contundentes ao uso das tecnologias de forma indiscriminada e em prol da construção de capital ressaltando que:

(...) continuamos usando todos os artifícios da tecnologia, da ciência, para endossar a fantasia de que todo mundo vai ter comida, todo mundo vai ter geladeira, todo mundo vai ter leito hospitalar e todo mundo vai morrer mais tarde. As pessoas hoje querem nascer em hospitais e depois viver blindadas quanto à possibilidade de morrer. Isso é uma falsificação da vida. Se queremos mudar nossos hábitos de alimentação, podíamos pensar também em mudar nossos hábitos de nascer e morrer. Eu não sou eterno e não quero me eternizar. A ciência e a tecnologia acham que a humanidade não só pode incidir impunemente sobre o planeta como será a última espécie sobre vivente e a única a decolar daqui quando tudo for pelo ralo.

Dito isso, e sem desconsiderar os impactos supramencionados, há que se considerar que progresso tecnológico também assumiu um importante papel a serviço da humanidade. No entanto, pouco se falou e se fala sobre as suas contradições e suscitações, tais como, a desigualdade social, a degradação ambiental e o subemprego. Não se trata de ignorar as vantagens dos avanços tecnológicos, mas buscar superar as visões simplistas e reducionistas sobre tais contribuições. Para tanto, é necessário compreender que os elementos centrais das ideias de progresso e desenvolvimento ainda pautam suas visões em ferramentas neocoloniais e imperiais. (ACOSTA, 2016).

Além disso, esta visão ideológica de progresso clássico tem sido definidora dos estilos de vida em sociedade e comunidade de forma contundente e preocupante. Isto porque, a exploração dos recursos naturais e o esgotamento das fontes de vida se apresentam como estratégia do colapso. “A promessa feita há mais de cinco séculos em nome do progresso – e “reciclada” há mais de seis décadas em nome do desenvolvimento – não se cumpriu. E não se cumprirá”. (ACOSTA, 2016, p. 67).

---

<sup>45</sup> Segundo Zamberlam e Froncheti (2001), “os impactos ambientais, econômicos e sociais acarretados pela modernização da agricultura baseiam-se no uso intensivo dos pacotes tecnológicos, na mecanização do trabalho, na união entre agricultura e indústria, na seleção das espécies, na monocultura, no latifúndio e no consumismo desmedido, principalmente dos países desenvolvidos. Com relação à questão ambiental, pode-se destacar a erosão genética como sendo um dos processos de degradação provocado pela seleção das espécies e pelo desmatamento. O processo de modernização na agricultura acentuou a extinção de espécies, tanto animais, quanto vegetais, por ter se dedicado a produtos economicamente mais rentáveis. Estimativas realizadas pelo, mostram que a erosão genética, hoje, é de uma espécie a cada hora.” (ZAMBERLAM; FRONCHETI, 2001 apud ANDRADES; GANIMI, 2007, p. 50).

Portanto, não é possível pensar as ferramentas tecnológicas a partir de um olhar equânime, construtor de pontes de aproximação, fortalecimento de vínculos, escuta e potencial promoção de saúde mental, sem garantir a compreensão crítica de que lugar se fala e que comunidades são atingidas. Nesse sentido, questionamentos que fundamentam esta pesquisa são: É possível pensar estas construções tão somente pelas vias virtuais? Quais sujeitos serão impactados e de que forma? E quem precisa estar na linha de frente para atender comunidades em situação de vulnerabilidade?

À luz de todos estes questionamentos, imaginar o acesso digital equânime em que as oportunidades do uso de espaços remotos como ferramenta de apoio, diálogo e promoção de saúde mental, compreende um olhar de afirmação da vida um tanto quanto diferente, ou seja:

O lema que tomou conta do país um tempo atrás, “ninguém solta a mão de ninguém”, ainda reverbera. Só que agora, a mão segura um telefone, um iPad, um laptop. A expressão “você vem hoje?” ou “te vejo mais tarde” se atualizou no Zoom e em outros aplicativos de encontros virtuais, ou até mesmo nos bilhetes afetuosos que muitos estabelecimentos comerciais anexam às mercadorias nas entregas domiciliares. O encontro, então, não será no ponto de ônibus, no corredor da faculdade, no bar da cerveja gelada, no consultório da terapeuta. O acolhimento [...] precisa se intensificar. Seja na troca de mensagens pelo WhatsApp, em e-mails, nas variadas redes sociais que Chico Buarque (2017) elenca, sabiamente, em sua canção “Duetto”. Sim, o afeto vem das telas. (QUADROS, CUNHA e UZIEL, 2020, p. 11).

E se o afeto vem das telas e, ainda sobre Chico Buarque (2017), o destino insiste em afastar, distanciar e ressignificar as formas de afetar-se mutuamente, é possível que constem duetos no “Google, no Twitter, no Face, [...], no Whatsapp, no Instagram.” Mas, sem desconsiderar a realidade já mencionada, é importante pensar a aproximação com as ferramentas a partir dos contatos esporádicos que as trocas presenciais também suscitaram.

Intencionalmente, o objetivo desta pesquisa possibilitou este encontro sobre escutar pessoas, promover encontros necessários à promoção de espaços cuidadores, escuta de necessidades e preocupações. Nesta perspectiva, as práticas de afirmação à vida e, considerando os espaços digitais – ou não – para o desenvolvimento de tais práticas, se alicerçam nas construções da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2015) e seus escritos que concernem aos primeiros cuidados psicológicos e seu impacto como vida de cuidado. Isso significa que a construção humanitária a partir de redes coletivas permite aos envolvidos “sentirem-se seguros, próximos às pessoas, calmos e esperançosos; terem acesso a apoio social, físico e emocional; e sentirem-se capazes de ajudar a si mesmos enquanto indivíduos e comunidades.” (OPAS, 2015, p. 04).

E, dessa forma, a presente construção da realidade de aproximação e conexão, se resguarda nas evidências científicas de que as pessoas que sentiram ter bom apoio social, após crises e situações emergentes lidam melhor com a situação, em detrimento das pessoas que não

obtiveram tal apoio. Sendo assim, “aproximar as pessoas de entes queridos e do apoio social é uma parte importante, para não dizer imprescindível, dos primeiros cuidados psicológicos.” (OPAS, 2015, p. 28).

Como visto até aqui, o cuidado em comunidade se apresenta como importante estratégia para o período pandêmico, em que as relações presenciais foram e estão sendo comprometidas. No entanto, tais alicerces já mencionados no capítulo anterior, revigorados à luz da ancestralidade, também se destacaram no transcorrer das literaturas apresentadas, considerando o mundo pré-pandemia, ou seja, a busca pelo ambiente coletivo, de fala, de escuta, de cuidado, que se mantém urgente e potencializa o hoje.

Por conseguinte, a aproximação dos ambientes virtuais aos espaços de cuidado ressaltou a necessidade de pensar uma atuação com intencionalidade e qualidade, uma vez que, a globalização e o alargamento das tecnologias digitais constituem hoje uma realidade, como oportunamente já contextualizado por esta construção teórica. Dessa maneira, há que se ressaltar que a pandemia, em meio a uma era digital, acabou por ganhar uma velocidade assustadora de disseminação de informações, reiterando a necessidade de pensamento e adequação dos espaços remotos para práticas que realmente operam a favor da vida e construtoras de espaços seguros para trocas e acolhimento. (GALHARDI et al., 2021).

Em vista disso, como destaca Ailton Krenak as tecnologias que foram oferecidas pela ciência como forma de conhecimento e transformação também carregam em si a ilusão de que é possível por elas alcançar o progresso e o sucesso, sem que os rastros de destruição para tanto, sejam observados e postos em pauta. Para tanto, o autor completa que “[...] o sistema capitalista tem um poder tão grande de cooptação que qualquer porcaria que anuncia vira imediatamente uma mania. Estamos, todos nós, viciados no novo: um carro novo, uma máquina nova, uma roupa nova, alguma coisa nova.” (KRENAK, 2020b, p. 61). E como então recuperar valores humanos imprescindíveis para a construção de uma rede colaborativo-dialógica?

Finalmente, as práticas restaurativas, os círculos e espaços colaborativo-dialógicos se apresentam como potencial ferramenta de aplicação e de construção de comunidades seguras. Além disso, o destaque para a promoção de ambientes que suscitam a constituição de relacionamentos saudáveis, um importante pilar dos processos circulares, também circundam a necessidade de prevenção e promoção de saúde mental a partir de ferramentas para a afirmação das vidas e coletividades. Nesse sentido, a potência de pensar práticas colaborativas e dialógicas nesse momento, se estrutura e converge com o objetivo de promoção de saúde, bem como de prevenção do acentuamento dos sofrimentos já destacados neste capítulo.

## 5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

“A cabeça pensa onde os pés pisam.”  
(Frei Betto, 2002)

Rememorando os percursos metodológicos desta pesquisa, que constam no capítulo 1, a apresentação e análise dos resultados tratam de uma construção coletiva alicerçada nos pressupostos teóricos do construcionismo social, da escuta focalizada de participantes que atuam em seu cotidiano com as metodologias dos processos circulares e das práticas restaurativas e das vivências e conversas informais cotidianas desta pesquisadora. Todos estes entrelaces objetivaram a construção de uma análise produtora de sentidos que considerasse toda a realidade destas etapas interseccionadas entre si.

Num primeiro momento, em se tratando da análise temática fundamentada em Braun e Clarke (2006), a partir da categorização e trabalho com os dados, chegamos a três grandes temas que resguardam em suas discussões falas relacionadas aos subtemas, elencados a partir das construções teóricas desta pesquisa, e dos posicionamentos assumidos por esta pesquisadora no que tange à investigação apreciativa a partir de Vidotto (2018), Ferraz et al. (2019) e Rodrigues et al. (2019). Ressalto que esta construção de posicionamentos e caminhos para categorização temática dedutiva teórica proveio das reflexões apresentadas pela professora Laura Vilela e Souza.

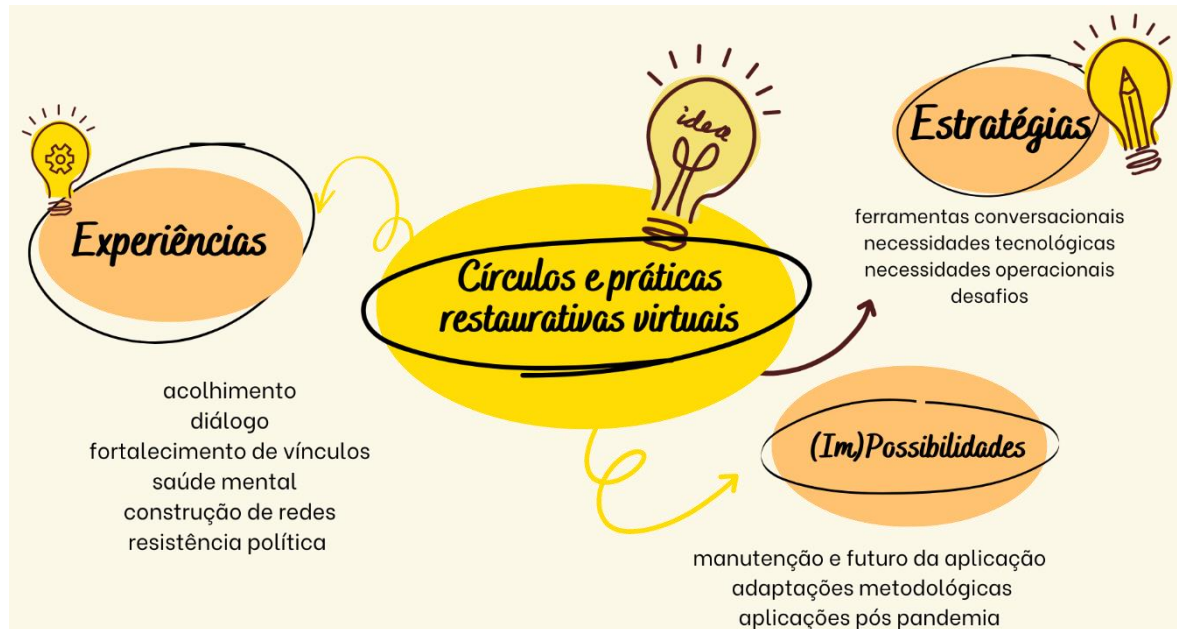
Dito isso, a figura a seguir (FIGURA 1) retrata os três grandes temas e seus subtemas obtidos na análise temática das transcrições, fruto de uma postura ativa da pesquisadora associando atuação no campo-tema, referências teóricas e a produção de dados do grupo focal. O mapa temático apresenta três grandes temas e seus subtemas, sendo eles:

- 1) Experiências com círculos virtuais: neste tema selecionei os extratos relacionados às experiências virtuais – objeto de estudo desta pesquisa – alinhados às construções teóricas construídas. Sendo assim, buscamos compreender, considerando os olhares da investigação apreciativa, como estas vivências apresentaram certo padrão de fala ou dissonâncias relacionadas aos espaços de acolhimento, espaços de diálogo, espaços de fortalecimento de vínculos, espaços preventivos em saúde mental, espaços potenciais para construção de redes e espaços de resistência política;
- 2) Estratégias utilizadas: neste tema buscamos abarcar os padrões ou dissonâncias das falas relacionadas aos subtemas das ferramentas conversacionais utilizadas, necessidades tecnológicas, necessidades operacionais, desafios identificados;
- 3) (Im)Possibilidades da aplicação de círculos virtuais e dos processos de práticas restaurativas: este tema concentrou as falas relacionadas aos subtemas das sugestões de



manutenção, mudanças e futuro da aplicação, adaptações metodológicas, organização/manutenção das aplicações pós pandemia.

Figura 1 - Mapa temático das transcrições



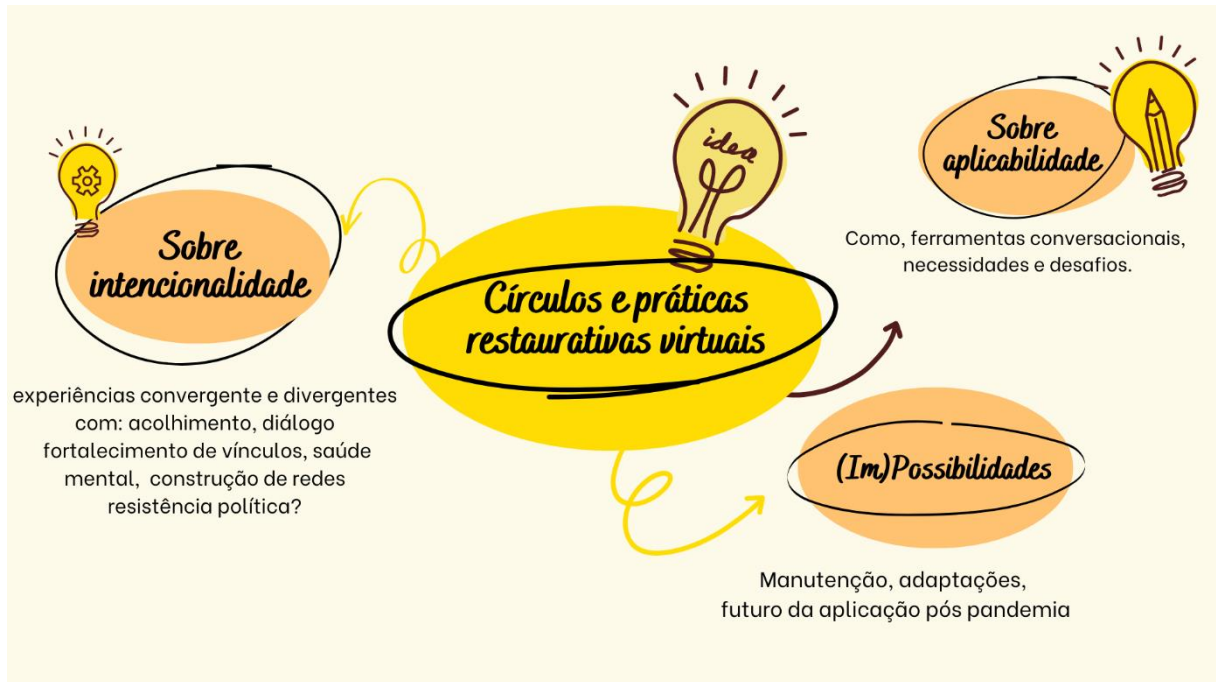
Fonte: Autoria própria, (2022).

No entanto, como já mencionado nos percursos metodológicos desta pesquisa, para além dos temas e subtemas obtidos a partir da análise temática, foram e serão apresentadas nesta análise as conversas informais, as experiências, vivências e trocas desta pesquisadora considerando a inserção horizontal como uma “pesquisadora conversadora no cotidiano” adaptando aqui o título utilizado pelo professor Spink (2008) em seu artigo “O pesquisador conversador no cotidiano”. Por isso, os temas encontrados a partir da categorização temática serão apresentados juntamente com as demais fontes de pesquisa acima mencionadas a partir de três eixos analíticos (FIGURA 2):

- 1) Sobre intencionalidade – retratando quais foram as experiências (primeiro tema acima elencado) e objetivos dos participantes quanto ao uso das metodologias em ambientes virtuais;
- 2) Sobre aplicabilidade – vislumbrando compreender de que forma estas estratégias (segundo tema acima elencado) foram exercitadas, divulgadas e disseminadas;
- 3) Sobre (Im)possibilidades: terceiro tema acima mencionado, este eixo alinhou-se à investigação apreciativa de modo a se pensar a aplicação e uso destas estratégias em

outros espaços e comunidades como fonte inspiradora para criação/manutenção de redes e espaços preventivos em saúde mental.

Figura 2 - Eixos analíticos



Fonte: Autoria própria, (2022).

A seguir, a apresentação e análise dos resultados considerando os três eixos analíticos acima mencionados.

### 5.1 SOBRE INTENCIONALIDADE

No que se refere às experiências com as metodologias dos processos circulares e de práticas restaurativas nos espaços virtuais, o grupo pesquisado apresentou relatos que corroboram com as construções teóricas e apostas da pesquisadora acerca da promoção de espaços de acolhimento, de diálogo, de fortalecimento de vínculos, preventivos em saúde mental e de possibilidade de construção de redes em tempos de retrocessos em termos de diálogo e de não violência.

Nesse sentido, quando perguntei sobre as experiências com as metodologias em ambiente virtual e sua memória mais significativa desta vivência sobre este processo, as falas trazidas pelo grupo pesquisado alinharam-se as hipóteses de que estes espaços dialógicos podem fortalecer a escuta, o acolhimento e conexões virtuais. Além disso, foram identificadas

necessidades de compreensão, por parte dos participantes da pesquisa, sobre as possibilidades que poderiam ser viáveis em ambiente virtual. A seguir, transcrições sobre experiências, descobertas e sentidos:

**Participante 1 (Coordenador Pedagógico em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** Uma necessidade minha foi responder a pergunta se era possível uma conexão virtual, eu participei de um grupo de estudo, a gente fez essas práticas então isso ajudou. [...]. Vou destacar três questões: a primeira é que é possível fazer conexão genuína no meio virtual. Foi possível ouvir verdadeiramente as pessoas, né? E teve muita partilha de vida com grupos que se encontram uma vez só ou no caso de uma semana. Então eu ouvi as pessoas falarem sobre mortes que tinham acontecido recentemente, nasceu uma criança no meio de um círculo “ah a bolsa estourou e nasceu” e acho que com os estudantes alguns que nos procuraram para você pode, você tem um momento para me ouvir? Por conta de algum espaço que a gente deu, compartilharam coisas que eram muito caras, muito íntimas, e que nos possibilitaram fazer outros atendimentos assim. [...]

As questões levantadas pelo participante 1 refletem diretamente no problema de pesquisa evidenciado por esta pesquisa, uma vez que, considerou também as especificidades, essencialidade práticas e vivenciais das metodologias circulares. (PRANIS, 2010). Para profissionais que utilizam estas abordagens em seu cotidiano este foi um desafio de transposição que também fortaleceu práticas que já vinham sendo desenvolvidas nestes ambientes virtuais, principalmente, quando da existência de uma grande distância geográfica para realização dos projetos. (ASSUMPCÃO, 2014).

Dessa forma, considerando as contribuições de Assumpção (2014), virtualmente é possível fazer uso de técnicas circulares, criando espaços de conexão que também apresentam em sua aplicação a possibilidade de responder aos novos tempos em que a tecnologia se tornou um fato. No entanto, as experiências construídas com o ensejo da pandemia também questionaram a necessidade que trouxe o participante 1, como identificado em Adams et al. (2020, p.37), ou seja, “essa temática pode ser tratada de forma virtual? Se for utilizar os roteiros já existentes, consigo adaptar para um encontro online [...] possuem microfone em seu equipamento para se expressar?”.

Percebe-se que dúvidas como estas foram comuns em quem se desafiou a aplicar círculos ou práticas restaurativas de modo virtual. No entanto, os questionamentos também se apresentaram como possibilidade para qualificar e aproximar cuidadosamente o momento vivido, como apresenta o participante 3 em uma de suas respostas:

**Participante 3 (Assistente Social em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** Bom, eu listei tanto online quanto presencial, acho que o online tem muito a ver com o que os colegas trouxeram né dos profissionais terem acesso a esse mundo virtual, né, uma conexão de qualidade, ter um aparelho que consiga garantir isso, né? Eles também ligarem as câmeras, né? Para que a gente pudesse se conectar, nos círculos, nas formações, né?

Corroborando dos recortes teóricos apresentados sobre a aplicação dos círculos para trabalhar diversas situações, tais como, apresenta Pranis (2010, p. 28) “Círculos de Diálogo, de Compreensão, de Restabelecimento, Sentenciamento, Apoio, Construção do Senso Comunitário, Resolução de Conflitos, Reintegração, Celebração”, podemos perceber que a construção e transformação vivenciais por cada participante se deu justamente por tratarem das necessidades que aquele grupo precisava tratar. Nesse sentido, apesar de uma vasta gama de ensinamentos do “como fazer”, o “para quem fazer” foi imprescindível para que a aplicação acontecesse. Vejamos dois exemplos de especificidades de experiências:

**Participante 3 (Assistente Social em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** Eu diria que pensando tanto nas escolas e nas instituições que eu estive presencial e online, eu acho que a melhor experiência foi iniciar essa desconstrução de comportamentos que são violentos e que esses grupos não percebiam como violência, né? Então, a partir dessas práticas, a partir desses diálogos de construção, dessas rodas as pessoas começam a se perceber e entenderem que alguns comportamentos que aconteciam ali eram de cunho violento. Eu acho que isso foi transformador.

**Participante 7 (Professor em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** [...] lidei com crianças de sextos e sétimos anos e por ter o tempo de 50 minutos com eles diariamente eu tive que dedicar em média de 15 a 20 minutos com os *check-ins*, com as práticas, né? Foi mais voltada muito para o recurso de ver como tá a semana deles com bastante uso de imagens e vídeos que retratavam um pouco que seria um pouco a vida deles, pedir uma partilha deles disso também. [...]

Em se tratando de círculos virtuais e sua intencionalidade, a riqueza das experiências possibilitou a esta pesquisadora entrar em contato com um imenso universo de práticas potentes. Feliz ou infelizmente, como salientam Gergen e Gergen (2010), uma pesquisa construcionista não dará conta de retratar a complexidade das teias sociais que constituem as experiências dos sujeitos. No entanto, tentarei evidenciar falas e experiências de impacto para as comunidades envolvidas no que se refere à proposição de espaços de fortalecimento de vínculos, de espaços preventivos em saúde mental, diálogo, acolhimento e resistência política.

Diante disso, os círculos virtuais apresentados como experiências realizadas pelo grupo participante, contaram com temas de apoio, cuidado, acolhimento, conexão em ambientes de trabalho e possibilitaram o que a equipe do Instituto Moinho de Paz, em publicação de Lima, Lima e Lima (2020, p. 23) chamou de “o uso da flexibilidade e criatividade - constituem uma força motriz dos processos circulares”. As transcrições abaixo apresentam como participantes fizeram uso de suas flexibilidades e criatividade para criação de intencionalidades significativas em suas propositivas circulares:

**Participante 2 (Coordenadora Pedagógica em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos):** primeiro momento os círculos de auto apoio o autocuidado, principalmente no início da pandemia foram os que toda semana eu

focava junto com a minha equipe de acordo com a necessidade que eles traziam, né, o medo é todo esse movimento mundial aí que causou algumas questões de saúde mental também então foi o foco né os círculos de auto apoio e autocuidado. [...]

**Participante 6 (Coordenadora de Saúde, Bem-Estar e Qualidade de Vida):** Bom, a prática que a gente utilizou foram os círculos de construção de paz em um ambiente corporativo, né? [...] Os participantes foram equipes diversas equipes diversas de diversos lugares ali, então foi maneira também de integrar as pessoas, foram círculos de acolhimento, de conexão muito com essa perspectiva. [...] E essa experiência ela foi realizada no meu caso no ambiente de empresa, né? Então acho que o ponto mais significativo é ter a possibilidade de criar nesses espaços um local seguro para as pessoas serem olhadas, e se expressarem de uma maneira integral, né?

**Participante 5 (Diretora de uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** [...] O autodesenvolvimento e o autoconhecimento porque a gente que tá conduzindo a gente também o quanto eu já não sou a mesma né a cada círculo e o quanto a gente vê esse desenvolvimento nas pessoas, né na perspectiva de fomentar, você consegue perceber pessoas que não se colocavam que não falavam e a partir do momento que você vai garantindo o espaço de fala e escuta como isso depois se torna natural, né? Então uma vez que você repete você já consegue ver resultados tanto em você como no outro.

Evidenciando ainda as construções de Lima, Lima e Lima (2020) sobre a importância do desenvolvimento de práticas alicerçadas nos pilares e valores dos processos circulares, é possível perceber que em cada uma das atuações acima transcritas estes valores e pilares estão mantidos e refletem em suas falas, tais como: criação de espaços seguro de fala e escuta, acolhimento, ver pessoas que não se colocavam conseguindo naturalizar seu momento de fala, falar de seus medos, suas vivências e a partir de sua própria perspectiva sobre a pandemia.

Em se tratando de um ambiente corporativo, como podemos observar na transcrição da participante 6, Silva et al. (2021), apresentam que a utilização círculos de diálogo e processos circulares pode-se fazer ou não das práticas restaurativas, além de promoverem espaços dialógicos seguros para o compartilhamento de experiências e sentimentos, permitem também favorecer a melhoria das relações de trabalho e interpessoais, para além de situações extremas, como a evidenciada pela pandemia.

Em consonância com esta análise também estão as intencionalidades sobre fortalecimento de vínculos e conforme Lima, Lima e Lima (2020), respeitados os valores e pilares dos processos circulares, bem como as conexões produzidas a partir das narrativas dos participantes de um círculo virtual, provavelmente, estarão mantidos os inúmeros benefícios que o círculo presencial oferece. Ou seja, respeitar as narrativas únicas e igualmente válidas, assim como o espaço de fala de cada um, é fundamental.

Consensualmente, Belinda Hopkins (2021) e seus colaboradores no instituto “Transforming Conflict” ao desenvolverem reflexões sobre o uso de práticas restaurativas em nossas atuações reconhece que o primeiro passo para a construção de práticas significativas se

concentra no **(R)econhecimento** do que aconteceu e de como estas experiências foram vividas singularmente por cada um, ou seja, as práticas restaurativas e os círculos devem possibilitar a todos, que contem suas experiências e histórias nesse momento de tantos atravessamentos antes nunca vivenciados.

Além disso, observamos reconhecimento, vínculos e espaços criados para trocas e experiências, nas transcrições que conectam esta teoria com as práticas desenvolvidas pelos participantes da pesquisa:

**Participante 2 (Coordenadora Pedagógica em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos):** Então eu percebi que o ponto positivo foi esse de que é possível manter os vínculos, né? Cada um de acordo com aquilo que pode oferecer de maneira virtual também. A gente não perdeu o contato com as pessoas, bem pelo contrário, a gente se aproximou mais de várias pessoas que a gente não tinha o contato olho no olho através da tela. Então para mim acho que foi e eu destaco com um ponto muito positivo de perceber que há sim possibilidade. [...]

**Participante 4 (Educador Social em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos):** Eu acredito que tanto essa questão do vínculo com as pessoas que estão mais próximas até com as pessoas que estão mais longe, né? Eu acho que fortaleceu assim porque durante a pandemia querendo ou não a gente acabou tendo várias formações com pessoas que estavam distantes e que se a gente o tivesse de forma presencial seria muito mais difícil, talvez, esse momento para escutar a história de outras pessoas que estão em outros lugares, né?

Diante das falas anteriores observamos que, com o advento da pandemia, muitos vínculos foram fortalecidos, apesar de toda a contingência de distanciamento. Para Hopkins (2021), pensar estas estratégias em um momento tão delicado exige de nós olhar para a necessidade de “como responder com **(E)mpatia**, compaixão e autocuidado” a diversidade e emoções.

Para além dos vínculos fortalecidos, nas falas abaixo mencionadas, podemos observar que, outros tantos vínculos também foram criados a partir dos círculos e mediações realizadas, entre pessoas que estavam distantes, mas que diariamente se relacionavam e não se percebiam em relação, ou ainda, com desconhecidos que se encontraram mediados por uma tela, pela eficiência na criação de um lugar seguro em que narrativas, experiências e encontros foram tratados como prioridade, conforme vislumbram os círculos virtuais, de acordo com Lima, Lima e Lima (2020). Nesse sentido:

**Participante 3 (Assistente Social em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** Eu acho que das experiências mais significativas né tanto online quanto presencial foi a questão da escuta e do acolhimento acho que tanto no virtual quando no presencial né, foi possível gerar acolhimento, foi possível gerar escuta qualificada e fazer com que esses grupos se percebessem né profissionais que trabalhavam juntos durante anos às vezes não sabiam e não perguntavam como que o outro estava né então acho que essas sensibilidades foram possíveis sim.

**Participante 1 (Coordenador Pedagógico em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** [...] No virtual o que me veio foi uma formação no SENAC

Francisco Beltrão – PR, que eu estava em uma semana de saúde lá com eles, e não sei tinha muita área diferente, tinha gente que primeira vez que estava mexendo com a ferramenta, não fiz um círculo específico, mas foi a dinâmica circular, o objeto de fala virtual, e não sei, deu o horário as pessoas não queriam sair da sala, tinha gente que acabou a energia e voltou para a conexão, não sei, para mim, me marcou muito né? As pessoas afastadas e trouxeram que fez muito sentido, nunca tinham ouvido falar de CNV de comunicação não-violenta, desses aspectos, me marcou muito, deu quase 23h e a galera querendo ficar, me veio no coração de falar isso.

Outra intencionalidade de investigação desta pesquisa está vinculada à compreensão de como e se estes espaços podem fortalecer redes de apoio e diálogos acerca da prevenção em saúde mental. Nos últimos anos, atuando como psicóloga social e utilizando as práticas restaurativas e processos circulares para o manejo de conflitos de forma não violenta percebi que muitos assuntos como autolesão, suicídio, relações de infância, redes de apoio a situações de violência doméstica e estrutural puderem ser mediadas a partir destas ferramentas conversacionais.

Além das experiências com minha atuação profissional, pude encontrar outras práticas que foram propostas durante a pandemia, como o caso dos círculos de diálogo realizados na UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz. A partir da proposição de movimento promovido para o enfrentamento das repercussões da pandemia do novo *Coronavírus* verificou-se que tanto os processos circulares realizados quanto a utilização das práticas restaurativas podem e devem ser utilizadas não só para resolução de conflitos, mas também para a prevenção e promoção da saúde mental. (SILVA et al., 2021).

Por isso, visando compreender mais sobre estas experiências em outros contextos, perguntei ao grupo se em suas práticas presenciaram redes de cuidado, de colaboração ou diálogo sendo construídas. As respostas apresentaram uma vasta gama de possibilidades como podemos ver a seguir em alguns dos excertos:

**Participante 1 (Coordenador Pedagógico em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** A gente fez intervenção de tentativa de suicídio, coisas que apareceram em círculos e que nos possibilitaram fazer intervenções. Aí precisou ser presencial quando precisou acionar conselho, fazer visita, mas é possível gente, fazer conexões genuínas virtualmente.

**Participante 4 (Educador Social em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos):** [...] Então a gente conseguiu assim dentro de um círculo trazer essa questão da violência sexual sem ser tão exposta, né de uma maneira de os educandos falaram ali com tranquilidade e confiaram no grupo, confiaram em nós enquanto educadores que estava eu e o Gabriel e o que foi positivo assim foi perceber que teve um encaminhamento, sabe, de que a psicóloga, a assistente social, até a coordenação junto e a gente conseguiu orientar. [...] Também acredito que sim que foi possível fortalecer essa rede de apoio. Acredito que quando estávamos de forma online, conforme as coisas foram acontecendo e a gente veio para modalidade presencial, a gente começou a perceber a avalanche de conflitos que as crianças estavam trazendo de casa, desde uma violência doméstica, até mesmo caso de violência sexual.

Notadamente, estas são situações complexas e com impacto direto na saúde mental de todos os envolvidos. Tanto tentativa de suicídio, quanto casos de violência sexual afetam a comunidade inteira envolvida e as estratégias utilizadas comungam das necessidades apresentadas por Belinda Hopkins (2021) em se tratando de **(S)egurança** para que se possa seguir adiante, bem como o vislumbre dos auxílios necessários àqueles que se sentem inseguros frente às retomadas necessárias e olhar para os **(T)raumas** e “como apoiamos pessoas que vivenciaram traumas durante o isolamento ou que estão enfrentando um futuro ainda mais incerto?”. Vejamos um excerto do participante 7 retratando sobre a importância da sensibilidade emocional durante a pandemia:

**Participante 7 (Professor em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** Eu acredito que sim também, acho que em termos de grupos até nossos pessoais do dia a dia aumentou muito a sensibilidade emocional do outro, eu acho que tanto esse apoio informal, quanto apoio formal também. [...]

Além disso, as compreensões sobre o cuidado em saúde mental propostas nesta pesquisa, versam sobre a necessidade de pensarmos a criação de espaços seguros, coletivos, comunitários e afetivos como prática de afirmação da vida. Sendo assim, aqui neste tópico sobre práticas que afirmam a vida, gostaria de citar uma conversa informal com um profissional – que inclusive participou do grupo focal. O participante atua com práticas restaurativas em seu ambiente de trabalho e utiliza os recursos circulares para mediar conflitos, apoiar, dialogar e pensar reparação de dano em sua realidade cotidiana de atuação em uma escola social localizada em uma área de alta vulnerabilidade da Zona Leste de São Paulo.

Em uma de nossas conversas durante a pandemia, falamos sobre os desafios e potências das práticas restaurativas e processos circulares no contexto pandêmico, momento esse que fui impactada pelo relato de um círculo de apoio para um dos adolescentes que frequenta o Ensino Médio da escola e que estava cumprindo medida socioeducativa na Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (CASA). Antes ainda do cumprimento da medida a escola percebeu, por meio das redes sociais, que o adolescente estava postando fotos com motocicletas de alto valor aquisitivo e o chamaram para uma conversa junto de sua mãe. Um círculo foi então proposto para pensar a responsabilização, ouvir as necessidades e comprometimento do adolescente em pensar em outras possibilidades de geração de renda que não o envolvimento com furtos.

Infelizmente, pouco tempo depois, a partir de um ato infracional que quase tirou sua vida em uma troca de tiros com a polícia, a internação do adolescente foi inevitável. Aqui, neste momento, mais do que discutir sobre a importância dos círculos para a construção de redes como essa, sentir se faz necessário. Talvez, a prática afirmativa pela vida daquele menino foi



ouvir que a escola o esperava de braços abertos para juntos construir soluções e alternativas. Desse modo, neste breve relato percebemos o quanto as práticas restaurativas podem funcionar como uma poderosa ferramenta de criação de um espaço ouvinte e acolhedor como apresenta Hopkins (2004), não buscando resultados, mas sim o manejo de forma não violenta.

Nesse mesmo sentido, vejamos aqui outro destaque para estes espaços circulares em que família e escola constroem juntos um caminho de possibilidades e significações. Percorramos o relato de um dos participantes da pesquisa sobre os círculos de diálogo e mediação de conflitos:

**Participante 1 (Coordenador Pedagógico em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** Eu acho que foi possível sim verificar isso (redes de cuidado), aí eu queria acho que trazer uma cena de uma família composta por 4 ou 5 integrantes que a gente acabou atendendo virtualmente com telefonemas, e acabamos fazendo um círculo presencial, família separada, né, e a gente fez com os filhos e com as filhas desse casal. E aí as crianças não se colocavam e elas conseguiram se colocar no círculo e dizer o quanto havia uma relação tóxica o quanto que o pai oprimia em alguns momentos e elas se colocaram, a gente está assumindo a casa, eu tô assumindo um papel que é de vocês, elas conseguiram se colocar e expressar sentimentos e desejos do que eles queriam que se reorganizasse familiarmente e depois a gente caminhou, depois fez um outro círculo para ver como as coisas estavam né? Nem sempre acabou com final feliz, mas acho que atendeu as necessidades das famílias e dos estudantes. Foi muito marcante assim o quanto que foi possível organizar um círculo de diálogo e depois a mediação.

Retomando nesta discussão a proposição do acrônimo *RESTORE* já anteriormente mencionado, necessário se faz olharmos tanto para as práticas restaurativas, quanto para processos circulares como **(O)portunidade** de mudar o que precisa ser mudado enfatizando os **(R)elacionamentos** e suas contribuições para a construção de espaços relacionais responsivos e inclusivos, a fim de reconectar e construir as relações. Nesse sentido, quando a filha apresenta aos cuidadores que se sente sobrecarregada por assumir uma tarefa de cuidado que deveria ser delegada aos seus responsáveis, estamos trabalhando tanto as dimensões responsivas quanto as inclusivas. (JUSTIÇA EM CÍRCULO, 2021).

Portanto, vê-se que condutas práticas, ações conjuntas e comunitárias podem contribuir para a construção de espaços seguros e que permitem conferir à saúde mental um status de afetação e construção coletiva. (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2020). Além disso, quando pensamos em encontros virtuais e/ou presenciais em tempos de pandemia o **(E)ngajamento** pela saúde, bem-estar possibilitando às comunidades o exercício de corresponsabilidade frente a esses temas. (JUSTIÇA EM CÍRCULO, 2021).

É justamente neste lugar que adentramos as discussões relacionadas à criação de espaços de resistência política. Krenak (2020b) vê como ações transformativas de agentes da

micropolítica as possibilidades pensadas para rompimentos da postura competitiva e 'anti coletiva' seja qualquer o espaço em que se está.

Neste trabalho, quando chegamos à construção de subtemas sobre a promoção de espaços de resistência, estamos relacionando esta atuação como contraproducente ao atual cenário e conjuntura social do Brasil. Em nossa revisão teórica, não por acaso falamos de afirmação da vida. Conforme Quadros, Cunha e Uziel (2020, p. 09) salientaram, a busca por formas de intervenções com maior amplitude de impacto, bem como sob o viés comunitário também se respalda como resposta às equivocadas ações do governo atual do presidente Jair Bolsonaro e do governo do ex-presidente Michel Temer “que são inspirações talvez inéditas que provocam ocupação de novos lugares que talvez tragam enlevo, mesmo com o desconforto inicial da urgência da criação de uma resposta “rápida” e “eficaz” para o sofrimento coletivo.”

Desse modo, criar espaços de fala, de escuta, de responsabilização, de enfrentamento ao sofrimento coletivo é também responder aos desmandos, desgovernos e desumanidade que vivenciamos atualmente. Vejamos alguns trechos de transcrições que retratam como os participantes construíram em seus contextos, espaços de resistência, valorização da vida e dos direitos humanos:

**Participante 1 (Coordenador Pedagógico em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** [...] As crianças que tinham que dar conta do trabalho de casa e eram interrompidas nas aulas ou nos *check-ins*, porque precisavam comprar pão, fazer outras coisas, e isso também demandou uma necessidade de material impresso.

**Participante 4 (Educador Social em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos):** Bom, eu acredito que a melhor experiência que a gente teve né, por mais que ela parecia que não existia, né com essa questão do abuso sexual, as vezes ele não tá presente ali, né, a gente não consegue observar então a gente muitas vezes precisa provocar através dos círculos para que os educandos vão trazendo ali as suas particularidades, né? Então a gente conseguiu assim dentro de um círculo trazer essa questão da violência sexual.

Os excertos acima apresentados corroboram com nossa construção teórica sob a perspectiva da coletivização da vida. Dessa forma, pensar as relações sociais e o impacto de nossa atuação frente ao mundo, em consonância com a realidade singular de cada sujeito, permite um movimento de recriação e ressignificação permanente da existência coletiva. (SAWAIA, 2015). As afirmações das existências coletivas que estamos propondo neste estudo referem-se ao encontro de experiências sociais vividas associadas às intersubjetividades, cujo objetivo é alcançar formas coletivas de libertação, construção e equidade. (SAWAIA, 2015).

Destaca-se para tanto, que a resistências das formas coletivas de libertação legitimam espaços de fala e de escuta de sensação e de reflexão, “para que o sujeito se sinta legitimado, enquanto membro do processo dialógico-democrático.” (SAWAIA, 2015, p. 40). Existe, portanto, o processo de legitimar uma política de afirmação da vida e dos direitos. Quando

reafirmamos, por exemplo, a importância de uma estudante fazer parte de sua aula online sem qualquer empecilho, quando provocamos a discussão e conseguimos observar as violências que transcendem o caráter objetivo, estamos exercendo o cuidado, e cuidar em tempos de polarização, ódio e violência extrema torna-se ato revolucionário. (QUADROS, CUNHA e UZIEL, 2020, p. 10).

Nessa mesma perspectiva, no decorrer de nosso grupo focal, além de identificar formas de resistir afirmando direitos como a educação, ao combate à violência doméstica e sexual, às desigualdades digitais, nos foi apresentado a partir das falas dos participantes uma forma de conduzir as relações que não àquela polarizada, não reflexiva e que coloca “a violência acima de tudo, armas acima de todos”<sup>46</sup>. Vejamos as falas a seguir que colocam processos circulares e práticas restaurativas em um lugar de transformação do padrão de punição para a colaboração:

**Participante 3 (Assistente Social em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** [...] Eu me lembro que uma colaboradora, uma professora ela falava olha eu não sei o porquê eu tô aqui num grupo de mediação de conflitos porque eu sou da bagaceira, mas agora isso tem mudado na minha vida, eu tenho escutado as pessoas, eu tenho percebido nas filas do mercado, agora eu tenho me transformado. Então eu acredito que esse espaço e essas formações garantiram sensibilidades e espaços de apoio.

**Participante 4 (Educador Social em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos):** Acredito que o nosso maior desafio assim, por ser uma escola restaurativa, o nosso maior desafio, na maioria das vezes, é tentar explicar para esse pai, para essa mãe, para essa família, o que que é uma escola restaurativa, né? Por ter esse tempo de pandemia tão distante e a gente agora que tá voltando às atividades e é possível fazer círculos restaurativos junto com a família, normalmente maior desafio é esse assim de mostrar que nem sempre a forma punitiva, né, do manda e pronto igual a Joana (nome substituído à participante do grupo focal) falou né, não resolve. Então muitas vezes o desafio é fazer com que a família entenda, o que que é círculo restaurativo e quais são os efeitos que ele tem enquanto positivo.

Resistir, portanto, nesta perspectiva que estamos apresentando aqui, se trata de ampliar os processos circulares, dialógicos e as estratégias conversacionais que pensem a humanização das relações. Desse modo, as propostas regidas pela associação de corpos, ideias e equipes são, em última análise, a possibilidade de nos aproximarmos de uma coletividade sólida e que produza “uma esperança fantástica, promissora” em detrimento de sustentações individuais e competitivas. (KRENAK, 2020a, 2020b, p. 47).

Este fortalecimento e empoderamento de ações não é uma simples estratégia, mas sim resistência aos poderes autoritários de neofascistas que assolam nossa vivência brasileira. De acordo com Ayres (2004, p.19), nas trocas coletivas surgem boas escolhas que fortalecem a

---

<sup>46</sup> Com Bolsonaro, Brasil vive a maior deterioração de dados sobre a violência da história. Mortes violentas sem causas determinadas saltaram cerca de 70% no atual governo e podem indicar ocultação de homicídios. Leia mais em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/com-bolsonaro-brasil-vive-a-maior-deterioracao-de-dados-sobre-a-violencia-da-historia/>.

opção pelo cuidado, mesmo em assuntos complexos. Dessa forma, emergir respostas que não se concentrem nas dimensões individuais, foi uma das possibilidades encontradas pelos participantes da pesquisa para lidar com assuntos complexos, mas necessários, como o caso do combate da violência contra mulheres:

**Participante 6 (Coordenadora de Saúde, Bem-Estar e Qualidade de Vida):** A experiência que eu trago como a melhor experiência é no sentido da apropriação e do pertencimento. Foi uma experiência a partir de uma campanha que trata da violência contra mulher, esses círculos eles estavam sendo conduzidos por uma equipe que tem especialistas e a partir de um momento a gente integrou pessoas que fazem parte de outras equipes, então equipes de alimentação, da segurança para também terem voz e participação inclusive na elaboração do roteiro, era um misto né de um círculo mais um momento de escuta bastante importante então, acho que teve um efeito bastante significativo para quem participou desse momento, a oportunidade de ampliação do grupo que pensa e elabora o momento de escuta.

Neste eixo de análise e apresentação dos resultados, buscamos apresentar as intencionalidades dos participantes ao aplicarem, em seus contextos, processos circulares e práticas restaurativas durante a pandemia da Covid-19. Concluída a apresentação de recortes da produção de dados que destacaram inúmeras convergências para as intencionalidades de acolhimento, fortalecimento de vínculos, diálogo, cuidado em saúde mental e redes como forma de resistência política e atuação. Foi possível observar, como se identifica na transcrição acima que, a construção coletiva e corresponsável de diversos atores em seus contextos de educação formal, não-formal e informal e a vastidão de formas como estas experiências foram dando luz às metodologias objeto de estudo desta pesquisa.

Percebe-se também que as redes de cuidado criadas, fizeram uso da criatividade e flexibilidades necessárias para o momento sem perder a essência e valores importantes como a voluntariedade, o diálogo respeitoso e o envolvimento de todas as perspectivas nesta construção coletiva e transformadora. Por fim, para cada um dos três eixos analíticos apresentaremos a nuvem de palavras que contempla recorte de fala dos participantes considerando o eixo de análise em questão.

Finalmente, em cada fechamento dos três eixo analíticos apresento a nuvem de palavras correspondente. Nuvens de palavras (também conhecidas como nuvem de *tags*, colagem de palavras ou *wordle*) são representações visuais de texto que dão maior classificação às palavras que aparecem com mais frequência. A confecção das nuvens foi realizada no *WordArt.com*<sup>47</sup> que é um gerador de nuvem de palavras on-line que permite criar nuvens de forma fácil e *online*. Neste processo, utilizei os extratos das transcrições selecionadas para a construção das categorias analíticas. As palavras ou expressões que mais aparecem em cada um

<sup>47</sup> Para saber mais sobre acesse: <https://wordart.com/>



Voltando às contribuições de Ribeiro (2020), o Bolsonarismo e sua ênfase na mobilização da linguagem da violência, do ódio e da morte como ativos políticos consolidou uma economia política cada vez mais excludente e a reprodução da morte tornou-se a regra do jogo, o que significa que “cada um pensa, fala e age como quer. Isto se opõe frontalmente às noções de democracia, direitos humanos e esfera pública.” (p. 483). Por isso, entendemos que espaços dialógicos apresentam potencial de resistência aos retrocessos anunciados.

Em se tratando das intencionalidades dos círculos e prática restaurativas disseminadas virtualmente, verificamos os círculos com as equipes de trabalho, círculos de apoio para situações complexas como violência doméstica, mediação de conflitos familiares, círculos e autocuidado que trataram dos medos, sentimentos, necessidades durante a pandemia, acolhimento e redes fortalecidas para denúncias de casos e violência sexual, círculos para tomadas de decisão e exercício de gestão horizontal, escuta qualificada, de sentimentos e de necessidades relacionadas à saúde mental, reuniões com famílias, formações virtuais da metodologia, valores da abordagem contemplados na proposição de materiais didáticos escritos que chegavam até a casa das famílias, círculo de apoio para familiares de estudante com comportamento suicida, dentre outros.

Percebemos, a partir desta nuvem de palavras, uma profunda relação das práticas experimentadas pelos participantes da pesquisa, com a teoria acerca dos *peacemaking circles* proposta por Pranis, Stuart e Wedge (2003) de que à medida que nossas narrativas são compartilhadas e profundamente escutadas e respeitadas, ali, naquele espaço circular conseguimos trabalhar dores, medos, celebrar nossas alegrias e esperanças. Nesse sentido então, processos complexos compartilhados nesta pesquisa, contemplam os olhares dos autores e da autora quando afirmam que “nós nos conectamos com lugares mais profundos em nós mesmos e nos outros, contamos as histórias de nossa alma e, assim, desbloqueamos capacidades profundas para entender, curar, mudar e amar.” (p. 58).

Portanto, um processo corajoso, resistente e acolhedor aconteceu em cada um dos contextos trazidos neste primeiro eixo de análise das intencionalidades da aplicação. Nesse momento, objetivando compreender de que forma estas práticas foram aplicadas e disseminadas, trataremos do segundo eixo de análise “**Sobre Aplicabilidade**”.

## **5.2 SOBRE APLICABILIDADE**

O segundo eixo de análise e apresentação dos resultados concerne à aplicabilidade dos processos circulares e/ou práticas restaurativas, vislumbrando compreender de que forma estas

estratégias foram exercitadas, divulgadas e disseminadas. Desse modo, busquei compreender quais foram as estratégias, necessidades operacionais, de aplicação, bem como os desafios encontrados neste processo.

Os primeiros excertos aqui apresentados versam sobre o que a maioria dos participantes entendeu de forma convergente sobre necessidade essencial para a aplicação. Por estarmos conversando com 6 participantes que atuam em territórios de alta vulnerabilidade<sup>48</sup> na cidade de São Paulo, subprefeitura de São Miguel Paulista, fica evidente nas falas dos participantes, questões relacionadas à desigualdade digital e a necessidade de pensar espaços dialógicos considerando a realidade dos participantes, como veremos a seguir:

**Participante 1 (Coordenador Pedagógico em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** Eu acho que com os estudantes (sobre necessidades), foi de acesso, ferramentas, dados, eu acho que como mitigar ali foi tentar contemplar no impresso as dimensões sentimentais, de necessidades. [...] Para crianças e turmas acesso, então pacote de dados que acaba, bateria do celular que consome por conta do Teams e as questões socioeconômicas assim, né? [...]

**Participante 2 (Coordenadora Pedagógica em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos):** Bom, as necessidades primárias, foi principalmente olhando para equipe que muitos educadores não tinham a ferramenta tecnológica, apesar de ser uma coisa simples, né? Mas alguns não tinha, então de que forma a gente podia também contribuir aí emprestando notebooks, e aí, veio uma segunda necessidade que era a internet ser muito ruim, né, numa cidade menor, a qual a internet é de baixa qualidade, então a gente garantir de que todo conseguisse ficar o tempo todo online. E aí uma necessidade era de todo momento precisar de fazer uma observação geral para ver se alguém tinha caído de conexão ou não, também o uso das câmeras, né que a gente teve que fazer alguns combinados de não utilizar por conta da má qualidade da internet. [...]

**Participante 4 (Educador Social em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos):** [...] por toda essa situação que eu que os outros trouxeram, né, de falta de acesso, falta de computador, falta de internet, ficou um pouco difícil da gente conseguir acessar eles inicialmente, assim através do virtual. [...]

Como apresentamos no decorrer de nosso percurso teórico, as TICs têm ocupado um lugar de destaque nas construções de redes e socialização no mundo. No entanto, a equidade digital está longe de ser uma realidade. Conforme as reflexões de Silva (2020): “Dá para imaginar que todos vão migrar para o digital em condições de igualdade, incluindo a população mais vulnerável à pobreza?”. Ou ainda, será que todas as pessoas têm suficiente alfabetização

---

<sup>48</sup> De acordo com o Atlas Socioassistencial de SP - 2015, a Zona Leste é a região com maior densidade demográfica e o segundo maior território do município, tendo cerca de 3.710.576 habitantes. O Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS 2010, aponta que os maiores índices de vulnerabilidade social - IPVS 6 (vulnerabilidade muito alta) estão no distrito de S. Miguel Paulista. Este cenário é desenhado pela baixa renda *per capita* da população que, de acordo com o Censo 2010, coloca o distrito também em situação de desvantagem. Uma análise das condições de vida de seus habitantes mostra que os responsáveis pelos domicílios auferem, em média, R\$608, sendo que 54,8% ganhavam no máximo três salários-mínimos. Para acessar o Atlas na íntegra: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia\\_social/arquivos/atlas\\_socioassistencial\\_sp\\_2015.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/arquivos/atlas_socioassistencial_sp_2015.pdf).

digital e condições financeiras que possibilitem o acesso e uso de ferramentas digitais com a qualidade necessária? O que vimos, neste primeiro excerto de transcrição, é que a realidade digital está bem distante de ser equânime, e dessa forma, não poderá ser ignorada quando o assunto é metodologias a serem utilizadas em espaços digitais.

Esta reflexão me levou para a conversa informal que gostaria de retratar nesse momento. Este diálogo, com um dos participantes da pesquisa, aconteceu em um momento logo no início da pandemia (talvez fevereiro ou março de 2020) – eu sequer tinha tido o primeiro contato com minha orientadora e talvez, pensando agora, esta conversa também tenha contribuído para minha vinculação com este campo-tema. Conversando sobre círculos e práticas restaurativas em ambientes remotos, perguntei a ele como estavam as aplicações considerando o contexto 100% remoto da escola. Ele então me contou que estava sendo bastante desafiador e assustador. Perguntei ainda quais eram as maiores angústias e ele se lembrou de um caso de uma aluna que comunicou que não poderia assistir a aula pois sua casa estava inundada e ela precisaria ajudar tirar a lama que adentrou, e completou, “às vezes a prática restaurativa é saber como ajudar a tirar a lama” (sic). Não bastasse a extrema vulnerabilidade habitacional, em outra aula a mesma aluna contou a ele que o único celular da família precisaria ser dividido entre as aulas dela e de seu irmão, e, por isso, os simulados do ENEM precisam ser realizados em horários distintos.

Ao resgatar essas trocas um questionamento aflora: de que justiça restaurativa estamos falando? De que processos circulares estamos falando? Nesse sentido, uma análise necessária a ser apresentada é de que não há como tratarmos de metodologias tão potentes sem desconsiderar as interseccionalidades que os cercam.

Portanto, se estamos aqui defendendo o diálogo como prática para afirmação da vida, quais serão as vidas que podem pertencer, dialogar, circular e construir redes? Por isso, como destaca Silva (2020), as respostas tangíveis a tais questionamentos se concentram em uma lógica que não difere das demais desigualdades sociais, pois a desigualdade digital é um problema que existe antes mesmo da pandemia, e torna-se imprescindível o pensamento em pesquisa, que se concentre neste lócus de atuação, a partir de um olhar crítico.

Dessa maneira, quando pensamos práticas restaurativas em ambientes educacionais o exercício das perguntas adaptadas e sugeridas por Belinda Hopkins (2011) pode e deve ser realizados tanto na relação com o outro, quanto na relação intrapessoal. Isso significa que perguntar para si mesmo “1) O que aconteceu? O que está acontecendo? 2) Em que você estava pensando no momento? O que estava sentindo? 3) Quem foi afetado/prejudicado pelo que aconteceu? Como foram afetados? 4) O que você precisa para se sentir melhor em relação a



isso? 5) O que você pode fazer para que as coisas fiquem em ordem?”, também é uma forma de compreender a realidade do outro desprovido de julgamentos que não acolhem, afastam e violentam ainda mais crianças e jovens já tão massacrados pelas desigualdades. Talvez, naquele momento, o que a aluna precisava para que as coisas ficassem bem era somente o apoio da escola para que pudesse realizar seu simulado e ajudar sua família sem qualquer outro questionamento.

Nesse sentido, chegamos a mais um questionamento: qual a qualidade dos diálogos realizados em formato online considerando os contextos apresentados? Nos excertos abaixo, conseguimos identificar um pouco mais das necessidades encontradas no formato online. Quando o participante 3 retrata suas dificuldades em aplicação em ambiente virtual, assim como o participante 7 exemplifica as necessidades não atendidas ao propor uma estratégia que não chegou até seus estudantes. Considerando os objetivos e didática de aula proposta:

**Participante 3 (Assistente Social em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** Bom, eu listei tanto online quanto presencial, acho que o online tem muito a ver com o que os colegas trouxeram né dos profissionais terem acesso a esse mundo virtual, né, uma conexão de qualidade, ter um aparelho que consiga garantir isso, né? Eles também ligarem as câmeras, né? Para que a gente pudesse se conectar, nos círculos, nas formações, né?

**Participante 7 (Professor em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** [...] E, em termos de necessidade eu não sei se foi perguntado minha necessidade física é mais mesmo o acesso de recursos muito visuais que às vezes a internet do outro lado não estava tão boa para poder acessar um vídeo que eu passava, ou coisa do tipo, então foi uma necessidade assim que eu percebia uma dificuldade, mas acabou fluindo. [...]

Portanto, reconhecemos que um dos grandes desafios dos participantes da pesquisa foi a desigualdade digital que transcende a aplicação de círculos virtuais. Ela está no processo de didática pensado, na relação de ensino-aprendizagem, no processo avaliativo e nas dimensões relacionais construídas durante o contexto pandêmico. Diante disso, quando recorremos aos embasamentos teóricos relacionados às desigualdades digitais há que se destacar a necessidade de estabelecimento de criticidade a fim de compreender os contextos de cada um e cada uma.

De acordo com Silva (2020) o espectro de desigualdades e dificuldades que rodeiam o ambiente digital vão desde a impossibilidade de conseguir comprar um computador, até a impossibilidade financeira de arcar com os custos de um serviço de conexão. Dessa forma, a restrição e acessos limitados somente em lugares públicos, abrem outra discussão que não aprofundaremos nesta escrita, mas que tange a necessidade de democratização de tecnologias. Portanto, considerando os valores de processos circulares e da justiça restaurativa pautados na equidade de espaço de fala e participação, compreendemos que há muito a se fazer para que

tais metodologias sejam, de fato, utilizadas como ferramenta de emancipação e transformação social.

Em contrapartida às convergências identificadas sobre necessidades operacionais e de aplicação que se relacionaram às desigualdades digitais, no processo de categorização temática, também identificamos consonâncias relacionadas às estratégias e ferramentas utilizadas, além da ampla gama de possibilidades criadas para atender cada um dos espaços, contextos e público impactado. Este interesse se resguarda nas compreensões teóricas apresentadas nesta pesquisa a partir também de Mesch (2019), de que as possibilidades de aproximação têm suscitado a imaginação e despertando interesse das pesquisas e da ciência no que tange à formação de relações e relacionamento a partir do online. Vejamos alguns exemplos destas relações nos trechos abaixo:

**Participante 1 (Coordenador Pedagógico em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** [...] A gente precisou fazer uma adaptação online, tá, formações teóricas e práticas a gente fez círculo online, usei a ferramenta do Google Meet. A gente também fez uma acolhida com professores também pelo Zoom e pelo Meet e alguns atendimentos com as turmas da escola, tá, pelo aplicativo do Teams. [...]

**Participante 3 (Assistente Social em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** Durante a pandemia até listei aqui eu tive a oportunidade de tá com sete instituições diferentes, [...] as ferramentas principais foram o Google Meet e o Teams, né e foi utilizado algumas atividades presenciais agora mais no final do segundo semestre.

**Participante 4 (Educador Social em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos):** Então, enquanto a equipe, né acho que a gente seguiu a mesma linha que a resposta da Participante 2, nós utilizamos o Teams né para fazer os momentos de acolhida tanto com a equipe mesmo ali de educadores e a princípio nos grupos do Facebook junto com as crianças. [...]

Nos fragmentos acima podemos identificar estratégias por diversas plataformas de interação: *Microsoft Teams, Google Meet, Zoom, Facebook* e trocas presenciais. A consonância entre os ferramentais apresentou certa regularidade e as estratégias foram bastante diversificadas, ou seja, grupos para acolhida, atendimento com turmas, formações online, círculos virtuais, grupos de *Whatsapp e Facebook* com estudantes e familiares, atividades presenciais com o afrouxamento das medidas preventivas relacionadas à COVID-19, reuniões para tomadas de decisão com equipes de gestão, reuniões com famílias, aulas online, *check-ins* como ferramenta para aproximação e reencontros para cuidado de perdas em comum durante a pandemia.

Ressalta-se que os espaços remotos e as TICs, possuem uma característica importante, associada à internet, de facilitar o contato online, especialmente entre pessoas que estão geograficamente distantes. (MESCH, 2019). Durante a análise observamos que os participantes utilizaram essas tecnologias para trocas com pessoas do Paraná, de Santo André (SP) e outras

diversas regiões do estado. Nos excertos abaixo aprofundamos um pouco mais dos resultados encontrados:

**Participante 5 (Diretora de uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** [...] das práticas utilizei o Teams né, que foi onde a gente fazia as reuniões tanto da equipe de gestão como também conduzimos algumas reuniões com as famílias e no processo em que a pandemia flexibilizou um pouquinho retorno presencial, nós fizemos uma roda, um círculo com toda a equipe de colaboradores. [...] fiz também pelo Google Meet também por conta do impacto da pandemia o reencontro com ex-colaboradores diante de uma perda que a gente vivenciou em plena pandemia.

**Participante 6 (Coordenadora de Saúde, Bem-Estar e Qualidade de Vida):** [...] E aí destaco também uma experiência de um apoio que se deu muito espontaneamente em um círculo de pessoas que se conheceram virtualmente se conectaram virtualmente em diferentes pontos do estado de São Paulo, uma vivenciando uma situação pessoal, muito específica e a outra deixou o telefone e se colocou muito disponível para apoiar após a realização do círculo.

Além disso, as estratégias de conexão por meio das telas retratam as mudanças abruptas e adaptações necessárias exigidas dos relacionamentos virtuais. De acordo com Quadros, Cunha e Uziel (2020), o afeto vindo das telas atualizou o “te vejo mais tarde” pelo “te vejo no Zoom” ou em qualquer outro aplicativo de encontros virtuais. Dessa forma, a partir destas novas interações a exigência maior para garantir coletividade é de que o acolhimento esteja pautando as formas de conduzir.

Ainda, de acordo com Lima, Lima e Lima (2020), apesar de todas as agruras, a situação com a qual nos defrontamos no mundo tem um ruído diferente, ou seja, apesar do pranto e do luto, apesar do distanciamento social, investe-se naquilo que pode ser convertido em música: a dimensão pedagógica da conexão humana online.

Dito isto, compreende-se que as estratégias de aproximação e conexão, mesmo considerando as necessidades operacionais acima mencionadas, possuem um papel fundamental no que concerne a apoio social, uma vez que “aproximar as pessoas de entes queridos e do apoio social é uma parte importante, para não dizer imprescindível, dos primeiros cuidados psicológicos.” (OPAS, 2015, p. 28). Portanto, o afeto que vem das telas, necessário para o momento de isolamento, e a partir das diversas estratégias que aqui citamos, reitera que a aplicabilidade de ferramentas conversacionais, que apesar de contraditória e desigual, tornou-se fundamental.

E, por falar em imprescindibilidade, constatamos também convergências entre os participantes a partir de necessidades operacionais e desafios relacionados ao letramento digital. Em nossas contribuições teóricas apresentamos que as TICS implicam em grandes transformações sociais baseadas na interconexão. No entanto, apesar de estas tecnologias apresentadas como infraestrutura básica deste modelo de comunicação as pessoas não deixam

de ser fundamentais na medida em que se apropriam destas ferramentas, disponibilizam informações cada vez mais dinâmicas e colocam novos desafios e objetivos em diferentes áreas sociais.” (MARTÍNEZ, 2014, p. 62).

Dessa forma, considerando a centralidade dos sujeitos como opção desta pesquisa, finalizo o eixo de análise sobre aplicabilidade reafirmando tal escolha. Retomando Silva (2020), e os questionamentos sobre desigualdade digital, ou seja, “será que todas as pessoas têm suficiente alfabetização digital que possibilite o acesso e uso de ferramentas digitais com a qualidade necessária?” Portanto, incluiremos nesta discussão as falas dos participantes que repercutem a necessidade de pensarmos estas ferramentas e a aplicação de círculos virtuais, a partir da compreensão de que cada participante está em um momento de interação com estas ferramentas, e este ponto acaba por se tornar fundamental para a proposição de espaços de interconexão, como enumeram os trechos baixos transcritos e selecionados do grupo focal realizado:

**Participante 6 (Coordenadora de Saúde, Bem-Estar e Qualidade de Vida):** Círculos em um ambiente corporativo [...] a plataforma que a gente adotou foi o Teams em todo o período da pandemia foi uma prática que a gente iniciou na verdade muito nesse momento nesse momento da pandemia [...] Bom, quanto a necessidades operacionais eu acho que foram muitas, especialmente, pelo fato da gente ter ido para o ambiente virtual todo mundo junto né? Então, eu acho que eu destacaria a inclusão digital de muitas pessoas que não tinham acesso, né, ao manejo aí de celular ou computador para acessar o Teams, então foi um processo intenso de inclusão digital para algumas pessoas. Então foi um suporte para essas questões[...]

**Participante 1 (Coordenador Pedagógico em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** [...] Outras necessidades, do pessoal mais adulto nos congressos, era o letramento digital, conhecer as ferramentas, então foi um empecilho, foi uma dificuldade.

De acordo com Silva (2020) o letramento digital também está ligado às demais desigualdades que não equiparam as vivências em ambientes remotos da mesma forma, ou seja, quando se trata de avaliar os impactos das TICs na construção de relacionamentos, há que se considerar os lugares da experiência, do poder e da cultura. Dessa forma, é nessa reorganização de redes e de indivíduos interconectados que ocorrem novos processos de socialização que nos dirão mais do que a atividade proposta para aquele momento digital. (CASTELLS, 1999).

A sociedade em rede, segundo Castells (1999) também faz parte de um sistema capitalista que reitera as inúmeras iniquidades deste sistema perverso. Sendo assim, podemos compreender que o letramento digital que exige rapidez e eficiência na aprendizagem pode ser um meio de exposição e até comprometimento da construção de espaços seguros para trocas e diálogos. Nesse sentido, os participantes podem optar pela não participação e adesão em decorrência deste processo desigual e falho de letramento digital. Por isso, este processo também diz respeito de um tempo também para “respeitar o próprio movimento individual na

possibilidade de adaptação às ferramentas digitais para organizar encontros online.” (LIMA, LIMA e LIMA, 2020, p. 23).

Assim sendo, o que fica neste eixo de aplicabilidade corrobora com o pensamento, novamente, de Lima, Lima e Lima (2020) a partir das contribuições de que existe uma dimensão pedagógica na construção de conexão online que pode beneficiar e ampliar redes nos mais variados contextos. Portanto, sem perdermos nosso senso crítico sobre as desigualdades digitais, necessidade de letramento digital, destacamos a fala do participante 7 que acreditamos evidenciar a investigação apreciativa a qual busco nesta pesquisa:

**Participante 7 (Professor em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** [...] Então participava de grupos virtuais, mas que voltando agora no presencial mudou completamente e se reorganizou, então **a vida virtual permitiu isso para mim assim perceber de uma forma muito interessante.** Desenvolvimento de estudantes também teve estudantes que se desenvolviam super bem no virtual, eles voltaram para o presencial super diferentes, **então eu acho que reorganizou as relações.** [...] (grifo meu).

Durante a pandemia, em minha atuação com grupos, também facilitei círculos para a construção de diálogo e percebi a necessidade de verificação da compreensão dos participantes sobre as ferramentas a serem utilizadas. Diante disso, checagens do tipo “todo mundo sabe como funciona o Teams?” se tornaram premissa fundamental para que o andamento dos círculos pudesse incluir as diversas necessidades, como por exemplo, “estou com poucos dados e pode ser que eu caia no meio da atividade.” Portanto, a escuta de necessidades foi fundamental, como reitera o participante 4:

**Participante 4 (Educador Social em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos):** [...] por toda essa situação que eu que os outros trouxeram, né, de falta de acesso, falta de computador, falta de internet, ficou um pouco difícil da gente conseguir acessar eles inicialmente, assim através do virtual. Então a gente fez todo um planejamento com material didático mesmo impresso para conseguir atingir, né, todas as famílias e as crianças e acredito assim um pouco, do que a participante 5 falou assim, né de tentar trazer o olhar, né das práticas restaurativas quando você tá ali montando o conteúdo, né? Perceber o que a criança necessita se aquele objetivo ali ele vai conseguir alcançar ou se até mesmo os materiais que você tá propondo dentro da atividade, ele vai ter em casa, então é mais essa questão de fazer um levantamento de necessidades, e entender que público, que criança é essa que eu tô atendendo.

Diante disso, a discussão de Mesh (2019) que norteia os olhares à diversidade destas relações, imprime também uma necessidade de reconhecimento de que os relacionamentos que acontecem de maneira online ou offline não se apresentam como excludentes ou ainda opostos. Portanto, considerando a aplicabilidade e as diversas estratégias de aproximação são possíveis organizar as relações de modo que se complementem, fortaleçam redes dialógicas e considerem as diversas realidades das quais as pessoas fazem parte.

Para terminar, elaborei a nuvem de palavras com os termos que mais apareceram no eixo de análise **Sobre Aplicabilidade.** Dessa forma, as estratégias se utilizam de diversas



### 5.3 SOBRE (IM)POSSIBILIDADES

O terceiro e último eixo de análise concentra os resultados das (Im)Possibilidades da aplicação de círculos virtuais e dos processos de práticas restaurativas e as relacionadas às sugestões de manutenção, mudanças e futuro da aplicação, adaptações metodológicas, organização/manutenção das aplicações pós pandemia. Nesse sentido, buscamos compreender a partir da investigação apreciativa quais foram as aplicações em ambientes virtuais e como suas forças potencializadoras podem contribuir para um futuro conjunto. No entanto, a escolha em nomear o eixo como (Im)Possibilidades garantirá à análise apresentar possíveis divergências e necessidades que a aplicação em espaços virtuais não contemplou de acordo com a experiência dos participantes, a minha vivência durante a pandemia e as conversas informais que resguardaram tal troca.

Inicialmente, apresentaremos as convergências sobre a necessidade do uso das metodologias em ambientes virtuais considerando adaptações e flexibilidade necessárias para a sua aplicação. Dessa forma, os excertos abaixo mencionam a necessidade de adaptação, flexibilidade e simplificação das metodologias de modo a alcançar todos os participantes:

**Participante 6 (Coordenadora de Saúde, Bem-Estar e Qualidade de Vida):** [...] é a adaptação do círculo para o ambiente virtual, então entender também quantos participantes seria possível atender ali naquele tempo, as adaptações para aplicação da metodologia e pros facilitadores, né? [...] Como sugestão para aplicação eu diria acho que a própria prática mesmo no sentido de naturalizar esses momentos de fala escuta, né? E aí, dentro do possível, acho que a simplificação da metodologia. Em algum momento isso também fez sentido para gente porque era primeira vez em muitas esferas, no ambiente virtual, da metodologia e da experiência então a simplificação da metodologia. [...]

**Participante 3 (Assistente Social em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** Eu acredito que usar a criatividade nesses processos é fundamental, eu acho que também ter a disponibilidade interna para conduzir esses processos dialógicos e que são bases de direitos humanos, né? [...]

**Participante 2 (Coordenadora Pedagógica em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos):** Bom, as minhas sugestões estão mais focadas na adaptação metodológica por ser um ambiente virtual, né? A gente tem que otimizar o tempo por não ter a materialidade das coisas, né que a gente trabalha na questão dos círculos. Constância de processos então, eu acredito que quando você faz uma coisa com constância, encontros semanais, quinzenais [...] uma questão do roteiro para a gente conseguir também se sentir mais seguro diante dos processos, né? Por mais que a gente conheça um pouco da metodologia da prática, mas já criar também e se planejar para que a gente já se sinta mais seguro no processo. [...]

Percebemos durante as falas da maioria dos participantes – apenas algumas delas aqui se encontram<sup>49</sup> - que as adaptações necessárias para a aplicação de círculos e/ou práticas restaurativas se fazem necessárias e são plurais. Novamente, há que se ressaltar a experiência

---

<sup>49</sup> Para visualização integral das falas visite o APÊNDICE B.

de Lima, Lima e Lima (2020) com círculos virtuais e as afirmações de que quando estamos em ambiente virtual estamos sendo convidados à realização de uma ciranda diversa. Esta diversidade está intimamente ligada à singularidade do círculo virtual e a necessidade de aguçar o olhar para processos criativos considerando os contextos em que estão inseridos. Portanto, visualizando as possibilidades temos um convite à “extraordinária oportunidade: a de convidarmos para a relação com a imaginação, com a criatividade, com as emoções, com a imagética.” (LIMA, LIMA e LIMA, 2020, p. 35).

Outra discussão possível e que permite diversos olhares diz respeito à construção coletiva nestes espaços que conforme Assumpção (2014) reiterou, a possibilidade de alcance de mais vozes e lugares para a colaboração e responsabilização. No que tange à ampliação destas práticas, o participante 4 destacou:

**Participante 4 (Educador Social em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos):** Acredito que como sugestão, por mais que sejam temas restaurativos círculos restaurativos e todo esse contexto dentro de um ambiente entre os educadores seja já de prática, né? Mas o que precisa ainda ampliar sabe ter mais fóruns, acredito que as famílias mesmo poderão estar mais inteiradas referente a essa temática que poderia ser uma temática que dominasse a educação em todos os ambientes, não só essas escolas que se comprometem a seus ou que colocam isso como um currículo, mas acredito que ainda falta muita coisa para que a gente consiga ter uma rede restaurativa muito maior.

Além do destaque para a ampliação de falas e espaços que discutam as estratégias circulares e de mediação de conflitos, necessidades práticas como a confecção de roteiro, a importância de trabalhos que forneçam ferramentas e dicas para esta aplicação foram fortalecidos na fala de alguns participantes especialmente pelo fato de os referenciais para tais práticas, em sua maioria, contarem sobre a prática de círculos presenciais. Vejamos, como exemplo, a contribuição do participante 1:

**Participante 1 (Coordenador Pedagógico em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** Eu *linkei* aqui 04 questões. A primeira é ter mais prática, né acho que a constância, a prática vai criando hábito e aprimorando seus processos. A segunda que é sempre ter uma co-facilitação ou mais apoio no círculo, algumas vezes eu conduzi sozinho e aí quando você tem alguém para olhar chat, alguém para pôr a música, isso eu acho bacana, eu acho manuais com adaptações no remoto, acho que seu trabalho não é um manual, mas dá luzes a eu acho importante, a gente nunca teve esse cenário e por mais que a gente tenha referenciais, eles falam de práticas presenciais.

Em nossa construção teórica apresentamos dois materiais que versam sobre estas aplicações em ambientes virtuais. Conforme as contribuições de Lima, Lima e Lima (2020, p. 31) algumas diretrizes são importantes para a promoção de círculos em espaços virtuais, sendo elas: presença de no máximo 12 pessoas e a presença virtual de 2 facilitadores/as e até 10 participantes, em um tempo de até 2 horas, enfatizando o especial cuidado com o tempo,



especial cuidado com a explicitação das diretrizes operacionais no início do círculo, “[...] trabalhemos com. *Trabalhar com* é mais confortável e mais seguro, pois constitui uma nova dinâmica Para integrar habilidades de forma virtual”. (grifo meu).

Sendo assim, é possível observar que, mesmo sem o acesso deste material pelo participante do grupo focal desta pesquisa, a sua experiência prévia lhe possibilitou adequar e enxergar muitas das ferramentas e posturas indicadas em Lima, Lima e Lima (2020). Além disso, Adams et al. (2020) também construíram sua experiência a partir do ambiente virtual e corroboram com os olhares tanto dos participantes da pesquisa quanto de Lima, Lima Lima (2020) de que os espaços dialógicos mediados pela tecnologia exigem alguns outros procedimentos e organizações com a finalidade de adequação.

Continuando neste processo educativo, Pranis (2010) reitera que a abordagem circular não possui grandes exigências em sua aplicação, denotando simplicidade e valorização dos participantes acima de qualquer premissa. No entanto, quando perguntamos aos participantes sobre suas sugestões e vislumbres nesta aplicação o que apareceu foi o estudo, a postura corajosa necessária para o diálogo, preparação, roteiro e flexibilidade, como destacam o participante 7 e a participante 5:

**Participante 7 (Professor em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** Bom eu acho que sugestão é muito estudo e coragem assim de colocar a cara deixar um pouco a timidez de lado e enfiar cara, não tem jeito, para tornar o processo menos distante possível, né? Eu tive uma experiência de fazer umas contações de histórias para as crianças sobre medos, que eu percebia que eles tinham muito medo, com vozes de pessoas que eles já conheciam para contar as histórias para eles no ambiente virtual e foi uma experiência bem positiva assim. Então eu acho que aproximar cada vez mais o que você já conhece e tornar menos gelado possível por estar distante assim de acordo com a minha experiência.

**Participante 5 (Diretora de uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** Acho que sugestão é se prepare, né, para ir conduzir um conflito ou uma situação de roda de conversa, né? Minimamente crie um roteiro de que forma você vai conduzir esse diálogo, né? Faça várias vezes para que se torne uma coisa rotineira porque à medida que a gente vai fazendo cada vez mais a gente vai fazendo a gente vai se sentindo mais seguros para conduzir. [...]

Não por acaso, trago para a análise as importantes construções de Paulo Freire acerca dos processos dialógicos. Quando o participante 7 apresenta as sugestões de muito estudo e coragem, bem como a participante 5 fortalece a necessidade de preparação para a condução destes momentos reitera-se a pedagogia da esperança e o “juntar-se com outros para fazer de outro modo” (FREIRE, 1992, p. 111). Dessa forma, estes encontros corajosos requerem uma discussão que tange também à polarização, aos discursos violentos e à opressão e coragem, por tanto, também se associa à esperança no diálogo, no contraproducente – em se tratando de punição – em conciliar a diversidade em observar o mundo porque diálogo se faz a partir de

encontros amorosos e “este encontro amoroso não pode ser, por isto mesmo, um encontro de inconciliáveis.” (FREIRE, 1983, p. 28).

Ainda, a despeito de estudo, coragem e aproximação, em qualquer que seja o contexto, por meio dos círculos de cultura propostos por Freire (1987), ou da abordagem dos processos circulares que aqui apresentamos, reforça-se que mudanças sociais se dão a partir da colaboração que reelabora o mundo. Portanto, mudança política, deve partir da reconstrução de percepções em um mesmo mundo comum, das trocas recíprocas e conscientes de si e do outro.

Nesse momento, gostaria de destacar um dos círculos que facilitei nestes tempos de pandemia. Foi um círculo para falar sobre o futuro e a saída do mercado de trabalho e a transição para a aposentadoria. Falas como medo, insegurança, alegria, gratidão estavam entre os temas dos 23 participantes e a emoção tomou conta dos momentos finais. Falar sobre o que paralisa requer muita coragem e enfrentar um futuro bem próximo, em um país etarista<sup>50</sup>, vigorado por políticas neoliberais que se concentram no utilitarismo das pessoas para o mercado de trabalho. Naquele dia, fiquei extremamente reflexiva e impactada com tantas potências que encontrei no círculo e saí com uma única certeza: a esperança do diálogo cria redes necessárias, não importa o momento que se esteja vivendo.

Em se tratando de possibilidades futuras as expressões relacionadas à importância tanto da tecnologia presencial de contato e presença, quanto do acesso que os ambientes virtuais possibilitam, também esteve presente na fala dos participantes da pesquisa, havendo um equilíbrio entre possibilidades e impossibilidades da utilização dos ambientes virtuais e presenciais, como se vê abaixo:

**Participante 2 (Coordenadora Pedagógica em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos):** [...] o uso da tecnologia favoreceu muito essa questão do encontro com o outro, então para mim, eu acho que a gente consegue fortalecer muito mais, se chegar a muito mais pessoas através da tecnologia que ela é uma ferramenta muito potente, né, para o que você tem a intenção de utilizar [...] as vezes, o que não é possível se fazer presencial por conta das agendas individuais, talvez uma forma online e ela seja muito mais validada, porque é o tempinho que eu tenho que não consigo me encontrar pessoalmente com as pessoas. Eu acredito que dá para continuar né, e ter essa aproximação.

**Participante 4 (Educador Social em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos):** Eu acredito que a tecnologia ela vem viabilizando, né? Esses encontros que antes eram extremamente impossíveis, então a gente já tá escutando falar sobre o metaverso e a gente tá tentando entender o que que é isso [...] então acredito que o avanço disso daqui aos próximos cinco anos na real assim vai ser surreal como foi esse progresso durante a pandemia, acredito que mais ferramentas estão sendo criadas e mais praticidade vai vir para nossa prática.

---

<sup>50</sup> Em Coury et. al (2022) etarismo é entendido como a “discriminação por conta da idade avançada pode ser chamada de etarismo e contribui para a exclusão social da população idosa, violando, por consequência, os direitos fundamentais dessas pessoas.” Maiores informações em <https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/etarismo-o-que-e/>.

**Participante 6 (Coordenadora de Saúde, Bem-Estar e Qualidade de Vida):** eu acredito muito nesse futuro que combine as duas esferas o presencial e virtual porque de fato o virtual ele possibilita o encontro, possibilita a aproximação e também a conexão, né?

As contribuições da tecnologia em tempo de pandemia foram inegáveis e, como é possível perceber nos excertos acima, são reconhecidas pelos participantes que também observam ganhos na utilização tanto de espaços virtuais quanto presenciais para construção de diálogos seguros. Tais compreensões corroboram com Galhardi et al. (2021) de que no período da pandemia, em meio a uma era digital, a velocidade assustadora de disseminação de informações, reitera a necessidade de pensamento e adequação dos espaços remotos para práticas que realmente operam a favor da vida e construtoras de espaços seguros para trocas e acolhimento. Nesse mesmo sentido Lima, Lima e Lima (2020), destacam a necessidade de organização criativa, compreensiva e energia solidária para esta construção e reflexão coletiva.

Destaco outra discussão importante trazida pelos participantes e que reflete as possíveis dissonâncias quando o assunto é eficiência da aplicação de círculos e práticas restaurativas virtuais: a conexão humana. Ela parece ser mais importante que a mediação presencial ou tecnológica, garantindo assim um olhar para as relações seguras e respeitosas seja qual for a mediação que aconteça, como verificado nos trechos abaixo:

**Participante 5 (Diretora de uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** [...] A gente pode se utilizar das tecnologias, mas acho que entre o presencial e o virtual que seja uma ferramenta estratégica que a gente consiga discernir o que cabe no virtual e o que é importante ainda em investir no presencial, porque eu acho que a tecnologia de uma certa forma ela estreitou algumas distâncias. [...]

**Participante 7 (Professor em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** Eu acho que a questão virtual ela trouxe proximidade sim, mas ela também, e isso ainda tá longe de ser construído, vai demorar muito uma questão de novas relações a partir delas, né?

**Participante 1 (Coordenador Pedagógico em uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):** Eu acho que a minha contribuição a nossa contribuição enquanto pesquisadores atuantes e pessoas que estão aí é aprimorar para que isso se mantenha na sua essência de conexão, né e de prática legítima de escuta né, para que não seja só um protocolo. [...]

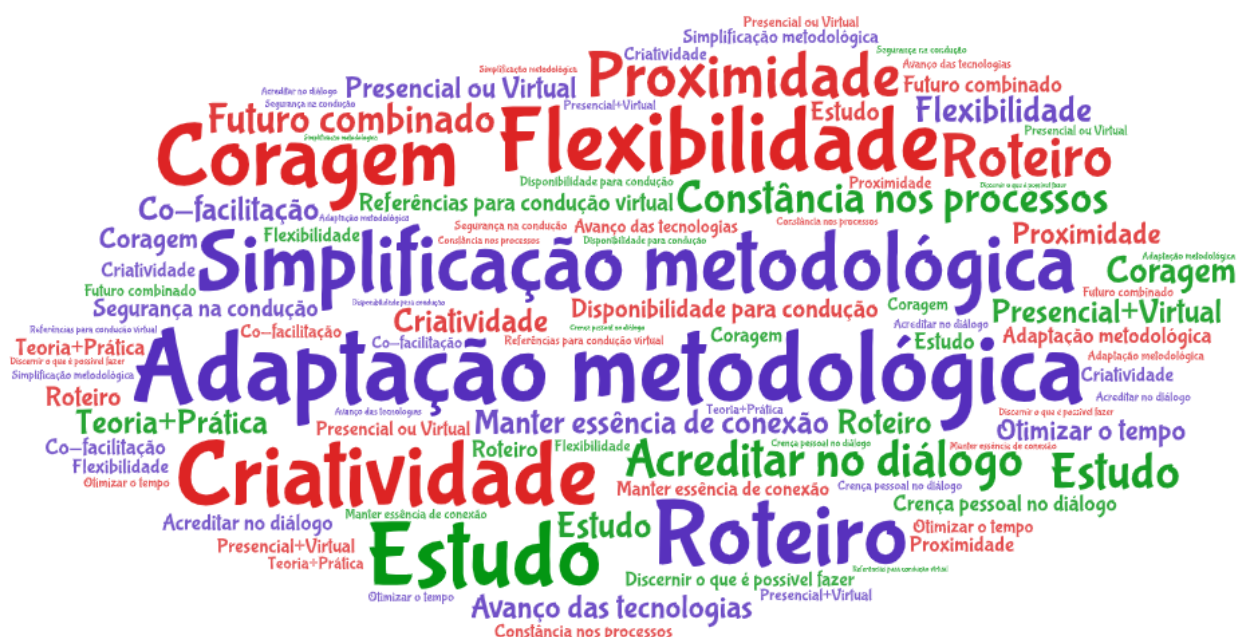
Construir relações em que as perspectivas sejam valorizadas e construam um lugar de confiança, de fala e de escuta são premissas de processos circulares de acordo com Pranis (2010) e das práticas restaurativas conforme Hopkins (2004). Portanto, ao visualizarmos a importância da conexão é possível afirmar que os objetivos de adaptação metodológica que vimos anteriormente e do uso de ambientes virtuais se aproximam das necessidades de práticas pautas nos valores dialógicos e colaborativos porque esta é uma opção que converge com o modo de vida e sentidos que cada participante observou durante a pandemia, mas também durante aplicações anteriores que contribuíram para a construção deste momento.

Portanto, esta análise, consideramos a fala da participante 5 como um compilado das experiências, visto que apresenta a crença no diálogo como alicerce fundamental para a consolidação de experiências em ambientes virtuais. Isso significa que os processos circulares presenciais e virtuais promovem sentidos para a transformação social nos mais diversos espaços em que são vivenciados.

**Participante 5 (Diretora de uma Escola Social - Fundamental II e Ensino Médio):**  
**Eu acho que sim eu acredito porque não tá no método no presencial ou virtual, acho que tá na pessoa tá em mim, né? Eu acho que a gente deu conta e tá fazendo essa questão do diálogo de maneira virtual, porque a gente acredita no diálogo e foi a única maneira que a gente encontrou para que a coisa acontecesse né? [...]** quando eu falo dessa prática é uma prática que vai além da relação de trabalho assim, então quando eu dava falando do vínculo da escuta, dos conflitos, é algo que eu tento trazer no exercício em família, na relação de amigos e na relação de trabalho também, por isso que eu acredito muito nesse método, né? Inclusive nas ferramentas, né? Foram ferramentas que eu utilizei no ambiente de trabalho, mas também no ambiente familiar e de reencontro com os amigos. (**Grifo meu**).

Para concluir, apresentamos a nuvem de palavras deste eixo **Sobre (Im)Possibilidades**. Mais do que um roteiro de aplicação é possível observar que em suas impossibilidades está a descrença no diálogo, ou seja, não é possível conduzir genuinamente um espaço virtual circular ou restaurativo se isto não estiver alinhado com os valores das pessoas. É preciso acreditar, utilizar roteiro, criar sentido a partir da criatividade, flexibilidade, da constância e otimização dos processos, da proximidade e estudo do tema. Além disso, tanto as aplicações presenciais e virtuais podem ser compartilhadas, considerando o avanço das tecnologias e a disposição para criar espaços com pertencimento. Quanto ao futuro da aplicação, para os participantes a busca constante pelo aperfeiçoamento e atenção às necessidades devem ser resguardados.

Figura 5 - Nuvem de palavras “Sobre (Im)Possibilidades”



Fonte: Autoria própria, (2022).

Vimos neste capítulo a apresentação e análise dos resultados, que discorreu sobre diversas possibilidades e experiências da aplicação de círculos e práticas restaurativas virtuais produzidas a partir do grupo focal, bem como por meio das conversas informais. As inúmeras trajetórias denotam a diversidade de fazeres e corroboram com o fortalecimento de processos coletivos e dialógicos como prática para afirmação da vida.

Nesse sentido, a caminhada e produção de sentidos estão alinhados ao contexto de cada atuação, às realidades sociais e possibilita a construção de redes em diversos pontos da Zona Leste da cidade de São Paulo, em outros municípios do estado e até mesmo em outros estados, a partir da mediação tecnológica.

Analisando o *corpus* das transcrições, podemos afirmar que o trabalho intenso e dialógico construiu muitas pontes nestes tempos pandêmicos. A seguir, nas considerações finais esmiuçamos um pouco mais de nossas compreensões gerais, contemplando as hipóteses deste trabalho e o resgate do caminho que buscamos trilhar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começamos esta jornada de pesquisa e construção de conhecimento reafirmando o que Frei Betto nos ensinou lá em 2002 “pensar com a cabeça a partir de onde os pés pisam”. Dessa forma, construímos um caminho teórico que se pautou nos processos circulares presenciais e virtuais, nas práticas restaurativas, na saúde mental coletiva e na verificação das TICs como oportunidade, bem como desigualdade.

A partir destas construções teóricas seguimos para o trabalho de campo ouvindo participantes que atuam cotidianamente com a temática pesquisada. Além do grupo focal, também apresentamos aqui a vivência da pesquisadora como facilitadora e estudante do tema. Nesse sentido, me propus a responder o problema de pesquisa ‘como a aplicação dos círculos e práticas restaurativas foram e estão sendo disseminados em espaços remotos, considerando o contexto da COVID-19 e a essencialidade prática da metodologia?’

Diante disso, a produção de dados nos levou a diversos e, confesso, inimagináveis caminhos. Apresentamos aqui práticas formativas virtuais, apoio às situações de violência racial e de saúde mental, desigualdades sociais questões de saúde mental, desigualdades sociais, estratégias de aproximação considerando planejamentos pedagógicos, estruturação didática, círculos de autocuidado, círculos de escuta e diálogo para ambientes de trabalho, círculos para apoio à mulher vítima de violência doméstica, círculos formativos para pensar a não-violência e a mediação de conflitos na educação infantil, círculos para tomada de decisão de gestão, dentre outras tantas práticas que, infelizmente, não cabem nestas páginas.

No transcorrer de todo este processo intenso fomos observando quais eram as convergências e/ou divergências relacionadas às **hipóteses** apresentadas, a saber: 1) As possibilidades de aplicação, considerando os espaços virtuais, apresentaram uma nova forma de conceber os encontros e trocas; 2) Os processos circulares e o uso de ferramentas conversacionais se apresentam como potencial estratégia para a criação de redes de apoio e cuidado.

Portanto, as construções desta pesquisa revisitadas nos parágrafos anteriores nos permitiram **corroborar com as hipóteses** apresentada ainda na introdução deste trabalho de que as possibilidades de aplicação, considerando os espaços virtuais, apresentaram uma nova forma de conceber os encontros e trocas, bem como os processos circulares e os usos de ferramentas conversacionais se apresentam como potencial estratégia para a criação de redes de apoio e cuidado.

Tais hipóteses foram confirmadas considerando a dimensão do amplo e diverso trabalho realizado pelos participantes desta pesquisa na Zona Leste da cidade de São Paulo e, nesse contexto, as cabeças pensaram a partir dos pés que pisam chão de vulnerabilidades, em sua maioria. Portanto, os círculos virtuais além de todas as possibilidades apresentadas anteriormente, também corroboram com a estratégia do diálogo como prática de afirmação e fortalecimento da vida.

Parafraseando a construção do Instituto Moinho da Paz (2020), este trabalho remanejado para espaços virtuais e que teve em seu desafio uma pandemia, exigiu de seus facilitadores consciência de sua complexidade, coragem, cuidado, e, sobretudo, a crença no diálogo e na conexão humana. Com tudo isso, entendemos que estes momentos foram imprescindíveis para que as práticas construídas e/ou adaptadas pudessem ser utilizadas como ferramenta de apoio, de escuta, de construção de redes, de fortalecimento de vínculos, afetos, processos e equipes.

Portanto, ficou claro que muitos pontos em comum unem facilitadores e estudiosos de processos circulares e práticas restaurativas. Sobre isso, verifiquei que sentido e propósito parecem andar lado a lado com esta construção, bem como o imbricamento de muitos afetos quando o assunto é experienciar círculos. Lembrei-me agora, da grande emoção que senti ao final do grupo focal online que produziu os dados que constam nesta pesquisa. Eu estava visivelmente emocionada com as palavras “trabalho necessário” ou “inspiração”, mas pude perceber que os/as participantes estavam emocionados com as trocas. Depois, ao final, mensagens significativas chegaram por meio do Whatsapp e uma das participantes me procurou perguntando um pouco mais sobre a fala de um dos participantes que contou sobre sua prática como gestor para ampliar o uso das práticas restaurativas em sua escola.

No entanto, alguns tensionamentos e desafios foram-me ‘achegando’ com o passar da finalização deste trabalho e gostaria de considerar neste último tópico: como manter toda esta disposição considerando a volta ao presencial e as novas demandas geradas pela pandemia? Como promover espaços em que a justiça restaurativa discuta e aprofunde questões interseccionais como o racismo, a equidade de gênero, a LGBTfobia<sup>51</sup>, a sobrecarga de trabalho, a justiça social, o capacitismo, o etarismo e as tantas outras interseccionalidades?

Parece-me que, o como fazer, diz mais do que apenas a criação de um roteiro ou um material que instrumentalize. Obviamente, e isso apareceu na maioria das falas do participante,

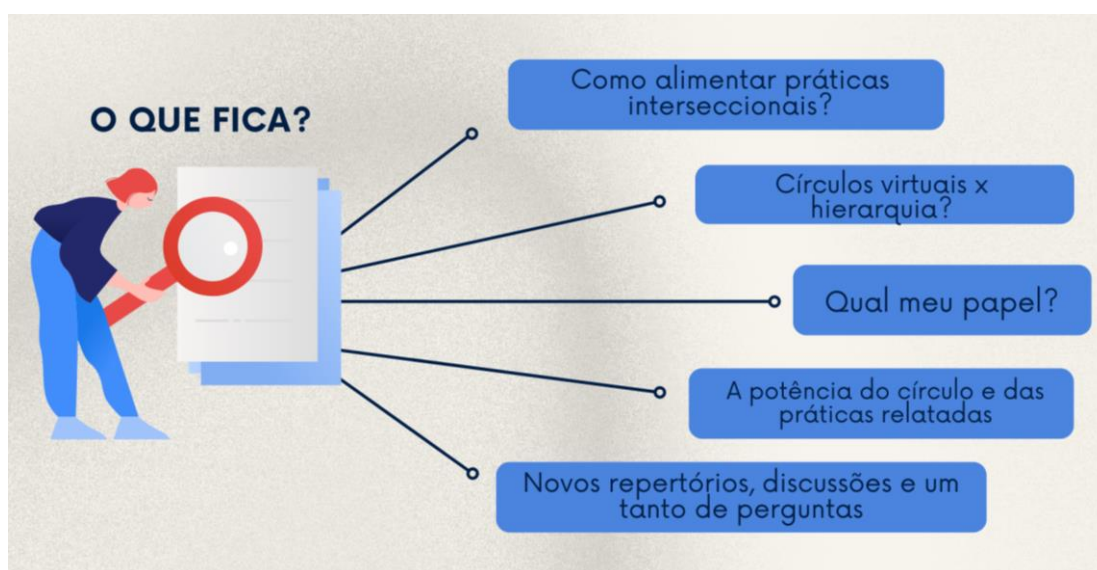
---

<sup>51</sup> Refere-se à hostilidade e violência direcionada à população LGBTQUIAP+. Para saber mais: <https://www.politize.com.br/lgbtfobia-brasil-fatos-numeros-polemicas/>

bem como em minha busca por referenciais, ainda precisamos avançar na sistematização de boas práticas, mas saio desta construção com o sentimento do como fazer para romper as barreiras da punição, da violência, da agressão e do poder autoritário.

Por fim, um dos grandes desafios que se apresenta após todo este caminho é seguir. Seguir acreditando no diálogo, na construção coletiva, no respeito à diversidade, em ferramentas de escuta, resolução e reparação de danos. Em 5 de outubro de 2022, dois dias após o 1º turno das eleições que marca a amarga vitória da esquerda no Brasil – amarga porque 51 milhões de brasileiros votaram pela violência, apologia ao fascismo, extremismo e fundamentalismo cristão – nosso maior desafio será seguir. Nosso maior ato de resistência é a esperança das coletividades e a transposição de toda a teoria dialógica em prática. Iniciei esta dissertação contando minha história – entendi como um *check-in* – e, agora compartilho o que fica para mim desta pesquisa, como um *check-out*:

**Figura 6 - “O que fica para esta pesquisadora?”**



Fonte: Autoria própria, (2022).

Finalizo esta dissertação com uma reflexão do professor Nirson Medeiros da Silva Neto que diz que a filosofia da justiça restaurativa está intimamente ligada à maneira de imaginar, praticar e viver a justiça. Por isso, e por todo este caminho trilhado, concluo que justiça restaurativa, a partir de práticas circulares ou outra qualquer metodologia, precisa e deve convergir com a justiça social.



## REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O BEM VIVER – uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária Elefante, 2016.

ADAMS, A. et al. **Guia de Práticas Restaurativas e Mediação de Conflitos**. Instituto Federal Farroupilha, Santa Maria, 2020. Disponível em: <https://www.iffarroupilha.edu.br/component/k2/attachments/download/23368/c7c941740fcdc9ec3cffb3116f2564d4>. Acesso em 08 jun. 2021.

ALVES, L. M. S.; CUNHA, J. P. da. Padrões de dominação na sociedade brasileira atual: regressão democrática. In: **Revista de Movimentos Sociais e Conflitos**. e-ISSN: 2525-9830, Encontro Virtual, v. 7, n. 1, p. 100 – 121, Jan/Jul. 2021. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistamovimentosociais/article/view/7908/pdf>. Acesso em: 01 de nov. de 2022.

AMSTUTZ, L. S. The little book of victim-offender conferencing. In: ZEHR, H.; AMSTUTZ, L. S.; MACRAE, A.; e PRANIS, K. *The big book of restorative justice*. New York, USA: Good Books, 2015.

ASPIS, R; L. Um ensino de Filosofia e resistência política e (des)governamentalidade e subversões. In: **Educação em Revista, Marília**, v.12, n.1, p.169-180, Jan.-Jun., 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2011.v12n1.1546>. Acesso em 27 out. 2022.

ASSUMPÇÃO, C. P de A. Círculo virtual de apresentação da equipe justiça em círculo. In: GRECCO, A. org. **Práticas Restaurativas – um novo olhar para o conflito e a convivência**. São Paulo: Sattva, 2019.

ASSUMPÇÃO, C. P de A. Círculo virtual: uma prática grupal de construção de conhecimento. In: GRECCO, A. et al. **Justiça Restaurativa em ação: práticas e reflexões**. São Paulo: Dash, 2014.

ANDRADES, T. O de.; GANIMI, R, N, G. Revolução Verde e a Apropriação Capitalista. In: **CES Revista**, v.21, Juiz de Fora, 2007. Disponível em: [https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/revolucao\\_verde.pdf](https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/revolucao_verde.pdf). Acesso em 09 ago. 2021.

ANTÚNEZ, A. E. A.; CARNIZELO, V. Laços sociais e interpessoais na valorização da vida. **Jornal da USP**. São Paulo, 22 de junho de 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/lacos-sociais-e-interpessoais-na-valorizacao-da-vida/>. Acesso em 28 jul. 2021.

ASSUMPÇÃO, C. P. de A.; YASBEK, V.; C. Justiça Restaurativa: um conceito em desenvolvimento. In: GRECCO, A. et al. **Justiça Restaurativa em ação: práticas e reflexões**. São Paulo: Dash, 2014.

AYRES, J. R. C. M. O Cuidado, Os Modos De Ser (Do) Humano E As Práticas De Saúde. In: **Saúde e Sociedade**, 13(3), 16-29, set-dez 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nvGMcCJJmpSSRjsGLhH8fmh/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 28 jul. 2021.

BARROS, M. B. de A. et al. Relatório sobre tristeza / depressão, nervosismo / ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **In: Epidemiologia e Serviços da Saúde: Revista do Sistema Único de Saúde do Brasil**. 2020; 29 (4): e2020427. Disponível em: doi: [10.1590 / s1679-49742020000400018](https://doi.org/10.1590/s1679-49742020000400018). Epub 2020, 24 de agosto. Acesso em 18 ago. 2021.

BATISTA, N. C. S.; BERNANRDES, J.; MENEGON, V. S. M. Conversas No Cotidiano: Um Dedo De Prosa Na Pesquisa. In: SPINK, M. J. et al (Orgs). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisas sociais, 2014 (publicação digital). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/267328698\\_A\\_PRODUCAO\\_DE\\_INFORMACAO\\_NA\\_PESQUISA\\_SOCIAL\\_compartilhando\\_ferramentas](https://www.researchgate.net/publication/267328698_A_PRODUCAO_DE_INFORMACAO_NA_PESQUISA_SOCIAL_compartilhando_ferramentas). Acesso em 07 ago. 2022,

BETTO, F. Dez conselhos para os militantes de esquerda. *In: Agenda Latinoamericana*, 2002, pp. 218-219. Disponível em: <https://latinoamericana.org/2002/textos/portugues/BettoPort.htm>.

BOYES-WATSON, C. B.; PRANIS, K. **No Coração da Esperança: guia de práticas circulares**. Justiça para o século 21: Porto Alegre, 2011.

BOOF, L. **A Águia e a Galinha – uma metáfora da condição humana**. Editora Vozes: 2006. Disponível em: <http://espacoviverzen.com.br/wp-content/uploads/2017/09/LeonardoBoffAAguiaeaGalinha.pdf>. Acesso em 25 jul. 2022.

BRANDÃO, C. R. **Identidade e Etnia – construção da pessoa e resistência cultura**. Brasiliense: São Paulo, 1986.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19, 2020. **Recomendações gerais**. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%3%bade-Mental-e-Aten%3%a7%3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomenda%3%a7%3%b5es-gerais.pdf>. Brasília, 2020. Acesso em 15 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) (2020b). Saúde mental e atenção psicossocial na Covid-19. **Processo de luto na Covid-19**. Fiocruz Brasília, 2020. Disponível em: <http://renastonline.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/recursos/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-covid-19.pdf>. Acesso em 18 jul. 2021.

\_\_\_\_\_. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde mental: 15 anos depois de Caracas**. Brasília, 2005 [https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15\\_anos\\_Caracas.pdf](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf). Acesso em 26 jul. 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde (CNS). **Brasil confirma o primeiro caso do novo coronavírus, porém não há motivo para pânico**. Disponível em:

<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1042-brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus-porem-nao-ha-motivo-para-panico>. Brasília, 2020. Acesso em 08 jun. 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. **Resolução 225/2016 – Política Nacional de Justiça Restaurativa**. Brasília, 2016. Disponível em: [https://atos.cnj.jus.br/files/resolucao\\_225\\_31052016\\_02062016161414.pdf](https://atos.cnj.jus.br/files/resolucao_225_31052016_02062016161414.pdf). Acesso em 25 mai. 2021.

BRAUN, V.; CLARKE, V. (2006) **Using thematic analysis in psychology**. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2). pp. 77-101. ISSN 1478-0887 ((tradução: Prof. Dr. Luiz Fernando Mackedanz – Instituto de Matemática, Estatística e Física – Universidade Federal do Rio Grande – FURG) disponível em: <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em 31 jul. 2022.

BRIGAGÃO, J. I. M et al. Como fazemos para trabalhar com a dialogia: a pesquisa em grupos. In: SPINK, M. J. et al (Orgs). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisas sociais, 2014 (publicação digital). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/267328698\\_A\\_PRODUCAO\\_DE\\_INFORMACAO\\_NA\\_PESQUISA\\_SOCIAL\\_compartilhando\\_ferramentas](https://www.researchgate.net/publication/267328698_A_PRODUCAO_DE_INFORMACAO_NA_PESQUISA_SOCIAL_compartilhando_ferramentas). Acesso em 24 ago. 2021.

BROOKS, S. K. et al. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, 395(102227), 912-920, 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8). Acesso em: 15 jul. 2021.

BUARQUE, C. (1980). **Dueto** [gravado por Chico Buarque de Holanda]. In: Caravanas [CD]. Rio de Janeiro: Biscoito Fino. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TOGf-8XJios>. Acesso em 09 ago. 2021.

CALEGARO, V. C. **Monitoramento da evolução da sintomatologia pós-traumática, depressão e ansiedade durante a pandemia da COVID-19 em brasileiros**. Universidade Federal de Santa Maria, 2020. Disponível em: <https://www.covidpsiq.org/>. Acesso em 18 ago. 2021.

CANGUILHEM, G. **O que é a Psicologia?** Tradução de Luany Menezes. 1956. Disponível em: <https://bityli.com/IPcOtQgj>. Acesso em 28 out. 2022.

CARDONA, M. C. G.; CORDEIRO, R. M. BRASILINO, J. OBSERVAÇÃO NO COTIDIANO: UM MODO DE FAZER PESQUISA EM PSICOLOGIA SOCIAL. In: In: SPINK, M. J. et al (orgs). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisas sociais, 2014 (publicação digital). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/267328698\\_A\\_PRODUCAO\\_DE\\_INFORMACAO\\_NA\\_PESQUISA\\_SOCIAL\\_compartilhando\\_ferramentas](https://www.researchgate.net/publication/267328698_A_PRODUCAO_DE_INFORMACAO_NA_PESQUISA_SOCIAL_compartilhando_ferramentas). Acesso em 24 ago. 2021.

CARRION, R. M. (2020). Brasil, crise da Covid-19 e resposta presidencial. In: **NAU Social**, 11(21), 235–257. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ns.v11i21.42234>. Acesso em 31 out. 2022.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Disponível em: <https://globalizacaointegracaoregionalufabc.files.wordpress.com/2014/10/castells-m-a-sociedade-em-rede.pdf>. Acesso em 03 ago. 2021.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (CETIC). **TIC Domicílios 2019**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2019/domicilios/>. Acesso em 04 de ago. 2021.

COOPERRIDER, D. L. **Appreciative inquiry: Toward a methodology for understanding and enhancing organizational innovation** Doctoral Dissertation, Western Reserve University, Cleveland, 1986. Disponível em: <https://appreciativeinquiry.champlain.edu/wp-content/uploads/2017/09/Cooperriders-original-Dissertation-and-theory-of-Appreciative-Inquiry-1985.pdf>. Acesso em 30 set. 2021.

COOPERRIDER, D. L. & WHITNEY, D. **A positive revolution in change: Appreciative inquiry**. In Cooperrider, D. L. Sorenson, P., Yeager, T. & Whitney, D. (eds.), *Appreciative Inquiry: Foundations in Positive Organization Development* (pp. 9-33), 2005. Champaign, IL: Stipes. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/237404587\\_A\\_Positive\\_Revolution\\_in\\_Change\\_A\\_ppreciative\\_Inquiry](https://www.researchgate.net/publication/237404587_A_Positive_Revolution_in_Change_A_ppreciative_Inquiry)>. Acesso em 24 set. 2021.

COSTA, G dos. Grupos Focais: um novo olhar sobre o processo de análise das interações verbais. In: **Revista Intercâmbio**, v. XXV: 153-172, 2012. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x. <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/download/10138/7618>. Acesso em 24 ago. 2021.

COSTELLO, B.; WACHTEL J.; WACHTEL, T. **Manual de Práticas Restaurativas – para docentes, agentes disciplinadores e administradores de instituições de ensino**. Instituto Internacional de Práticas Restaurativas: Perú, 2012.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo [recurso eletrônico] : ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução Mariana Echalar. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

DE BONI, R. B. et al. Depressão, ansiedade e estilo de vida entre trabalhadores essenciais: uma pesquisa na web do Brasil e da Espanha durante a pandemia do COVID-19. In: **Journal of Medical Internet Research**, 30 de outubro de 2020; 22 (10): e22835. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33038075/>.

DURTE, A.; B.; S. Grupo focal online e offline como técnica de coleta de dados. In: **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.17, n.1, p.75-85, jan./abr., 2007. Disponível em: [https://www.brapci.inf.br/\\_repositorio/2010/11/pdf\\_51bcc64139\\_0012782.pdf](https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/11/pdf_51bcc64139_0012782.pdf). Acesso em 11 nov. 2021.

FARO, A. et al. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. In: **Estudos de Psicologia**, 37 I e200074, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>. Acesso em 14 jul. 2021.

FERRAZ, E. S. L. et al. Transformação de um grupo de estudos a partir de uma investigação apreciativa. In: GRANDESCO, M. A. **Construcionismo social e práticas colaborativo-dialógicas: contextos de ações transformadoras**. Curitiba: CRV, 2019. 444 p.

FERREIRA, T. P. da S. et al. Produção do cuidado em Saúde Mental: desafios para além dos muros institucionais. In: **Comunicação Saúde Educação**, 2017; 21(61):373-84. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/ChwzY8kyVHdYJmQfvRSJj3C/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 26 jul. 2021.

**FIOCRUZ. Observatório COVID-19: Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia**. Disponível em <<https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>> Acesso em: 14 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. **ConVid – Pesquisa de Comportamentos**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://convid.fiocruz.br/>. Acesso em 17 set. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 10. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983. Disponível em: <https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Extensao-ou-Comunicacao-1.pdf>. Acesso em de abr. 2021.

FREIRE, P. A máquina está a serviço de quem? In: **Revista BITS**, 1984, São Paulo, v. 1, n. 7, p. 6, 2001. Disponível em <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/24>. Acesso em 14 set. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GALHARDI, C. P. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. In: **Ciência & Saúde Coletiva**, 25(Supl.2):4201-4210, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.28922020>. Acesso em 13 set. 2021.

GUMUCIO-DRAGON, A. Las cinco condiciones esenciales para las TICs em el desarrollo. **In: Secreto a voces: radio, NTICs e interactividad**. Roma, 2004. Disponível em: <http://www.fao.org/3/y4721s/y4721s.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2021.

GATENSBY, H. **Message about the history of circles in restorative justice from Harold Gatensby**. Disponível em: <https://www.restorecircles.love/restorative-justice>. Acesso em 22 mai. 2022.

GERGEN, K. J. O movimento construcionista social na psicologia moderna. In: *American Psychologist*, 40 (3), 266–275, 1985. Disponível em: [The social constructionist movement in modern psychology. - PsycNET \(apa.org\)](#). Acesso em 12 set. 2021.

GERGEN, K. J.; GERGEN, M. **Construcionismo social: um convite ao diálogo**. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010. Disponível em: [https://kupdf.net/download/construcionismo-social-um-convite-ao-dialogo\\_5cf8115de2b6f5b12eb906eb\\_pdf](https://kupdf.net/download/construcionismo-social-um-convite-ao-dialogo_5cf8115de2b6f5b12eb906eb_pdf). Acesso em 26 ago. 2021

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. In: **Paidéia**, 2003,12(24), 149-16. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/8zzDgMmCBnBJxNvfk7qKQRF/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 24 ago. 2021.

GRAF, P. M. **Circulando Relacionamentos: a justiça restaurativa como instrumento de empoderamento da mulher e responsabilização do homem no enfrentamento da violência doméstica e familiar**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/2874/1/Paloma%20Machado%20Graf.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2022.

GUIMARÃES, K. C; PINHEIRO, S. S. M. O. O Desgoverno Bolsonaro E O Novo Coronavírus: Uma Análise Preliminar Sobre O Impacto Social Dessa Combinação No Brasil. **Serviço Social Em Perspectiva**, 5(1), 32-50, v. 5 n. 1 (2021):. Disponível em: <https://doi.org/10.46551/rssp.202102>. Acesso em 15 mai. 2021.

HOPKINS, B. **Práticas Restaurativas na Sala de Aula**. Disponível em: <https://palasathena.org.br/downloads/praticasrestaurativasnasaladeaula.pdf>. Traduzido por Palas Athena, 2014. Acesso em 05 de jun. 2021.

JACCOUD, M. Princípios, Tendências e Procedimentos que cercam a Justiça Restaurativa. In: Ministério da Justiça. **Justiça Restaurativa**. Brasília, 2005. Disponível em: <https://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Coletanea-de-Artigos-Livro-Justi%C3%A7a-Restaurativa.pdf>. Acesso em 07 mai. 2022.

JUSTIÇA EM CÍRCULO. **Escolas Relacionais**. Youtube, 21 mai. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FexNayA9dcU&t=14s>. Acesso em 06 jun. 2021.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

\_\_\_\_\_. **A vida não é útil**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

LIANG, A.; NESTADT, P. Suicide Risk in the COVID-19 Pandemic. In: **Johns Hopkins Psychiatry Guide**. Virginia, 2021. Disponível em: [https://www.hopkinsguides.com/hopkins/view/Johns\\_Hopkins\\_Psychiatry\\_Guide/787393/all/Suicide\\_Risk\\_in\\_the\\_COVID\\_19\\_Pandemic](https://www.hopkinsguides.com/hopkins/view/Johns_Hopkins_Psychiatry_Guide/787393/all/Suicide_Risk_in_the_COVID_19_Pandemic). Acesso em 28 jul. 2021.



LIMA, A. K. M; LIMA, I. M. S. O; LIMA, L. K. R. **Dimensão Pedagógica da Justiça Restaurativa e os Círculos Virtuais de Construção de Paz.** In: Instituto Moinho de Paz. Disponível em: [https://www.moinhodepaz.com.br/wp-content/downloads/docs/pdfs/e-book\\_dimensao\\_pedagogica\\_da\\_justica\\_restaurativa\\_e\\_os\\_circulos\\_virtuais\\_de\\_construcao\\_de\\_paz\\_1%C2%AA\\_edicao\\_2020.pdf](https://www.moinhodepaz.com.br/wp-content/downloads/docs/pdfs/e-book_dimensao_pedagogica_da_justica_restaurativa_e_os_circulos_virtuais_de_construcao_de_paz_1%C2%AA_edicao_2020.pdf). São Paulo: 2020. Acesso em 06 jun. 2022.

MACAS, L. **La necesidad política de una reconstrucción epistémica de los saberes ancestrales.** Buenos Aires, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D2880.dir/3Macas.pdf>. Acesso em 02 abr. de 2021.

MAENEJA, R.; ABREU, A. M. Ubiquidade das TIC: Perigos Para A Saúde Mental Reforçados Pela Crise Covid-19. In: **Psicologia, Saúde & Doenças**, 2020, 21(3), 571-581, ISSN - 2182-8407. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/32391/1/746.pdf>. Acesso em 02 ago. 2021.

MARTÍNEZ, M.; M.; B. **O uso das TICs nas Organizações Indígenas do Brasil e da Colômbia: Estudos de Caso da COIAB e da ONIC.** São Paulo, 2014. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-14102015-110300/publico/2014\\_MargaritaMariaBautistaMartinez\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-14102015-110300/publico/2014_MargaritaMariaBautistaMartinez_VCorr.pdf). Acesso em 03 ago. 2021.

MATOS, T. **Acróstico.** UOL, Mundo Educação, s/d. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/redacao/acrostico.htm>. Acesso em 27 out. 2022.

MCNAMEE, S. Research as social construction: transformative inquiry. In: **Saúde e Transformação Social**, 1 (1), 09-19, ISSN 2178-7085 Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeettransformacao/article/view/418/477>. Acesso em 31 ago. 2021.

MELO, E. R., EDNIR, M.; YAZBEK, V. C. (2008). **Justiça Restaurativa e Comunitária em São Caetano do Sul: aprendendo com os conflitos a respeitar direitos e promover cidadania.** São Paulo, 2008. Disponível em: [https://www.tjsp.jus.br/Download/CoordenadoriaInfanciaJuventude/JusticaRestaurativa/SaoCaetanoSul/Publicacoes/jr\\_sao-caetano\\_090209\\_bx.pdf](https://www.tjsp.jus.br/Download/CoordenadoriaInfanciaJuventude/JusticaRestaurativa/SaoCaetanoSul/Publicacoes/jr_sao-caetano_090209_bx.pdf).

MERHY, E.E.; FEUERWERKER, L. C.M. CECCIM, R.B. Educación permanente en salud: una estrategia para intervenir en la micropolítica del trabajo en salud. In: **Salud Colect.** Buenos Aires, Maio-Agosto 2006; 2(2):147-60. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/scol/2006.v2n2/147-160>. Acesso em 26 jul. 2021.

MESCH, G. Online and offline relationships. In: T. Burns (Ed.), **Educating 21st Century children: Emotional well-being in the digital age** (pp. 91-101). Paris, France, 2019: OECD Publishing. Disponível em: <https://www.oecd-ilibrary.org/sites/11f6c5b4-en/index.html?itemId=/content/component/11f6c5b4-en>. Acesso em 02 ago. 2021.

MESCH, G.; TALMUD, I. **Wired Youth: The Social World of Adolescence in the Information Age**. Londres: Routledge, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203855102>. Acesso em 28 jul. 2021.

MINAYO, M. C. de S (org). **Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002, 21ed.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, M. C. de S.; FREIRE, N. P. Pandemia exacerbada desigualdades na Saúde. *In: Ciência e Saúde Coletiva* 25 (9), 3555-3556, (2020). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.13742020>. Acesso em 08 jul. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Acolhimento nas práticas de produção de saúde**. Brasília, 2010. Disponível em: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acolhimento\\_praticas\\_producao\\_saude.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acolhimento_praticas_producao_saude.pdf). Acesso em 18 jul. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (2020a). **Plano de contingência nacional para infecção humana pelo novo Coronavírus 2019-nCoV: centro de operações de emergências em saúde pública (COE-nCoV)**. Brasília, 2020: Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/07/plano-contingencia-coronavirus-preliminar.pdf>. Acesso em 15 jul. 2021.

MBEMBE, A. **O direito universal à respiração**. Mukanda, 2020. Disponível em: [https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS\\_20-achille-mbembe.pdf](https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS_20-achille-mbembe.pdf). Portugal. Tradução de Ana Luiza Braga. Acesso em: 13 jul. 2021.

MOREL, A. P. M. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. *In: Trabalho, Educação e Saúde*, v. 19, 2021, e00315147. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00315. Acesso em 27 out. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE - OPAS. **Proteção da saúde mental em situações de epidemia**. Brasília, 2009. Disponível em: <https://www.paho.org/hq/dmdocuments/2009/Protecao-da-Saude-Mental-em-Situacoes-de-Epidemias--Portugues.pdf>. Acesso em 18 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. **Primeiros Cuidados Psicológicos: Guia para Trabalhadores de Campo**. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/dmdocuments/GUIA\\_PCP\\_portugues\\_WEB.pdf](https://www.paho.org/bra/dmdocuments/GUIA_PCP_portugues_WEB.pdf). Brasília, 2015.

OLIVEIRA, J. P. **O Nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

OLIVEIRA, P. F de.; JÚNIOR, W. M.; VIEIRA-SILVA, M. Afetividade, liberdade e atividade: o tripé terapêutico de Nise da Silveira no Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados. *In: Pesquisa e Práticas Psicossociais*, vol.12 no.1 São João del-Rei jan./março 2017, ISSN 1809-8908. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082017000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000100003). Acesso em 10 ago. 2021.



ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Proteção da saúde mental em situações de epidemia**. Disponível em: <https://www.paho.org/hq/dmdocuments/2009/Protecao-da-Saude-Mental-em-Situacoes-de-Epidemias--Portugues.pdf>. Washington, 2009. Acesso em 18 mai. 2021.

PEDROSO, H. H.; BURG, M. Metodologia para o contexto educacional: Belinda Hopkins. *In: GRECCO, A. et al. Justiça Restaurativa em ação: práticas e reflexões*. São Paulo: Dash, 2014.

PIRES, V. L. DIALOGISMO E ALTERIDADE OU A TEORIA DA ENUNCIÇÃO EM BAKHTIN. *In: Organon – Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, v. 16, n. 32-33, p. 35-48, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/2238-8915.29782>>. Acesso em 12 set. 2021.

PRANIS, K. **Processos Circulares**. São Paulo: Palas Athena: 2010.

\_\_\_\_\_. **Guia do facilitador**. Escola Superior da Magistratura da AJURIS Associação dos Juízes do Rio Grande do Sul / Projeto Justiça para o Século 21 Tradução de Fátima De Bastiani, 2011. Disponível em: [http://www.takaconsultoria.com.br/wp-content/uploads/2017/04/GUIA\\_DO\\_FACILITADOR.pdf](http://www.takaconsultoria.com.br/wp-content/uploads/2017/04/GUIA_DO_FACILITADOR.pdf). Acesso em 05 ago. 2022.

PRANIS, K.; BOYES-WATSON, C. **Por que trazer os círculos para a escola?** Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://www.ajurisjr.org.br/wp-content/uploads/2018/11/Circulos-em-Movimento-Por-que-trazer-os-circulos-para-as-escolas.pdf>. Acesso em 08 jul. 2021.

PRANIS, K.; STUART, B.; e WEDGE, M. *Peacemaking circles: from crime to community*. St. Paul, Minnesota, US: Living Justice Press, 2003. Edição do Kindle.

PREFEITURA MUNICIPAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Atlas Socioassistencial de São Paulo 2015**. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia\\_social/arquivos/atlas\\_socioassistencial\\_sp\\_2015.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/arquivos/atlas_socioassistencial_sp_2015.pdf). Acesso em 23 set. 2022.

QUADROS, L. C. de T.; CUNHA, C. C. da.; UZIEL, A. P. Acolhimento psicológico e afeto em tempos de pandemia: práticas políticas de afirmação da vida. *In: Psicologia & Sociedade*, 32, e020016, ISSN 1807-0310, p. 1-15, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240322>. Acesso em 14 jul. 2021.

RASERA, E.; GUANAES-LORENZI, C. G.; CORRADI-WEBSTER, C. M. Pesquisa como prática social: o pesquisador e os “outros” na produção do conhecimento. *Athena Digital*, Barcelona, v. 16, n. 2, p. 325-347, 2016. Disponível em: <<http://atheneadigital.net/article/view/v16-n2-rasera-guanaes-corradi/1839-pdf-pt>>. Acesso em 12 set. 2021.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, G. Entre armas e púlpitos: A necropolítica do bolsonarismo. In: **Continentes - Revista de Geografia**, [S.l.], n. 16, p. 463-485, jun. 2020. ISSN 2317-8825. Disponível em: <<https://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/288>>. Acesso em: 31 out. 2022.

RODRIGUES, A. M. et al. CONSTRUINDO A EMPRESA QUE QUEREMOS: um trabalho de investigação apreciativa. In: GRANDESCO In: GRANDESCO, M. A. **Construcionismo social e práticas colaborativo-dialógicas: contextos de ações transformadoras**. Curitiba: CRV, 2019. 444 p.

RODRIGUES, G. M. A.; MACIEL, T. M. Pacificação à brasileira? O paradigma de Caxias, a Minustah e o governo de Jair Bolsonaro. In: **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**. v. 6, nº 2, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://rbed.abedef.org/rbed/article/view/75145/42106>. Acesso em: 15 mai. 2022.

ROSENBERG, M. **Comunicação Não-Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ágora, 2006.

\_\_\_\_\_. **Amo você sendo quem sou**. São Paulo: Palas Athena, 2020.

SAFATLE, V. JUNIOR, N. da S.; DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte. Autêntica: 2020.

SANTOS, B. **A cruel pedagogia do vírus**. Edições Almedina: Coimbra, 2020. Disponível em: [https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/Livro\\_Boaventura.pdf](https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/Livro_Boaventura.pdf). Acesso em 25 mai. 2021.

SAWAIA, B. B. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, R, H, F (org). **Psicologia Social Comunitária – Da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Vozes, 2015.

SCHIRCH, L. **Construção estratégica da paz**. Trad. Denise Kato, São Paulo: Palas Athena, 2019.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. Tese de doutorado. Disponível em [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/publico/schucman\\_corrigida.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/publico/schucman_corrigida.pdf). Universidade de São Paulo – USP, 2012. Acesso em 31 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. **Entre o encardido, o branco, e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. São Paulo: Veneta: 2020, 2ª ed.

SCURO NETO, P. O enigma da esfinge. Uma década de justiça restaurativa no Brasil. In: **Revista Jurídica - CCIJ/FURB** ISSN 1982 -4858 v. 12, nº 23, p. 3 - 24, jan./jun. 2008.

Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/juridica/article/view/833/655>. Acesso em 26 jun. 2022.

SILVA, B. L. da.; SILVA, A. X. da. A Política Nacional de Saúde Mental: uma reflexão acerca dos retrocessos nos governos Temer e Bolsonaro. In: **Serviço Social em Revista**. Londrina, v. 23, nº1, p.99-119, jul/set 2020. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/38697>. Acesso em 13 ago. 2021.

SILVA, D. S. da C., SANTOS, M. B. dos, & SOARES, M. J. N. Impactos causados pela COVID-19: um estudo preliminar. **Revista Brasileira De Educação Ambiental (RevBEA)**, 15(4), 128–147 (2020). Disponível em: <https://doi.org/10.34024/revbea.2020.v15.10722>. Acesso em 15 mai. 2021.

SILVA, E. C da. et al. Círculo de diálogo como estratégia para reflexão sobre a pandemia: O que eu sinto, você sente? In: **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.1, p.1682-1691 jan. 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/22699>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SILVA, E. R da. O pensamento de Amelia Cohn sobre a Reforma Sanitária Brasileira. São Paulo, 2019. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6143/tde-28082019-150929/publico/ME\\_Erika\\_Rodrigues\\_Silva\\_2\\_orig.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6143/tde-28082019-150929/publico/ME_Erika_Rodrigues_Silva_2_orig.pdf). Acesso em 30 ago. 2021.

SILVA, G. J. O da. A desigualdade digital conectada com a pandemia. **Brasil de Fato**, São Paulo, julho de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/22/artigo-a-desigualdade-digital-conectada-com-a-pandemia#.YQmfaYHZcvU.whatsapp>. Acesso em 04 ago. 2021.

SILVA NETO, N. M da. **Justiça Restaurativa e(m) conflitos étnico raciais: estudo em torno de um quilombo na Amazônia Brasileira**. São Paulo: Editora Dialética, 2021.

SILVA NETO, N. M da. Youtube. 06 out. 2021. “**1º Encontro Aberto à Comunidade Acadêmica, com Nirson Medeiros da Silva Neto e Maíke Kumuruara**”, promovido pelo Núcleos de Justiça Restaurativa da USP (Nujures USP). (39:00 a 42:00). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0-IadPKDJCE>. Acesso em: 18 jun. 2022.

SILVA, H.G. N.; SANTOS, L.E.S.; OLIVEIRA, A.K.S. Efeitos da pandemia no novo Coronavírus na saúde mental de indivíduos e coletividades. In: **Journal of Nursing and Health**, 10 (n.esp.):e20104007, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/18677/11414>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SOUZA, L. K. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. In: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, vol.71 nº2, Rio de Janeiro maio/ago. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>.

SOUZA, L. V.; MCNAMEE, S.; SANTOS, M. Avaliação como construção social: investigação apreciativa. In: **Psicologia & Sociedade**, 22(3), pp. 598-60, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000300020>. Acesso em 01 set. 2021.

SPINK, M. J. Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em Psicologia Social. In: **Psicologia e Sociedade**, 19 (1): 7-14; jan/abr. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000100002>. Acesso em 04 mai. 2022.

SPINK, M. J. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/w9q43/pdf/spink-9788579820465.pdf>.

\_\_\_\_\_. Ser Fumante em um Mundo Antitabaco: reflexões sobre riscos e exclusão social. In: **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.19, n.3, p.481-496, 2010, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902010000300002>. Acesso em: 01 out. 2021.

SPINK, M. J. et al. **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisas sociais, 2014 (publicação digital). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/267328698\\_A\\_PRODUCAO\\_DE\\_INFORMACAO\\_NA\\_PESQUISA\\_SOCIAL\\_compartilhando\\_ferramentas](https://www.researchgate.net/publication/267328698_A_PRODUCAO_DE_INFORMACAO_NA_PESQUISA_SOCIAL_compartilhando_ferramentas). Acesso em 24 ago. 2021.

SPINK, P. Pesquisa de campo em Psicologia Social: uma perspectiva pós-construcionista. In: **Psicologia e Sociedade**, 15 (2): 18-42; jul./dez.2003. Texto organizado por Spink e membros do Núcleo de Organização e Ação Social. Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da PUC-SP, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/nSkXqD7jKvgdrTFYGmTF8gP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 31 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. O pesquisador conversador no cotidiano. In: **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 20, p. 70-77, 2008. Edição especial. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000400010>. Acesso em 05 ago. 2022.

TEIXEIRA, R. **O Acolhimento num Serviço de Saúde entendido como uma Rede de Conversações**. 2005. Disponível em: [https://www.academia.edu/12909632/O\\_Acolhimento\\_num\\_Servi%C3%A7o\\_de\\_Sa%C3%BAde\\_entendido\\_como\\_uma\\_Rede\\_de\\_Conversa%C3%A7%C3%B5es](https://www.academia.edu/12909632/O_Acolhimento_num_Servi%C3%A7o_de_Sa%C3%BAde_entendido_como_uma_Rede_de_Conversa%C3%A7%C3%B5es). Acesso em: 28 jul. 2021.

\_\_\_\_\_. As redes de trabalho afetivo e a contribuição da saúde para a emergência de uma outra concepção de público. Working-paper apresentado na **Research Conference on: Rethinking “the Public” in Public Health: Neoliberalism, Structural Violence, and Epidemics of Inequality in Latin America Center for Iberian and Latin American Studies**. University of California, San Diego Abril, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3AQgksU>. Acesso em 17 ago. 2021.

TEODORO, P. **Bolsonaro: “Eu atiro para matar, mas ninguém me leva preso”**. Revista Fórum, 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2022/8/2/bolsonaro-eu-atiro-para-matar-mas-ninguem-me-leva-pres-121034.html>. Acesso em 17 set. 2022.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. In: *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 19 [3]: 777-796, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>. Acesso em 10 set. 2021.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Filosofia da Ciência. In: **Sistema Janus**. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/janus/componente/catalogoDisciplinasInicial.jsf>. São Paulo, 2021. Acesso em 11 nov. 2021.

WACHTEL, T. **Definindo o termo restaurativo**. Disponível em <https://www.iirp.edu/pdf/Defining-Restorative-Portuguese.pdf>. Acesso em 05 jun. 2022.

VEIGA, S. GRUPOS FOCALIS COMO TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA: DESAFIOS METODOLÓGICOS. In: **Paidéia**, 2003,12(24), 149-16. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2002000300004>. Acesso em 05 ago. 2022.

VIDOTTO, L, T. **Participação em processo de formação de facilitadores/as de práticas restaurativas**. Ribeirão Preto, 2018. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59142/tde-26112019-111711/publico/versao\\_resumida\\_LeticiaVidotto.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59142/tde-26112019-111711/publico/versao_resumida_LeticiaVidotto.pdf). Acesso em 11 jun. 2021.

VIDOTTO, L, T; SOUZA, L. V e. Sentidos sobre a participação em uma capacitação em práticas restaurativas. In: **Psicologia: Teoria e Prática**, vol.22 no.3 São Paulo set./dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v22n3p208-229>. Acesso em 12 ago. 2022.

XAVIER, G. Com Bolsonaro, **Brasil vive a maior deterioração de dados sobre a violência da história**. Carta Capital, 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/com-bolsonaro-brasil-vive-a-maior-deterioracao-de-dados-sobre-a-violencia-da-historia/>. Acesso em 11 set. 2022.

ZEHR, H. **Doing justice, healing trauma: the hole of restorative justice in peacebuilding**. Peace Prints: South Asian Journal of Peacebuilding, vol. 1, n. Spring 2008.

\_\_\_\_\_. **Trocando as lentes: justiça restaurativa para o nosso tempo**. Tradução de Tonia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2018, 25ª ed.

\_\_\_\_\_. **Justiça Restaurativa**. Tradução de Tonia Van Acker São Paulo: Palas Athena, 2020, 3ª ed.

\_\_\_\_\_. **Restorative Justice? What’s That?** Virginia, 2022. Disponível em: <https://zehr-institute.org/what-is-rj/>. Acesso em 26 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. **The little book of restorative justice.** In: ZEHR, H.; AMSTUTZ, L. S.; MACRAE, A.; PRANIS, K. *The big book of restorative justice.* New York, USA: Good Books, 2015.

**APÊNDICE A: Roteiro de perguntas para o grupo focal, a partir de uma investigação apreciativa.**

1. Conte-nos sobre as suas experiências com a aplicação das práticas restaurativas e dos processos circulares durante a pandemia (plataforma utilizada, forma de conduzir, quem foram os participantes).
2. Conte-nos sobre as necessidades operacionais e de relações observadas na aplicação recém-relatada (e aqui podem ser círculos, atividades de chegada, trocas restaurativas, feedback e o que mais foi aplicado por vocês no ambiente remoto).
3. O que vocês destacam como ponto mais significativo dessa experiência?
4. Vocês acreditam ou presenciaram em sua atuação com as práticas restaurativas e com os processos circulares, aqui já mencionadas, que redes de cuidado, comunidades em diálogo ou de apoio foram criadas ou fortalecidas?
5. Imaginando que todos vocês tenham passado por pontos altos e baixos no decorrer desse processo, relate a melhor experiência de colaboração/construção que você teve nesse processo todo.
6. Sobre os desafios ao longo dos processos, quais foram e como foram conduzidos, vislumbrando a potencialidade da aplicação em espaços posteriores.
7. Quais sugestões e/ou mudanças vocês trariam para a aplicação desses processos dialógicos em ambientes remotos?
8. E agora que experimentamos o presencial e o virtual dessas metodologias, como vocês consideram que será o futuro dessas tecnologias de convivência?
9. Vocês acreditam que após o retorno da vida sem a interferência deste contexto pandêmico, as práticas de diálogo, restaurativas, os círculos irão continuar no ambiente virtual como forma de aproximação e conexão? Se sim, qual seria o papel de vocês nessa manutenção?
10. Vocês gostariam de acrescentar algo não revelado nas questões anteriores?

## **APÊNDICE B: Transcrição de respostas obtidas a partir da realização do grupo focal online.**

### **1. Conte-nos sobre as suas experiências com a aplicação das práticas restaurativas e dos processos circulares durante a pandemia (plataforma utilizada, forma de conduzir, quem foram os participantes).**

**Participante 1:** Durante a pandemia, pensando num período estendido de quase dois anos, a gente precisou ir para o online então foram desenvolvidos, né que eu estive envolvido em formações com a FEASA que é uma Federação de Entidades Assistenciais de Santo André em dois momentos, um pré-congresso e depois numa oficina de cinco dias no congresso para falar de práticas restaurativas, a gente precisou fazer uma adaptação online, tá, formações teóricas e práticas, a gente fez círculo online, usei a ferramenta do Google Meet. A gente também fez uma acolhida com professores também pelo Zoom e pelo Meet e alguns atendimentos com as turmas da escola, tá, pelo aplicativo do Teams, com ajuda de alguns professores também com *check-in*, objeto de fala virtual, enfim é isso.

**Participante 2:** Bom no início da pandemia a ferramenta principal que eu usei e foi a única até por conta da facilidade é da minha equipe foi o Teams e aí primeiro momento os círculos de auto apoio o autocuidado, principalmente no início da pandemia foram os que toda semana eu focava junto com a minha equipe de acordo com a necessidade que eles traziam, né, o medo é todo esse movimento mundial aí que causou algumas questões de saúde mental também então foi o foco né os círculos de auto apoio e autocuidado, e, eu também tive uma experiência com um círculo com uma situação de violência doméstica a qual foi necessário também utilizar dos meios virtuais também para conseguir já que a gente não podia sair para atender essa pessoa na necessidade dela, a gente utilizou também do Teams para fazer essa conversa. Foram situações sempre de círculos de auto apoio e autocuidado para conseguir atender a necessidade das pessoas.

**Participante 3:** Bom. Durante a pandemia até listei aqui eu tive a oportunidade de tá com sete instituições diferentes, né? Então Escola de Educação Infantil. CEI Helena, CEI Jardim Maia, EMEI Aliomar Balieiro, a Escola Social Marista Irmão Justino, EMEI Paulo Fonteles, Galpão ZL e Prefeitura Municipal de Suzano. Então, foram essas sete instituições a qual eu acho que as experiências maiores foi pensar em escuta qualificada, foi pensar em falar de sentimentos, de como que esse grupo estava para pensar nesse espaço de apoio mesmo de autoajuda. As ferramentas principais foram o Google Meet e o Teams, né e foi utilizado algumas atividades presenciais agora mais no final do segundo semestre.

**Participante 4:** Então, enquanto a equipe, né acho que a gente seguiu a mesma linha que a resposta da Participante 2, nós utilizamos o Teams né para fazer os momentos de acolhida tanto com a equipe mesmo ali de educadores e a princípio nos grupos do Facebook junto com as crianças, né? E eu me lembro mais ou menos da metade da pandemia a gente foi gravar um documentário junto com as crianças, né, respeitando todos os protocolos tanto dentro da escola, quanto fora da escola a gente teve muito cuidado assim de preparar um círculo, né antes de começar as gravações para ouvir as crianças, né? Antes da gente chegar ali no tema que era que a gente ia conduzir o documentário, então foi mais ou menos assim, é, mais ou menos o que



vocês já trouxeram, né de aproximação de grupo, de cuidado, de escuta, então foi esse processo assim que a gente fez durante o começo da pandemia até agora o final.

**Participante 5:** Bom, das práticas utilizei o Teams né, que foi onde a gente fazia as reuniões tanto da equipe de gestão como também conduzimos algumas reuniões com as famílias e no processo em que a pandemia flexibilizou um pouquinho retorno presencial, nós fizemos uma roda, um círculo com toda a equipe de colaboradores que estavam voltando já inseguros, né para o presencial, até para ouvir como é que foi vivenciar esse contexto de pandemia em casa, os conflitos internos familiares, e o que que gerava de angústia voltar para o presencial. Acho que fiz também pelo Google Meet também por conta do impacto da pandemia o reencontro com ex-colaboradores diante de uma perda que a gente vivenciou em plena pandemia.

**Participante 6:** Bom a prática que a gente utilizou foram os círculos de construção de paz em um ambiente corporativo, né? E aí a plataforma que a gente adotou foi o Teams em todo o período da pandemia foi uma prática que a gente iniciou na verdade muito nesse momento nesse momento da pandemia. Os participantes foram equipes diversas equipes diversas de diversos lugares ali, então foi maneira também de integrar as pessoas foram círculos de acolhimento, de conexão muito com essa perspectiva e acho que é isso.

**Participante 7:** É, a utilização da plataforma que eu utilizei foi o Teams mesmo, é, lidei com crianças de sextos e sétimos anos e por ter o tempo de 50 minutos com eles diariamente eu tive que dedicar em média de 15 a 20 minutos com os *check-ins*, com as práticas, né? Foi mais voltada muito para o recurso de ver como tá a semana deles com bastante uso de imagens e vídeos que retratavam um pouco que seria um pouco a vida deles, pedir uma partilha deles disso também, então praticamente aí como as aulas são muito fechadas de 50 minutos, eu usei em média de 15 a 20 minutos e só o Teams mesmo. Depois com um retorno aí parcial deles, depois com o retorno completo, mas a base aí virtual foi essa

**2. Conte-nos sobre as necessidades operacionais e de relações observadas na aplicação recém-relatada (e aqui podem ser círculos, atividades de chegada, trocas restaurativas, feedback e o que mais foi aplicado por vocês no ambiente remoto).**

**Participante 7:** Certo, a necessidade principal que eu tive foi ter a questão da presença física, porque para fazer círculo, eu tinha mais uma experiência com o pessoal junto, né, em vez de ser no virtual assim e o acesso também das crianças também, é, isso foi uma necessidade que eu tive porque numa segunda-feira às vezes tinha um tempo com sete crianças no outro dia, essas sete tinham faltado e tinham outras setes completamente diferentes, então, essa necessidade de variar muito, um dia entrar no outro não, foi uma necessidade que eu tive bastante, de que fossem os mesmos pra fazer um trabalho mais conjunto. Então tinha que ser algo mais pontual. E, em termos de necessidade eu não sei se foi perguntado minha necessidade física é mais mesmo o acesso de recursos muito visuais que às vezes a internet do outro lado não tava tão boa para poder acessar um vídeo que eu passava, ou coisa do tipo, então foi uma necessidade assim que eu percebia uma dificuldade, mas acabou fluindo.

**Participante 6:** Bom, quanto a necessidades operacionais eu acho que foram muitas, especialmente, pelo fato da gente ter ido para o ambiente virtual todo mundo junto né? Então,

eu acho que eu destacaria a inclusão digital de muitas pessoas que não tinham acesso, né, ao manejo aí de celular ou computador para acessar o Teams, então foi um processo intenso de inclusão digital para algumas pessoas. Então foi um suporte para essas questões. É, a adaptação do círculo para o ambiente virtual, então entender também quantos participantes seria possível atender ali naquele tempo, as adaptações para aplicação da metodologia e para os facilitadores, né? Então também foi uma necessidade operacional importante. E aí as necessidades das relações foi, especialmente, quando a gente identificou ali durante o círculo a necessidade de algum apoio de alguma pessoa por uma situação de luto, por sobrecarga de trabalho especial.

**Participante 5:** Eu acho que as necessidades, de aplicabilidade das práticas, eu acho que foi, vou misturar aí o operacional e relacional juntos, porque eu fui fazendo uma listinha. Eu acho que foi fortalecer o vínculo, principalmente por conta da pandemia, o distanciamento, a gente as vezes não sabe que cotidiano que as pessoas estão encarando da vida pessoal, eu acho de alinhamentos, né de quais tomadas de decisão a gente teria que ter, então garantir esse espaço de escuta, né, para que a gente chegasse a um consenso pra uma tomada de decisão, eu acho que a questão do cuidado também, né, o quanto gera um desgaste emocional, né e ter essa dimensão do que cada um estava enfrentando ou vai passando isso não só na pandemia, mas no dia a dia, como é que você tá? Para que a partir desse “como você está?” Você saber como vai ser conduzido o clima da reunião e no que que você precisa apoiar mais um ao outro.

**Participante 4:** Essa questão mais operacional acredito por estar num serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, né, querendo ou não, a gente complementa o que as crianças estão aprendendo na escola então por toda essa situação que eu que os outros trouxeram, né, de falta de acesso, falta de computador, falta de internet, ficou um pouco difícil da gente conseguir acessar eles inicialmente, assim através do virtual. Então a gente fez todo um planejamento com material didático mesmo impresso para conseguir atingir, né, todas as famílias e as crianças e acredito assim um pouco, do que a Participante 5 falou assim, né de tentar trazer o olhar, né das práticas restaurativas quando você tá ali montando o conteúdo, né? Perceber o que a criança necessita se aquele objetivo ali ele vai conseguir alcançar ou se até mesmo os materiais que você tá propondo dentro da atividade, ele vai ter em casa, então é mais essa questão de fazer um levantamento de necessidades, e entender que público, que criança é essa que eu tô atendendo.

**Participante 3:** Bom, eu listei tanto online quanto presencial, acho que o online tem muito a ver com o que os colegas trouxeram né dos profissionais terem acesso a esse mundo virtual, né, uma conexão de qualidade, ter um aparelho que consiga garantir isso, né? Eles também ligarem as câmeras, né? Para que a gente pudesse se conectar, nos círculos, nas formações, né? E esse acúmulo de tarefa de trabalho e casa né? Então as pessoas que estavam em casa sofrendo muito com isso, é, dessa concentração mesmo e do presencial essa disponibilidade do tempo, né, de estar em roda de desacelerar, né? E esse acúmulo de sofrimento que foi apresentado nos círculos, né, um pouco de tudo isso.

**Participante 2:** Bom, as necessidades primárias, foi principalmente olhando para equipe que muitos educadores não tinham a ferramenta tecnológica, apesar de ser uma coisa simples, né? Mas alguns não tinha, então de que forma a gente podia também contribuir aí emprestando notebooks, e aí, veio uma segunda necessidade que era a internet ser muito ruim, né, numa cidade menor, a qual a internet é de baixa qualidade, então a gente garantir de que todo conseguisse ficar o tempo todo online. E aí uma necessidade era de todo momento precisar de

fazer uma observação geral para ver se alguém tinha caído de conexão ou não, também o uso das câmeras, né que a gente teve que fazer alguns combinados de não utilizar por conta da má qualidade da internet, e principalmente, conseguir manter essa escuta ativa mesmo com todas as essas dificuldades tecnológicas, porque era nosso único meio de comunicação. E aí a gente acabava fazendo alguns momentos de todo mundo desligar a câmera pra facilitar os processos também.

**Participante 1:** Uma necessidade minha foi responder a pergunta se era possível uma conexão virtual, eu participei de um grupo de estudo, a gente fez essas práticas então isso ajudou. Outras necessidades, do pessoal mais adulto nos congressos, era o letramento digital, conhecer as ferramentas, então foi um empecilho, foi uma dificuldade. Para crianças e turmas acesso, então pacote de dados que acaba, bateria do celular que consome por conta do Teams e as questões socioeconômicas assim, né? As crianças que tinham que dar conta do trabalho de casa e eram interrompidas nas aulas ou nos *check-ins*, porque precisavam comprar pão, fazer outras coisas, e isso também demandou uma necessidade de material impresso. E aí como que os educadores, os docentes, no material impresso contemplavam “Como você tá se sentindo?” “Como foi essa semana?”, enfim, então a gente tentou equalizar. Então as necessidades foram um pouco essas, minhas e coletivas.

### 3. O que vocês destacam como ponto mais significativo dessa experiência?

**Participante 2:** Bom, eu acho que o ponto que eu destaco principal é de perceber que nós conseguimos de alguma forma, mesmo de maneira virtual, manter os vínculos, mesmo sendo pessoas que necessitem do toque e do estar junto, mas foi possível também a gente conseguir atender muitas necessidades que vieram das pessoas que fazem parte do nosso cotidiano enquanto trabalho, até mesmo nossa família a partir do meio de comunicação seja ele aqui o Teams, seja o WhatsApp. Então eu percebi que o ponto positivo foi esse de que é possível manter os vínculos, né? Cada um de acordo com aquilo que pode oferecer de maneira virtual também. A gente não perdeu o contato com as pessoas, bem pelo contrário, a gente se aproximou mais de várias pessoas que a gente não tinha o contato olho no olho através da tela. Então para mim acho que foi e eu destaco com um ponto muito positivo de perceber que há sim possibilidade.

**Participante 4:** Eu acredito que como ponto positivo né a gente tem essa questão do aceleramento que foi mesmo essas vias digitais dentro das salas de aula, né? Então essa ponte que estava um pouco distante ali, ela se fez necessária durante a pandemia e acredito que tanto essa questão do vínculo com as pessoas que estão mais próximas até com as pessoas que estão mais longe, né? Eu acho que fortaleceu assim porque durante a pandemia querendo ou não a gente acabou tendo várias formações com pessoas que estavam distantes e que se a gente o tivesse de forma presencial seria muito mais difícil, talvez, esse momento para escutar a história de outras pessoas que estão em outros lugares, né? Então levanto sim como ponto positivo essa cooperação que teve acho que enquanto o grupo de educadores, né? Teve muitas *lives*, muitas coisas que fortaleceram todo nosso trabalho enquanto professores.

**Participante 6:** Sim, é bom como ponto mais significativo dessa experiência, vou pegar o gancho, né? E essa experiência ela foi realizada no meu caso no ambiente de empresa, né? Então acho que o ponto mais significativo é ter a possibilidade de criar nesses espaços um local seguro para as pessoas serem olhadas, e se expressarem de uma maneira integral, né?

Entendendo o ambiente empresarial como um ambiente também hierárquico e que faltam esses espaços então o mais significativo foi isso, desses espaços legítimos que as pessoas puderam, podem né, se expressar de forma integral em primeira pessoa e trazendo também o que afeta, quais são os principais as principais dores em um ambiente de empresa e que a gente também pôde desenvolver muito a rede de apoio. Então esse foi o principal ponto.

**Participante 1:** Vou destacar três questões: a primeira que é possível fazer conexão genuína no meio virtual. Foi possível ouvir verdadeiramente as pessoas né? E teve muita partilha de vida com grupos que se encontraram uma vez só ou no caso de uma semana. Então eu ouvi as pessoas falarem sobre mortes que tinham acontecido recentemente, nasceu uma criança no meio de um círculo “ah a bolsa estourou e nasceu” e acho que com os estudantes alguns que nos procuraram para você pode, você tem um momento para me ouvir? Por conta de algum espaço que a gente deu partilharam coisas que eram muito caras, muito íntimas, e que nos possibilitaram fazer outros atendimentos assim. A gente fez intervenção de tentativa de suicídio, coisas que apareceram em círculos e que nos possibilitaram fazer intervenções. Aí precisou ser presencial quando precisou acionar conselho, fazer visita, mas é possível gente, fazer conexões genuínas virtualmente.

**Participante 3:** Eu acho que das experiências mais significativas né tanto online quanto presencial foi a questão da escuta e do acolhimento acho que tanto no virtual quando no presencial né, foi possível gerar acolhimento, foi possível gerar escuta qualificada e fazer com que esses grupos se percebessem né profissionais que trabalhavam juntos durante anos às vezes não sabiam e não perguntavam como que o outro estava né então acho que essas sensibilidades foram possíveis sim.

**Entrevistado 5:** Bom, eu acho que o que eu destaco como ponto significativo que acho que o exercício da escuta a gente quando vai utilizando dessa metodologia o quanto a gente escuta, eu acho que a empatia é algo que a medida que a gente vai gerando experiências como a gente desperta empatia, o autodesenvolvimento porque e o autoconhecimento porque a gente que tá conduzindo a gente também o quanto eu já não sou a mesma né a cada círculo e o quanto a gente vê esse desenvolvimento nas pessoas, né na perspectiva de fomentar, você consegue perceber pessoas que não se colocavam que não falavam e a partir do momento que você vai garantindo o espaço de fala e escuta como isso depois se torna natural, né? Então uma vez que você repete você já consegue ver resultados tanto em você como no outro.

**Participante 7:** Eu percebi dois pontos significativos assim chave: foi um forçar de criatividade da gente que era acostumada apenas com professor na lousa tudo ter que se forçar, se permitir outras coisas mesmo, né contra a vontade. Então passar a gostar descobrir novos talentos também e em termos relacionais eu percebo que houve uma reorganização de relações que nem sempre no ambiente virtual voltando agora no presencial foi o mesmo, então participava de grupos virtuais, mas que voltando agora no presencial mudou completamente se reorganizou, então a vida virtual ela permitiu isso para mim assim perceber de uma forma muito interessante. Desenvolvimento de estudantes também tive estudantes que se desenvolviam super bem no virtual, eles voltaram para o presencial super diferentes, então eu acho que reorganizou as relações.

**4. Vocês acreditam ou presenciaram em sua atuação com as práticas restaurativas e com os processos circulares, aqui já mencionadas, que redes de cuidado, comunidades em diálogo ou de apoio foram criadas ou fortalecidas?**

**Participante 1:** Eu acho que foi possível sim verificar isso, aí eu queria acho que trazer uma cena de uma família composta por 4 ou 5 integrantes que a gente acabou atendendo virtualmente com telefonemas, e acabamos fazendo um círculo presencial, família separada, né, e a gente fez com os filhos e com as filhas desse casal. E aí as crianças não se colocavam e elas conseguiram se colocar no círculo e dizer o quanto havia uma relação tóxica o quanto que o pai oprimia em alguns momentos e elas se colocaram, a gente está assumindo a casa, eu to assumindo um papel que é de vocês, elas conseguiram se colocar e expressar sentimentos e desejos do que eles queriam que se reorganizasse familiarmente e depois a gente caminhou, depois fez um outro círculo para ver como as coisas estavam né? Nem sempre acabou com final feliz, mas acho que atendeu as necessidades das famílias e dos estudantes. Foi muito marcante assim o quanto que foi possível organizar com um círculo de diálogo e depois a mediação.

**Participante 3:** Também acredito que com as práticas né com as práticas restaurativas essas redes de cuidado, elas foram sim em algumas escolas estabelecidas e em outras escolas foram fortalecidas esse espaço né? Isso foi bem nítido diante dos encontros como eu estava nos encontros mensais com esses grupos a gente ia percebendo quanto que a fala dessas pessoas iam transformando né? Eu me lembro que uma colaboradora, uma professora ela falava olha eu não sei o porquê eu tô aqui num grupo de mediação de conflitos porque eu sou da bagaceira, mas agora isso tem mudado na minha vida, eu tenho escutado as pessoas, eu tenho percebido nas filas do mercado, agora eu tenho me transformado. Então eu acredito que esse espaço e essas formações garantiram sensibilidades e espaços de apoio.

**Participante 5:** Sim, eu acho que é perceptivo assim que surgiram mais práticas como essa, ou seja, as pessoas se sentiram provocadas também a fazer no espaço de trabalho, então, quando a gestão traz na forma de conduzir os processos a questão do diálogo e da escuta e diz que isso é algo que a gente quer apostar e que faz parte da proposta institucional, consequentemente, algumas pessoas falam “hum, vou ter que fazer também”, mas o que parece uma resistência depois acaba se tornando habitual, então hoje a gente consegue reconhecer na equipe aqui todo mundo utilizando um pouco disso e aqueles que já faziam se aprimorando, ou seja, buscando ferramentas diferentes, formas diferentes, né trocando entre um outro de que forma pode ser conduzido ou até perguntando: mas como é que você dá conta disso? Eu vejo você mantém uma calma, como é que você diante de uma situação de conflito consegue lidar? E a gente vai compartilhando as próprias experiências.

**Participante 7:** Eu acredito que sim também, acho que em termos de grupos até nossos pessoais do dia a dia aumentou muito a sensibilidade emocional do outro, eu acho que tanto esse apoio informal, quanto apoio formal também, naturalizou-se muito falar em terapia coisa que antes era vista como algo inacessível para gente que não tava né? E agora naturalizou-se e eu acho que isso foi um ponto positivo muito bom, então acho que tanto informar nos nossos grupos as pessoas ficaram mais sensibilizadas assim de compreender o outro no dia que não tava muito bem. Pelo menos eu senti muito isso muito forte assim, né, tanto entre as crianças que eu atendo, quando na questão dos colegas mesmo e na profissão.

**Participante 2:** Pra mim sim, acredito que essa rede de cuidado e de apoio aconteceu a partir dessa necessidade mesmo que a própria pandemia causou né, desses círculos, e aí percebendo também que trazendo depois para esse movimento presencial foi uma prática inserida no nosso cotidiano, então havia alguns momentos durante a semana que a gente conseguia tirar um tempinho nem que fosse meia hora para falar um pouquinho de como que estava se sentindo diante da do que estava acontecendo dos retornos, dos medos. Então para mim eu percebi muito que a partir desse gatilho que foi estar online e com medo de tudo a gente conseguiu fortalecer depois e criar também novos processos para garantir essa rede de apoio e isso é uma constância a gente percebe que outras pessoas elas estão mais empáticas, elas estão ouvindo mais, todo mundo está mais solidário com a dor do outro que eu acho que fortaleceu muito nesse processo também.

**Participante 4:** Também acredito que sim que foi possível fortalecer essa rede de apoio. Acredito que quando estávamos de forma online, conforme as coisas foram acontecendo e a gente veio para modalidade presencial, a gente começou a perceber a avalanche de conflitos que as crianças estavam trazendo de casa, desde uma violência doméstica, até mesmo caso de violência sexual. Então assim, começou a aparecer muitas coisas assim e acho que o que fortaleceu a gente mesmo foi tá com esse olhar mais aguçado assim para todas as crianças, de estar mais sensível e conseguir criar um fluxo, né, onde a gente consegue escutar as crianças e consegue também em rede, dar uma orientação ou um encaminhamento para que essa criança seja atendida de maneira qualificada.

**Entrevistado 6:** Acredito que sim que foi possível fortalecer as redes de apoio cuidado e aí eu vou destacar algumas dinâmicas, né? A gente adotou a realização do *check-in* nas reuniões semanais de equipe, então foi também o momento, foi uma dinâmica, né que possibilitou as pessoas dizerem como elas estavam sentindo, como estava ali a semana, então esse foi um canal de fortalecimento. Durante a pandemia e no retorno presencial, a gente também teve oportunidade de fazer uma formação para um grupo maior, formação de condução de rodas, então isso também possibilitou o fortalecimento de redes, especialmente nos círculos de acolhimento para o retorno presencial ao trabalho. E aí destaco também uma experiência de um apoio que se deu muito espontaneamente em um círculo de pessoas que se conheceram virtualmente se conectaram virtualmente em diferentes pontos do estado de São Paulo, uma vivenciando uma situação pessoal, muito específica e a outra deixou o telefone e se colocou muito disponível para apoiar após a realização do círculo.

##### **5. Imaginando que todos vocês tenham passado por pontos altos e baixos no decorrer desse processo, relate a melhor experiência de colaboração/construção que você teve nesse processo todo.**

**Participante 4:** Bom, eu acredito que a melhor experiência que a gente teve né, por mais que ela parecia que não existia, né com essa questão do abuso sexual, as vezes ele não tá presente ali, né, a gente não consegue observar então a gente muitas vezes precisa provocar através dos círculos para que os educandos vão trazendo ali as suas particularidades, né? Então a gente conseguiu assim dentro de um círculo trazer essa questão da violência sexual sem ser tão exposta, né de uma maneira de os educandos falaram ali com tranquilidade e confiaram no grupo, confiaram em nós enquanto educadores que estava eu e o Gabriel e o que foi positivo assim foi perceber que teve um encaminhamento, sabe, de que a psicóloga, a assistente social, até a coordenação junto e a gente conseguiu orientar para que fizesse um atendimento qualificado com essa família e com essas crianças.

**Participante 3:** Eu diria que pensando tanto nas escolas e nas instituições que eu estive presencial e online, eu acho que a melhor experiência foi iniciar essa desconstrução de comportamentos que são violentos e que esses grupos não percebiam como violência, né? Então, a partir dessas práticas, a partir desses diálogos de construção, dessas rodas as pessoas começam a se perceber e entenderem que alguns comportamentos que aconteciam ali eram de cunho violento. Eu acho que isso foi transformador.

**Participante 2:** Bom, partindo da melhor experiência foi justamente junto do grupo, a empatia e o cuidado, acredito a partir de uma situação que foi compartilhada de uma violência doméstica. A gente percebeu o quanto que o grupo se fortaleceu para dar apoio para essa pessoa sem requerer nada, né de forma muito sucinta, muito pessoal também, e o grupo se fortalecia, então acredito que essa colaboração e esse olhar a partir das práticas do que a gente trazia no círculo, ele criou um vínculo muito grande do cuidar do outro e isso aconteceu de forma orgânica, ninguém precisou pedir, as pessoas se achegavam e se comprometiam também de ajudar aquela pessoa, enfim de procurar casa, de ajudar nas construções diárias do dia a dia dela enquanto sobrevivência mesmo. Então, para mim, a minha experiência mais significativa foi essa.

**Participante 1:** Pergunta mais difícil que eu acho que deveria ter 5 minutos para responder, mas vou tentar ser rápido. No presencial eu acho que foi uma experiência com o 1º ano A, um desafio com uma professora, e aí no círculo eles conseguiram verbalizar, eu falei para eles transformarem em um pedido para professora e aí uma estudante sintetizou o grupo e disse: “Professora, eu gostaria que você tivesse critérios avaliativos mais claros, porque quando a senhora pede isso e tal...”, para mim, isso foi muito mágico, uma galera se sentar com professor e sabe no diálogo e aquela turma mudou. A professora estava tendo desafios com a turma e a gente fez um círculo e foi muito lindo. No virtual o que me veio foi uma formação no SENAC Francisco Beltrão – PR, que eu estava em uma semana de saúde lá com eles, e não sei tinha muita área diferente, tinha gente que primeira vez que estava mexendo com a ferramenta, não fiz um círculo específico, mas foi a dinâmica circular, o objeto de fala virtual, e não sei, deu o horário as pessoas não queriam sair da sala, tinha gente que acabou a energia e voltou para a conexão, não sei, para mim, me marcou muito né? As pessoas afastadas e trouxeram que fez muito sentido, nunca tinham ouvido falar de CNV de comunicação não-violenta, desses aspectos, me marcou muito, deu quase 23h e a galera querendo ficar, me veio no coração de falar isso.

**Participante 7:** Bem, relatando uma experiência minha também com 6<sup>os</sup> anos também, são crianças menores ainda tem, a questão do afeto e da brincadeira muito presente e de necessidade. Eu trabalhei com eles usando os sentidos do corpo humano que eu não queria ficar só no virtual da tela. E aí o trabalhei sentidos do corpo humano e quando a gente voltou no presencial eles quiseram colocar em prática, o abraço, os sentidos, o toque e ainda não podia, então, isso ainda foi difícil para mim ter chegado e eles não poder abraçar, exercer tudo aquilo que a gente trabalhou no virtual de uma forma mais prática, isso para mim, foi uma experiência bem significativa e quando a gente enfim né, com todos os cuidados conseguiu se abraçar eu criei um vínculo muito forte que eu não esperava, não esperava aqui pelo virtual, eu achava que não ia dar certo e se concretizou, foi muito gostoso assim.

**Participante 6:** A experiência que eu trago como a melhor experiência é no sentido da apropriação e do pertencimento. Foi uma experiência a partir de uma campanha que trata da violência contra mulher, esses círculos eles estavam sendo conduzidos por uma equipe que tem especialistas e a partir de um momento a gente integrou pessoas que fazem parte de outras equipes, então equipes de alimentação, da segurança para também terem voz e participação inclusive na elaboração do roteiro, era um misto né de um círculo mais um momento de escuta bastante importante então, acho que teve um efeito bastante significativo para quem participou desse momento, a oportunidade de ampliação do grupo que pensa e elabora o momento de escuta.

**Participante 5:** Aí que desafio, perde uma palavra, uma coisa já começa... (gesto de desespero) Mas eu acho que entre altos e baixos acho que foi os momentos de tensão em reunião com as famílias e de desconstruir uma ideia de gestão que impõe porque às vezes é mais fácil você tomar decisão por todo mundo e tá resolvido e você não conduzir dessa forma e despertar empatia das pessoas, poxa, não de fato, e acho que entre as reuniões com as famílias a gente teve situações de quê mães se reconheceram acolhidas enquanto necessidade, se reconheceram no mesmo desafio que a outra e que tinha escola e a gestão da escola como um apoio, não para dar resposta, mas da gente pensar junto, então acho que eu destacaria esses momentos de condução com as famílias em que às vezes essa questão da escuta e de se colocar no lugar do outro era difícil e elas conseguiram é, de fato, não dá para ser dessa forma e receber um pouco manda e pronto, aí eu falei, não, não é manda e pronto.

## **6. Sobre os desafios ao longo dos processos, quais foram e como foram conduzidos, vislumbrando a potencialidade da aplicação em espaços posteriores.**

**Participante 1:** Eu acho que com os estudantes, foi de acesso, ferramentas, dados, eu acho que como mitigar ali foi tentar contemplar no impresso as dimensões sentimentais, de necessidades. Com os colaboradores o desafio acho que foi certa resistência, estamos fazendo *check-in*, estamos fazendo roda, ah não... (expressão de insatisfação), e aí o que de alternativa foi vincular à meta e PDI (plano de desenvolvimento individual) dos professores, você precisa fazer x *check-ins*, então ele era obrigado minimamente desenvolver porque ele ia ser cobrado depois, até isso virar uma prática mais orgânica e fazer sentido. Eu acho que desafios meus assim foi como concretizar isso né, fazer com que essa prática que faz sentido pra mim e que é uma premissa da escola, fosse também abraçada pelos demais. E aí o que foi alternativa? Foi fazê-los viverem, não adianta falar do círculo, falar das práticas, eles precisam experienciar para que entendam a magia e o poder que tem a escuta. E aí isso foi mais ou menos possível.

**Participante 2:** Para mim os desafios justamente de pensar que em algum momento a gente sair desse modelo mais virtual, desses círculos virtuais que aconteciam para o presencial. E aí tentar garantir essa mesma participação, a mesma acolhida, os mesmos processos que a gente tava fazendo de forma virtual no presencial e também de garantir que as pessoas também estivessem por inteira, porque em alguns momentos a gente fazer alguns combinados, né e filho e estava em casa, enfim, alguém tocava a campainha e a pessoa tinha que parar, e ela encerrava ali um processo de conexão. E aí era de garantir de forma presencial que elas estivessem por inteiro, que algumas coisas do ambiente, não tirassem atenção e não atrapalhassem também as conduções e acho que pensando na questão do posterior é justamente fazer com que acontecesse também lá na prática pedagógica do dia a dia o que a gente tava experimentando enquanto educadores e enquanto equipe.



**Participante 3:** Bom eu também diria que a princípio foi um dos maiores desafios aí eu acho que a questão do tempo, né de permanecerem nos espaços de troca, de focar realmente e aproveitar aquele momento de troca, de escuta. E aí depois posterior é também nesse sentido de como aplicar essa prática, né no presencial ou na forma remota? E como que eles usariam isso dentro das suas práticas, dentro da rotina escolar, da rotina da instituição. Acho que seria um pouco.

**Participante 4:** Acredito que o nosso maior desafio assim, por ser uma escola restaurativa, o nosso maior desafio, na maioria das vezes, é tentar explicar para esse pai, para essa mãe, para essa família, o que que é uma escola restaurativa, né? Por ter esse tempo de pandemia tão distante e a gente agora que tá voltando às atividades e é possível fazer círculos restaurativos junto com a família, normalmente maior desafio é esse assim de mostrar que nem sempre a forma punitiva, né, do manda e pronto igual a Joana (nome substituto à participante do grupo focal) falou né, não resolve. Então muitas vezes o desafio é fazer com que a família entenda, o que que é círculo restaurativo e quais são os efeitos que ele tem enquanto positivo. Então acho que é o maior desafio assim como formar essas famílias a partir do próximo ano.

**Participante 5:** Eu acho que desafios, acho que é o calor da tensão do conflito assim sabe? Você receber alguma pessoa que tá extremamente nervosa, agitada, alterada, né? Então e agora o que traz de potencialidade é o quanto a gente se manter em uma condição de equilíbrio e acreditando numa prática, a gente sabe que aquilo é momentâneo que vai começar assim, mas que as coisas vão se acalmar e a possibilidade que as práticas dá das pessoas começarem a nomear o que de fato estão sentindo e qual é a necessidade dela precisa ser atendida então aí quando elas reconhecem isso, e no que de fato, no que que eu preciso ser atendido aí, eu acho que aquela atenção se reduz e o protagonismo que traz né da gente não só decidir pela pessoa, mas ela também. Garantir esse espaço de falar, de se colocar e de ouvir eu acho que isso é bem bacana.

**Participante 6:** Bom, eu destaco como desafio assim, todo o processo de aprendizagem que se deu né, com relação a metodologia, entendendo que a gente começou a aplicar esses círculos bem nesse momento aí de pandemia. Então um processo de aprendizagem tanto da questão da aplicação virtual quanto da própria metodologia, isso para a equipe, né? E aí para a comunidade eu acho que também é a primeira experiência em um círculo também foi um processo bem intenso de aprendizagem e a gente também, nesse processo, as pessoas entenderem que o círculo não era um espaço deliberativo de encaminhamentos institucionais, existia uma grande demanda de queixas, com relação ao trabalho, à sobrecarga, que eles poderiam ser trazidos, mas que eles não seriam encaminhados ali. Então acho que esse foi um grande desafio. E aí o apoio extra círculo em alguns momentos, especialmente nessa situação da sobrecarga de trabalho no ambiente virtual e todas as questões familiares e da casa conjugadas ao trabalho.

**Participante 7:** Meu maior desafio, tem sido principalmente nesse retorno das crianças falar especificamente das crianças e da convivência deles, separar distanciamento de afastamento que são coisas diferentes isso gera tem gerado bastante conflito. Então tenho prezado bastante nesse retorno deles com a convivência deles. Por ter pouco tempo de aula 50 minutos, às vezes não dá para você dedicar e dar a sua aula dentro dos conteúdos em si que precisas. Então tenho dedicado, de diante disso, às vezes aulas inteiras dentro do planejamento dentro da semana, semanas de convivência. Então eles convivem de uma forma mais livre, e aí a gente tira um

pouco aquilo do professor ser um juiz, professor ele fez isso e aguardar uma resposta, né? Então deixo eles como mediadores resolver os seus conflitos também e a gente enquanto mediador assim.

### **7. Quais sugestões e/ou mudanças vocês trariam para a aplicação desses processos dialógicos em ambientes remotos?**

**Participante 7:** Bom eu acho que sugestão é muito estudo e coragem assim de colocar a cara deixar um pouco a timidez de lado e enfiar cara, não tem jeito, para tornar o processo menos distante possível, né? Eu tive uma experiência de fazer umas contações de histórias para as crianças sobre medos, que eu percebia que eles tinham muito medo, com vozes de pessoas que eles já conheciam para contar as histórias para eles no ambiente virtual e foi uma experiência bem positiva assim. Então eu acho que aproximar cada vez mais o que você já conhece e tornar menos gelado possível por estar distante assim de acordo com a minha experiência.

**Participante 6:** Como sugestão para aplicação eu diria acho que a própria prática mesmo no sentido de naturalizar esses momentos de fala escuta, né? A gente teve algumas oportunidades dessa vivência pela primeira vez. Então isso foi bem importante para as pessoas se aproximarem e entenderem que isso também tá mais próximo da realidade do que parece, né dizendo aí nos círculos de construção de paz. E aí, dentro do possível, acho que a simplificação da metodologia. Em algum momento isso também fez sentido para gente porque era primeira vez em muitas esferas, no ambiente virtual, da metodologia e da experiência então a simplificação da metodologia, dentro do possível, foi algo que nos ajudou.

**Participante 5:** Acho que sugestão é se prepare, né para ir conduzir um conflito ou uma situação de roda de conversa, né? Minimamente crie um roteiro de que forma você vai conduzir esse diálogo, né? Faça várias vezes para que se torne uma coisa rotineira porque à medida que a gente vai fazendo cada vez mais a gente vai fazendo a gente vai se sentindo mais seguros para conduzir. E a outra coisa faça o exercício do autoconhecimento até pra perceber se você está restaurativo naquele dia se você está aberto para o diálogo porque a gente não vai conseguir fazer algo quando a gente não está convencido ou atribuir um sentido para aquilo, então eu acho que é fundamental isso a gente olhar como eu estou hoje, se eu quero por uma situação de diálogo como eu estou e já iniciar ciente de que olhar hoje eu tô calmo, hoje eu tô paciente, e como isso vai refletir na condução.

**Participante 4:** Acredito que como sugestão por mais que sejam temas restaurativos círculos restaurativos e todo esse contexto dentro de um ambiente entre os educadores seja já de prática, né? Mas o que precisa ainda ampliar sabe ter mais fóruns, acredito que as famílias mesmo poderão estar mais inteiradas referente a essa temática que poderia ser uma temática que dominasse a educação em todos os ambientes, não só essas escolas que se comprometem a seus ou que colocam isso como um currículo, mas acredito que ainda falta muita coisa para que a gente consiga ter uma rede restaurativa muito maior.

**Participante 3:** Eu acredito que usar a criatividade nesses processos é fundamental, eu acho que também ter a disponibilidade interna para conduzir esses processos dialógicos e que são bases de direitos humanos, né? Então acredito que são pontos aí importantes.

**Participante 2:** Bom, as minhas sugestões estão mais focadas na adaptação metodológica por ser um ambiente virtual, né? A gente tem que otimizar o tempo por não ter a materialidade das coisas, né que a gente trabalha na questão dos círculos. Constância de processos então, eu acredito que quando você faz uma coisa com constância, encontros semanais, quinzenais, mensais o ser humano ele cria uma rotina sobre isso e uma responsabilidade também de participação e principalmente acho que a Joana (nome substituto à participante do grupo focal) trouxe uma questão do roteiro para a gente conseguir também se sentir mais seguro diante dos processos, né? Por mais que a gente conheça um pouco da metodologia da prática, mas já criar também e se planejar para que a gente já se sinta mais seguro no processo também e consiga dialogar de uma forma de não intervir com juízo de valores e mudar tudo aquilo que a gente está colocando como proposta.

**Participante 1:** Eu *linkei* aqui 04 questões. A primeira ter mais prática, né acho que a constância, a prática vai criando hábito e aprimorando seus processos. A segunda que é sempre ter uma co-facilitação ou mais apoio no círculo, algumas vezes eu conduzi sozinho e aí quando você tem alguém para olhar chat, alguém para pôr a música, isso eu acho bacana, eu acho manuais com adaptações no remoto, acho que seu trabalho não é um manual, mas dá luzes a eu acho importante, a gente nunca teve esse cenário e por mais que a gente tenha referenciais, eles falam de práticas presenciais. E uma outra coisa que eu faria diferente e que me vem são círculos com as famílias, a gente fez reuniões, a gente acolheu, mas talvez oportunizar um espaço virtual para que as famílias possam falar de si, dos seus sentimentos porque elas também precisavam de muito apoio nesse processo, para poder apoiar os estudantes nesse período.

#### **8. E agora que experimentamos o presencial e o virtual dessas metodologias, como vocês consideram que será o futuro dessas tecnologias de convivência?**

**Participante 2:** Acho que algumas experiências já estão acontecendo, né das tal chamadas festas virtuais acredito que o uso da tecnologia favoreceu muito essa questão do encontro com o outro, então para mim, eu acho que a gente consegue fortalecer muito mais, se chegar a muito mais pessoas através da tecnologia que ela é uma ferramenta muito potente, né, para o que você tem a intenção de utilizar, então, acredito que ela vai favorecer essa aproximação e mais diálogos porque a gente consegue também realizar essas escutas ativas estar presente, estar com outro e ela favorece, principalmente né?

**Participante 4:** Eu acredito que a tecnologia ela vem viabilizando, né? Esses encontros que antes eram extremamente impossíveis, então a gente já tá escutando falar sobre o metaverso e a gente tá tentando entender o que que é isso, que loucura é essa que até comentei com a Priscila (nome substituto à participante do grupo focal) essa semana que era uma coisa quem a gente via no filme do Star Wars você estar ali presente não fisicamente, mas tem alguma coisa ali te representando, né? Então acredito que o avanço disso daqui aos próximos cinco anos na real assim vai ser surreal como foi esse progresso durante a pandemia, acredito que mais ferramentas estão sendo criadas e mais praticidade vai vir para nossa prática.

**Participante 6:** Com essas experiências, acho que a gente teve um momento muito instável aí quando fomos jogados para a pandemia e para momento virtual o que gerou aí muito aprendizado então eu acredito muito nesse futuro que combine as duas esferas o presencial e virtual porque de fato o virtual ele possibilita o encontro, possibilita a aproximação e também a conexão, né? Então acredito nessa convivência muito potencializando as possibilidades.

**Participante 1:** Eu acho que não vai conseguir fugir dessa revolução 4.0 aí né? Acho o futuro ele é híbrido de fato, acho que há possibilidade a gente acompanhou audiências virtuais, mediações virtuais, acho que as partilhas virtuais elas são possíveis, mas eu acho que o contato, a observação para algumas questões, acho que o presencial é insubstituível. Nesse aspecto acho que o futuro caminha pra isso, mas fico no raiz ainda eu acho que tem coisas que a observação, o olho no olho, o corporal a gente só consegue quando tá junto. Então eu acho que o futuro é de possibilidades híbridas, mas que o presencial é fundamental.

**Participante 3:** Eu também considero como um caminho positivo, né o uso das tecnologias, né? Eu acho que essa questão do híbrido está presente em algum momento no passado já era discutido, vem a pandemia e nos coloca nesse lugar obrigatoriamente, mas penso que isso nos trouxe muitos aprendizados, né e em relação às práticas, eu acho que de fato são aprendizados e que é possível fazer algumas aplicações por meio desse mundo virtual e também né usando aí essa questão do presencial como espaço de vínculo, como espaço de fortalecimento.

**Participante 5:** Acredito né que vai ser algo que está aí posto, que viu que é possível, que a gente pode se utilizar das tecnologias, mas acho que entre o presencial e o virtual que seja uma ferramenta estratégica que a gente consiga discernir o que cabe no virtual e o que é importante ainda em investir no presencial, porque eu acho que a tecnologia de uma certa forma ela estreitou algumas distâncias e que a gente ainda vai passar para algum período, ou vai sempre passar por essa limitação de não poder estar próximo de alguém né no ambiente de trabalho, mas isso não impede da gente encaminhar ou de cuidar de uma outra distância. O exemplo que a gente está vivenciando na unidade é de uma colaboradora gestante, uma questão legal ela não pode estar lá, mas nada me impede de promover uma roda de conversa, uma relação de cuidado utilizando de uma ferramenta que nos ensinou que é possível.

**Participante 7:** Eu acho que a questão virtual ela trouxe proximidade sim, mas ela também, e isso ainda tá longe de ser construído, vai demorar muito uma questão de novas relações a partir delas, né? Então antes quando a gente recebia uma ligação 23 horas, já imaginava morreu alguém agora da meia-noite, 01h, 02h, 03h da manhã a gente recebe mensagem, né? Então essa comunicação assim a gente vai precisar ainda lidar com isso que gera impacto emocional de saúde mental isso a gente vai precisar reorganizar. Uma alfabetização que não é mais só mais escrita, então agora a gente precisa de uma alfabetização digital que isso tá um processo muito longo, hoje em dia um bebê, abre um vídeo do YouTube não sabe ler e ele sabe escolher, né? E quem não for aberto a criatividade vai ser excluído desse mundo então tem vários impactos aí que a gente precisa, mas não tem como correr e é o que tem.

**9. Vocês acreditam que após o retorno da vida sem a interferência deste contexto pandêmico, as práticas de diálogo, restaurativas, os círculos irão continuar no ambiente virtual como forma de aproximação e conexão? Se sim, qual seria o papel de vocês nessa manutenção?**

**Participante 1:** Acredito que sim, possíveis e necessárias uma porque eu acho que vai demorar para gente voltar numa continuidade mais normalizada, e eu acho que pela beleza e que a gente vivenciou fazer de eu poder estar em Francisco Beltrão – PR, fazendo conexões com pessoas de área até mesmo rural assim virtualmente poder gerar conexão, né? Então eu acho que isso vai se manter porque nos possibilitou estar em lugares que não estaríamos fisicamente né, ou em dois, três lugares no mesmo dia que não estaríamos fisicamente. Eu acho que a minha

contribuição a nossa contribuição enquanto pesquisadores atuantes e pessoas que estão aí é aprimorar para que isso se mantenha na sua essência de conexão, né e de prática legítima de escuta né, para que não seja só um protocolo. Acho que é um pouco disso que eu penso, acho que a pesquisa vai contribuir aqui um pouco também com essa linha.

**Participante 3:** Também acredito que sim, né que é importante que essas práticas continuem e penso que elas irão continuar né mesmo em ambientes virtuais ou presenciais, né? E penso que dentro do meu do meu papel é continuar promovendo esses espaços, fundamentalmente se aprimorar, né, porque o tempo vai passando o cotidiano da vida das pessoas também vai mudando, os tempos vão mudando. Então acho que o aprimoramento dessas escutas, de novas tecnologias. Essa questão da pesquisa ela se faz fundamental pra gente continuar qualificando e ofertando esses espaços de escuta, então seria um pouco isso.

**Participante 5:** Eu acho que sim eu acredito porque não tá no método no presencial ou virtual, acho que tá na pessoa tá em mim, né? Eu acho que a gente deu conta e tá fazendo essa questão do diálogo de maneira virtual, porque a gente acredita no diálogo e foi a única maneira que a gente encontrou para que a coisa acontecesse né? Então se eu não carregasse em mim essa questão de acreditar no método nas práticas e de que as tomadas de decisões têm que ser colaborativas tem que garantir a escuta, não haveria só a necessidade de ter a ferramenta, né? Então acho que o meu compromisso tá de todo qualquer desafio que a gente tiver se for uma questão de saúde que a única maneira vai ser a virtual ou nas possibilidades presenciais de garantir isso eu vou apostar sempre em garantir, né? Então acho que a gente tem que investir nas pessoas acreditarem. E aí a ferramenta a gente vai ser levado a adotar o que for melhor e estratégica para a hora.

**Participante 7:** Acho que as práticas restaurativas elas vão continuar sim no ambiente mais por uma necessidade não por opção se a gente quisesse, elas não seriam virtuais, então a questão vivencial ela sempre vai ser primordial a meu ver, principalmente quando a gente trata em relação com criança que o vivencial ali no cotidiano vai ser sempre preferido ao virtual, mas em termos de adultos com a vida corrida que a gente criou no nosso estilo atual de vida vai ser indispensável, né, continuar virtual e vamos fazer uma reunião rápida? Vamos! A gente reúne e é uma forma de conciliar o tempo de todos assim, mas primordialmente o vivencial.

**Participante 2:** Eu acredito muito que fazer um pouquinho do que o Paulo (nome substituto ao participante do grupo focal) trouxe, né? Seria na questão de opção, mas também acredito que seja um recurso viável pela questão da gestão do nosso tempo, às vezes, o que não é possível se fazer presencial por conta das agendas individuais, talvez uma forma online e ela seja muito mais validada, porque é o tempinho que eu tenho que não consigo me encontrar pessoalmente com as pessoas. Eu acredito que dá para continuar né, e ter essa aproximação. E aí é a questão de trazer também esse espaço desses encontros online, como também o espaço de auto apoio e autocuidado por que a gente percebeu de que todos os diálogos que aconteciam, era uma forma como se fosse uma terapia online, com diversas pessoas que estavam passando por diversos problemas muito parecidos com os nossos né? Então acredito muito que dá para a gente continuar assim e principalmente se fortalecendo aí enquanto o grupo e quando proposta da metodologia da prática, o que a ajuda bastante a gente crescer como pessoa.

**Participante 4:** Acredito que também sim é possível continuar né? Eu tenho muito isso aqui o *home office* ele já existia, mas ele veio para ficar em algumas áreas então acredito até mesmo a questão de saúde, né? A maioria dos atendimentos psicológicos com psicólogos são online então essa questão de ir ao psicólogo presencialmente tá se tornando cada vez mais incomum, as pessoas estão marcando hoje tudo online enquanto prática mesmo restaurativa, eu acredito muito que ainda assim é possível continuar na modalidade online tanto quanto presencial, claro como os amigos trouxeram presencialmente é muito melhor, né? A gente consegue ter um olho no olho ali mais concreto, mas online também é possível acho que você procurar espaço, né? Acho que ofertar esse espaço para que se mantenha esse ritmo de troca.

**Participante 6:** Sim, eu acredito que as práticas dialógicas vão continuar também no espaço virtual é um pouco da apropriação das ferramentas que a gente faz e de fato, ela potencializa muitas conexões, mas não acredito que vai substituir né? Aí já foi bastante reforçado e corroboro com a importância, né do presencial. Pensando um pouco no meu papel enquanto meu campo de atuação ali, né? Eu acho que é fomentar mesmo essa prática e também todo o estudo, né e formação e aí no espaço que eu estou é também pensar na institucionalização dessa prática entendendo que a gente não tem isso ainda, mas é de fato criar vias para institucionalização para que essa prática esteja cada vez mais no dia a dia dos gestores.

#### 10. Vocês gostariam de acrescentar algo não revelado nas questões anteriores?

**Participante 4:** Pergunta difícil, bom eu acredito que foi a escolha das perguntas foram bem-feitas assim, acho que deu para gente mapear o que você busca enquanto pesquisa. Acho que foram bem propícias as perguntas para a gente ter um resultado legal, né? Eu acho que assim a gente conseguiu falar bastante sobre a nossa prática que acho que que é o que me fortalece aqui nessa participação. Eu senti me senti muito à vontade de ter essa troca com vocês e assim que se eu tô esquecendo alguma coisa depois possa ser que eu lembre eu acrescento assim, mas eu queria agradecer mesmo pela troca e acho que foi bem válido tá aqui com vocês. Espero que você tenha as respostas assim bem positivas referente ao que você estava buscando.

**Participante 3:** Bruna, não, não tenho nada para acrescentar no momento.

**Participante 2:** Nada acrescentar apenas dizer que sim é sempre possível diferente dos métodos presenciais *online*, *offline* e *on life*, a gente consegue sim. Acho que a primeira coisa é estar disposto e acho que as perguntas elas contemplaram todos os processos.

**Participante 1:** Também fui contemplado, só me ocorreu aqui uma questão talvez formativa, uma análise ou alguma pergunta com relação a essas pessoas que aplicam e que praticam, formação de professores, agentes, multiplicadores. Fiquei com essa questão, não sei se devolver numa forma mais clara, mas a questão formativa me veio quando fui revisitar as minhas questões. Como é formar essa galera no virtual.

**Participante 7:** O que eu não trouxe que até pelo tempo não deu para trazer mais uma experiência relacional de que a gente cresce brincando e se perde depois da vida adulta e eu tentei trazer isso para as práticas restaurativas no ambiente virtual e foi muito produtivo assim, então acho que o brincar a gente não perde nunca, e a gente perde quando não traz ele, né de

uma forma séria com propósito e eu tive muitos ganhos, então, fica como uma sugestão aí em algum momento.

**Participante 6:** Bom, deu uma pacificada aqui quando você trouxe essa pergunta Bruna porque eu fui bem sucinta ali na pergunta 1 que tratava das experiências. Então eu gostaria de relatar um pouquinho melhor isso. A pergunta 01 era relacionada às experiências com círculo e tudo mais aí eu só queria acrescentar que a gente teve né durante todo o período da pandemia nas reuniões semanais de equipe o *check-in*, né a realização do *check-in* para iniciar a reunião, então, essa foi mais uma experiência com as práticas dialógicas e também durante esse tempo a gente teve uma experiência de formação de pessoas, né para condução de círculos baseado em uma metodologia específica, mas também foi uma experiência vivenciada aí durante esse período.

**Participante 5:** Eu me senti bem contemplada nas questões, né? Eu acho que é mais a minha fala que fica aquela sensação né, será que eu podia ter falado algo mais eu acho que eu acrescentaria, do meu ponto de vista e não das questões que você trouxe, e de que quando eu falo dessa prática é uma prática que vai além da relação de trabalho assim, então quando eu tava falando do vínculo da escuta, dos conflitos, é algo que eu tento trazer no exercício em família, na relação de amigos e na relação de trabalho também, por isso que eu acredito muito nesse método, né? Inclusive nas ferramentas, né? Foram ferramentas que eu utilizei no ambiente de trabalho, mas também no ambiente familiar e de reencontro com os amigos. Então só para dizer que a minha fala tá tudo junto e misturado assim, não sei às vezes onde começa uma coisa e termina outra pessoal e trabalho.